

**Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Doutorado em Ciência da Religião**

Ana Luíza Gouvêa Neto

**“ALGUMAS PÁGINAS, EU ACHO QUE A GENTE TEM QUE ARRANCAR”:
CONTINUIDADES E RUPTURAS ENTRE O DISCURSO OFICIAL
ASSEMBLEIANO E A AUTORREPRESENTAÇÃO DE FEMININO**

**Juiz de Fora
2019**

Ana Luíza Gouvêa Neto

**“Algumas páginas, eu acho que a gente tem que arrancar”:
continuidades e rupturas entre o discurso oficial assembleiano e a
autorrepresentação de feminino**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Religião Sociedade e Cultura, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Religião.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Rodrigues.

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gouvêa Neto, Ana Luíza.

“Algumas páginas, eu acho que a gente tem que arrancar” :
continuidades e rupturas entre o discurso oficial assembleiano e a
autorrepresentação de feminino / Ana Luíza Gouvêa Neto. -- 2019.
218 f. : il.

Orientadora: Elisa Rodrigues

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Religião, 2019.

1. Assembleia de Deus – Missões. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4.
Judith Butler. 5. Pierre Bourdieu. I. Rodrigues, Elisa, orient. II.
Título.

Ana Luíza Gouvêa Neto

“ALGUMAS PÁGINAS, EU ACHO QUE A GENTE TEM QUE ARRANCAR”:

continuidades e rupturas entre o discurso oficial assembleiano e a
autorrepresentação de feminino

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração Religião Sociedade e Cultura, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciência da Religião.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Rodrigues.

Prof^a. Dr^a. Elisa Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Marcella Beraldo de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Roney Polato de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Sandra Duarte de Souza
Universidade Metodista de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Ivoni Richter Reimer
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Juiz de Fora
28/02/2019

Dedico as próximas páginas às mulheres que constroem e vivenciam suas identidades sem as amarras de uma 'ideologia de gênero'.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro momento a Prof.^a Dr.^a Elisa Rodrigues por ter aceitado caminhar juntamente a mim nessa caminhada de quatro anos. Imprescindível agradecer a minha família, a qual esteve presente nos bons e maus momentos; obrigada, Rosana, Immaculada, Marina, Júlia, Monteiro e Sr. Onildo. Vocês são o porto onde posso descansar entre as várias jornadas. Gostaria também de agradecer a(xs) antigxs e novxs amigxs e colegas; muito obrigada por compartilhar sofrimentos, risadas, conselhos, foi muito bom dividir momentos com vocês. Finalmente, gostaria de agradecer às mulheres da Assembleia de Deus – Missões, sem as quais o trabalho não poderia ter sido realizado. Mas, sobretudo, à secretária da Igreja, que sempre se mostrou solícita, amigável e disponível para as intermináveis perguntas, conversas, entrevistas. Devo também agradecer à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter financiado e possibilitado a dedicação exclusiva para o trabalho de doutoramento.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo perceber as continuidades e descontinuidades existentes entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação de feminino. Para tanto, a pesquisa terá como pano de fundo o trabalho etnográfico realizado na Igreja Assembleia de Deus – Missões, situada na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais. Compreender que a igreja é um *lócus* de sociabilidade, na qual há relações de poder com capacidade para formular e reformular identidades, é preponderante para a pesquisa. Desse modo, de quais formas as identidades femininas são normatizadas, organizadas e classificadas no interior desse espaço religioso? As mulheres assembleianas que frequentam tal templo de oração estariam em conformidade com a matriz de inteligibilidade difundida pela Igreja? Na expectativa de sanar tais perguntas e muitas outras, os referenciais teóricos que ajudaram a pensar em como as identidades são forjadas terão como base Pierre Bourdieu e Judith Butler. Apesar de serem englobadas em perspectivas distintas, conceitos-chave das autoras auxiliarão a compreender a ação feminina na Assembleia de Deus – Missões. A tese que está dividida em quatro Capítulos pretende construir uma narrativa a fim de incutir no leitor um novo olhar sobre as mulheres assembleianas, muitas vezes consideradas submissas e em plena conformidade com os princípios judaico-cristãos. Dessa forma, a hipótese gira em torno de como situar as mulheres que se destacam no ambiente religioso, já que elas estão encontrando uma forma de subversão ao ‘sistema’ dominante masculino. Há, portanto uma ressignificação, por mulheres assembleianas, da imagem feminina reproduzida através de periódicos assembleianos e dos discursos proferidos no interior da Igreja. Como, a partir de quando, por quais mulheres e por quê? São perguntas a serem feitas. Para tanto, a pesquisa etnográfica consistirá no acompanhamento das reuniões do Círculo de Oração, dos cultos, bem como dos Congressos Femininos realizados anualmente na Igreja-sede. Não obstante, no decorrer das páginas, serão analisadas as repostas dadas aos questionários quantitativos distribuídos às mulheres quanto as entrevistas feitas com assembleianas e com o pastor-presidente da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Assembleia de Deus – Missões. Mulheres. Gênero. Judith Butler. Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

This study aims to remark the continuities and discontinuities underlying the official discourse of the church Assembly of God and the self-representation of women. Therefore the background of the research is the ethnographic fieldwork carried out at the church named Assembly of God - Missions, located in the city of Juiz de Fora - Minas Gerais. Understanding the church as a place of sociability, where power relations are capable of formulating and reformulating identities, is crucial for the research. In this way, how are female identities regulated, organized, and classified within this religious space? Do women attending this temple of prayer comply with the matrix of intelligibility disseminated by the church? With the purpose of answering such questions and some others, theoretical frameworks that have guided us to consider how identities are forged are based on Pierre Bourdieu and Judith Butler. Although they are part of different perspectives, key concepts from those authors will help us to understand the female participation in the Assembly of God - Missions. Divided into four chapters this Thesis aims to construct a narrative in order to take a fresh look at the women in the Assembly of God, often considered submissive and following Judeo-Christian principles. Therefore the assumption somewhat addresses the way to place those women who distinguished themselves in religious settings, since they are trying to subvert male dominance. Hence Assembly women start a process of resignification of the feminine image reproduced in periodicals from Assembly of God and in speeches made inside the Church. How, when, since when, which women and why? These are questions that must be asked. To this end, the ethnographic research included the meetings during the Prayer Circle, the worships and the Women's Congress held annually in the Headquarter Church. However throughout the study it was analyzed both the answers obtained through the quantitative questionnaires distributed to women as well as the interviews with women attending Assembly of God and with the minister and president of the Church.

KEYWORDS: Assembly of God - Missions. Women. Gender. Judith Butler. Pierre Bourdieu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Cartaz do Congresso Círculo de Orações – 2016.....	27
Seção <i>Com Estilo</i> da revista <i>Mulher, Lar & Família Cristã</i> - 2000.....	72
Foto obtida na página do Facebook da Igreja – 2017	73
Frida Vingren e legenda	95
Fachada principal da Assembleia de Deus – Missões – 2016	102
Fachada lateral esquerda Assembleia de Deus – Missões – 2016.....	103
Parte inferior do salão da sede da Assembleia de Deus Missões – 2016.....	105
Galeria do salão da sede da Assembleia de Deus Missões – 2016.....	105
Carteirinha de Membro.....	108
Carteirinha de Membro – verso	109
Cartaz da campanha atual do Círculo de Oração Rosa de Saron.....	114
Seção <i>Com Estilo</i> revista <i>Mulher, Lar & Família Cristã</i> – 2003.....	136
Complexo formado pela Assembleia de Deus – Missões	142
Diretoria do Círculo de Oração – Rosa de Saron	160
Fluxograma do Congresso Feminino da Assembleia de Deus – Missões.....	162
Congresso do Círculo de Oração no ano de 2016	168
Congresso do Círculo de Oração no ano de 2016	169
Capa do DVD 38º Congresso do Círculo de Oração.....	172
Cartaz promocional do Congresso da Ufadep.....	189
Coluna Estética	194

LISTA DE TABELAS

Diretoria Assembleia de Deus – Missões – 2016	50
Conselho de Doutrina da CGADB – ano 2000	80
Conselho de Doutrina da CGADB – ano 2016	80
Expansão territorial Igreja Assembleia de Deus em seus primeiros 19 anos	82
Convenções filiadas à CGADB – região Norte	86
Convenções filiadas à CGADB – região Nordeste	86
Convenções filiadas à CGADB – região Centro-Oeste	87
Convenções filiadas à CGADB – região Sudeste	87
Convenções filiadas à CGADB – região Sul	88
Convenções filiadas à CGADB Internacional	88
Diretoria da Assembleia de Deus – Missões – 1960	97
Diretoria da Assembleia de Deus – Missões – 2016	98
Divisão das Classes da Escola Dominical.....	116
Respostas dadas ao questionário	126
Oposição entre os sexos/gêneros	149
Temas dos Congressos do Círculo de Oração.....	174

LISTA DE SIGLAS

AD – ASSEMBLEIA DE DEUS

ADNI – ASSEMBLEIA DE DEUS EM NOVA IGUAÇU

ADJUF – ASSEMBLEIA DE DEUS DE JUIZ DE FORA

CADESGO – 45 – CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE GOIÁS

CADEESO – 22 – CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO E OUTROS

CAPEB – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CDs – COMPACT DISC

CEADAM – 10 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO AMAZONAS

CEADEB – 21 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NA BAHIA

CEADEMA – 19 – CONVENÇÃO ESTADUAL DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO MARANHÃO

CEADEP – 12 – CONVENÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO PIAUI

CEADER – 04 – CONVENÇÃO EVANGÉLICA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CEADERJ – 59 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO BRASIL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CEADTAM – 63 – CONVENÇÃO ESTADUAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS TRADICIONAL NO AMAZONAS

CEADDIF – 15 – CONVENÇÃO EVANGÉLICA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO DISTRITO FEDERAL

CEDADER – 28 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE RORAIMA

CEIMADAC – 02 – CONVENÇÃO ESTADUAL DE IGREJAS E MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ACRE

CEMADERN – 27 – CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO RIO GRANDE DO NORTE

CEMADES – 34 – CONVENÇÃO EVANGÉLICA DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

CEMADERON – 08 – CONVENÇÃO ESTADUAL DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE RONDÔNIA

CEMEADAP – 17 – CONVENÇÃO ESTADUAL DOS MINISTROS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO ESTADO DO AMAPÁ

CEMP – CENTRO DE ESTUDOS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

CGADB – CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

CIADPEP – 18 – CONVENÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO PARANÁ

CIADSECP – 23 – CONVENÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS DE SANTA CATARINA E SUDOESTE DO PARANÁ

CIADSETA – PA/MT – 58 – CONVENÇÃO INTERESTADUAL DOS MINISTROS DAS IGREJAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO SETA NOS ESTADOS DO PARÁ E MATO GROSSO

CIADSETA – TO – 29 – CONVENÇÃO INTERESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO SETA

CIEADESPEL – 39 – CONVENÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE SÃO PAULO E ESTADOS LIMÍTROFES

CIEPADERGS – 30 – CONVENÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS E PASTORES DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CIMADB – 61 – CONVENÇÃO DA IGREJA-MÃE DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

CIMADEC – 24 – CONVENÇÃO DE IGREJAS E MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS MINISTÉRIO NO ESTADO DO CEARÁ

CIMADEMIGO – 62 – CONVENÇÃO DAS IGREJAS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE MINAS GERAIS E OUTROS

COMADAL – 16 – CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE ALAGOAS

COMADALPE – 06 – CONVENÇÃO ESTADUAL DE MINISTROS DA ASSEMBLEIA DE DEUS COM SEDE EM ABREU E LIMA – PE

COMADEBG – 35 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE BRASÍLIA E GOIÁS

COMADECE – 65 – CONVENÇÃO DE MINISTROS DA ASSEMBLEIA DE DEUS BELA VISTA NO ESTADO DO CEARÁ

COMADEJA – 55 – CONVENÇÃO DE MINISTROS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

COMADELESTE – 66 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO LESTE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

COMADEMAT – 14 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO MATO GROSSO/CUIABÁ

COMADEMS – 33 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL

COMADEMG – 03 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE MINAS GERAIS

COMADEP – 20 – CONVENÇÃO DE MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DA PARAÍBA

COMADEPLAN – 47 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS EVANGÉLICOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO PLANALTO CENTRAL

COMADERJ – 50 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

COMADESMA – 57 – COVENÇÃO DOS MINISTROS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO SETA NO SUL DO MARANHÃO

COMADESPE – 26 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE SÃO PAULO

COMADETRIM – 49 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO TRIÂNGULO MINEIRO

COMADVARDADO – 52 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO VALE DO RIO DOCE

COMEAD – CGPB – 07 – CONVENÇÃO DE MINISTROS DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS EM CAMPINA GRANDE E NO ESTADO DA PARAÍBA

COMIEADEPA – 01 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO PARÁ

COMOESPO – 53 – CONVENÇÃO DOS MINISTROS ORTODOXOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DE SÃO PAULO E OUTROS

CONADEC – 05 – CONVENÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DO CEARÁ

CONADEPE – 25 – CONVENÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS DE PERNAMBUCO

CONEADESE – 09 – CONVENÇÃO ESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE DEUS NO ESTADO DE SERGIPE

CONFRADEB – EUA – 54 – CONVENÇÃO FRATERNAL DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS BRASILEIRAS NOS E.U.A.

CONFRADECE – 51 – CONVENÇÃO FRATERNAL DE MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DO CEARÁ

CONFRADERJ – 31 – CONVENÇÃO FRATERNAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CONFRADESP – 13 – CONVENÇÃO FRATERNAL E INTERESTADUAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO MINISTÉRIO DO BELÉM

CONFRAMADEB – 64 – CONVENÇÃO FRATERNAL DOS MINISTROS DAS IGREJAS EVANGÉLICAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DO ESTADO DA BAHIA

CONFRAMADEGO – 48 – CONVENÇÃO FRATERNAL DAS IGREJAS E MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO ESTADO DE GOIÁS

CONFRATERES – 40 – CONVENÇÃO FRATERNAL DOS MINISTROS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE EES

CPAD – CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

DVDs – DIGITAL VIDEO DISC

ELAD – ENCONTRO DE LÍDERES DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

PNE – PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PSL – PARTIDO SOCIAL LIBERAL

PT – PARTIDO DOS TRABALHADORES

UFADEP – UNIÃO DAS MULHERES DA ASSEMBLEIA DE DEUS DE PARATY

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	18
-------------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1. OLHAR REDUCIONISTA?.....	37
------------------------------------	-----------

1.1. Um olhar dinâmico sobre a teoria das estruturas sociais.....	39
---	----

1.1.1. <i>Habitus</i> : a volta do sujeito.....	40
---	----

1.1.2. Campo: produto histórico.....	44
--------------------------------------	----

1.1.3. Contribuições bourdianas: quando o campo ilustra a teoria	48
---	----

2. PÓS-ESTRUTURALISMO: A VIRADA EPISTEMOLÓGICA.....	55
--	-----------

2.1. A contingência do ser.....	58
---------------------------------	----

2.1.1. Corpos: materializados em favor da normatividade.....	59
--	----

2.1.2. O gênero performativo.....	68
-----------------------------------	----

CAPÍTULO II

3. IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS	77
---	-----------

3.1. A doutrina pentecostal assembleiana.....	78
---	----

3.1.1. A expansão assembleiana.....	82
-------------------------------------	----

3.2. Heterogeneidade pautada por Ministérios: unificação a partir da CGADB?	84
--	----

3.3. A relação assembleiana com o feminino.....	91
---	----

3.3.1. Frida Vingren: possibilidades de desconstruir a dominação masculina	93
4. ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: HISTÓRIA ENQUANTO FORMADORA DE IDENTIDADE?	96
4.1. Seis andares para fazer a obra de Deus.....	101
4.2. Mulheres alçadas ao poder	107
4.3. Os imponderáveis da pesquisa	111
4.4. Círculo de Oração e Escola Dominical: Departamentos que possibilitam problematizações	113

CAPÍTULO III

5. MORAL E ÉTICA CRISTÃ: “ENFRENTANDO AS QUESTÕES MORAIS DE NOSSO TEMPO”	118
5.1. A moral cristã se traduz em condutas ideais?	124
6. MULHERES ASSEMBLEIANAS: MODELOS IDEAIS?	133

BLOCO I

6.1. Leonor: a ‘pastora’ que desaprova o pastorado feminino.....	134
6.2. Mariana: a fiel que ‘destoa’ do rebanho.....	140

BLOCO II

6.3. Cristina: o papel da contextualização para a construção de identidade	147
6.4. Rita: a fiel que tensiona a matriz de inteligibilidade cristã	152

CAPÍTULO IV

7. CONGRESSO DO CÍRCULO DE ORAÇÃO	159
7.1. Estrutura do Congresso do Círculo de Oração.....	162
7.2. Congresso do Círculo de Oração: público, e algumas considerações	167
7.3. Congresso do Círculo de Oração: Temas abordados e hinos cantados	173
7.4. Palestrantes: o que dizem e por que dizem?	182
7.4.1. Missionária Venícia Porto	182
7.4.2. Irmã Patricia Raibolt	188
7.4.3. Pastor Carlos José	192
CONCLUSÃO GERAL	198
<i>Referências e Bibliografia</i>	203
ANEXOS	214

INTRODUÇÃO GERAL

A presente tese prevê abordar inquietações surgidas a partir das conclusões obtidas na dissertação de Mestrado intitulada: *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*¹. Nessa, procurou-se identificar a representação de imagem feminina propagada pela Igreja Assembleia de Deus a partir da análise das revistas *Nosso Lar* e *Mulher, Lar & Família Cristã*². Pôde-se identificar uma imagem dual de mulher. Ao mesmo tempo que a mulher era representada de forma contemporânea e moderna – ativa, que trabalha fora, ela era projetada de forma conservadora – adjutora do esposo e ‘rainha do lar’, sendo essas as imagens que se sobressaem.

Para além, ao analisar o conjunto de textos reunidos para a pesquisa, concluiu-se que a representação de mulher e de feminino era balizada por uma noção construída com objetivo de controle e disciplinarização dos corpos femininos. Isso acontece, em parte, por causa dos tipos de instruções e orientações que as revistas disponibilizavam.

Após análise de todo material, as conclusões obtidas trazem uma representação de imagem feminina assembleiana de submissão ao marido, de dona de casa, de mãe de família, de submissão à Igreja. Notou-se uma mulher assembleiana presa a uma hierarquia valorativa de dominação, na qual a submissão é legitimada a partir da Bíblia. Passagens tais como: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores”³ e “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”⁴ são constantemente utilizadas para legitimar a posição e o papel da mulher – hierarquicamente inferior – no interior da Igreja e na vida privada.

A conclusão a que se chegou, por fim, pareceu insatisfatória na medida em que o retrato fornecido pela observação e análise dos periódicos apontava mais para

¹ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 37. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

² Revistas publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) direcionadas à família e, sobretudo, ao público feminino. Publicadas e comercializadas pela editora nas décadas de 1990 e 2000.

³ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Efésios 4:11. São Paulo: King’s Cross Publicações.

⁴ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Gênesis 2:18. São Paulo: King’s Cross Publicações.

uma representação de feminino que a instituição religiosa – Assembleia de Deus – pretendia do que, possivelmente, na prática, as ações e relações sociais podem revelar.

Contudo, a representação dual de mulher e o interesse das revistas em disciplinar o corpo feminino abre espaço para enxergar e discutir possíveis tensões no interior dos discursos que tratam a mulher como submissa. A proposta para a presente tese gira em torno de identificar tais tensões a partir do acompanhamento de reuniões do Círculo de Oração – grupo formado por mulheres no interior da Igreja Assembleia de Deus –, bem como os cultos, realização de entrevista e questionários com as mulheres frequentadoras do Círculo, mas, também, torna-se imprescindível acompanhar os Congressos Femininos do Círculo de Oração. À luz de uma perspectiva de gênero plástica, o que se pretende é identificar o papel feminino assembleiano com possibilidades de relativizar e problematizar a constante dicotomia masculino/feminino, público/privado.

Central no debate de gênero, a polarização, vista de forma superficial, pareceu explicar a representação feminina assembleiana. Visto que o referencial teórico utilizado foi Marilyn Strathern, Pierre Bourdieu e Judith Butler, fazem-se necessárias certas problematizações das conclusões do trabalho de dissertação. Somados aos autores supracitados, foram utilizados na pesquisa, como fontes secundárias, nomes como Sandra Duarte de Souza, Carolina Teles Lemos, Maristela Moreira de Carvalho, Márcia Thereza Couto, Jacqueline Moraes Teixeira, entre outros.

Percebe-se, agora, que o fato de assumir Bourdieu como principal referencial teórico resultou em trabalhar o conceito de gênero a partir de uma perspectiva estruturalista pautada em uma análise a-histórica e universalizante. Essa perspectiva deixa sem explicação situações como a reportagem realizada com Marina Silva, à época Ministra do Meio Ambiente. Segue trecho da reportagem:

Simplicidade e serenidade são qualidades que saltam aos olhos quando se está à frente de Marina Silva. Reconhecida por sua luta e compromisso em favor das causas ambientais e dos direitos humanos [...] conquista posições de destaque na vida pública nacional sem deixar de lado a humildade e a gratidão a Deus [...] Marina surgiu no cenário público em 1988 ao ser eleita vereadora por Rio Branco, capital do Acre. Já no segundo mandato no Senado foi

nomeada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva para fazer parte do primeiro escalão do governo⁵.

Você, legente, poderia se perguntar: como explicar a participação de uma mulher assembleiana na esfera pública, que, de acordo com a visão estruturalista, seria apenas *lócus* masculino? Tal pergunta problematiza tanto o estruturalismo quanto as conclusões do trabalho.

Interessa, também, destacar outro ponto. Apesar do fato de que os antônimos possam ser trabalhados de maneira que suscite complementaridade, como se sabe, sua utilização como base para estrutura sociocultural fundamenta todo o pensamento relacionado à corrente estruturalista. Sendo assim, a divisão sexual das coisas e das atividades assume uma postura binária, na qual sempre haverá a oposição entre o masculino e o feminino.

Nesta perspectiva, constata-se que a dominação masculina⁶ se constrói e se perpetua a partir de vias simbólicas do conhecimento e da comunicação. A ordem social estabelecida assemelha-se a uma grande máquina simbólica capaz de ratificar as diversas formas de dominação. Para esta tese, interessa o debate centrado na dominação masculina. As relações sociais obedecem a princípios simbólicos conhecidos e reconhecidos tanto por ‘dominados’ quanto por ‘dominantes’.

O princípio da visão dominante está inscrito em um sistema simbólico⁷ de estruturas “duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos”⁸. Contudo, as estruturas de dominação não podem ser consideradas como a-históricas. Pelo contrário, as estruturas são o resultado de um constante trabalho de produção e reprodução de agentes específicos, tais como escolas, igrejas, instituições, Estado. As relações simbólicas, desta forma, contribuem na reprodução de uma estrutura de distribuição de capital simbólico⁹.

⁵ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, p. 5, 2003.

⁶ Conceito utilizado por Pierre Bourdieu no livro *A dominação masculina* para analisar a ordem social estabelecida e as relações de dominação.

⁷ Entende-se, aqui, sistema simbólico semelhante à cultura, no qual sinais e símbolos possibilitam a membros de sociedades apreensão de conhecimentos de si próprios.

⁸ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011, p. 54.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011, p. 295.

Perpetuar a dominação masculina na perspectiva estudada traz consequências generalizantes para a teoria de gênero. À luz de Bourdieu¹⁰, há uma noção naturalizada de gêneros como *habitus* sexuais, a qual parece operar na produção da estrutura binária¹¹ utilizada para pensar as categorias de gênero. Na visão de Butler¹², a categorização de gênero é responsável por sua hierarquização e pela heterossexualidade compulsória¹³. Bourdieu¹⁴ utiliza o princípio androcêntrico¹⁵ como método de sua pesquisa. Assim, ambos, admitem que haja uma polarização entre o masculino e o feminino que os coloca em níveis hierarquicamente distintos.

Ao perceber a diferenciação dos gêneros como uma construção social naturalizada, pode-se entender que a divisão social construída entre os sexos é dada de forma natural. A legitimidade se insere a partir do ponto no qual a diferenciação é construída através de uma ordem natural. Com base no princípio androcêntrico e na divisão sexual biológica, pode-se identificar a ordem da força masculina e a não necessidade de justificação da dominação masculina.

Assim, tem-se que o sexo é fundamentado a partir da biologia, e o gênero tem sua fundamentação a partir da construção social/cultural. Seguindo esse pensamento, sexo, gênero e orientação sexual são interpretados de maneiras correlacionadas e dependentes. Logo, aquela mulher assembleiana que é juíza em um tribunal no estado do Pará¹⁶ não estaria em conformidade com os atributos referentes ao seu gênero.

Não bastasse o recorrente uso e abuso de antagonismos, o viés estruturalista propõe uma essência universal para o modelo androcêntrico e patriarcal de sociedade. Aqui, aponta-se para duas observações intercambiáveis: 1. A necessidade de problematizar a categoria universal; 2. Para a necessidade do movimento feminista em tornar coesa a identidade mulher.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

¹¹ Estrutura binária é um conceito utilizado por Judith Butler para analisar as categorias de gênero e a hierarquização do poder contido nas relações entre 'homens' e 'mulheres'.

¹² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

¹³ Processo de socialização que garante a estrutura binária de gêneros e consequentemente a hierarquia de gênero.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

¹⁵ Conceito criado pelo sociólogo norte-americano Lester F. Ward em 1903. Ligado ao sentido de patriarcado, refere-se não somente ao privilégio masculino, mas também às experiências masculinas como experiências de todos os seres humanos. Nesta perspectiva, as experiências masculinas são englobantes e universais.

¹⁶ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 1, p. 52, 2001.

O mesmo raciocínio pode ser percebido em Butler¹⁷, ao defender gênero como ato, aberto a ações. Ora, tais *insights* abarcam ideias-chave: que toda definição de elemento ocorre dentro de um contexto histórico particular e que tais definições estão constantemente sendo definidas dentro de contextos históricos e sociais, nos quais quem os define tem motivos e razões para fazê-lo de um modo ou de outro.

Mônica, capitã do exército, branca, formada em Direito e em Teologia, 30 anos¹⁸; Judite, dona de casa, esposa de um pastor, negra, 47 anos¹⁹; Débora, aluna do curso de Letras, branca²⁰: é suposto que tais mulheres, com carreiras, idades e raças tão distintas, tenham uma mesma identidade?

A resposta para a pergunta acima é SIM, para parte do movimento feminista. Tal parcela do movimento, diga-se de passagem, radical²¹, tem particular apreço pela promoção dos interesses das mulheres. Mas desde quando lutar pelos interesses das mulheres é visto como algo pejorativo e radical? Strathern²² aborda o movimento feminista como produtor de um debate radical acerca dos interesses femininos. Levando em consideração a data em que o livro foi escrito, década de 1980, tal afirmação de que o debate feminista é radical soa descontextualizada. Contudo, é seguro afirmar que, ainda hoje, encontra-se certo radicalismo em movimentos feministas, tais como o FEMEN²³. Trata-se de um grupo feminista de protesto, cujas ações no centro da cena pública protagonizam atos pela liberdade de mulheres as quais são julgadas oprimidas pelas manifestantes feministas, seja pelo

¹⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012. p. 199.

¹⁸ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, p. 50, 2003.

¹⁹ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 5, p. 5, 2005.

²⁰ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano. 3, p. 50, 2003.

²¹ Aqui, refere-se a um movimento feminista muito em voga nas décadas de 1960 e 1970. A teoria feminista radical teve papel fundamental na emancipação e na luta pelos direitos políticos da mulher. Neste tipo de debate feminista, tem-se em voga a promoção dos interesses da mulher e a constante perspectiva da dominação masculina. Estruturas detentoras de capital simbólico são responsáveis por perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres, sobrepujando a parcela feminina. STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. p. 58.

²² STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006. p. 53.

²³ Em um protesto intitulado Topless Jihad, ocorrido em 2013, as ativistas conseguiram não somente apoio, mas também crítica por parte de muçulmanas. “A natureza intransigente das ações do Femen e as palavras provocadoras que portam em cartazes e no corpo também irritam outras pessoas. Após o Topless Jihad, formou-se um grupo denominado Muslim Women Against Femen (Muçulmanas contra o FEMEN), que declarou no Facebook considerar o Femen anti-islâmico e imperialista.” Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/a%C3%A7%C3%B5es-do-grupo-femen-provocam-recha%C3%A7o-de-feministas/a-16741110>>. Acesso em: 6 nov. 2015. Frases como: “Femen pratica o feminismo brutal (Hilal Sezgin)” não são incomuns após os protestos do grupo.

machismo, seja pela desigualdade entre homens e mulheres na sociedade, seja pelas religiões e suas estruturas androcêntricas.

No cerne do debate radical, a perspectiva das mulheres é tida como forma de resistência e/ou em conflito com a dos homens em um sistema no qual a posição da mulher é vista como consequência dos interesses masculinos. Tal suposição se torna ainda mais problemática ao interpretar a desigualdade entre os sexos como um fenômeno universal. Se no interior do movimento existem diferenças teóricas, como se pode falar em feminismo unitário ou mesmo na unidade da categoria mulher?

Em princípio, o termo mulher foi responsável por tornar coeso o movimento feminista na luta por projeção, legitimidade e direitos políticos. Ao buscar cancelar o sujeito mulher na esfera pública, o feminismo optou e, por assim dizer, necessitou da criação de uma identidade única a qual representasse de forma igualitária os interesses do movimento feminista. Seria necessário e aceitável pensar a categoria mulher em termos universais nos dias de hoje?

Em meio à crise de paradigmas universalistas e da crítica aos construtos de verdades absolutas, fez-se necessário problematizar tanto os conceitos bem delimitados quanto as concepções vigentes, que têm por base características fixas e estanques, o que significa compreender que utilizar mulher com as implicações feministas radicais²⁴ supõe uma identidade pré-estabelecida e com bases fixas.

A presunção política de ter que haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada em uma identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal masculina.²⁵

Tal concepção vai ao encontro da padronização da identidade mulher forjada pelos articulistas das revistas analisadas. Nota-se que, apesar da diversidade de identidades femininas contidas nas páginas das revistas, há um esforço para relacionar a mulher ao espaço doméstico. São abordadas características que se supõem estarem relacionadas ao feminino, constantemente, tais como a maternidade, a doçura, a delicadeza, a paciência, o cuidado estético.

²⁴ Ainda que esse possa ser observado em menor parcela.

²⁵ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012. p. 20.

Por que transformar identidades fluidas em identidades fixas e naturais? Quais os propósitos dessa normatização? Quem são os responsáveis por engendrar a naturalização de identidades únicas, universais e a-históricas? Tais perguntas tornam-se necessárias, a partir do ponto no qual se pretende vislumbrar a construção da categoria de gênero, quais as relações contidas nessa categoria e qual o papel desempenhado pelas instituições detentoras de capital simbólico.

As instituições enquanto agenciadoras relacionam-se com a normatividade, com a organização, com o reconhecimento, com a aceitabilidade e com a legitimidade na conceituação de categorias de gênero? A igreja, enquanto tal, tem responsabilidade na ordenação e normatização dos sujeitos, enquanto produtora de uma matriz de inteligibilidade? Mulheres que rompem com suas igrejas por falta de legitimidade, mesmo que empoderadas pelo Espírito Santo, estariam rompendo com certa normatividade?

Tais reflexões podem ser feitas a partir da problematização das categorias de gênero, corpo, normatividade e a própria noção de mulher²⁶.

Portanto, é preciso lançar mão de novas perspectivas que relativizem as dicotomias muitas vezes encontradas na teoria de gênero. Utilizar classificações como enquadramentos teóricos em certos casos não parece suficiente. A pesquisa empírica, certas vezes, testa os referenciais teóricos indicando que os mesmos nem sempre dão conta de explicar o todo, o que autoriza a pensar que xs²⁷ autorxs e suas teorias devem ser utilizadxs como instrumentos para pesquisa, e não como categorias fechadas, estanques e imutáveis. Mônica, Judite e Débora, entre outras mulheres assembleianas, com suas escolhas e suas trajetórias, parecem apontar para a necessidade de quadros teóricos que permitam compreender uma possível tensão entre as construções de gênero associadas as suas identidades e, por outro lado, as práticas e os jogos que em seus cotidianos adotam como forma de resistência e superação de dominações.

Logo, como compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o

²⁶ Na tese, ora os escritos trazem a categoria 'mulher' no singular, ora no plural. Importa dizer que em todos os momentos a categoria está sendo pensada e analisada através da interseccionalidade. Ou seja, a utilização do plural ou do singular, apenas, corresponde à adequação da escrita à norma ortográfica.

²⁷ No presente texto, optou-se pela utilização do 'x(s)' no lugar dos artigos definidos 'a(s)' 'o(s)' na intenção de não reforçar o binarismo, pois habitualmente são utilizados como marcadores para as definições das identidades de gênero.

discurso oficial produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas?

A pesquisa se justifica ao colocar em pauta o debate acerca da teoria de gênero associado à religião. É preciso propor uma problematização acerca do binarismo hierárquico de gênero. A universalização da questão da dominação masculina precisa ser revisitada e problematizada. Será que no interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões constata-se somente a dualidade no poder, sobrepondo o homem à mulher? Algumas situações constatadas em campo demonstram um grau de flexibilização. Mas, caso a resposta seja positiva, como interpretar a posição e o comportamento das mulheres que se destacam no cenário público à luz de uma perspectiva de gênero? Estas são questões que compõem os problemas desta tese.

Visto que a teoria de gênero muitas vezes polariza feminino/masculino, público/privado, a tese terá, como uma das metodologias, a utilização de teorias de gênero que permitam problematizar e flexibilizar tais conceitos. Desta maneira, será possível perceber a mulher a partir de um viés mais fluido no interior da Assembleia de Deus – Missões, sobretudo a partir do Círculo de Oração.

Para tanto, parte da literatura especializada acerca de gênero foi revisitada. Judith Butler e Pierre Bourdieu foram os referenciais teóricos utilizados para pensar o problema central da tese. Tais autorxs permitem relativizar a dicotomia contida em boa parte da teoria feminista e impulsionam reflexões críticas acerca da construção dos conceitos, chamando atenção para a historicidade, para as relações sociais, para o poder e para as normas, nos quais os conceitos estão condicionados.

Partindo da premissa de que a instituição religiosa tem capacidade simbólica de agenciar coisas e pessoas, optou-se por escolher a Igreja Assembleia de Deus²⁸ para a realização do trabalho de doutoramento. A mesma apresenta na atualidade uma enorme diversificação em seu interior. Há congregações filiadas a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) que assumem posturas mais conservadoras e tradicionais²⁹, congregações independentes – não filiadas à

²⁸ Fundada em 18 de junho de 1911 por um grupo de 17 pessoas dissidentes da Igreja Batista, entre elas Daniel Berg e Gunnar Vingren. Assembleia de Deus figura nos tempos atuais como a maior Igreja pentecostal no cenário brasileiro. Em 99 anos de história, a Igreja conta com uma membresia de norte a sul, leste a oeste do Brasil, equivalente a 12.314.408 de pessoas, segundo dados do Censo demográfico do IBGE de 2010.

²⁹ De acordo com a tipologia histórico-institucional de Ricardo Mariano, tais características podem ser encontradas na primeira onda pentecostal: *pentecostalismo clássico*. Tais igrejas são marcadas pela

CGADB – e congregações que assumem uma postura (neo)pentecostal³⁰. Desde abril de 2016, as reuniões do grupo feminino – Círculo de Oração – pertencente à Assembleia de Deus – Missões, presente na cidade de Juiz de Fora, têm sido acompanhadas. A pretensão inicial era desenvolver uma etnografia do Círculo de Oração em questão na busca de perceber não somente as tensões entre os discursos oficiais da Igreja em relação às fiéis, mas também identificar mulheres que rompem com estereótipo de ideal feminino e verificar de quais formas isso se dá. Entretanto, somente o acompanhamento das reuniões do Círculo de Oração – que ocorrem às quartas-feiras, das 08h00 às 16h00 – se mostrou insuficiente para compreender a dinâmica de funcionamento da hierarquia de sexo/gênero no interior da Igreja e seus desdobramentos.

Dessa forma, na expectativa de ampliar o campo de compreensão do funcionamento da Assembleia de Deus – Missões em questão, os cultos realizados na Igreja foram acompanhados, pois, a partir da observação dos mesmos, criou-se a possibilidade de observação do funcionamento da Igreja, da fala dxs fiéis, bem como a fala dos pastores. Tendo em vista que a organização do culto de quinta-feira é realizada a cada semana por um Departamento diferente que compõe a Igreja, participar de tais atividades abre caminhos para perceber rupturas e continuidades nos discursos.

Não obstante, foi de extrema importância a realização de entrevistas com quatro mulheres ativas no Círculo de Oração da Igreja, bem como uma entrevista realizada ainda em 2014 com o pastor-presidente da Igreja. Com objetivo de colher mais informações, foi distribuído às mulheres frequentadoras do Círculo de Oração um questionário³¹, ao fim da pesquisa, para que as mesmas respondessem. O mesmo se encontra nos anexos do presente texto. Contudo, marcante para compreensão dos rasgos e/ou continuidades entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação feminina foi o acompanhamento do Congresso de responsabilidade do Círculo de Oração que ocorre anualmente.

ênfase nos carismas – dons do Espírito Santo – e pela crença iminente da volta de Cristo. Estas mantêm-se em postura asceta e sectária em relação ao mundo. Ressalta-se que, a partir da transformação do perfil social de seus membros na atualidade, já não se encontra uma radicalidade marcante às adaptações ao mundo.

³⁰ Com caráter inovador, esta postura deixa para trás a velha mensagem pentecostal de sofrimento e prega a mensagem de prosperidade material, na saúde e na família, de forma imediata. Há uma grande acomodação ao mundo de tal maneira que participam da vida partidária e utilizam de forma exaustiva a mídia.

³¹ Foram distribuídos trinta questionários.

O acompanhamento do Círculo de Oração foi realizado na Igreja Assembleia de Deus³², Ministério Missões, em Juiz de Fora. Anualmente, os Círculos de Orações pertencentes ao campo se reúnem em um Congresso Feminino realizado na Igreja-sede. Segue abaixo imagem do cartaz para o Congresso de 2016.

Imagem 1. Cartaz do Congresso Círculo de Orações – 2016³³



Os dias de Congresso são dias em que os Departamentos da Igreja se unem em prol de um mesmo objetivo. Pôde-se identificar, em meio à cerimônia, a participação do Coral, da Orquestra, do Círculo de Oração, da banda da Igreja, etc. Entretanto, salta aos olhos a composição do espaço físico da Igreja, a qual aos homens cabe o espaço do altar e posições estratégicas no interior do salão, que são ocupadas por obreiros – exclusivamente do sexo/gênero masculino.

Acreditava-se que a revisão da literatura especializada acerca de gênero bem como a que relaciona gênero e religião não dariam conta de relativizar a constante

³² Situada na Avenida dos Andradas, número 1.125, Centro, Juiz de Fora – MG.

³³ Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/eventos/agenda-anual/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

dicotomia verificada até certo momento da pesquisa. Nesse sentido, o trabalho de campo teve papel preponderante para os resultados da pesquisa. É a partir da experiência empírica que se poderá neste caso observar dados que possibilitem ou não constatar a fragilidade de afirmações tais como a: mulher assembleiana é submissa ao marido; lugar de mulher é em casa.

Dessa maneira, a contribuição proposta por esta tese à linha de pesquisa *Religião, Sociedade e Cultura* centra-se, primeiramente, em trabalhar o pentecostalismo brasileiro a partir da Igreja Assembleia de Deus. A mesma representava 54,55% do número de pentecostais brasileiros, contabilizando um total de 12.314.408 membros, e existe uma pequena variação no número de assembleianos de acordo com a região do país: Norte: 60,53%, Nordeste: 62,90%, Sudeste: 40,03%, Centro-Oeste: 50,28% e Sul: 41,37%³⁴. Nota-se que, apesar da variação, a Assembleia de Deus representa a maior parcela entre os pentecostais em todas as regiões do país. Constituída, inicialmente, por membros pobres, em mais de cem anos de história, a Assembleia de Deus na atualidade penetra, inclusive, na elite brasileira.

Em segundo lugar, a pesquisa propõe revisitar parte da literatura especializada acerca de gênero na intenção de auxiliar a compreender o papel e a postura da mulher assembleiana. Relacionar religião e gênero, sobretudo relacionar a Assembleia de Deus – pentecostalismo – à mulher, é extremamente interessante, visto que a história da Igreja é marcada por um forte debate – inaugurado pela presença de Frida Vingren³⁵ – acerca da participação feminina na Igreja. A proposta de realizar uma etnografia que trate dos grupos femininos presentes na Assembleia de Deus é extremamente válida e nova. A associação entre gênero e religião teve um bom crescimento recentemente, contudo é preciso repensar tal associação de forma mais fluida.

A presente pesquisa revela-se legítima, ainda pois contribui para que se compreenda como opera a dinâmica de gênero no interior da Assembleia de Deus – Missões, bem como essa dinâmica opera para além da Igreja. Para tanto, é necessária a compreensão da história da Igreja e como esta trabalha em meio a

³⁴ Dados retirados do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

³⁵ Esposa de Gunnar Vingren – um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil –, teve forte participação na redação dos primeiros jornais da Igreja, pregava, compunha hinos e foi estopim para o debate acerca do pastorado feminino na Primeira Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil em 1930.

tanta diversidade interna. Perceber aspectos como o papel da mulher assembleiana, sua função e comportamento dentro da Igreja e na sociedade contribuem de maneira significativa para verificar a transformação do campo religioso brasileiro.

A tese foi escrita e dividida em quatro partes, melhor dizendo, em quatro Capítulos na expectativa de trazer para você, legente, o lugar de fala da pesquisadora, bem como os marcos teóricos e os principais pontos da história da Assembleia de Deus, com o objetivo-fim de perceber as singularidades da Assembleia de Deus – Missões, Igreja na qual a pesquisa foi realizada, mas, sobretudo, as especificidades das mulheres que transitam no interior desse espaço religioso. Dessa maneira, o que se pretendeu foi construir uma narrativa amarrada pelas teorias de gênero no intuito de identificar de qual forma a identidade feminina assembleiana é construída. Sem mais delongas, julga-se significativo apresentar os Capítulos da tese e esclarecer alguns pontos.

Como compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial³⁶ produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas? Tal pergunta representa a essência dessa tese, e, para a obtenção de uma resposta satisfatória, é necessário introduzir uma ou duas perspectivas de gênero que a pesquisadora julgou importante para analisar os diferentes discursos existentes no interior da Igreja pesquisada.

Gênero!³⁷ Percebe-se que tal palavra tem sido cada vez mais utilizada tanto na academia quanto na sociedade de forma mais ampla, através da mídia, da política, da religião. O debate na arena pública em torno dessa palavra suscita, muitas vezes, discussões acaloradas podendo resultar em violência simbólica ou até mesmo em violência física. Muitas são as opiniões e concepções acerca do que tal palavra, aparentemente ordinária, significaria. Não obstante, acionar gênero enquanto categoria analítica requer certo esforço para trabalhar tal conceito de forma interseccionada.

Assim, a proposta, aqui, é que, para se trabalhar a categoria de gênero, é necessário pensar em contextos e historicidades. A construção de conceitos,

³⁶ Literatura, Cultos, Congressos, Departamentos.

³⁷ A explicação para a utilização de gênero enquanto categoria englobante será trabalhada mais à frente.

discursos e sistemas reguladores obedecem a pré-condições que geram efeitos socialmente identificáveis em seus próprios contextos.

Como se vê, o argumento básico gira em torno da impossibilidade de haver uma definição universal de certas categorias ou sistemas, pelo fato de que os elementos que os constituíam e as relações que dele se resultariam seriam específicos historicamente de seus contextos. Como também, a construção das definições seria, em si, produto de processos discursivos históricos.

Em síntese, é preciso negar a generalização dos conceitos, sobretudo de gênero. A concepção universal de tal conceito pode ser vista como errônea a partir do momento em que se torna necessário levar em consideração o desenvolvimento da definição de gênero como um ato histórico. Pensar a historicidade da própria construção do conceito implica pensar em diferentes variáveis, tais como: pensamentos, épocas, contextos geográficos. É que a construção de definição responde às questões específicas de cada variável.

Dito isso, pode-se dizer que o conceito de gênero enquanto categoria de análise não deve ser trabalhado de forma estanque; pelo contrário, tal conceito precisa ser trabalhado de forma móvel, levando em consideração as inúmeras concepções acerca de seus significados e funcionamento. A frase a seguir ilustra o argumento da pesquisadora: “As normas pelas quais as mulheres são medidas nada têm de universais”³⁸. A frase escrita por Bourdieu vai ao encontro da ideia da construção dos conceitos a partir da contextualização e negação da universalização.

Ora, os escritos acima deixam claro o objetivo do primeiro Capítulo da tese: trabalhar gênero de maneira móvel, através da utilização de perspectivas e visões distintas acerca do conceito, sem deixar de levar em consideração a historicidade e os contextos nos quais o conceito de gênero é acionado. Isso quer dizer que as teorias utilizadas para a construção da tese, com base em Pierre Bourdieu e Judith Butler, não precisam, necessariamente, convergir em todos os pontos. Pelo contrário, as teorias divergem em vários aspectos, entretanto, cabe à pesquisadora reconhecer os pontos de convergência e, acima de tudo, os limites que cada perspectiva traz para a análise do campo trabalhado, no caso, a Igreja Assembleia de Deus – Missões, situada na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais.

³⁸ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011, p. 78.

Dessa forma, o Capítulo foi subdividido entre os dois referencias teóricos: Pierre Bourdieu e Judith Butler. A expectativa do Capítulo é demonstrar que perspectivas distintas, nesse caso, um viés estruturalista – através de Pierre Bourdieu – e um viés pós-estruturalista – a partir de Judith Butler – podem, sim, ser utilizadas de maneira complementar. Assim sendo, não somente a ideia de dominação masculina contida em Pierre Bourdieu torna-se relevante para a pesquisa, mas seus conceitos de ‘campo’ e *habitus* mostraram-se imprescindíveis para a compreensão da construção do ‘sujeito’. Dessa forma, a alternativa pela utilização de Bourdieu de maneira dinâmica partiu da possibilidade de relativização do estruturalismo, ao passo que o autor considera a ação dos sujeitos no interior dos campos de poder.

Não obstante, para compreender as formas com que as mulheres assembleianas vêm construindo e vivenciando suas identidades, a utilização da concepção de performatividade de gênero, em Judith Butler, foi nevrálgica para o trabalho. Pensar em gêneros performativos requer pensar na construção da identidade individual perpassada por diversas normas. Isso quer dizer que a capacidade de vivenciar cada identidade depende de uma matriz de poder – matriz de inteligibilidade – forjada no interior dos espaços de sociabilidade responsável pelo reconhecimento do ‘eu’, mas, sobretudo, pelas formas inteligíveis e não inteligíveis de acionar uma identidade sexuada. Partindo dessa premissa, serão abordados no Capítulo conceitos importantíssimos para compreender a contingência de cada ser, tais como: norma, poder, performatividade, sexo, gênero, corpo e materialidade.

Bourdieu e Butler, cada qual a sua maneira, contribuem para a compreensão da construção das identidades femininas assembleianas centradas em uma perspectiva de interseccionalidade. Tal afirmação poderá ser verificada ao longo da narrativa a partir dos exemplos trazidos, mas, acima de tudo, através da fala das próprias mulheres assembleianas.

Como compreender a mulher assembleiana de maneira fluida? Como analisar a identidade de mulher assembleiana de maneira a possibilitar identidades contingentes? Como compreender a mulher assembleiana enquanto agente de sua própria religiosidade e identidade? Mas, sobretudo, como compreender as tensões, adaptações entre a autorrepresentação de feminino das assembleianas e o discurso oficial no interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões? Tais perguntas, centrais

para o objetivo da tese, pretendem ser respondidas no decorrer das páginas, e, para tanto, somente a teoria não dará base para respondê-las de maneira satisfatória. Sendo assim, o Capítulo II terá uma abordagem bem diferente do que foi visto no Capítulo I. A diferença, sobretudo, instaura-se na apresentação do campo, enquanto lugar de etnografia.

Portanto, o que será trabalhado no decorrer do segundo Capítulo do trabalho de doutoramento serão os elementos centrais para compreender de quais formas e partir de quais instâncias reguladoras e normatizadoras as identidades femininas são engendradas no interior do campo religioso analisado. As identidades femininas no presente trabalho serão analisadas a partir da heterogeneidade, da contextualidade, da historicidade. E, portanto, serão entendidas enquanto contingentes constituídas no interior de uma matriz de inteligibilidade responsável por governar um campo de sociabilidade e por tornar os sujeitos viáveis. Sendo assim, torna-se imprescindível esboçar, ainda de que forma breve, o bloco de igrejas que vem sendo denominado de Assembleia de Deus.

Assim sendo, o Capítulo II tem por objetivo, portanto, apresentar a Igreja Assembleia de Deus – Missões, seus Departamentos, organização e funcionamento interno, bem como discorrer de forma breve sobre o movimento pentecostal instaurado no Brasil na década de 1910. Para tanto, abordar-se-ão elementos fundamentais para a compreensão da Igreja Assembleia de Deus – Missões, no interior do movimento pentecostal. Elementos como a doutrina, a heterogeneidade no interior do conjunto de igrejas Assembleia de Deus são de fundamental importância para compreender de qual forma as mulheres são normatizadas no interior do campo etnográfico estudado.

Carx legente, com isso em mente, o Capítulo foi dividido em duas partes, e cada qual foi subdividida em cinco e quatro partes, respectivamente. Em um primeiro momento, será esboçada a doutrina pentecostal sob a qual a Assembleia de Deus – Missões está compreendida, também será abordada a expansão territorial sofrida pelo conjunto de igrejas Assembleia de Deus já em seus primeiros anos em terras tupiniquins. Nesse sentido, trabalhar a heterogeneidade no interior do conjunto de igrejas AD é primordial, pois nem todas guardam as mesmas características, regras e normas. Não perdendo o foco da tese em mente, trabalhar-se-á a relação da

Assembleia de Deus com o pastorado feminino a partir de uma história de lastro longo, através da figura feminina de Frida Vingren.

No segundo momento do Capítulo, a abrangência do campo será delimitada ao ser trabalhada apenas a Igreja Assembleia de Deus – Missões. Serão trazidas para a escrita algumas imagens feitas pela pesquisadora com intuito de levar a você, legente, uma imagem mais consistente do campo pesquisado. A estrutura física será apresentada, ainda que de forma sucinta, e serão apresentados, em particular, dois Departamentos da Igreja: o Círculo de Oração e a Escola Dominical³⁹. Tais Departamentos serão apresentados de maneira mais enfática por permitirem problematizações sobre os lugares permitidos e transitados às/pelas mulheres no interior da Assembleia de Deus – Missões. Mas, sobretudo, serão apresentadas algumas mulheres no decorrer do Capítulo que demonstram a fragilidade de toda norma reguladora e legitimadora no interior dos campos nos quais o poder opera.

O terceiro Capítulo da tese de doutoramento pode ser compreendido como o ponto central do trabalho. No intuito de desvelar não somente o discurso oficial produzido e reproduzido pela Igreja Assembleia de Deus – Missões, bem como a identidade feminina assembleiana a fim de perceber as possíveis fissuras entre discurso e agência feminina, abordar-se-ão no Capítulo os valores morais defendidos pela Igreja. Ademais o Capítulo trará em suas linhas trechos de entrevistas⁴⁰ realizadas com quatro mulheres assembleianas frequentadoras do Círculo de Oração. As respostas dadas ao questionário distribuído no Círculo de Oração também serão trabalhadas. Será possível perceber identidades femininas distintas? Será possível que a normatização da Igreja seja a única responsável pela formação identitária feminina? Essas e outras perguntas poderão ser respondidas ao fim do Capítulo.

³⁹ De acordo com o site Evangelização, a Escola Bíblica Dominical é “uma escola para estudos bíblicos que acontece aos domingos nas igrejas evangélicas”. Disponível em: <https://www.evangelizacao.blog.br/escola-biblica-dominical/>. Acesso em: 13 jan. 2019. Criada na Inglaterra no século XVIII, a Escola Dominical sofreu transformações em seu currículo e método ao longo dos séculos. Se anteriormente tinha como principal função alfabetizar os fiéis através da Bíblia, atualmente, seus principais objetivos são: Evangelização, Santificação e Serviço. Na Igreja Assembleia de Deus – Missões, os encontros são realizados aos domingos das 09h00 às 11h00. Destaca-se que, no ano de 2019, através da Lei de nº 8282 de 10 de janeiro, a Escola Bíblica Dominical foi declarada como patrimônio imaterial do Estado do Rio de Janeiro.

⁴⁰ Todas as citações diretas presentes no texto relativas às entrevistas estão redigidas tal como foram faladas. Sendo assim, optou-se em colocar essa nota explicativa no lugar de utilizar (sic) em todas as construções que parecessem erradas ou sem sentido, no que diz respeito à norma culta.

Desse modo, em um primeiro momento, serão trabalhadas a ‘moral e a ética cristã’, fundamentais para a compreensão de como as normatizações são engendradas no interior do campo religioso e contribuem para a formação de um *habitus* específico àquele campo. Desse modo, a investigação das ‘regras’ da Igreja a partir de um olhar de dentro torna-se preponderante. Assim sendo, os conceitos de ‘moral e ética cristã’ serão trabalhados a partir das *Lições Bíblicas*⁴¹ utilizadas para as aulas da Escola Dominical. A partir da concepção das regulamentações religiosas, os questionários respondidos pelas mulheres serão analisados. Suas respostas estão em confluência com o discurso religioso? Todas as mulheres responderam o questionário de forma semelhante? Caso as mulheres tenham respondido de forma semelhante, é provável que os intentos reguladores da Igreja estejam agindo com 100% de eficácia. Entretanto, se houver diferenciação nas respostas dadas por essas mulheres, infere-se que as mesmas têm suas identidades constituídas de maneiras distintas, plurais, contingentes.

As entrevistas realizadas com quatro entre as inúmeras mulheres frequentadoras do Círculo de Oração servirão para responder à pergunta essencial da tese. As entrevistas serão trabalhadas na segunda fase do Capítulo e serão divididas em dois blocos. O primeiro bloco trará as entrevistas realizadas com mulheres de idades mais avançadas; enquanto o segundo bloco trará as entrevistas realizadas com as mulheres mais jovens. Será que a idade estará influenciando no modo de agir e pensar dessas mulheres? Não só a idade, mas pensar gênero de maneira interseccional requer pensar nos variados graus que compõem a identidade de cada sujeito. Nesse sentido, essas mulheres, assembleianas, estariam performatizando seus gêneros de modos distintos?

Perceber o autorreconhecimento feminino na Igreja Assembleia de Deus – Missões, bem como o grau de autonomia feminina no interior de tal espaço religioso requer analisar o maior evento feminino de ocorrência anual na Igreja: o Congresso do Círculo de Oração, e tal tarefa será realizada no Capítulo IV da tese. A princípio, por desconhecer o funcionamento do Círculo de Oração e, conseqüentemente, o Congresso do Círculo de Oração, esperava-se que assuntos políticos, econômicos fossem abordados em tais reuniões. Na expectativa, portanto, de observar as mulheres conversando sobre assuntos tidos como ‘masculinos’, propôs-se que a

⁴¹ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

observação participante não se limitasse ao Círculo de Oração, mas também ao Congresso Feminino⁴².

Deste modo, o primeiro Congresso do Círculo de Oração observado foi o ocorrido no ano de 2016. Após participar da festividade feminina, a pesquisadora concluiu que seria preciso uma modificação na metodologia. Pois, embora as mulheres ali presentes não conversassem sobre os temas esperados, algo importante acontecia naqueles dois dias de festividade: as mulheres eram alçadas a um lugar de destaque. Tal lugar de destaque ocorre tanto de forma literal quanto simbólica, pois, além de organizarem ‘todos’ os aspectos do Congresso, é o único momento em que as mulheres ligadas ao Círculo de Oração ocupam o púlpito da Igreja. Logo, saltou aos olhos da pesquisadora, no primeiro momento, a representatividade feminina no interior daquele espaço religioso. Contudo, a pesquisa de campo não se deu apenas no ano de 2016; a mesma foi realizada nos anos de 2017 e 2018.

Acompanhar as reuniões do Círculo de Oração, bem como os Congressos Femininos nos anos de 2016, 2017 e 2018, possibilitou o amadurecimento das impressões iniciais. Melhor dizendo, a representatividade feminina verificada tanto nas reuniões do Círculo de Oração, mas, sobretudo, no Congresso não seria apenas uma representatividade numérica? Pois, tanto nas reuniões do Círculo de Oração quanto no Congresso o número de mulheres é expressivo. Ou, a expressão numérica feminina significaria algo além?

Ao se tratar especificamente das mulheres frequentadoras do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões é preciso um olhar apurado para não perder de vista a autonomia feminina no espaço religioso, ainda que essa não venha acompanhada de ruptura. Poderá ser verificado que as entrevistas abordadas no Capítulo III demonstram que é possível subverter os discursos oficiais normatizadores da Igreja e, também, que a identidade de cada mulher é constituída de acordo com os campos em que ela transita. Tendo em mente a especificidade presente em cada identidade, é preciso olhar para o Congresso do Círculo de Oração de forma semelhante. Ou seja, o Congresso não representa a autonomia efetiva da mulher na Assembleia de Deus. Pelo contrário, demonstra as negociações

⁴² Congresso Feminino e Congresso do Círculo de Oração serão utilizados enquanto sinônimos no texto.

que estão continuamente sendo arranjadas e rearranjadas entre mulheres e normas no espaço religioso.

Nesse sentido, o último Capítulo trará, a partir do olhar da pesquisadora, o acontecimento em si. Isso significa trazer para você, legente, os detalhes do Congresso do Círculo de Oração. Pensar de maneira histórica e contextual significa pensar que, a cada ano, o Congresso é pensado, organizado e realizado com um intento específico. Consequentemente, os temas verificados em cada Congresso bem como os hinos cantados nas festividades e os palestrantes dão pistas das intenções pretendidas. Contudo, o Capítulo não será subdividido entre os três Congressos acompanhados, mas, sim, entre as principais características, que são: os temas, os hinos e os convidados.

CAPÍTULO I

1. Um olhar reducionista?

Para muitas pessoas⁴³, aquele movimento que atingiu seu auge nos anos de 1950 e 1960 entre xs intelectuais francesxs, considerado como a solução para cientificidade para as Ciências Humanas ao tentar unificá-la, que sobrepõe a estrutura em detrimento do sujeito e do conteúdo, e que despertou interesse de grandes pensadores da época, tais como: Lévi-Strauss, Durkheim, Lacan, Marx, é reducionista⁴⁴.

Tal movimento que ampliou o conceito de estrutura e o aplicou nas Ciências Humanas, sobretudo, na linguística e na psicanálise, teve grande relevância para importantes concepções acerca do parentesco e da análise das sociedades contemporâneas. O sistema de parentesco pensado por Lévi-Strauss⁴⁵, as relações entre base, estruturas e superestruturas da sociedade, formuladas por Karl Marx⁴⁶, são perspectivas sobre as quais, provavelmente, boa parte das pessoas inseridas nas Ciências Humanas, caso não as tenham estudado, já ouviram falar.

Nesse ponto, cara/o leitora/leitor, reforçando o uso do binário (brincadeiras à parte), é provável que você já saiba sobre qual movimento essa pesquisadora está se referindo: trata-se nada mais, nada menos do que o tão polêmico estruturalismo, defendido ferozmente por muitas pessoas e criticado em mesma medida por outras.

Pensar que uma estrutura é definida através de um sistema interligado de elementos e que, de maneira específica, se um dos elementos que compõem tal estrutura sofre uma transformação, conseqüentemente, todos serão transformados, faz parte do método estruturalista⁴⁷. Dessa forma, tem-se que a estrutura seria a responsável pela formulação dos indivíduos. Ora, a partir de tal concepção, características gerais seriam comuns a todas as estruturas, pois a existência da estrutura seria independente do indivíduo. Assim sendo, da arte à linguística, à religião, à psicanálise, à matemática e assim por diante, todos os sistemas poderiam

⁴³ Almir de Oliveira Júnior, Regina Lúcia de Faria, Cloves Thiago Dias Freire.

⁴⁴ ESPINDOLA, Alexandra Filomena. Estruturalismo: o sujeito e o signo como estrutura sem referente. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, v. 3, n. 2, p. 152, 2014.

⁴⁵ LÉVI-STRAUSS, C., *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1976.

⁴⁶ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

⁴⁷ SALES, Léa Silveira. Estruturalismo: história, definições e problemas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 13, p. 167 – 188, 2003.

ser analisados a partir do mesmo princípio, pois todos eles poderiam ser compreendidos através de suas estruturas homólogas.

Mas nesse esquema de análise como ficaria a historicidade e o sujeito? Tais elementos importantes seriam deixados de lado para compreensão única e exclusiva a partir da estrutura? De acordo com Sales⁴⁸, é preciso fazer certas ponderações e evitar certas generalizações, ironicamente, acerca do estruturalismo, pois:

se torna perigoso falar do estruturalismo como se este termo compreendesse uma unidade de pensamento ou mesmo uma circunscrição bem delimitada de premissas. Melhor seria falar dos estruturalismos, e compreender cada um deles significa certamente ter que se debruçar sobre cada história específica.⁴⁹

Percebe-se dessa maneira que, até mesmo para se trabalhar com uma visão que, teoricamente, seria responsável pela generalização dos sistemas, conceitos, categorias, e que introjetaria as pessoas em sistemas universalizantes e a-históricos, e que seria responsável pela morte do sujeito, é preciso atenção para não cair na armadilha, justamente, do que se pretende problematizar.

Dito isso, não que seja necessário justificar a utilização de um autor por esse utilizar o método estruturalista em suas análises, mas fica clara a plausibilidade para a utilização de Bourdieu – e sua perspectiva de gênero – para ajudar a compreender as tensões, fissuras, negociações existentes entre os discursos oficiais assembleianos – na Igreja pesquisada – e as mulheres assembleianas que frequentam tal templo de oração. Sobretudo, porque tal autor resgata o sujeito em suas análises, levando em consideração não somente a agência dos indivíduos, mas também a noção de historicidade e contextualização. Até qual ponto tais elementos são trabalhados e quais os limites das análises de Bourdieu para a compreensão do objetivo da tese são inquietações que a pesquisadora desenvolverá ao longo do trabalho.

⁴⁸ SALES, Léa Silveira. Estruturalismo: história, definições e problemas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 13, p. 165 – 188, 2003.

⁴⁹ SALES, Léa Silveira. Estruturalismo: história, definições e problemas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 13, p. 165 – 188, 2003.

1.1. Um olhar dinâmico sobre a teoria das estruturas sociais

A presente pesquisa de doutoramento nada mais é do que a continuação de um trabalho desenvolvido ao longo dos dois anos de Mestrado. À época, a pesquisadora analisou duas revistas publicadas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus)⁵⁰ com o objetivo de identificar a formulação da imagem de feminino projetada por tais periódicos. A análise de tais periódicos teve sua base a partir da perspectiva de gênero em Pierre Bourdieu, através do livro *A dominação masculina*.

Isso quer dizer que o olhar e a investigação do feminino, nos periódicos, foram pautados por uma perspectiva de gênero estruturalista. Assim sendo, a oposição entre os binários foi amplamente explorada e discutida. Entretanto, no trabalho de Mestrado, tal oposição não foi problematizada.

Ora, a primeira impressão, então, para dar continuidade à investigação acerca do 'ideário' feminino no interior da instituição religiosa foi que Pierre Bourdieu, e sua perspectiva sobre gênero, não traria qualquer tipo de contribuição para a pesquisa, pois o mesmo trabalharia gênero a partir de um método reducionista.

Entretanto, tal como a pesquisa ganha novos contornos durante seu processo de produção, a releitura de obras também pode contribuir para novas formas de enxergar teorias, concepções e visões, que antes eram tidas como reducionistas, limitadas e estanques.

Então, você, que está lendo essas páginas, já consegue imaginar em qual ponto a pesquisadora quer chegar, não?! É isso mesmo, uma releitura atenta de Pierre Bourdieu trouxe novas formas de enxergar a dominação masculina, bem como a perspectiva de gênero pautada na diferenciação biológica e, surpresa: a obra do autor⁵¹ servirá, novamente, como base teórica para análise das fissuras e negociações entre os discursos religiosos assembleianos e a autorrepresentação de mulher.

Nesse ponto, seria preciso perguntar: a obra de Bourdieu pautada em uma perspectiva estruturalista ajudaria a pensar o objeto? Sim, e não! Sim, pois tal autor

⁵⁰ As revistas *Mulher, Lar & Família Cristã* e *Nosso Lar*, publicadas entre as décadas de 1990 e 2000, encontram-se acessíveis a pessoas interessadas no arquivo da Assembleia de Deus - ligada a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) - CEMP (Centro de Estudos do Movimento Pentecostal), situado na cidade do Rio de Janeiro.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

recusa diversos elementos que seriam fundamentais para o método estruturalista *hard*. Explicando: Bourdieu traz em sua obra sociofilosófica uma grande perturbação para estrutura, e tal perturbação seria o sujeito! Assim sendo, a redução objetivista que nega a prática dxs agentes é rejeitada, bem como o determinismo e a estabilidade das estruturas. Tudo isso significa que a contextualização e a historicidade são fatores importantes nas obras de Bourdieu, e, conseqüentemente, não há espaço para universalização, pois xs agentes estão lá.

Retomando ao não uma das respostas da pergunta formulada no parágrafo anterior, é preciso perguntar: qual o limite que tal perspectiva traz? As mulheres assembleianas também seriam interpretadas enquanto agentes? Toda teoria em contato com o campo tem seus limites testados e, nesse caso, não será diferente.

Contudo, para uma melhor compreensão da obra de Pierre Bourdieu⁵², a pessoa interessada deve se atentar que tal obra pode ser entendida enquanto uma teoria das estruturas sociais pautadas em alguns conceitos-chave e esses serão expostos à frente, ainda que de forma sintética.

1.1.1. *Habitus*: a volta do sujeito

Compreender a negociação feita pelas mulheres assembleianas e os discursos oficiais propagados pela instituição religiosa perpassa o processo de construção de identidade e, conseqüentemente, a forma com que as mulheres vivem a sociabilidade no interior do espaço religioso. Assim, compreender a agência das mulheres assembleianas de maneira coletiva, sobretudo, a partir da vivência e participação no Círculo de Oração da Igreja, é preponderante para a essência do trabalho, e é justamente nesse ponto que a noção de *habitus* em Pierre Bourdieu pode ser útil. Pensar dessa forma implica supor que a construção de identidade individual é mediada por diversas instâncias produtoras e reguladoras de valores culturais, noção que se aproxima da concepção de uma matriz de inteligibilidade – reguladora, normatizadora – explanada por Judith Butler.⁵³

A proposta, portanto, é considerar a instituição religiosa como um, entre vários, espaços que configuram as relações sociais de maneira dinâmica. Portanto,

⁵² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

⁵³ BUTLER, Judith. Regulaciones de género. *LAVENTANA*, n. 23, p. 10, 2005.

a ideia é pensar nas relações entre instituições e agentes, e, aqui, a noção de *habitus*, enquanto matriz cultural, pode ajudar.

O retorno do sujeito na obra sociofilosófica de Pierre Bourdieu deve-se à formulação do conceito de *habitus*, leia-se:

[...] enquanto sistemas de disposições, só se realizam efetivamente em relação com uma estrutura determinada de posições socialmente marcadas (entre outras coisas pelas propriedades sociais de seus ocupantes, através das quais se dão a perceber); mas, ao contrário, é através das disposições, que são elas próprias mais ou menos completamente ajustadas às posições, que se realizam determinadas potencialidades que se achavam inscritas nas posições. [...]⁵⁴

Ora, tal conceito, ao retornar com x agente na ação, sugere a necessidade de compreender as relações de compatibilidade entre as estruturas e condicionamentos sociais e a ação dxs agentes. Se o conceito de *habitus* pode ser percebido como sistemas de disposições, de formas de perceber, de pensar, de agir, de ser responsável por levar o sujeito a agir de determinada forma em uma circunstância específica, algumas conclusões podem ser feitas: em primeiro lugar, *habitus* teria uma característica de mediação entre sociedade e indivíduo⁵⁵; em segundo lugar, a concepção de estrutura em Bourdieu pode, então, ser considerada dinâmica, pois ela seria fruto de um conjunto de relações históricas em que, ao mesmo tempo que é produto, é produtora de ações engendradas pelos indivíduos.

A noção de *habitus*, portanto:

de fato, ainda que tenha suas próprias leis, transcendentais às consciências e às vontades individuais, a herança cultural, que existe em estado materializado e em estado incorporado (sob a forma de um *habitus* que funciona como uma espécie de transcendental histórico), não existe e não subsiste efetivamente (isto é, enquanto *ativa*) senão nas e pelas lutas das quais os campos de produção cultural são o lugar, ou seja, por e para agentes dispostos a assegurar-lhe a reativação continuada.⁵⁶

Assim sendo, até qual ponto a concepção de *habitus*, conforme Bourdieu, pode ajudar a pensar as relações entre as mulheres assembleianas e a instituição

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, [19-]. p. 299.

⁵⁵ SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 63, 2002.

⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, [19-]. p. 305.

religiosa? Tal concepção ajudaria a compreender as fissuras e negociações que vem ocorrendo entre discurso oficial e agência feminina? A condição de agência feminina até qual ponto estaria sendo influenciada pela religião, enquanto instituição produtora e reguladora de valores simbólicos?

Se a ideia for seguir a argumentação de Geertz sobre religião enquanto

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁵⁷

O trabalho de doutoramento ganhará a oportunidade de utilizar a noção de *habitus*, em Bourdieu de forma dinâmica, pois estará fazendo utilização de uma perspectiva de religião não fixa, sem estruturas homólogas em qualquer sociedade e que, conseqüentemente, considerará a ação dos sujeitos. Mas você poderia se perguntar: se, para Bourdieu, a ordem social é construída através de símbolos e a dominação masculina se dá através de vias puramente simbólicas, como a religião não seria vista como uma instituição responsável por perpetrar estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos?

Elementos que aparentam eternidade e universalidade, tal como a estrutura das religiões, podem ser interpretados como produtos de construções formuladas por diversas instituições sociais, como a igreja.

Desse modo, Bourdieu, ao acionar o sujeito a partir do *habitus*, em especial, de um *habitus sexuado*, abre possibilidade não somente para a problematização das visões essencialistas biológicas da diferença entre os sexos, mas também cria condições para a ação coletiva. E, nesse caso, a ação coletiva feminina pode ser verificada na sociabilidade no interior do Círculo de Oração.

O Círculo de Oração, que em algum ponto da pesquisa chegou a ser considerado pela pesquisadora como um local no qual as mulheres iriam apenas para orar, é um espaço de importante sociabilidade no interior da instituição religiosa pesquisada. Pensar em ação coletiva requer pensar em ação política⁵⁸, e qual exemplo seria melhor, para se ter certeza de que as mulheres assembleianas estão fazendo política, do que o Congresso Feminino organizado pelos Círculos de Oração

⁵⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 67.

⁵⁸ Aqui entendida como a ação de negociar, organizar, administrar interesses.

da instituição que ocorrem todos os anos, no primeiro semestre, durante um final de semana?

Entre vários exemplos que poderiam ser citados, o Congresso Feminino nem precisaria ser analisado a fundo para ser enxergado como o caso mais claro de agência feminina. É nítido que essas mulheres estão agindo no interior da instituição religiosa, e, aqui, a noção de *habitus* ajuda na análise acerca das negociações que estão sendo feitas entre a Assembleia de Deus – Missões e as assembleianas. Ou seja, existe autonomia feminina no interior da Assembleia de Deus, contudo até qual ponto essa autonomia é negociada e restritiva? A conquista de lugar feminino representa um ganho para as mulheres assembleianas, entretanto, apesar de terem conquistado o espaço físico da Igreja, não se vê a emancipação total do discurso tradicional religioso.

Como afirmar a existência de uma autonomia real feminina no interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões, se algumas mulheres ainda reproduzem o discurso oficial e não assumem lugares de prestígio no interior da Igreja? Todavia, rejeitar a autonomia feminina seria reduzir a zero as conquistas alcançadas pelas mulheres no espaço religioso, bem como desconsiderar os discursos das mulheres assembleianas que tensionam a normatização projetada pelo discurso oficial da Igreja.

Se *habitus* é um elemento de mediação, isso significa dizer que um Departamento dirigido exclusivamente por mulheres que anualmente é responsável pela organização de um grande evento na Igreja só pode ser vivenciado dessa forma, pois têm ocorrido adaptações na centenária instituição religiosa.

De acordo com Araujo⁵⁹, acredita-se que a primeira reunião do Círculo de Oração tenha ocorrido em 02 de junho de 1911, em Belém do Pará. Nota-se que a reunião feminina teve sua origem no primeiro ano da Igreja, entretanto, há um grande diferencial entre as reuniões dos Círculos de Oração nos anos iniciais da Assembleia de Deus e as reuniões que ocorrem atualmente. Pode-se afirmar que tal diferença baseia-se no reconhecimento e na legitimidade do Departamento, pois foi somente em 06 de março de 1942 que as reuniões dos Círculos de Oração saíram do espaço privado, a casa das fiéis, para o espaço público, a Igreja. Não cabe, aqui, problematizar a dicotomia entre público X privado, o que se pretendeu mostrar

⁵⁹ ARAUJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 189.

trazendo tais fatos é a alteração na concepção da importância dos Círculos de Oração para a instituição religiosa.

Destarte, o que se visualiza trazendo a noção de *habitus* para a discussão é analisar a ação das mulheres assembleianas no interior do espaço religioso, composto por normas e práticas próprias, mas que, assim como outros espaços de sociabilidade, de normatização e de regulação, não pode ser entendido como único responsável pela constituição da identidade do sujeito. Obviamente, existem alguns limites ao empregar o conceito de *habitus* para esse trabalho, como desconsiderar noções tão caras, para a percepção da sociabilidade no interior do Círculo de Oração, tais como: a noção de responsabilidade, cooperação e amizade. O que fazer nesse caso?

Desconsiderar os limites dos conceitos parece, no mínimo, algo imprudente a se fazer. A solução é simples e você que está lendo tais escritos já deve imaginar qual seja: “*Elementary, my dear Watson*”⁶⁰, – lembrando uma célebre personagem fictícia inglesa, a solução é colocar em diálogo teorias complementares. Entretanto, antes de introduzir algumas concepções de Judith Butler na discussão, certas noções teóricas de Pierre Bourdieu ainda ocuparão algumas linhas.

1.1.2. Campo: produto histórico

Pensar a Igreja Assembleia de Deus – Missões e seus variados espaços de sociabilidade, entre eles, o Círculo de Oração, requer pensar nas formas com as quais xs fiéis pertencentes a esse espaço religioso interagem entre si. A construção da sociabilidade no interior do espaço religioso é constituída a partir de princípios que regulam, normatizam e legitimam as práticas consideradas aceitáveis e as consideradas não aceitáveis. Assim sendo, as noções de Bourdieu a respeito de *habitus* e campo terão grande relevância para auxiliar a identificação de rupturas,

⁶⁰ A frase “Elementar, meu caro Watson” em tradução livre para o português, apesar de ter se tornado famosa, nunca foi citada em nenhum dos livros escritos por Sir Arthur Conan Doyle. A mesma ganhou notoriedade através das adaptações dos livros para as telas do cinema e da televisão. Disponível em: < <http://molhoingles.com/como-surgiu-a-frase-elementar-meu-caro-watson/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

fissões, continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial da Igreja e a noção de identidade feminina assembleiana.

Acompanhar Bourdieu requer perceber que a noção de *habitus* se relaciona com a noção de campo na medida em que a dinâmica social, quer dizer, as relações e inter-relações entre os sujeitos se dão no interior de um campo conforme as regras que sustentam a noção de tal espaço. Tais regras estariam relacionadas às normatizações e legitimações de um *habitus* pertencente a(xs) agentes integradorxs de tal campo tanto em perspectiva individual quanto coletiva. Pode ser que você que esteja lendo, nesse momento, esteja pensando: Ok, o que a autora pretende é trabalhar o espaço religioso, especificamente, a Igreja Assembleia de Deus – Missões, enquanto um campo, conforme a ideia de Bourdieu. E, trabalhar os Departamentos da Igreja, sobretudo, o Círculo de Oração, enquanto microcampos. Se você está imaginando dessa forma, acertou! Entretanto, trabalhar o espaço religioso enquanto um campo requer certos cuidados, pois é preciso a todo o momento levar em consideração as limitações das teorias.

Exemplificando, de acordo com Lahire⁶¹, a teoria dos campos traria certas limitações enquanto método de análise,

[...] primeiro pelo fato de ela não levar em conta as incessantes passagens, operadas pelos agentes que pertencem a um campo, entre o campo no qual eles são produtores, os campos nos quais são simples consumidores-espectadores e as múltiplas situações que não podem ser referidas a um campo, pois isso reduz o ator a seu ser-como-membro-de-um-campo. Também pelo fato de ela não fazer caso da situação daqueles que se definem socialmente (e se constituem mentalmente) fora de toda atividade num campo determinado (o que continua sendo o caso de muitas donas de casa, sem atividade profissional nem pública). Finalmente, pelo fato de ela nos deixar particularmente sem recursos para compreender os fora-de-campo, os subalternos. Por todas essas razões, a teoria dos campos (por sinal, seria preciso sempre falar em teoria dos *campos do poder*) não pode constituir uma teoria geral e universal, mas representa (o que já é uma boa coisa) uma teoria regional do mundo social.⁶²

Com base na citação anterior, pode-se compreender que, apesar da perspectiva de Bourdieu acerca dos campos ser de grande relevância para inúmeros problemas científicos, a mesma não pode ser aplicada em todas as situações, pois

⁶¹ LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação e Sociedade*: Campinas, n. 78, p. 51-52, 2002.

⁶² LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação e Sociedade*: Campinas, n. 78, p. 51-52, 2002.

nem todos os espaços sociais teriam propriedades que os caracterizassem como campos. O que se vê, a partir da problematização feita por Lahire, não a respeito da teoria dos campos, mas ao emprego de tal teoria de maneira universal, vai ao encontro do que se propõe para essa tese em relação à metodologia: o princípio, aqui, é a utilização de teorias que ajudem a analisar o campo, sem que tais teorias se sobreponham ao campo. Isso indica algo extremamente interessante: não importa se a teoria utilizada é estruturalista ou mesmo pós-estruturalista, o que importa é o emprego, quer dizer, a forma com que tais teorias são acionadas enquanto componentes de um método de pesquisa.

Já foi mencionada que a noção de *habitus* se relaciona com a noção de campo, também que tais noções seriam de grande auxílio para a compreensão do problema central da tese, não obstante, também foi mencionada a importância de problematizar e utilizar as teorias de maneira adequada. Entretanto, para um subitem denominado 'campo: produto histórico' parece que o mais importante foi deixado de lado: a noção de campo em Pierre Bourdieu! Sem mais delongas, tal concepção ocupará as próximas linhas.

Pensar a noção de campo requer pensar que o social é constituído por microcosmos, espaços de relações objetivas e que tais espaços possuem lógica própria. Isso quer dizer que cada campo é regido e regulado por normas e regras específicas que não são reproduzidas em outros campos. Assim sendo, o campo age como um microcosmo social composto de dada autonomia, regidos por suas próprias regras e leis, entretanto, tal espaço de sociabilidade – campo – deve ser compreendido a partir de um espaço social mais amplo. Quer dizer que os campos, apesar de possuírem certa autonomia, se relacionam de forma mais ampla uns com os outros.⁶³

O campo [...] é um campo de forças a agir sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferencial segundo a posição que aí ocupam [...] ao mesmo tempo que um campo de lutas de que tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças.⁶⁴

Ao mesmo tempo que o campo é um campo de forças, é também um campo de lutas, pois concomitante à imposição da estrutura de suas normas a(x)s agentes,

⁶³ PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, v. 16, n. 32, p. 341, 2015.

⁶⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 262.

xs tais atuam no interior do campo, conforme posição hierárquica. Isso significa dizer que, enquanto agentes, os sujeitos no interior do campo podem conservar ou mesmo alterar a estrutura do campo. Mais uma vez, nota-se o dinamismo presente nas teorias de Bourdieu, pois, apesar de ser enxergado enquanto estrutura, o campo pode ser transformado a partir da interação do sujeito.

Conseqüentemente, os campos não são estruturas fixas, ao contrário, são produtos históricos e abertos à contextualização e à ação dxs agentes. A emergência e a delimitação de um campo surgem com a necessidade de pôr em prática interesses específicos tanto de instituições quanto de agentes dotadxs de um *habitus*.

Ora, se cada campo tem seus próprios valores, regras e normas, bem como objetivos e interesses, seria possível compreender o espaço religioso pesquisado enquanto um campo? Caso a resposta seja positiva, as afirmações: “todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo *habitus*”⁶⁵ e que “o campo estrutura o *habitus* e o *habitus* constitui o campo”⁶⁶ necessariamente precisarão ser problematizadas, tendo em vista que esse exercício teórico tem em mente o campo enquanto lugar de agência das mulheres assembleianas e o *habitus* como disposição que modelaria seus corpos e agenciamentos/ações.

Afirmar que todx agente inseridx em um mesmo campo é dotadx de um mesmo *habitus* e que campo está para *habitus*, assim como *habitus* está para campo, significa dizer que as percepções de mundo e as práticas de cada sujeito agem em conformidade. Entretanto, constatou-se que existem tensões entre o discurso oficial produzido e reproduzido pela Assembleia de Deus – Missões e a autorrepresentação de mulher no interior do espaço religioso. Concordar com tal afirmação implicaria algumas conclusões: em primeiro lugar, as mulheres assembleianas se autorreconheceriam em total conformidade com o discurso oficial da Igreja, assim sendo, não haveria tensão, negociação a ser verificada; em segundo lugar, restringir-se-ia a construção da identidade e de práticas sociais a apenas um espaço de construção, nesse caso, a Igreja; em terceiro lugar, significaria dizer que todas as mulheres assembleianas compartilhariam de uma mesma identidade, sem diferenciação.

⁶⁵ THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, n. 40, v. 1, p. 36, 2006.

⁶⁶ THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, n. 40, v. 1, p. 36, 2006.

Pensar em campo enquanto espaço dotado de propriedades universais, como dito anteriormente, não se enquadra no esforço teórico desse trabalho, assim como pensar em campo de forma reducionista e estanque. O esforço concentra-se em enquadrar a Igreja enquanto um espaço de sociabilidade – um campo, dotado de certo *habitus* – sem, necessariamente, restringir a construção da identidade feminina a apenas esse espaço, pois essas mulheres transitam e ocupam ainda outros espaços de sociabilidade que ocasionam adaptações ao *habitus* religioso, na medida em que o interpelam. Se o trânsito entre diferentes espaços de sociabilidade influencia o autorreconhecimento de feminino e até qual ponto são questões para reflexão.

Pensar a partir do livro *A dominação masculina* servirá para analisar de quais formas, enquanto campo, a Igreja distribui e utiliza o poder. De quais formas, ela – Igreja – busca normatizar, legitimar e regular o comportamento feminino, como também a identidade feminina. Mas, sobretudo, encontrar a fissura, aquele ponto de tensão, entre o que se espera da mulher e a concepção do ‘eu’ – enquanto sujeito, dotado de ação – feminino.

1.1.3. Contribuições bourdianas: quando o campo ilustra a teoria

O elemento central de Bourdieu em *A dominação masculina* é trazer a reflexão sobre a questão que envolve a permanência ou mudança da ordem sexual⁶⁷. A ideia propõe pensar os processos históricos que são responsáveis por perpetuar ou não as estruturas da divisão sexual e suas consequências na sociedade. Para o autor, é necessária a compreensão de que elementos que parecem eternos, historicamente, são meros produtos de construções feitas por instituições sociais, tais como igreja, família, escola, esporte e jornalismo. Chamar atenção ao elemento histórico da ordem sexual cria a possibilidade de romper com as visões essencialistas biológicas da diferença entre os sexos. Ao mesmo tempo, abre espaço para a ação coletiva – política – às mulheres de resistência.

A construção da análise de gênero em Bourdieu parte da premissa de que toda ordem estabelecida, com suas relações de dominação e de poder, é construída

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

e mantida através de símbolos. Com poucos números de subversões, consideradas como acidentes históricos pelo autor, a dominação masculina não foge à regra. Tem-se a dominação masculina classificada como violência simbólica, introjetada na sociedade de forma invisível e natural. A partir de vias simbólicas de conhecimento e comunicação, elementos culturais são transformados em naturais. As relações sociais são forjadas e vivenciadas em meio à violência simbólica, conhecida e naturalizada tanto por ‘dominantes’ quanto por ‘dominados’.

O pano de fundo utilizado pelo autor para trabalhar sua perspectiva de gênero parte de uma visão androcêntrica⁶⁸ da sociedade construída de maneira a reforçar as diferenças anatômicas dos órgãos sexuais entre homens e mulheres. Entretanto, Bourdieu baseia sua pesquisa na análise etnográfica de uma sociedade Cabila, e você, caro leitor, pode se perguntar: Ora, em sociedades tão distintas – Cabila e brasileira – seria possível um mesmo sistema para classificar sexo e gênero? A resposta, novamente, seria: Sim e Não.

Ao trabalhar a partir de uma visão androcêntrica, Bourdieu chama atenção para algumas características inerentes a tal concepção, entre elas, a noção de uma sociedade construída de cima para baixo. Quer dizer, verifica-se uma hierarquia na qual quem detém o poder são os homens através das instituições. Consequentemente, a divisão sexual das atividades assume uma característica binária, na qual há sempre a oposição entre o masculino e o feminino. O sexo, biológico, portanto, tem correspondência direta com o gênero. Assumir que a sociedade é construída de cima para baixo a partir de uma perspectiva de gênero significa falar em correspondências entre sexo biológico e gênero, por exemplo: ao homem cabe o espaço público, o provento material, atividades administrativas, políticas; enquanto à mulher cabe o espaço doméstico, o cuidado com o lar, com os filhos.

⁶⁸ De acordo com o Glossário construído pela Comissão Especial de Igualdade de Gênero, a definição de androcêntrico seria: “Es la organización de las estructuras económicas, socioculturales y políticas a partir de la imagen del hombre; un enfoque que fundamenta las experiencias humanas, el protagonismo de la historia y el desarrollo desde una perspectiva masculina. Conlleva a la invisibilización de las mujeres, de sus experiencias y de sus aportaciones.” Em tradução livre: “É a organização de estruturas econômicas, socioculturais e políticas baseadas na imagem do homem; uma abordagem que baseia as experiências humanas, o papel da história e do desenvolvimento a partir de uma perspectiva masculina. Isso leva à invisibilidade das mulheres, de suas experiências e de suas contribuições.” Disponível em: <http://www.stunam.org.mx/41consejouni/14comisionequidadgenero/160614/16%20Definiciones+Glosario+sub-dif+CEEG.29-10-2012.pdf>. Acesso em: 15. jan. 2018.

Retomando a pergunta feita e a resposta dada linhas acima, a entrevista realizada com o pastor-presidente da Assembleia de Deus – Missões, da cidade de Juiz de Fora, em outubro de 2014, ajudará a refletir sobre a parte afirmativa da resposta.

Em dado momento, o pastor-presidente afirmou que toda igreja é construída, constituída e experienciada de acordo com a imagem do pastor-presidente. Nesse caso, não somente a presidência da Igreja é ocupada por um homem, como também, todos os cargos da Diretoria. A tabela a seguir representa a composição da Diretoria da Igreja no ano de 2016:

Tabela 1. Diretoria Assembleia de Deus – Missões – 2016⁶⁹

Cargo	Membro
Presidente	Pr. Samuel Lopes da Silva
1º Vice-presidente	Pr. Sebastião Reginaldo de Almeida Filho
2º Vice-presidente	Pr. Nelson Tavares Júnior
3º Vice-presidente	Pr. Miguel Itamar Silva Rodrigues
1º Secretário	Pr. Arnaldo de Jesus Guedes
2º Secretário	Pb. João Paulo Luna do Amaral
3º Secretário	Pr. Daniel Hercílio do Nascimento Custódio
1º Tesoureiro	Pr. João Silva
2º Tesoureiro	Pr. Eliel Vieira Donato
3º Tesoureiro	Pr. Manoel Fernandes

Tanto a Diretoria, composta por dez cargos, todos ocupados por homens, quanto à fala do pastor-presidente, de que a Igreja é a imagem de seu líder, nesse ponto torna-se importante a utilização do binário, evidenciam a dominação masculina a partir de uma visão androcêntrica da sociedade. A igreja enquanto *lócus* de sociabilidade e de poder constitui um campo, no qual as identidades dos sujeitos estão em constante formação, normatização, adequação. Ainda que a agência feminina seja um aspecto a ser trabalhado à frente, importa salientar, nesse ponto, que o discurso oficial propagado pela Assembleia de Deus – Missões vai ao encontro de uma perspectiva de gênero binária com fortes traços androcêntricos.

⁶⁹ Informações obtidas junto à secretária da Assembleia de Deus – Missões.

No que diz respeito à ocupação dos cargos da Diretoria, quando questionado se mulheres poderiam se candidatar aos cargos, o pastor-presidente responde:

[...] poderiam, é que você sabe, deixa eu dizer uma particularidade, um segredo para você. Você sabe que os homens são machistas, você sabe disso, né?! Você é mulher, sabe bem disso! Dessa particular, de que os homens são machistas. Aí, isso entra, queira ou não queira, até na igreja! Então, não é comum se colocar secretárias e tesoureiras, se colocar as mulheres [...] geralmente, a gente escolhe entre os ministros também, aquelas pessoas que serão secretários, tesoureiros.⁷⁰

Da fala supracitada, pode-se refletir sobre alguns aspectos: Em primeiro momento, o pastor-presidente afirma que toda igreja é a imagem de seu líder, em momento posterior afirma: “Você sabe que os homens são machistas [...] Aí, isso entra, queira ou não queira, até na igreja!”. Na tentativa de justificar a não participação feminina em cargos de maior responsabilidade no interior da Igreja, o pastor comete um equívoco. Sua intenção era jogar a responsabilidade da exclusão feminina dos cargos de responsabilidade para a cúpula masculina da Igreja, se eximindo de culpabilidade. Entretanto, tal posicionamento vai de encontro a sua fala anterior, tendo em vista que, se há machismo na Igreja, a responsabilidade caberia também ao pastor-presidente. Não obstante, de tempos em tempos, no decorrer da entrevista, o pastor fazia questão de ressaltar que era favorável à participação feminina no interior da Igreja. Todavia, qual seria o tipo de participação feminina à qual o pastor tentava indicar ser favorável? De acordo com a composição da Diretoria e com sua fala, não parece que a participação feminina possa se estender para além das Classes da Escola Dominical, do Círculo de Oração ou mesmo do Departamento de Missões.

Um segundo aspecto da fala do pastor-presidente é a possibilidade de aproximar a Igreja da noção de campo, anteriormente discutida, no qual poderes estão em disputa a todo o momento, ao afirmar que: “[...] geralmente, a gente escolhe entre os ministros também, aquelas pessoas que serão secretários, tesoureiros.” Ou seja, não basta ser homem no interior da Assembleia de Deus – Missões, é necessário *status* simbólico para compor a Diretoria da Igreja, pois os ‘escolhidos estão entre os ministros. Se nem os ‘homens comuns’ têm reais chances de compor a Diretoria da Igreja, imagina qual seria a possibilidade de uma mulher

⁷⁰ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

assumir um dos cargos administrativos? Daí pode-se deduzir que, em um *cosmo* pautado por uma lógica biológica sexual, as mulheres estariam na base da pirâmide social.

Outro aspecto a ser abordado a partir da fala do pastor-presidente é o lugar de sujeito-agente da própria pesquisadora na interação com o campo de pesquisa e interlocutorxs.

A pesquisa de campo permite a(x) investigante captar olhares, silêncios, gestos e intenções; em contrapartida, gera nx investigante um *mix* de sentimentos, sensações, reflexões, dúvidas, certezas. A interação com o campo permite que o trabalho seja desenvolvido de maneira menos mecânica e positivista em razão da perspectiva pessoal além da teoria. Dito isso, ao dizer para a pesquisadora: “Você sabe que os homens são machistas, você sabe disso, né?! Você é mulher, sabe bem disso!”, o sentimento gerado na pesquisadora foi de satisfação. Pois, em menos de cinco minutos de entrevista o pastor-presidente fez questão de marcar o lugar dos sujeitos da interação: de um lado, superior, um homem, mais velho, pastor-presidente de uma Igreja centenária, com várias formações⁷¹, concedendo uma entrevista – ou seja – fazendo um favor; do outro lado, inferior, uma mulher, negra, estudante de uma tal Ciência da Religião, com menos de trinta anos, petulante, questionando o porquê de mulheres não exercerem cargos de responsabilidade no interior da Igreja. Ora, ao marcar os lugares de cada sujeito, o pastor demonstrou como é produzido e reproduzido o discurso oficial da Igreja – de cima para baixo.

Ao prosseguir sobre quais cargos são preferíveis que mulheres ocupem no interior da Igreja, o pastor-presidente afirma:

Em cargos para secretaria, nós preferimos a mulher, ao homem, por quê? Por causa da forma mais delicada que a mulher tem de tratar, nem todas, pois têm suas exceções, mas a mulher tem uma forma mais delicada de falar, de atender, tem uma forma mais fácil de conquistar outras mulheres, de recebê-las e conversar com elas.⁷²

O cargo para a ‘secretaria’ referido acima corresponde à secretária da Igreja, aquela responsável por atendimento telefônico e pessoal, por separar as correspondências, agendar casamentos, por cuidar da agenda do pastor-presidente, diferente da secretaria da Diretoria. Feita tal consideração, o que se percebe é a

⁷¹ As formações do pastor-presidente serão abordadas adiante.

⁷² Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

correspondência direta entre sexo e gênero através da fala do pastor. Com base em uma perspectiva de gênero estruturalista, seria inerente à fêmea a feminilidade e os atributos que derivam disso, como o cuidado e a amabilidade. Quer dizer, a mulher em comparação ao homem – pois haveria dois polos, em constante oposição – seria mais delicada, paciente, sentimental, amável, dócil. Nesse sentido, os cargos ideais para as mulheres seriam aqueles relacionados a um ideário de perfil doméstico que envolve zelo e cuidado. Percebe-se, portanto, que, mesmo fora do espaço doméstico-privado, a mulher, quando ocupa algum posto no interior da Assembleia de Deus – Missões, ocupa-o em razão de certas ‘qualidades femininas’. E o pastor continua sua fala:

Deus fez você, fez a mim, me deu essa forma grosseira de ser: de pegar enxada e trocar lâmpada, [...] mas deu essa forma delicada a você. Então, a mulher às vezes sobe escada, mas não é próprio dela. Se ela está ali embaixo, ela me auxilia com a lâmpada, mas sou eu que estou lá em cima. [...] ele é pastor e é administrador, ele é pastor e é juiz, ele é pastor e é pai. [...] A gente deixa para a mulher [...] aquelas tarefas mais ligadas à vida espiritual da Igreja, a vida da mulher com a mulher, mulher para mulher, da mulher para criança. [...] Eu, particularmente, sempre achei que a mulher [...] acho mais bonito [...] quando eu chegava do quartel, e minha esposa, com seus vinte e poucos anos de idade, estava arrumadinha, bonitinha ali [...] eu chegava em casa e ela estava cheirosinha, e tal para me receber. É diferente de ela está correndo para lá, para cá, do emprego, naquela correria. Então eu acho, particularmente, que a mulher [...] é mais bonito ela em casa esperando o marido chegar.⁷³

Novamente, o pastor marca o lugar dos interlocutores da ação: a pesquisadora mulher e, por isso, delicada, e o pastor-presidente, homem, que assume uma “forma grosseira de ser”. Nota-se, portanto, que a diferenciação masculina X feminina assume características para além da diferenciação anatômica das genitais, ela opera em todo o corpo do sujeito. Tanto os corpos femininos como os corpos masculinos sofrem normatizações no interior do campo religioso pesquisado. Entretanto, pensar a partir de um *habitus* permite refletir até qual ponto as mulheres assembleianas têm seus corpos disciplinados e em conformidade com o discurso oficial religioso. Mas, não se pode perder de vista, desde já, que se há uma agência da mulher assembleiana e alguma espécie de autonomização dela no interior do campo religioso, isso não aparece na fala do pastor-presidente da Igreja. Diferente disso, a partir da fala do líder, pode-se depreender que o gênero é definido

⁷³ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

pelo sexo, bem como os papéis e as funções sociais são definidas pelo conjunto de características que o corpo homem/mulher lhes permite.

Neste sentido, o papel de auxiliar o marido, ou mesmo o homem dentro da Igreja, é justificado de acordo com a fala do pastor-presidente, através da passagem bíblica: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele.”⁷⁴ Quer dizer, na Assembleia de Deus – Missões, o emprego da leitura literal da Bíblia, somada ao discurso oficial da Igreja que projeta os sexos em conformidade com os gêneros, reforçam o ideal de mulher submissa ao homem, “ele é pastor e é administrador, ele é pastor e é juiz, ele é pastor e é pai”, a mulher serviria apenas para auxiliar o marido, pastor, o homem, de maneira geral. Tarefas administrativas, que exigiriam maior capacidade de raciocínio, não seriam próprias às mulheres, uma vez que, de acordo com a fala do pastor: “A gente deixa para a mulher [...] aquelas tarefas mais ligadas à vida espiritual da Igreja, a vida da mulher com a mulher, mulher para mulher, da mulher para criança”. A fala opera em plena conformidade com a atuação feminina na Igreja, tendo em vista que as mulheres são encontradas nas Classes de Escola Dominical e no Círculo de Oração? Se, por um lado, esses espaços podem ser interpretados como lugares de agência para as mulheres assembleianas, do outro lado, cabe ponderar se, no nível institucional, essa agência não seria invisibilizada na medida em que o cuidado espiritual atribuído à mulher necessitaria, a todo instante, da legitimação e da supervisão dos homens nos cargos de liderança, assentados no ‘topo da escada’?

Ainda sobre a normatização do corpo feminino, o discurso do pastor vai ao encontro do ideal feminino conservador, isto é, da mulher bem vestida, bem penteada, que passa seus dias em casa, esperando a volta do marido – provedor material e financeiro – do trabalho. A autoridade nas relações pertenceria exclusivamente ao homem, tanto na vida doméstica quanto no interior da Igreja, o que contribuiria para a manutenção da hierarquização entre os sexos de maneira a perpetuar a dominação masculina.

A justificativa em relação à divisão do trabalho e das coisas com base na diferenciação social, novamente, encontra fundamentação na leitura literal de partes, convenientes da Bíblia. O Pastor continua sua fala:

⁷⁴ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Gênesis, 2:18.

Por que a Assembleia de Deus não ordena pastoras, com raras exceções?! Porque não faz parte da Bíblia a chamada de pastoras para o ministério. O senhor Jesus chegou e só chamou apóstolos, doze homens.⁷⁵

Em seguida, a fundamentação bíblica:

[...] em relação às ordenanças na Igreja: 'e ele mesmo deu uns para apóstolos e outros para profetas e outros para evangelistas e outros para pastores e doutores' [...] Não inclui as mulheres, os dons ministeriais, ele deu para os homens.⁷⁶

Com base na entrevista realizada com o pastor-presidente da Assembleia de Deus – Missões, pode-se perceber um grande esforço para normatizar a identidade feminina. Entretanto, haveria tensões entre os intentos normatizadores da instituição religiosa e a agência feminina no interior da Igreja? Até o momento, a fala do pastor-presidente reproduziu apenas discursos em consonância com ideais femininos e também masculinos, pautados por uma perspectiva de gênero estanque. Utilizar Bourdieu de maneira flexível, juntamente a noções preponderantes na obra de Judith Butler possibilitarão perceber até qual ponto a Igreja, de fato, regula e tem o controle na produção da identidade feminina assembleiana, possibilitando retomar a resposta negativa da pergunta feita no início da sessão.

2. Pós-estruturalismo: a virada epistemológica

De acordo com Rosado⁷⁷, a organização verificada nas instituições religiosas é apontada como androcêntrica, hierárquica e excludente, quando se trata da participação feminina. Até qual ponto tal afirmação seria precisa? Seria possível generalizar a organização de todas as igrejas? Todas operam o poder de forma similar? E as igrejas fundadas por mulheres? Tais questões parecem problematizar concepções homogêneas acerca da organização e da distribuição do poder no interior das igrejas.

A perspectiva estruturalista a respeito do gênero muito contribuiu e inovou para os estudos feministas. Simone de Beauvoir, através de sua publicação mais

⁷⁵ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

⁷⁶ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

⁷⁷ ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 85, 2001.

famosa, *O segundo sexo*, publicado na década de 1940, contribuiu de forma decisiva para o início da compreensão da agência feminina⁷⁸. Entretanto, apesar de decisivo para o feminismo, seus estudos precursores na área deram maior ênfase a perspectivas dicotômicas e binárias. A mulher, portanto, foi vista através de uma percepção universal, conseqüentemente, homogênea e com caráter de unidade.

Eis que surge uma nova forma de compreender e acionar a categoria de gênero. Trata-se do pós-estruturalismo, permitindo agora, a análise de forma analítica, levando em consideração a interseccionalidade na formação da identidade do sujeito. Ora, a assunção de gênero enquanto categoria interseccional significa dizer que o humano é constituído através de diversos elementos, tais como: raça, classe, escolaridade, religião, contexto geográfico, etc. Ou seja, as teorizações a respeito de sujeitos universais, compostos por uma mesma essência, dão lugar à problematização e à desconstrução dos sujeitos enquanto fixos.

O pós-estruturalismo propõe romper com os esquemas de interpretação tradicionais ocidentais pautados em visões de gênero binárias, universais e essencialistas. Não obstante, põe em suspensão as ideias de pré-estrutura e de significados invariáveis para determinado símbolo. Perceber o sujeito enquanto universal significaria concebê-lo enquanto homogêneo dotado de unidade. Caso a pesquisa em questão percebesse a mulher como unidade, o problema central seria inexistente, pois não haveria tensões existentes entre as mulheres assembleianas e o discurso oficial produzido pela Igreja. Entretanto, as identidades das mulheres assembleianas estão em constante processo de construção, reconstrução, adaptação e transformação.

Logo, pode-se dizer que as fissuras e as negociações entre mulheres assembleianas e discurso da Igreja existem, sim! E a visão pautada em uma perspectiva pós-estrutural ajudará a perceber tais tensões, na medida em que:

A noção de sujeito estava marcada por particularidades que se pretendiam universais e, na medida em que pretendiam universalizar as especificidades do homem branco, heterossexual e detentor de propriedades, este sujeito tornava-se uma categoria normativa e opressora, para usarmos a definição de Judith Butler.⁷⁹

⁷⁸ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

⁷⁹ MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista de Estudos Feministas*, n. 13, v. 3, p. 485, 2005.

Desse modo, o pós-estruturalismo, ao permitir desconstruir, abalar, criticar, problematizar, questionar categorias tidas como universais e unitárias, pelo estruturalismo, permite tornar os conceitos históricos e contextuais. Assim sendo, a compreensão das categorias de homem e mulher, pautadas na biologia sexual, relacionada diretamente ao gênero e, conseqüentemente, à identidade sexuada do sujeito, é posta em xeque. Já foi mencionado anteriormente que o campo permite colocar as categorias à prova, e o método pós-estrutural, neste sentido, torna-se o recurso viável para se testar as categorias estanques, assim como emergem do próprio campo de pesquisa, a fim de expor suas próprias limitações.

O pós-estruturalismo já detectou e revelou que as oposições sexuais não são naturais, ao contrário, são forjadas através das relações sociais, engendradas pelo poder, com finalidades particulares em contextos específicos. Isso implica dizer que caso a pesquisadora identifique uma hierarquia sexual no interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões, tal hierarquia, forjada no interior daquele campo, mas não só influenciada por normas religiosas, foi construída e mantida de tal forma a parecer natural. Não obstante, foi criada para obedecer a intentos particulares. Destarte, o pós-estruturalismo traz o sujeito enquanto um ‘eu’ plural, heterogêneo e, sobretudo, contingente. O ato identitário, portanto, está em constante transformação, e a palavra da vez é processo.

Nesse sentido, unidade e universalidade dão lugar à pluralidade e diversidade, na análise da formação do sujeito. E aqui está o *insigth* do pós-estruturalismo: a formação do sujeito é construída no interior de contextos sociais e culturais, marcados por relações de poder, responsáveis pela normatização dos corpos e condutas dos humanos.

2.1. A contingência do ser

Pensar em gênero enquanto categoria analítica pós-estrutural significa entender gênero enquanto algo fluido e nunca definitivo, o que permite enxergar as mulheres assembleianas como sujeitos plurais, dotadas de ação política e agência. Relegando a pré-estrutura para escanteio, o 'eu' seria inúmeras possibilidades, um ideal nunca completo, pois estaria em constante transformação de acordo com as relações de poder nas quais o 'eu' estivesse inserido.

Para Butler,

os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero. [...] Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um "fator" ou "dimensão" da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma "marca" de diferença biológica, lingüística e/ou cultural.⁸⁰

Quer dizer, a autora, além de fazer uma crítica radical ao sujeito estável, sobretudo, aquele sujeito 'mulher', utilizado pelo feminismo, demonstra que até mesmo as identidades sexuais são consequências de relações de poder contingentes. Mas, o que Butler estaria dizendo ao afirmar que as relações de poder são contingentes?

Carx legente, a autora estaria chamando atenção para a instabilidade do poder! O poder⁸¹, assim como o sujeito, não é estático, fixo, não é um ato finalizado,

⁸⁰ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 27.

⁸¹ Pensar em poder enquanto ato, não finalizado, mas em constante transformação, significa pensar em poder aos moldes foucaultianos e bourdieanos. Embora Butler seja considerada uma pensadora pós-estruturalista, seu raciocínio sobre como e de quais formas o poder age muito se relacionam à Foucault e Bourdieu. Explicando: para os autores estruturalistas, o poder seria uma estrutura de relações responsáveis por distribuir os sujeitos de forma hierárquica na sociedade, operando de forma desigual no reconhecimento dos sujeitos. Ora, de acordo com esse ponto de vista, o poder seria instrumentalizado com fins de normatizar e ordenar a probabilidade do viver. O mesmo seria uma relação duradoura na qual todos os sujeitos estão submetidos. Embora Butler siga o mesmo raciocínio, a autora vai além: apesar de reconhecer que a dinâmica do poder necessite das relações sociais para acontecer, o mesmo pode ser produzido não apenas pelas instituições – leia-se estruturas duradouras – mas, o poder também é exercido de maneira discursiva, ou seja, sua teoria da performatividade se aplicaria também às noções de poder. A despeito de ser nevrálgico para a

ele opera de acordo com o contexto no qual está inserido. Desse modo, pode-se considerar que o espaço religioso é um campo no qual há lutas e contradições, e sua organização não se mantém estática e natural ao longo de um período histórico de longa duração.

Ademais, Butler se faz necessária para a compreensão do problema da tese, por trabalhar, com maestria, temas caros à compreensão da autorrepresentação da mulher assembleiana, tais como: corpo, normatividade, gênero, performatividade. Sempre com o cuidado de incutir na legente a reflexão crítica, a autora é essencial para os estudos contemporâneos na área de gênero por rejeitar não somente a universalidade dos conceitos, mas também por trazer novas ferramentas para a análise das identidades sexuadas.⁸²

2.1.1. Corpos: materializados em favor da normatividade

Para se pensar o conceito de gênero a partir da obra sociofilosófica de Judith Butler, é preciso, antes, traçar linhas sobre alguns conceitos utilizados pela autora. Embora não tão famosos quanto a noção de performatividade, os conceitos de corpo, materialidade e normatividade são de extrema importância para a compreensão da noção de gêneros performativos.⁸³ Desse modo, o presente tópico abordará as relações entre os corpos, normas e materialidade.⁸⁴ Pensar em corpo,

compreensão da identidade feminina assembleiana, ou seja, para a teoria da performatividade de gênero, a genealogia do poder não será trabalhada na tese. O que se pretendeu com essa nota foi salientar a importância de que os estudos sobre o poder em Foucault e, também, em Bourdieu são essenciais para compreender gênero de forma performativa. Para acessar a discussão acerca de poder nos autorxs citadxs na nota, ver: BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018; PERISSINOTO, Renato M. História, sociologia e análise do poder. *História Unisinos*, n. 3, p. 313-320, 2007; FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. p. 231-249. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2018; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988; BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1989.

⁸² Trabalhar minuciosamente todas as obras da autora seria trabalho hercúleo para quatro anos de pesquisa, desse modo, serão trabalhados os principais conceitos da autora, que, somados aos conceitos já trabalhados de Pierre Bourdieu, darão base argumentativa para a escrita da tese.

⁸³ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; BUTLER, Judith. Performatividad y políticas sexuales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 4, n. 3, p. 321-336, 2015.

⁸⁴ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002; BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona*. Florianópolis: Editora Ufsc,

norma, matéria requer pensar em poder, sobretudo, na forma em que o poder opera, a partir de quais instâncias e com quais propósitos.

Uma das questões preponderantes do pós-estruturalismo é a noção de desconstrução de conceitos que operam de forma a parecerem naturais e universais. Ora, a historicidade é trazida para a equação como há muito não se via. Refletir contextualmente significa que até mesmo o poder opera em contextos distintos de formas distintas e que, provavelmente, sofrerá alterações em uma história de longa duração, tendo em vista que os intentos são transformados, que as pessoas são transformadas, os contextos são transformados, etc. Logo, seguindo o raciocínio de Butler⁸⁵, não é possível pensar o poder de forma estática e fixa, conseqüentemente, as relações de poder no interior dos campos são alteradas ao longo do tempo.

Então, cabe perguntar: apesar de ser alterado ao longo do tempo, o poder serve a alguém, mas com qual finalidade? No interior da Igreja Assembleia de Deus – Missões, o poder parece operar de forma hierárquica em relação à identidade sexual. Mas, com qual objetivo o poder estaria operando de forma hierárquica?

De acordo com Butler⁸⁶, o poder opera para constituir com êxito o terreno do seu objeto com intento de naturalizar e conferir a seu objeto caráter ontológico. E, nesse sentido, esquemas hegemônicos de classificação e organização têm ditado as normas e regras aceitáveis. No caso brasileiro, sobretudo, no interior da Assembleia de Deus – Missões, o esquema hegemônico é pautado no binarismo sexual, relegando à mulher um papel subalterno em relação ao homem. Isso, entretanto, não quer dizer que todas as mulheres agem de acordo com o sistema hegemônico vigente.

O poder vai operar em favor de uma norma, que exclui e delimita toda uma matriz de inteligibilidade. Pode-se compreender, enquanto matriz de inteligibilidade, segundo interpretação feita a partir de Butler:

o campo em que políticas estão em jogo. Forjado a partir das agências detentoras de capital simbólico, como por exemplo, a igreja, este é responsável pelas formas nas quais os gêneros são construídos, se tornam inteligíveis e, conseqüentemente, são

2014; BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

⁸⁵ BUTLER, Judith. Regulaciones de género. *LAVENTANA*, n. 23, p. 9, 2005.

⁸⁶ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 64.

legitimados. Nesse sentido, é a ordem cultural quem dita as normas para a inteligibilidade dos sexos e gêneros [...]. Tais normas operam inseridas nas práticas sociais e quando têm por finalidade a normatização, operam de maneiras implícitas, ou, em poucos casos, de maneira explícita. Apesar da dificuldade de leitura e discernimento de tais, podem ser vislumbradas nos efeitos que produzem. A norma governa a inteligibilidade e discerne sobre a possibilidade de certos tipos de práticas e ações reconhecíveis.⁸⁷

Considerar campos como espaços habitados requer pensar nas normas que governam e regulam esses campos com fim de construção de uma matriz de inteligibilidade. Entretanto, cabe ressaltar dois pontos importantes: 1 – os campos, aqui, são espaços de sociabilidade nos quais existem jogos de poder operando a todo o momento; 2 – as normas estão no plural, pois as mesmas são constituídas a partir da pluralidade, da interseccionalidade, da heterogeneidade.

A regulação dos sujeitos, pois, é feita através de um conjunto de normas forjadas no interior de instâncias detentoras de poder, entretanto, vão além de tais instâncias. Ao produzirem um campo de inteligibilidade, as regulações acabam por regular e normatizar o sujeito, conseqüentemente seu corpo, sexo e gênero. Butler⁸⁸, ao andar de mãos dadas com o pós-estruturalismo, alerta para o elemento crucial na compreensão da operação do poder através das normas: o ato da fala. Isso significa que as normas só operam dentro de práticas sociais através de discursos. Ao ser acionadas pelos discursos no interior dos campos, as normas, responsáveis pela inteligibilidade, quer dizer, legitimidade ou não de um sujeito, permitem que algumas práticas e ações sejam reconhecidas enquanto legítimas, e outras, não.

O elemento 'gênero', juntamente com os elementos biológicos – cromossomos, hormônio – é o mecanismo no qual feminino e masculino são produzidos, reproduzidos e legitimados. Propor-se-á, portanto, a retomada de um assunto abordado anteriormente: os esquemas hegemônicos de classificação e organização. Tais esquemas trabalham a partir de um discurso normativo do feminino/masculino de forma restritiva, determinística e fixa, ao negar a existência plural de gêneros. Os esquemas de classificação hegemônicos são baseados em um binário – masculino/feminino, macho/fêmea – natural⁸⁹. Exclui-se, portanto, a

⁸⁷ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. *NUMEN*, v. 18, n. 2, p. 101, 2016.

⁸⁸ BUTLER, Judith. BUTLER, Judith. Regulaciones de gênero. *LAVENTANA*, n. 23, p. 10, 2005.

⁸⁹ É característica da norma produzir o efeito de natural, através da reiteração da própria norma, conseqüentemente, criando um atributo de essência.

possibilidade de compreender a identidade sexuada dos sujeitos para além de um regime sexual biológico. As alternativas são postas de lado em favor de um poder que regula e normatiza o humano. Seria interessante acrescentar aqui que esse regime sexual biológico que se define pelo binarismo é amplamente documentado na tradição dos textos bíblicos que fundamentam a cultura religiosa e social cristã, como pôde-se verificar nas falas do pastor entrevistado.

Contudo, Butler afirma: “a norma tem uma temporalidade que abre para uma forma subversiva dentro de e a um futuro que não pode ser completamente antecipado”⁹⁰. Nesse momento, você pode estar se perguntando: o que significa dizer que a norma tem uma temporalidade? Simples: as normas que regulam a inteligibilidade social, além de serem históricas, são produzidas socialmente. Portanto, as leis, regulações, normas, não são imutáveis, elas podem sofrer alterações a partir de questionamentos e problematizações em relação a instituições que as regulam e as legitimam.

Portanto, fica claro o objetivo de Butler⁹¹ ao trabalhar as normas inseridas nas práticas sociais através dos discursos. A autora esclarece a imbricação entre norma e relações de poder, pois as normas nada mais seriam do que a forma (implícita) que permite ao poder refletir sobre suas estratégias e definir seus objetivos. Ao marcar, a norma é um mecanismo regulatório de normatização que serve como ferramenta para: julgar, regular, restringir as práticas sociais, operar em favor do poder. Mas, sobretudo, as normas têm a função de conferir a impressão de realidade através da repetição, leia-se, reiteração da própria norma.

Butler escreve:

Segun la noción de normas explicada anteriormente, podríamos decir que El campo de realidad producido por lãs normas de gênero constituye El telón de fondo para la aparición en la superficie de genero em SUS dimensiones idealizadas.⁹²

⁹⁰ BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona*. Florianópolis: Editora Ufsc, 2014, p. 43.

⁹¹ Ver: BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona*. Florianópolis: Editora Ufsc, 2014; BUTLER, Judith. BUTLER, Judith. Regulaciones de gênero. *LAVENTANA*, n. 23, 2005; BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015; BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre lós limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

⁹² BUTLER, Judith. Regulaciones de gênero. *LAVENTANA*, n. 23, p. 29, 2005. Em tradução livre: “De acordo com a noção de normas explicada acima, poderíamos dizer que o campo da realidade produzido pelas normas de gênero constitui o pano de fundo da aparência na superfície do gênero em suas dimensões idealizadas”.

Ora, a autora demonstra um dos sentidos importantes da regulação: a regulação dos sujeitos através do gênero. Vinculada ao processo de normatização, a regulação opera como uma condição de inteligibilidade cultural dentro dos espaços de sociabilidade para qualquer indivíduo. Entretanto, qualquer indivíduo é regulado pelo gênero? A regulação de gênero é sempre eficaz? Existe sujeito fora da matriz de inteligibilidade?

Refletir a partir de Judith Butler significa pensar através de reflexões críticas. A crítica da universalidade – constituída – por uma inquestionabilidade é um dos pontos centrais de sua obra. Perceber, portanto, o universal como um lugar de disputas de poder – políticas – permanente é um bom princípio para pensar a constituição do sujeito. Ao desconstruir a categoria universal, a autora afirma: “Nesse sentido, não estou me desfazendo da categoria, mas tentando aliviá-la de seu peso fundamentalista.”⁹³ Isso significaria dizer que a categoria universal, para a autora, deveria ser pensada a partir de uma perspectiva de abertura, a qual permitiria contestações, reivindicações, transformações, conseqüentemente, deixando de lado seu caráter totalizador. Pensar contextualmente, historicamente, levando em consideração o jogo de poder no interior das relações sociais, abre espaço para a interrogação da construção do sujeito. Afinal, como o sujeito é constituído?

Sendo assim, para Butler:

O “eu” é o ponto de transferência daquela repetição, mas simplesmente não é uma asserção forte o suficiente para dizer que o “eu” é situado; o “eu”, esse “eu”, é constituído por essas posições e essas “posições” não são meros produtos teóricos, mas princípios organizadores totalmente embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, aquelas matrizes de poder e discurso que me produzem como um “sujeito” viável. Com efeito, esse “eu” não seria um eu” pensante e falante se não fosse pelas próprias posições a que me oponho, pois elas, as que sustentam que o sujeito deve ser dado de antemão, que o discurso é um instrumento ou reflexão desse sujeito, já fazem parte do que me constitui [...]. Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida. ⁹⁴

Butler traz a noção de sujeito a partir de uma perspectiva teórica diferente. Mas em qual lugar estaria situada essa diferença? No princípio fundante da

⁹³ BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos PAGU*, n. 11, p. 17, 1998.

⁹⁴ BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos PAGU*, n. 11, p. 18, 1998.

construção de cada sujeito: “Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida”. Quer dizer, sua crítica do sujeito, não se refere à anulação, ou mesmo à negação do sujeito, mas no modo como pensar o sujeito, sobretudo, através de um caráter ontológico comum a todos os sujeitos, os quais transitam por vários lugares, ocupam diferentes posições e estão em relação a outros sujeitos e conjuntos de normas. Objetivamente, o exercício gira em torno de refletir sobre as operações pelas quais cada indivíduo passa para se tornar um sujeito, dotado, portanto, de direitos políticos.

Já foi abordada a relação existente entre o poder e as normas que constituem o espaço social. Mas como relacionar tais questões com a produção do sujeito? É de extrema importância ter em mente que os campos de sociabilidade são constituídos por normas inseridas dentro dos contextos das relações sociais. Tais normas, que agem em favor do poder, carregam disposições materiais e, sobretudo, questões morais. Logo, a matriz de inteligibilidade, responsável pela constituição e reconhecimento dos sujeitos, além de ser uma matriz de poder, é uma matriz moral. Analisar cada sujeito e sua constituição, parte, portanto, de um ponto de vista contextual, pois cada contexto carrega em suas normas questões éticas e morais que serão acionadas de acordo com cada situação específica.

O pulo do gato é conceber a moral no interior de contextos sociais, isso porque tais contextos são mutáveis. Não existe regra fixa dentro dos contextos, os mesmos são alterados ao longo da história. E é justamente o contexto no qual se está inserido que permitirá acionar as categorias de certas formas ou não. Pode parecer um tanto vaga como a noção de moral foi inserida no texto. Você pode estar se perguntando: o que a tese pretende ao trazer o conceito de moral?.

O pressuposto forte aqui é que o espaço religioso é um *lócus* no qual há uma forte ligação com a moral e questões éticas. Tendo em vista que este trabalho tem como objeto a mulher no interior do espaço religioso, inserir tal conceito torna-se preponderante. Pois,

não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas condicionadoras, que, por

serem normas, têm caráter social que excede um significado puramente social ou idiossincrático.⁹⁵

Portanto, pensar a constituição do sujeito requer pensar tal sujeito no interior de uma matriz de inteligibilidade, formada por normas temporais. Sendo assim, a constituição do sujeito tem menos relação com uma essência natural pertencente a todos os indivíduos, mas sim, com a relação – histórica e contextual – desse sujeito com o conjunto de normas que regulam e normatizam as relações sociais no interior de seu campo de sociabilidade. Contudo, a constituição de cada sujeito é contingente e, aqui, indo além de Butler, para compreender a mulher no interior da Assembleia de Deus – Missões, e as tensões ou não do reconhecimento de si com o discurso religioso, pretende-se abordar o espaço religioso como um entre vários campos, composto por suas normas morais e éticas, conseqüentemente, dotado de sua própria matriz de inteligibilidade.

Dessa forma, as normas que compõem a matriz de inteligibilidade – leia-se matriz de poder – no interior do espaço religioso são próprias ao espaço religioso e são elas que irão estabelecer as fronteiras do que será inteligível na construção do sujeito no interior daquele esquema histórico. Isto posto, não é possível a criação de um sujeito exterior às normas que regulam, delimitam e normatizam as relações sociais próprias àquele contexto histórico. Dito isto, a norma em atuação é invariavelmente social, pois é no interior dos discursos que elas se produzem, reproduzem, ressignificam, significam os corpos e as coisas.

Dessa forma, o sujeito só é sujeito enquanto contingente, ele é um processo, quer dizer, está sempre em construção de acordo com os contextos históricos nos quais está inserido.

Pois se o sujeito é constituído pelo poder, esse poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído, pois esse sujeito nunca está plenamente constituído, mas é sujeitado e produzido continuamente. Esse sujeito não é base nem produto, mas a possibilidade permanente de um certo processo de re-significação, que é desviado e bloqueado mediante outro mecanismo de poder, mas que é a possibilidade de retrabalhar o poder.⁹⁶

⁹⁵ BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015, p. 18.

⁹⁶ BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos PAGU*, n. 11, p. 22, 1998.

Ao ser reconstituído a cada momento, o sujeito é reiterado em cada discurso, não obstante é permeado por novos esquemas de poder. E é somente por estar no interior da norma que o sujeito tem a possibilidade de reconstruir os esquemas de poder atuantes em seu contexto histórico, ou seja, em sua matriz de inteligibilidade, mas, também, de sofrer alterações em seu processo constitutivo no interior das relações sociais permeadas por discursos. Chega-se, portanto, à crítica da identidade única e estável feita por Butler, sobretudo, da identidade ‘mulher’⁹⁷. Importa, pois, perceber o sujeito enquanto contingente constituído no interior das normas que atuam de maneira a regular, legitimar e reconhecer os princípios de um sujeito viável. Mas, se as normas agem somente através dos discursos no interior das relações sociais, qual seria a relação entre o ato da fala, a constituição de um sujeito e a materialização desse sujeito?

A categoria de sexo seria o ponto de partida para responder a pergunta feita no parágrafo anterior. Obviamente, que não pensada daquela forma, pensada a partir uma perspectiva de gênero estruturalista: como pano de fundo biológico, quer dizer, natural, para a construção sociocultural de um gênero em conformidade com o sexo biológico. Butler⁹⁸, ao trabalhar a categoria de sexo, engloba a mesma como uma categoria discursiva possibilitada através das relações sociais em contextos históricos específicos. Sendo assim, a autora nega sexo enquanto uma categoria pré-discursiva, ou seja, como um referencial fixo, estanque, sobre o qual se constrói culturalmente o gênero.

Sexo, portanto, tem seu lugar na fala, é uma entre as várias normas que regulam e normatizam o sujeito para fazer com que o mesmo seja viável no interior de uma matriz de inteligibilidade. Portanto, é uma categoria normativa, que qualifica o sujeito e se faz parecer natural, ontológica, dotada de essência, portanto. Sexo, enquanto categoria, funciona não somente como norma, que exclui e regula, mas também é uma das operações que produz os corpos; diga-se de passagem, corpos esses governados pelas normas. Mas o que significa pensar em sexo enquanto categoria normativa que governa os corpos? Significa dizer que, assim como

⁹⁷ Para saber mais detalhes sobre a crítica de Judith Butler ao movimento feminista, ler: *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*.

⁹⁸ Ver: BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*; BUTLER, Judith. *Como os corpos se tornam matéria*; BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*; OLIVEIRA, Adriana Vidal de. *A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista*.

gênero, sexo, para surpresa de muitas pessoas, também é um construto social. Apesar de parecer fixo, o sexo, assim como o sujeito, é contingente e seu ato fundante insere-se na interpelação do bebê. A partir desse ponto, o sexo, construto social-ideal, ganha caráter de natural e, conseqüentemente, é necessária a reiteração constante do sexo desse indivíduo. É através do tempo que o sexo vai ser forçosamente materializado em favor da norma que regula, restringe, constrói e legitima o corpo sexuado.

Desse modo, sexo não é apenas a descrição estanque do que é uma pessoa, pelo contrário, ele é uma das normas que tornam alguém viável tendo como função a materialização do corpo para ser reconhecido no interior da matriz cultural. O sujeito só se torna viável após ter passado pelo processo discursivo de ter assumido um sexo, o que significa dizer que a materialização dos corpos é intrínseca às normas regulatórias do sujeito. E ao mesmo tempo que alguns sujeitos materializam seus corpos em conformidade com a norma, existem aquelas pessoas que não têm sucesso em materializar seus corpos em conformidade com as normas regulatórias. A consequência é uma matriz de inteligibilidade excludente que produz corpos viáveis e abjetos⁹⁹, simultaneamente.

Se os corpos só são construídos no interior de esquemas discursivos reguladores, pode-se compreender a materialização dos corpos como nexos historicamente contingentes de poder e nos discursos. Esclarecendo, a materialização dos corpos é um ato, não um ato singular, mas um ato contínuo, um processo que ocorre durante a história para atuar na reiteração das normas. Em vista disso, não existe corpo puro, como também não existe o sexo ideal, o que se tem são, apenas, relações de poder agindo em contextos históricos na formulação e constituição de cada sujeito.

Destarte, reconhecer o corpo como algo construído requer pensar que a materialização dos corpos só existe dentro de limitações produtivas de esquemas reguladores, que assumem um alto grau de generalização. Se o corpo só se

⁹⁹ “A abjeção dos corpos ocorre dentro de um processo discursivo no contexto social, em que operam relações sociais e poderes com possibilidades de construir significados de acordo com seus interesses. Os corpos, compostos por fronteiras fluidas e por discursos, são capazes de materializar identidades e manifestações de gênero. Ocorre que nem sempre a identidade materializada é aceitável na matriz de inteligibilidade. E é disso que se trata a abjeção, a sinalização de comportamentos e identidades que estão fora do esquema binário em que os sexos/gêneros estão inseridos.” GOUVÊA NETO, Ana Luíza. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. *NUMEN*, v. 18, n. 2, p. 102, 2016.

materializa de forma sexuada, em um contexto no qual o poder opera de maneira a diferenciar macho/fêmea, verificar-se-á a hierarquização dos sexos. Percebe-se que a materialização do sexo se constrói a partir de vias puramente restritivas ao interpelar sexualmente o sujeito através das normas ao longo do tempo, conferindo-o inteligibilidade ou não.

Contudo, compreender a materialidade enquanto um processo permite constatar que “la materialización nunca ES completa [...] cuerpos nunca acatan enteramente lãs normas mediante lãs cuales se impone su materialización.”¹⁰⁰ Assim sendo, o processo de materialização é constituído ao longo de uma história de longa duração e se estabiliza com o objetivo-fim de definir, delimitar as fronteiras dos corpos. As normas que operam através de esquemas regulatórios não são atemporais, mas estruturas contextuais que permitem a produção e a submissão dos corpos sexuados. Entretanto, se a reelaboração só pode ocorrer no interior da própria norma, e não como oposição ao poder, a performatividade do gênero só poderá ser pensada em conjunto com sistemas sexuais regulatórios.

2.1.2. O gênero performativo

Trabalhar as tensões existentes entre o discurso oficial assembleiano e o autorreconhecimento de mulher no interior da Assembleia de Deus – Missões passa, obrigatoriamente, pela compreensão da categoria de gênero enquanto método de análise crítica. Trabalhar gênero de maneira crítica requer reconhecer que cada mulher assembleiana tem sua formação identitária constituída de forma diferencial através de relações sociais que envolvem: raça, idade, escolaridade, *status* social, moradia, etc. Para colocar a mulher como agente de sua religiosidade e de sua própria história, é preciso reconhecer: 1 – que o espaço religioso é um campo construído por relações sociais, isso implica dizer que há relações de poder operando no interior desse campo a favor de normas que regulam e legitimam os sujeitos de acordo com intentos específicos; 2 – que a identidade ‘mulher’ enquanto

¹⁰⁰ Em tradução livre, “a materialização nunca é completa [...] os corpos nunca acatam inteiramente as normas mediante as quais se impõem sua materialização”. BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre lós limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002, p. 18.

identidade única, dotada de homogeneidade e essencialismo necessita ser problematizada.

Desse modo, não seria possível analisar as entrevistas dadas pelas assembleianas bem como os questionários respondidos e o Congresso Feminino do Círculo de Oração sem levar em consideração as problematizações de identidades fixas, estanques, generalistas, universais, feitas por Judith Butler em sua obra, mas sobretudo em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*¹⁰¹. Além de problematizar a assunção da categoria mulher como identidade política, a autora insere questões extremamente relevantes para a compreensão da categoria de gênero de maneira fluida, ou seja, pautada por uma multiplicidade de negociações e significações. Compreender gênero como fluido acarreta pensar para além do binarismo sexual, ou melhor, para além das fronteiras fortemente delimitadas que demarcam o macho e a fêmea e, conseqüentemente, o masculino e feminino. Abre possibilidades para se pensar as identidades sexuadas no plural, para além de dois, mas, sobretudo, para o caráter de abertura, de múltiplas possibilidades, de contingência do termo.

Para trabalhar gênero de forma fluida, leia-se performativa, portanto, Butler inicia seu raciocínio a partir da problematização do conceito de gênero¹⁰². Sua problematização gira em torno de algumas questões, entre elas: 1 – a necessidade de problematizar as formas pelas quais a categoria está sustentada e tem sua fundamentação em esquemas organizacionais de poder e política; 2 – a mulher como categoria de identidade única para a legitimação política do movimento feminista. Sem compreender esses dois pontos, perceber gênero como construto social contingente seria, no mínimo, confuso, tendo em vista que tais problematizações trazem para o debate a importância do poder na construção e reconhecimento do sujeito viável.

Mas, de qual forma a autora problematiza a construção de gênero levando em consideração as relações de poder?

Até agora já foi visto como o poder opera para normatizar os corpos através da interpelação do sujeito pelo sexo. Foi mencionado que as normas operam na esfera social a partir e para o poder com objetivo de tornar os sujeitos viáveis no

¹⁰¹ 2003.

¹⁰² BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

interior de uma matriz de inteligibilidade. Não obstante, foi trabalhada a forma através da qual o poder cria as normas para atuar no indivíduo ao longo do tempo de forma a reiterar a nomeação sexual. Desse modo, tanto corpo quanto o sexo e, conseqüentemente, a identidade sexuada de todo sujeito viável – mas também dos corpos abjetos – passam por um processo discursivo sem os quais o poder, através das normas, não conseguiria operar. Foi ressaltada a temporalidade do poder e, de modo conseqüente, a temporalidade das normas que constituem a matriz de inteligibilidade sem a qual não há reconhecimento do sujeito. Portanto, a historicidade e o contexto social é de fundamental importância quando se trabalham de maneira crítica o surgimento dos sujeitos, a materialização de seus corpos e de seu sexo.

Assim sendo, a problematização de Butler em relação aos esquemas de poder parte com base no sistema hegemônico que regula o reconhecimento sexual no Ocidente, ou seja, o binarismo sexual. O problema do binarismo sexual insere-se na restrição ao reconhecimento dos sexos e gêneros apenas em pares opostos: macho/fêmea e masculino/feminino. Não obstante, ao trabalhar em favor do poder, do poder operando em prol de relações que reforçam o paradigma da dominação masculina, tal esquema de organização sexual traria como conseqüência a heterossexualidade compulsória, bem como a hierarquização dos sexos, sobrepujando a fêmea em detrimento do macho. A disfunção estaria na categorização de sexo enquanto elemento anterior à cultura, ou seja, como algo pré-discursivo e natural, sobre o qual a cultura agiria em conformidade produzindo os gêneros. Vale pensar, neste caso, que no campo religioso – especificamente, assembleiano –, esse discurso anterior, naturalizado, baseia-se na autoridade sobrenatural, universal e inquestionável da crença em Deus. Ele é quem definiu desde o início a binariedade: E foram feitos homem e mulher: “E Deus criou homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”¹⁰³ sendo que a mulher teria sido criada a partir do homem, para auxiliá-lo: “E disse o Senhor Deus; Não é bom que estejas só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”¹⁰⁴. A interpretação desses extratos que se tornou regular prevê, pois que a distinção homem/mulher e a autoridade do primeiro sobre a segunda justificam-se na anterioridade Deus em relação à cultura.

¹⁰³ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Gênesis, 1: 27.

¹⁰⁴ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Gênesis, 2: 18.

Decorre desse pressuposto irrevogável, que tal sistema de poder, binário, tem sido eficazmente assegurado ao longo do tempo através de instituições detentoras de capital simbólico, tal como a religião. No seio da Igreja Assembleia de Deus – Missões, a organização institucional passa pelo crivo da diferenciação sexual biológica, o que traz consequências para o reconhecimento das mulheres enquanto agentes de poder. Lá, as mulheres são tidas como adjutoras, tão somente, dos homens, os varões responsáveis pela parte administrativa e política da vida, no sentido geral. Discursos conservadores sobre os sexos e gêneros ainda são os responsáveis pela normatização no interior daquele espaço religioso. E nesse sentido, a mulher ainda é vista como um sujeito (?) dotado de sentimentalismo, docilidade, empatia, sobre o qual a normatização dos corpos e identidades têm um peso superior à normatização dos corpos e identidades masculinas.

Falar em normatização dos corpos e identidades passa também pela forma com a qual mulher deve portar-se no interior da Igreja, mas, também, sobre a forma correta para a mulher assembleiana se vestir. Sobre a forma de se portar na Igreja, o discurso oficial vai ao encontro de: “Mas quero que saibas que Cristo é a cabeça de todo o varão, e o varão a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo.”¹⁰⁵; “As mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.”¹⁰⁶, “E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja.”¹⁰⁷

Todavia, a mulher na Assembleia de Deus – Missões parece ter encontrado uma forma de tensionar, ressignificar e subverter o discurso oficial através do Círculo de Oração. Durante as reuniões, as palavras estão com as mulheres, elas têm o poder de permitir que um homem fale ou não. Não obstante, o Congresso anual do Círculo de Oração é o efeito mais nítido produzido pela resistência feminina no interior do espaço religioso. Contudo, tal resistência pode ser notada em outros aspectos cotidianos, como a maneira de se vestir.

¹⁰⁵ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. I Coríntios, 11: 3.

¹⁰⁶ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. I Coríntios, 14: 34.

¹⁰⁷ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. I Coríntios, 14: 35.

Imagem 2. Seção *Com Estilo* da revista *Mulher, Lar & Família Cristã* - 2000¹⁰⁸



¹⁰⁸ MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, p. 57, 2000.

Imagem 3. Foto obtida na página do Facebook da Igreja - 2017¹⁰⁹



A imagem número 1 foi retirada de uma das revistas analisadas durante o trabalho de Mestrado, nela nota-se a mulher vestida de uma forma que pode ser considerada conservadora, ou seja, com saias longas, cobrindo os joelhos, cabelos presos, braços cobertos.¹¹⁰ Tal imagem demonstra os intentos normatizadores da Assembleia de Deus no que diz respeito ao corpo feminino. Já na imagem de número 2, vê-se a mulher vestida com calças pretas e cabelos soltos. Mas, o que

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Igreja-Assembleia-de-Deus-em-Juiz-de-Fora-Miss%C3%B5es/141758499343097>. Acesso em: 20 jan. 2018.

¹¹⁰ Vale especificar que seria conservadora essa forma de se vestir porque ‘conserva’ uma tradição segundo a qual a mulher deve se apresentar publicamente de modo discreto: “Quanto às mulheres, que elas tenham roupas descentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém as mulheres que se professam piedosas” (I Tm 2,9-10). Neste caso, a roupa é empregada como símbolo de comportamento e, portanto, o modo de vestir expressa algo desse comportamento.

significaria uma mulher vestir calças na Assembleia de Deus – Missões no século XXI?

Significa dizer que é possível notar tensões entre os discursos oficiais da Igreja e a autorrepresentação feminina, ainda que seja de forma discreta. Ao andar pela Igreja em dias normais ou de festividades, é improvável encontrar mulheres trajando calças, embora não impossível. Tal questão remete à problematização da identidade 'mulher' de forma homogênea.

Ao se assumir a categoria mulher como identidade fixa, de acordo com Butler¹¹¹, cria-se um problema no que diz respeito à significação do nome. Ou seja, a identidade mulher fica condicionada a um significado único deixando de lado a múltipla significação do nome. Perceber a mulher enquanto agente a partir do gênero implica acionar inúmeros elementos para constituição de sua identidade, quer dizer, é preciso acionar a categoria de modo interseccional. Assim, é possível compreender as múltiplas identidades das mulheres assembleianas, pois o gênero nem sempre se constitui de acordo com a matriz de inteligibilidade operante no campo. Desse modo, construir uma identidade quer seja feminina, quer seja masculina, de forma fixa e estanque, leia-se única, torna-se impossível tendo em mente que o gênero não é fixo. Ora, mas de qual modo o gênero opera através de múltiplos significados?

Pensar em gênero, assim como corpo, como sexo, requer pensar em construção social, logo, no contexto social no qual tal conceito é pensado e constituído. Se sexo e corpo são elementos constituídos no interior da cultura, melhor dizendo, se materializam através de normas que agem em favor do poder a partir dos discursos contidos nas relações sociais, também é preciso pensar o gênero nessa perspectiva. Conceber as identidades enquanto únicas, normatiza e exclui, não obstante, põe de lado as múltiplas interseções existentes entre a cultura, o social e a política. Logo, Butler sugere pensar a categoria de gênero enquanto uma incompletude essencial, algo aberto, que está em constante mutação, recebendo novos significados, quer dizer, contingente¹¹².

¹¹¹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 20.

¹¹² BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 36.

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor.¹¹³

Gênero, portanto, é performativo, ou seja, representa uma manifestação e uma expressão marcada, quer dizer tem uma aparência que se confunde com o significado de uma essência interna, verdadeira e única. Falar em gênero performativo é pensar em uma categoria que busca expressar uma essência interior, embora seja produzido e organizado por um conjunto de normas com finalidade de produzir essa essência interior. E a religião enquanto instituição produtora de sentidos é uma importante matriz de inteligibilidade para a formulação dos valores e o reconhecimento entre os sujeitos. Enquanto produtora de uma matriz de inteligibilidade, a Assembleia de Deus – Missões opera seus valores regulando e normatizando os gêneros em dois pares opostos: masculino e feminino. Dessa forma, é preciso pensar gênero de forma contextual, levando em consideração o contexto social no qual tal conceito está agindo e com qual finalidade. Vale ponderar aqui que esse contexto religioso, entretanto, opera remetendo a um contexto anterior, o judaico-cristão, retomando-o sob o pressuposto de ideal que, portanto, deve-se replicar.

Entretanto, gênero enquanto performativo insere-se no interior dos discursos e das relações sociais, o que significa que as condições para acionar a categoria são históricas e culturais e, portanto, abertas a crises e a mudanças. O que significa dizer que quem mobiliza a noção de gênero pode até querer mantê-la sob controle imprimido-lhe certo significado a partir de uma matriz de inteligibilidade. Mas ‘no calor’ das relações sociais, culturais e historicamente construídas, os significados são acrescidos, tensionados e interseccionados com outras esferas e discursos, os quais interpelam a noção de gênero. Assim sendo, as mulheres assembleianas que operam em divergência ao discurso oficial da Assembleia de Deus – Missões merecem ser analisadas a partir dessa perspectiva: a de gênero performativo. Pensar que não há uma identidade fixa e verdadeira por trás das expressões de gênero é um bom começo para pensar o gênero enquanto contingente. Pois o

¹¹³ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012, p. 37.

mesmo, de acordo com Butler, pode ser verificado enquanto um ato, mas não um ato singular, um ato em constante processamento¹¹⁴. E assim como sexo e corpo precisam de reiteração ao longo do tempo para se materializarem com sucesso, o gênero também necessita se performatizar repetidas vezes.

Portanto, para se pensar em gênero, é necessário se pensar no poder regulatório das normas que operam em favor de uma restrição binária, na qual impera a dominação masculina e a heterossexualidade compulsória. Não obstante, é preciso pensar que gênero está amarrado à noção de sexo e de corpo de cada sujeito, que são sujeitados às normas reguladoras e legitimadoras. Contudo, não se trata apenas disso. A noção de gênero atrai pressupostos discursivos amparados pela tradição e os repele concomitantemente, em favor de novos pressupostos. Por isso, gênero compreende-se como performativo. Assim sendo, conceber gênero enquanto também contingente, permite pensar tal conceito para além das estruturas restritivas da construção do 'eu', norteadas por normas e regulamentos, enquanto sujeito reconhecível e em diálogo com a(s) matriz(es) de inteligibilidade.

¹¹⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012, p. 200.

CAPÍTULO II

3. Igreja Assembleia de Deus

A Igreja Assembleia de Deus no Brasil teve como fundadores dois migrantes suecos. Daniel Berg e Gunnar Vingren, batizados no Espírito Santo, inauguraram a primeira Assembleia de Deus em Belém do Pará, a partir da dissidência da Igreja Batista, em 1911. Vários são os autores que têm trabalhado a Igreja Assembleia de Deus¹¹⁵ enquanto objeto, de forma satisfatória, desde a fundação da Igreja ao funcionamento dos seus Ministérios. Portanto, o que se pretende nessas primeiras páginas não é contar a história de uma instituição religiosa que, em mais de cem anos de história, sofreu transformação e expansão. Deseja-se, sim, esboçar de forma resumida a doutrina, a heterogeneidade e a relação da Igreja Assembleia de Deus com o pastorado feminino. Compreender tais elementos é fundamental para situar a Igreja Assembleia de Deus – Missões em meio a um campo extenso e diversificado.

Freston¹¹⁶ inaugura em sua tese uma história do movimento pentecostal em terras tupiniquins. Tendo como base a implantação das igrejas pentecostais, o autor formula um enquadramento cronológico institucional e o classifica como a história das três ondas. Salientam-se nesse ponto dois aspectos: 1 – o presente trabalho não tem como objetivo expor as três ondas criadas por Freston e problematizadas por outros autores, tal como Mariano¹¹⁷, mas apresentar as características marcantes da primeira onda pentecostal; 2 – a utilização da classificação será utilizada, tão somente, para direcionar a pesquisa. Sendo assim, o presente trabalho não tem pretensão em utilizar a classificação criada por Freston enquanto categoria

¹¹⁵ Autores como Paul Freston, Gedeon Freire de Alencar, Marina dos Santos Correa são nomes que têm trabalhado a Assembleia de Deus nos mais variados aspectos. Portanto, indicam-se tais autores para aqueles leitores interessados em descobrir a Assembleia de Deus desde suas origens. Para além, ao se tratar do movimento pentecostal, muitos são os estudiosos relevantes, entre eles: Elisa Rodrigues, Clara Mafra, Ronaldo de Almeida, Paula Monteiro, Alberto Antoniazzi, Patrícia Birman, Leonildo Silveira Campos, Antônio Mendonça. Destaca-se que, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, estudos sobre a Igreja Assembleia de Deus já foram feitos, entretanto, sem levar em consideração o 'feminino' no interior desse espaço religioso. Ver: Ismael Vasconcelos Ferreira, Marcelo Lopes, Elienai de Oliveira Carvalho Castellano.

¹¹⁶ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 64. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

¹¹⁷ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

analítica estanque. Entende-se que a utilização de categorias de forma fechada e acabada não dão conta de explicar e compreender o campo enquanto lugar de dinâmica cultural e social, no qual relações de poder estão em jogo. Portanto, as categorias, aqui, serão testadas, problematizadas e colocadas à prova.

3.1. A doutrina pentecostal assembleiana

A primeira onda pentecostal e que, de fato, interessa para esse trabalho foi inaugurada no ano de 1910, com a implantação da Igreja Congregação Cristã em São Paulo e a implantação da Igreja Assembleia de Deus, em 1911, em Belém do Pará. Classificada por Mariano¹¹⁸ como ‘Pentecostalismo clássico’,

essa primeira onda marca o momento de origem e expansão mundial do pentecostalismo. Discriminadas pela Igreja Católica e por protestantes históricos, as igrejas que formam a primeira onda foram compostas, em seus anos iniciais, por pessoas pobres e sem escolaridade. Marcadas por um forte anticatolicismo, pela ênfase nos carismas – dons do Espírito Santo – e pela crença na iminente volta de Cristo, as duas igrejas pentecostais clássicas mantêm-se em postura asceta e sectária em relação ao mundo¹¹⁹.

Relacionar a identidade pentecostal assembleiana às características de ascetismo e sectarismo em relação ao mundo é um movimento comumente utilizado. Tal associação é reflexo de uma doutrina escatológica pautada em uma visão pré-milenarista¹²⁰, assumindo a teoria de Rocha¹²¹. Para Ferreira¹²², o ascetismo,

¹¹⁸ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

¹¹⁹ GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 37. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

¹²⁰ Na visão pré-milenarista, o Reino Justo e Feliz só ocorrerá após o retorno de Cristo. Não se pretende o engajamento político, social, e as esperanças em relação ao futuro terreno não são otimistas. Quanto maior a descrença na sociedade, menores as possibilidades de se crer na intervenção humana para a transformação do aqui e agora. A ação humana no que diz respeito a intervenções políticas e lutas sociais se faz desnecessária. Entretanto a evangelização é notória na busca de angariar mais fiéis para o Reino Celeste. Outra ênfase desta mentalidade é a pregação da mensagem da proximidade do fim. GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 22. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

¹²¹ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 70-71. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

sectarismo e a preocupação com o 'juízo final' seriam a materialização do discurso escatológico, sempre presente no pentecostalismo assembleiano. Ao ser analisada a partir de um lastro histórico de longa duração, pode-se verificar que a doutrina pentecostal assembleiana sofreu transformações e adaptações. Entretanto, o credo doutrinário da instituição – Manual de Doutrina das Assembleias de Deus no Brasil – elaborado pelo Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, publicado pela primeira vez no ano de 2000, aponta para a ideia da 'segunda vinda de Jesus'. Leia-se:

Cremos na segunda vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. A primeira, invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja da terra, antes da grande tribulação; a segunda, visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (Zc 14.5; 1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Jd 14; Ap 20.4). [...] Há alguns aspectos a destacar sobre a vinda de Jesus Cristo que formam o alicerce da doutrina escatológica exarada nas Escrituras Sagradas, das quais não podemos nos afastar, pelo fato de serem o cerne da doutrina sobre as últimas coisas.¹²³

Apesar das transformações doutrinárias encontradas na Assembleia de Deus ao longo dos seus mais de cem anos de história, em teoria, a doutrina encontrada nas igrejas filiadas à CGADB ainda seria pautada na escatologia¹²⁴ a partir de uma visão pré-milenarista¹²⁵. Quando da consulta do Manual de Doutrina para a

¹²² FERREIRA, Ismael Vasconcelos. *Neopentecostalização do pentecostalismo clássico: mudança na concepção escatológica das Assembleias de Deus*. 2014. 162 f. p. 34. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

¹²³ CGADB, Conselho de Doutrina da. *Manual de Doutrina das Assembleias de Deus*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 33.

¹²⁴ "A mentalidade escatológica está ligada à preocupação do fiel no presente em relação ao futuro. Anseios, sentimentos e crenças são transformados em uma linguagem que se traduz na espera pelo retorno iminente de Cristo." GOUVÊA NETO, Ana Luíza Gouvêa. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 21. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

¹²⁵ "A compreensão da transformação do pentecostalismo brasileiro desde sua implantação perpassa o conhecimento de uma mentalidade escatológica e da perspectiva milenar que esse grupo constrói e consolida de acordo com o contexto histórico em que está inserido. Estas visões são responsáveis por moldar e ditar os comportamentos dos pentecostais em relação à sociedade e ao dia a dia do fiel. Pode-se entender por milenarismo a crença em um Reino terreno, com duração de mil anos, entendido de forma literal ou de forma simbólica. O milênio é compreendido entre a primeira ressurreição – eleitos mortos – e a segunda – para todos os homens na hora de seu julgamento. O milênio intercala dois períodos: o tempo da história e a volta da 'Jerusalém Celeste'. [...] Na visão pré-milenarista, o Reino Justo e Feliz só ocorrerá após o retorno de Cristo." GOUVÊA NETO, Ana Luíza Gouvêa. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 21- 22. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

elaboração da escrita da tese, verificou-se que apenas homens compunham o Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. E, como o objetivo desse trabalho é relacionar religião e gênero, julgou-se oportuno abrir um parêntese nesse subtópico para explicar tal situação. As tabelas a seguir trazem a composição do Conselho nos anos de 2000 e 2016.

Tabela 2. Conselho de Doutrina da CGADB – ano 2000¹²⁶

Ano	Cargo	Nome	Estado
2000	Presidente	Pr. Paulo Roberto Freire da Costa	SP
	Secretário	Pr. Paulo César Lima da Silva	RJ
	Relator	Pr. Lázaro Benedito Alves	MT
	Membros	Dionísio Ignácio Rocha	SP
		Wilson Ferreira	ES
		Antônio Domingos dos Santos	PA
		Juvenil do Santo Pereira	SC
		Ronaldo Fonseca de Souza	DF
		Antônio Xavier dos Santos Vale	TO
		Edson Alves da Silva	AM
		José Deusdeditt Farias	CE
Raimundo João de Santana	RN		

Tabela 3. Conselho de Doutrina da CGADB – ano 2016¹²⁷

Ano	Cargo	Nome	Estado
2016	Presidente	Pr. Paulo Roberto Freire da Costa	SP
	Secretário	Pr. Emanuel Barbosa Martins	SP
	Relator	Pr. Isaac Pedro da Silva	PE
	Membros	Francisco Pereira	BA
		Carlos Roberto da Silva	SP
		Nemias Pereira Rocha	DF
		José Antonio da Silva Sobrinho	MT
		Océlio Nauar Araujo	PA
		Antonio Xavier dos Santos Vale	TO
		Joás Possidônio Alves Martins Reis	PA/MT
Agisse Verto da Silveira	RS		

¹²⁶ Tabela criada a partir do Manual de Doutrina das Assembleias de Deus,

¹²⁷ Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/index.php/cgadb/conselhos/doutrina>>. Acesso em: 18 set. 2016.

O discurso oficial da Assembleia de Deus, a partir das publicações impressas pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus), foi objeto de estudo durante o trabalho de Mestrado. A análise de duas revistas¹²⁸, não mais publicadas pela editora e direcionadas para o público feminino, revelou um discurso oficial pautado na normatização do corpo e comportamento das mulheres. Não obstante, o discurso construído pelos homens vai ao encontro de uma perspectiva de gênero pautada no estruturalismo de cunho biológico. Tal evidência pode ser afirmada, pois, de forma geral, os articulistas eram homens, assim como a maioria dos membros do quadro editorial. Dessa forma, pode-se dizer que as páginas analisadas traziam bem definido o que se julgava ser característico aos papéis femininos e masculinos, seus comportamentos e obrigações.

Ao analisar as tabelas expostas na página anterior, o que se pode notar? Ora, a manutenção de um discurso oficial excludente. Em dezesseis anos, não houve qualquer tipo de alteração na composição do Conselho de Doutrina da CGADB no que diz respeito à inserção feminina. Com exceção de dois membros, o restante do Conselho foi renovado, entretanto, nenhuma mulher pôde ser vista. Tal comportamento reflete o posicionamento que a Igreja sempre teve em relação ao lugar permitido à mulher na instituição. Basta salientar que tal posicionamento tem sido replicado, de maneira eficaz, pela Igreja Assembleia de Deus – Missões. Adiante será trabalhada essa relação e, para a compreensão desta, serão resgatados alguns pontos-chave desde a Primeira Convenção Geral, no ano de 1930.

Apesar do discurso oficial da CGADB, propagado através de suas publicações e composições de Diretorias e Conselhos, ir ao encontro de passagens como “E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja”¹²⁹, o campo tem suscitado novas maneiras de pensar a participação feminina no interior da Assembleia de Deus. Tais maneiras se encontram mais em consonância com uma perspectiva de gênero que possibilita pensar o papel dos sexos/gêneros de maneira mais fluida, levando em consideração o contexto histórico, social e cultural ao permitir a compreensão do humano enquanto algo contingente. Quer dizer, a mulher

¹²⁸ Foram analisados todos os volumes publicados das revistas: *Nosso Lar e Lar, Mulher & Família Cristã*.

¹²⁹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. I Coríntios 14:35. São Paulo: King's Cross Publicações.

assembleiana a partir de uma visão pós-estrutural pode ser enxergada de forma heterogênea e plural sem ter características fixas na constituição de sua identidade. Mas, de qual forma a Igreja Assembleia de Deus – lembrando que a heterogeneidade será trabalhada mais à frente – tornou-se mais flexível no que diz respeito à sua doutrina, práticas e comportamentos? Para responder ao questionamento anterior e fechar o parêntese aberto há algumas linhas acima, abordar-se-á a expansão territorial da Assembleia de Deus.

3.1.1. A expansão assembleiana

Até a década de 1950, as Igrejas Congregação Cristã e Assembleia de Deus dominavam o campo pentecostal brasileiro. Sem concorrência no campo religioso e acompanhando o fluxo migratório, os primeiros quarenta anos da Assembleia de Deus no Brasil foram de fundamental importância para a expansão territorial. A Igreja, que no ano de 1915 estava presente em três estados do país, deu um salto para vinte estados no ano de 1930, o que significa uma expansão de 65,39% em relação aos estados federativos.

Tabela 4. Expansão territorial Igreja Assembleia de Deus em seus primeiros 19 anos¹³⁰

Ano	Número de Estados
1915	3
1930	20

Atualmente, a Igreja Assembleia de Deus figura no cenário brasileiro como a maior Igreja pentecostal do país. Estando presente nos vinte e seis estados federativos e Distrito Federal, a membresia assembleiana contava com 12.314.408

¹³⁰ Tabela construída com base em: GOUVÊA NETO, Ana Luíza. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

peças em 2010¹³¹. Pode-se dizer que, em mais de cem anos, a Igreja Assembleia de Deus saiu da margem da sociedade para o centro. Se antes era vista como uma Igreja constituída por pessoas de baixa renda e pouca escolaridade, em dias atuais, na Assembleia de Deus, podem-se encontrar membros de variadas classes sociais e raças, embora, a situação do pentecostalismo no Brasil ainda seja desfavorável. Explicando: a religião que mais tem crescido ainda é constituída em sua maioria por pessoas de baixa renda.

A Igreja que no século passado enfatizava a glossolalia¹³², o batismo no Espírito Santo e que possuía uma visão pré-milenarista e por consequência mantinha-se à parte do mundo, desde o primeiro momento apresentava como característica marcante o apoliticismo. Entrementes, como o sujeito é contingente, bem como as relações de poder, a Igreja percebe a importância de se fazer representar na esfera pública política nacional. Um exemplo pode ser dado a partir da Convenção Geral de 1985, realizada entre os dias 15 e 22 de janeiro, na cidade de Anápolis, Goiás, na qual líderes tecem comentários sobre a importância da Constituinte. O lema inaugurado é o da oração mais ação; a ação do crente sob forma de voto.

O caso de Benedita Souza da Silva Sampaio, mulher, negra, assembleiana, que, através da militância na Associação de Favelas do Rio de Janeiro, foi eleita vereadora em 1982, serve como um dos inúmeros casos de tensão entre o discurso oficial assembleiano e a identidade feminina. Apesar de assembleiana, sua entrada no cenário público político nada teve a ver com a sua participação no interior da Igreja Assembleia de Deus, uma vez que a Igreja ainda não manifestava publicamente o interesse em entrar no debate político. Ir de encontro à regulação institucional significa enxergar a mulher, no caso Benedita, como um ser dotado de agência, o qual é constituído não apenas pelo espaço religioso, mas por espaços plurais de sociabilidade. Pensar a partir dos referenciais teóricos, nesse caso, possibilita compreender a subversão de Benedita ao espaço religioso como um

¹³¹ IBGE: instituto brasileiro de geografia e estatísticas. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/index.php>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

¹³² Entende-se por glossolalia a capacidade de falar em línguas de fogo através da intervenção do Espírito Santo. Ainda que não muito comum na Assembleia de Deus – Missões, pôde ser verificado tal dom, em algumas mulheres nos Congressos do Círculo de Oração, inclusive em uma das preletoras.

processo na construção de sua própria identidade no interior de vários campos constituídos por relações de poder.

Pensar em campos permite uma reflexão: a eleição de Benedita da Silva teria causado algum questionamento na compreensão que a Assembleia de Deus teria sobre a participação de seus membros na vida política? A autora crê que sim! Pois é inaugurado um novo momento no interior do espaço religioso em questão. A nova mobilização se reflete na indicação de candidatxs apoiadxs pela própria Igreja na tentativa de se perder a menor quantidade possível de votos. O resultado foi positivo, e a Assembleia de Deus conseguiu eleger 13 deputadxs na Constituinte, e, nas eleições de 2002, já eram 22 deputadxs ligadxs à Assembleia de Deus¹³³.

A entrada da Assembleia de Deus no cenário político demonstra as transformações e adaptações da doutrina assembleiana à sociedade. Tais adaptações e transformações têm repercutido de forma direta na expansão da Igreja através de dissidências internas – cisões por questões políticas, administrativas, geográficas. A lógica de organizar a Igreja a partir de Ministérios transformou a possibilidade de expansão da Assembleia de Deus em realidade.

3.2. Heterogeneidade pautada por Ministérios: unificação a partir da CGADB?

De acordo com Correa¹³⁴, a organização da Igreja a partir da ideia de Ministérios possibilita a criação de vários segmentos assembleianos, cada qual com seus próprios estatutos, normas e regras, leia-se, cada qual compondo um campo, dotado de seu próprio *habitus* e, sobretudo, de sua matriz de inteligibilidade. Sendo assim, as dinâmicas internas, os discursos dos pastores observados nos cultos, bem como o ser assembleiano – identidade assembleiana –, não só podem ser como são variados. Nesse sentido, é importante marcar a heterogeneidade que compõe o que usualmente se denomina como Assembleia de Deus.

¹³³ ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. p. 81. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

¹³⁴ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

Destaca-se nesse ponto a impossibilidade de compreender a identidade assembleiana enquanto universal, detentora de uma essência única. Quer dizer, toda definição de conceitos e sistemas ocorrem no interior de um contexto histórico particular. Tais definições, a todo o momento, estão sendo arranjadas e rearranjadas dentro de contextos históricos, sociais e culturais, e os responsáveis por tais definições têm razões e motivos para definir de uma forma ou de outra.

Sendo assim, os Ministérios assembleianos têm a autonomia de estarem ligados às Convenções estaduais, regionais e nacionais que assim desejarem. Entretanto, existem as igrejas autônomas, que podem ou não estar filiadas às Convenções estaduais, regionais e nacionais. Surgidas em 1921 e 1926, as Convenções estaduais e inter-regionais/interestaduais, respectivamente, foram criadas por missionários com objetivo de resolução de pendências internas, mas também com o objetivo de marcarem a identidade no que diz respeito às igrejas¹³⁵. Oficializadas na Convenção Geral no ano de 1935, em João Pessoa¹³⁶, as Convenções estaduais e inter-regionais/interestaduais reúnem evangelistas e pastores em esfera estadual, regional e internacional que contêm registro e cadastro na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. As tabelas a seguir apresentam as Convenções estaduais e inter-regionais/interestaduais filiadas à CGADB de acordo com a região do país.

¹³⁵ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 347 f. p. 98. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹³⁶ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 213.

Tabela 5. Convenções filiadas à CGADB – região Norte¹³⁷

REGIÃO	ESTADO	CONVENÇÕES
Norte	Acre	CEIMADAC - 02
	Amapá	CEMEADAP - 17
	Amazonas	CEADAM - 10
		CEADTAM - 63
	Pará	COMIEADEPA - 01
		CIADSETA-PA/MT - 58
		CIMADB - 61
	Rondônia	CEMADERON - 08
Roraima	CEDADER - 28	
Tocantins	CIADSETA-TO - 29	

Tabela 6. Convenções filiadas à CGADB – região Nordeste¹³⁸

REGIÃO	ESTADO	CONVENÇÕES
Nordeste	Alagoas	COMADAL - 16
	Bahia	CEADEB - 21
		CONFRAMADEB - 64
	Ceará	CONADEC - 05
		CIMADEC - 24
		CONFRADECE - 51
		COMADECE - 65
	Maranhão	CEADEMA - 19
		COMADESMA - 57
	Paraíba	COMEAD-CGPB - 07
		COMADEP - 20
	Pernambuco	COMADALPE - 06
		CONADEPE - 25
	Piauí	CEADEP - 12
Rio Grande do Norte	CEMADERN - 27	
Sergipe	CONEADESE - 09	

¹³⁷ Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

¹³⁸ Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

Tabela 7. Convenções filiadas à CGADB região – Centro-Oeste¹³⁹

REGIÃO	ESTADO	CONVENÇÕES
Centro-Oeste	Distrito Federal	CEADDIF - 15
		COMADEBG - 35
		COMADEPLAN - 47
	Mato Grosso	COMADEMAT - 14
	Mato Grosso do Sul	COMADEMS - 33
	Goiás	CADESGO - 45
CONFRAMADEGO - 48		

Tabela 8. Convenções filiadas à CGADB – região Sudeste¹⁴⁰

REGIÃO	ESTADO	CONVENÇÕES
Sudeste	Espírito Santo	CADEESO - 22
		CEMADES - 34
		CONFRATERES - 40
	Minas Gerais	COMADEMG - 03
		COMADETRIM - 49
		COMADVARDADO - 52
		CIMADEMIGO - 62
		COMADELESTE - 66
	Rio de Janeiro	CEADER - 04
		CONFRADERJ - 31
		COMADERJ - 50
		CEADERJ - 59
	São Paulo	CONFRADESP - 13
		COMADESPE - 26
		CIEADESPEL - 39
COMOESPO - 53		

¹³⁹ Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

¹⁴⁰ Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

Tabela 9. Convenções filiadas à CGADB – região Sul¹⁴¹

REGIÃO	ESTADO	CONVENÇÕES
Sul	Paraná	CIADep - 18
	Rio Grande do Sul	CIEPADERGS - 30
	Santa Catarina	CIADESCP - 23

Tabela 10. Convenções filiadas à CGADB Internacional¹⁴²

REGIÃO	PAÍS	CONVENÇÕES
Internacional	Estados Unidos	CONFRADEB - EUA - 54
	Japão	COMADEJA - 55

Como pôde ser verificado nas tabelas acima, a CGADB, atualmente, conta com um total de cinquenta e quatro Convenções filiadas, sendo cinquenta e duas Convenções estaduais ou/e inter-regionais/interestaduais e duas Convenções internacionais. O número de Convenções filiadas à CGADB de acordo com as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul são respectivamente: dez, dezesseis, dezessete, dezesseis e três. As Convenções internacionais somadas em duas estão presente nos Estados Unidos da América e no Japão.

A direção de cada Convenção filiada à CGADB foi investigada, e a grande maioria é composta por: presidente, 1º secretário, secretário adjunto. Os integrantes que compõem as Diretorias vão desde os membros das igrejas a pastores-presidente. E, em um universo de cinquenta e quatro Diretorias, apenas um cargo é ocupado por uma mulher. Trata-se de Geilza Cavalcanti Santos, viúva do ex-pastor-presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Alagoas, situada na cidade de Maceió, no bairro Farol. Geilza ocupava o cargo de 1ª secretária na Convenção das Assembleias de Deus do Estado de Alagoas, à época presidida por seu esposo pastor José Antonio dos Santos. Apesar das informações terem sido retiradas do próprio site da CGADB, tudo indica que o mesmo esteja desatualizado, por ocasião

¹⁴¹ Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

¹⁴² Tabela criada a partir do site da CGADB. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

do falecimento do pastor-presidente em julho de 2015¹⁴³. Atualmente, a Diretoria da COMADAL – 16 tem sua composição formada pelo presidente pastor José Orisvaldo Nunes de Lima, pelo 1º secretário pastor José Laelson da Silva, pelo secretário adjunto evangelista Maxwell dos Santos Matias, pelo assessor presbítero José Olímpio da Silva Filho.¹⁴⁴

Ainda com a desatualização, em 2016, do site oficial da CGADB¹⁴⁵, tal evidência suscita algumas inquietações, tais como: se há possibilidade que mulheres ocupem os cargos que compõem as Diretorias das Convenções estaduais e/ou inter-regionais/estaduais, por qual razão esses cargos não estariam sendo ocupados por mulheres? Geilza estaria ocupando o cargo de 1ª secretária apenas por ser esposa do pastor-presidente? As linhas a seguir pretendem esboçar algumas hipóteses para a baixa ocupação de cargos assembleianos por mulheres.

Na expectativa de pensar a partir da segunda pergunta e traçando um paralelo aos pensamentos de Araujo¹⁴⁶, o que se verifica na igreja, em grande parte, é a transferência da hierarquia patriarcal familiar para o espaço público. Nesse, os homens têm seus direitos adquiridos através de um diploma de teologia ou, não indo tão adiante, a partir da interpretação literal da Bíblia legitimada por passagens como: “Vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor;”¹⁴⁷ e “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja [...]”¹⁴⁸. Curiosamente, passagens como “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus”¹⁴⁹ são oportunamente negligenciadas a favor de uma hierarquização do poder, sobrepujando a parcela feminina.

Porém, algumas mulheres como Geilza conseguem ocupar cargos de liderança e influência no interior das igrejas, e tal resultado seria reflexo da situação conjugal das mesmas. Muito se escuta sobre o papel de auxiliadora e adjutora da mulher, sobretudo, sendo seu esposo pastor. Como esposa de pastor, a mulher é

¹⁴³ Disponível em < <http://www.searaneews.com.br/morre-em-sao-paulo-pastor-jose-antonio-dos-santos-presidente-da-assembleia-de-deus-em-alagoas/>>. Acesso em 20 set. 2016.

¹⁴⁴ Disponível em: < <http://www.cgadb.org.br/2018a/index.php/convencoes/convencoes-3/alagoas-al/comadal-16.html>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

¹⁴⁵ Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/index.php/convencoes/convencoes-3/alagoas-al/comadal-16>>. Acesso em 18 set. 2016.

¹⁴⁶ ARAUJO, Lidiane Cordeiro Rafael de. *Religião, poder e conflitos de gênero: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil)*. 2013. 189 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

¹⁴⁷ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Efésios 5:22. São Paulo: King's Cross Publicações.

¹⁴⁸ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Efésios 5:23. São Paulo: King's Cross Publicações.

¹⁴⁹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Efésios 5:21. São Paulo: King's Cross Publicações.

incumbida de desempenhar certas funções no interior da igreja. Entretanto, suas funções, comportamentos e ações estão sempre em confluência com aqueles de seus esposos, quer sejam missionários, pastores, evangelistas. Seu trabalho é sempre a extensão do de seus maridos, e, muitas vezes, tais mulheres têm suas identidades silenciadas – são invisibilizadas, ainda que atuem de maneira mais incisiva no interior da igreja – para evidenciar sua posição enquanto esposa de pastor. Assim são vistas e reconhecidas dentro de suas igrejas. A ‘mulher sem nome’ tem sua identidade e vida regradadas a partir da identidade de esposa de pastor. Partindo-se dessa premissa, acredita-se que o fato de Geilza ocupar o cargo de 1ª secretária da Convenção das Assembleias de Deus do Estado de Alagoas deve-se a sua situação conjugal, enquanto esposa de pastor. Entretanto, ao exercer um cargo de liderança dentro da Convenção, Geilza, ainda que de forma sutil, transpõe a barreira do espaço destinado à mulher. O discurso oficial da igreja, no qual se verifica uma tendência para um sistema hegemônico binário de classificação da mulher e do homem e emprega a utilização de antônimos para a construção de identidades generificadas, vê-se rompido quando as mulheres são alçadas ao poder. Nesse sentido, de qual forma a situação de Geilza e de tantas outras mulheres que assim como ela foram alçadas a lugares tidos como masculinos poderia ser interpretada? Butler demonstra a constante necessidade de contextualização e historização do objeto de estudo. Para a autora, “a noção de gênero relaciona-se com o contexto histórico”.¹⁵⁰Pois as relações de poder no interior dos campos atuam de forma a normatizar e enquadrar o conceito de gênero na esfera binária.

Entretanto, o presente trabalho não tem como pretensão a utilização de um esquema binário, ainda que seja para classificar a mulher enquanto participante de um *locus* de poder. Nesse ponto, pensar a partir de Butler e Bourdieu trará boas possibilidades de reflexões para compreender a mulher assembleiana enquanto agente situada em um contexto específico, no qual seu papel e identidade são construídos em conformidade com seu gênero, seja ele qual for. Mas, seria a CGADB responsável pela exclusão das mulheres no que diz respeito a cargos de poder?

Partindo da premissa de que a Igreja pesquisada, Assembleia de Deus – Missões, é filiada a CGADB, julgou-se necessário apresentar, aqui, a Convenção

¹⁵⁰ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 21.

Geral, na expectativa de traçar um paralelo em relação ao Ministério feminino dentro da Igreja pesquisada.

3.3. A relação assembleiana com o feminino

O primeiro encontro oficial entre obreiros, pastores, missionários e evangelistas ocorreu entre os dias 18 e 22 de agosto de 1921, em Igarapé-Açu, Pará. O encontro contou com a participação dos pastores João Pereira de Queiroz, Isidoro Filho, dos missionários Luiz Hygino de Souza Filho, Almeida Sobrinho, José Felinto, Manoel Zuca, Manoel Cezar, Pedro Trajano e Samuel Nyström¹⁵¹. Tal como Gunnar Vingren e Daniel Berg, o missionário Lars-Erik Samuel Nyström¹⁵² teve grande impacto e importância para a consolidação da Assembleia de Deus. As passagens abaixo retiradas do livro *Dicionário do Movimento Pentecostal*, escrito pelo pastor Isael Araújo, com primeira edição em 2007, evidenciam o tipo de imagem construída a partir da figura do missionário Nyström.

Durante os 30 anos de atividades no Brasil, trabalhou (Nyström) como um verdadeiro apóstolo, ajudando a lançar e consolidar os fundamentos doutrinários das Assembleias de Deus no Brasil. Exercia grande liderança espiritual e eclesiástica entre os missionários e os pastores nacionais. Sua atenção estendeu-se do Norte ao Sudeste do Brasil, fortalecendo igrejas, ministrando estudos bíblicos e ensinando em escolas bíblicas, organizando setores, orientando de maneira sábia importantes assuntos das Assembleias de Deus em todo o país, (tal como, o ministério feminino). Esteve à frente da Convenção Geral das Assembleias de Deus por nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948).¹⁵³

Juntamente com Gunnar Vingren, ele foi o iniciador da imprensa escrita na Assembleia de Deus no Brasil, tendo dotado, em 1917, a igreja de Belém de uma pequena tipografia, onde eram confeccionados o jornal *Boa Semente*, estudos para escolas bíblicas, calendários, revistas da Escola Dominical e hinários. Escreveu vários

¹⁵¹ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 207.

¹⁵² Missionário sueco, pastor, ensinador, evangelista, escritor e considerado como um dos pioneiros das Assembleias de Deus de Belém, Amapá, Acre, São Paulo e Rio de Janeiro. O líder das Assembleias de Deus, ex-presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, faleceu em 1960 aos 69 anos de idade.

¹⁵³ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 510-511. Colchetes colocados pela autora.

artigos para o *Boa Semente* e, a partir de 1930, para o *Mensageiro da Paz* [...] Teve forte participação na área do louvor nas Assembleias de Deus como autor dos hinos 13, 87, 290 e 494, e das versões dos hinos 82, 83, 92, 167, 222, 288, 293, 332, 416, 454, 456, 459 e 511, da *Harpa Cristã*.¹⁵⁴

Optou-se por utilizar a descrição do missionário Nyström, a partir da visão interna assembleiana, pois o mesmo foi de grande relevância no debate acerca do Ministério feminino. A partir das citações acima, pode-se verificar a permanência do missionário durante quinze anos à frente da maior Convenção assembleiana no Brasil. Isso significa um forte poder de influência por mais de uma década em relação às Congregações assembleianas. Não obstante, apesar de sua presidência ter começado, apenas, no ano de 1933, na Convenção Geral das Assembleias de Deus, ocorrida em 1930, já é perceptível seu poder influenciador.

Contrário ao pastorado feminino, o missionário defendia que as mulheres teriam direito, apenas, ao testemunho¹⁵⁵. Em contrapartida, Gunnar Vingren era a favor do Ministério feminino e da participação feminina de forma ativa na Igreja. Tendo em vista que a Convenção Geral de 1930 trazia como pauta 'o trabalho feminino na Igreja', de acordo com Corrêa¹⁵⁶, o que houve foi uma síntese das opiniões opostas. Assim, seria desenvolvida na Assembleia de Deus a imagem da mulher auxiliadora, tanto no trabalho educacional quanto no trabalho missionário, sendo negada a função de pastoras às mulheres. Após debate sobre o tema, foi homologada a declaração a seguir, registrada no *Diário do Pioneiro*, leia-se:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8 [uma referência ao princípio do estado de necessidade]. Isso deve acontecer somente quando não existirem na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.¹⁵⁷

¹⁵⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 511.

¹⁵⁵ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 347 f. p. 74. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁵⁶ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

¹⁵⁷ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 211.

A declaração homologada em 1930 demonstra-se, no tempo presente, bastante atual. Porém, há que se problematizar tais exceções contidas no texto. Embora as análises das entrevistas feitas em campo estejam presentes no Capítulo III do presente trabalho, em conversa realizada em dezessete de novembro de dois mil e dezesseis, com a secretária da Assembleia de Deus – Missões é possível pincelar como as exceções são trabalhadas. Um exemplo seria a função de ensinadora que a mulher ocupa dentro da instituição religiosa. Não pretendendo aprofundar o assunto nesse momento, a título de curiosidade, as classes da Escola Dominical somam ao total de treze, divididas por faixa etária. Às mulheres cabe o ensinamento desde o berçário à classe de juvenis. As classes seguintes são ministradas por homens. A ocupação dos cargos relativos à Escola Dominical aponta para a divisão do trabalho pautada na divisão biológica/sexual. Entretanto, seria essa exceção a regra verificada na Igreja? Como as mulheres assembleianas estão lidando com as regras e exceções? É possível verificar, na Assembleia de Deus, exceções às regras desde seus primórdios, e a figura central para tal afirmação seria Frida Vingren.

3.3.1. Frida Vingren: possibilidades de desconstruir a dominação masculina

Enfermeira, poetisa, missionária sueca, compositora, musicista, redatora, pregadora, pesquisadora, ensinadora, a esposa de Gunnar Vingren, Frida Maria Strandberg Vingren, chegou ao Brasil em 1917 permanecendo até 1932 quando de sua partida definitiva pra Suécia¹⁵⁸.

Ela é considerada a única mulher a participar de maneira ativa das sessões que ocorreram durante a 1ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, em 1930. Assim como seu marido, Frida, sempre ativa no que dizia respeito ao trabalho na Igreja, foi uma das defensoras do Ministério feminino¹⁵⁹.

Frida, então, desenvolveu, junto com o marido, intensas atividades evangelísticas, abrindo frentes de trabalho em muitos lugares. Todo trabalho social da igreja, bem como a direção dos grupos de oração,

¹⁵⁸ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 903 – 905.

¹⁵⁹ BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom Ltda, 2014. p. 186.

de visitadoras e de evangelização, ficou sob a responsabilidade da missionária. Dirigia também a Escola Dominical, e nos cultos, fazia leitura bíblica inicial. Tocava órgão, violão e cantava hinos, às vezes sozinha, às vezes em companhia do esposo. [...] Substituíu o marido na direção dos cultos quando este se ausentava [...] foi dirigente oficial dos cultos da Casa de Detenção, realizados aos domingos¹⁶⁰.

O trecho acima retirado do livro de Araujo demonstra de quais formas as mulheres têm exercido suas funções no interior da Assembleia de Deus. Sabe-se que Frida Vingren foi uma exceção ao exercer a função de redatora dos jornais *Som Alegre*¹⁶¹ e *Mensageiro da Paz*¹⁶² desde os volumes iniciais, bem como de ser dirigente dos cultos realizados na Casa de Detenção e nos cultos dos quais seu marido se ausentava. Em um período no qual a Igreja foi fortemente marcada por conservadorismo, fazer-se ouvir através de sua prática ministerial¹⁶³ fez com que a missionária se tornasse um incômodo para os líderes assembleianos nortenhos, entre eles, Samuel Nyström.

Apesar de criticada por lideranças assembleianas, muitas funções exercidas por Frida vão ao encontro das ocupações que se pretendem para as mulheres. Pode-se verificar que o ato de cantar, atuar na Escola Dominical, nos Círculos de Oração – Departamento exclusivamente feminino – bem como organizar as visitas são atitudes e funções esperadas das quais as mulheres se encarreguem na Assembleia de Deus – Missões. Em entrevista realizada com o pastor-presidente, o mesmo associou as mulheres às qualidades ligadas à maternidade, docilidade, sentimentalidade, compreensão. Essas características seriam responsáveis pela formação da identidade feminina, e, enquanto mulher, as assembleianas deveriam ser normatizadas de acordo com essa compreensão. Exercer os papéis de mãe, esposa, educadora é o que se espera não somente das esposas de pastores, mas das ‘irmãs que andam na fé’.

Sendo assim, na foto de Frida Vingren, no livro de Araujo, há a seguinte legenda: “Frida Vingren, primeira missionária sueca enviada para o Brasil, casou-se

¹⁶⁰ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 904.

¹⁶¹ SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1929.

¹⁶² MENSAGEIRO DA PAZ. *Paz*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 1930.

¹⁶³ BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom Ltda, 2014. p. 185.

em 1917, na cidade de Belém do Pará, com Gunnar Vingren, fundador das Assembleias de Deus”¹⁶⁴. Abaixo, segue a imagem em questão:

Imagem 4. Frida Vingren e legenda¹⁶⁵



A legenda da imagem revela um aspecto da identidade de Frida, missionária, mas, sobretudo, esposa de Gunnar Vingren, um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Tão logo como Geilza, viúva do pastor José Antonio, Frida também foi esposa de pastor. E assim sendo, precisava exercer seu papel de esposa, mãe, cuidadora. Responsável por comentários nas *Lições Bíblicas* da Escola Dominical, além de ter escrito mensagens evangelísticas, doutrinárias e de exortação, foi responsável por vinte e quatro hinos da *Harpa Cristã*. É provável que tenha conseguido um lugar de destaque dentro da instituição por consequência de sua situação conjugal.

Porém, a situação conjugal de Vingren não exclui ou mesmo diminui sua importância para a construção e consolidação da Assembleia de Deus no Brasil. A performance de Frida, Geilza e inúmeras outras mulheres que são deslocadas de seus pretensos lugares, parece alçá-las a um espaço menos circunscrito pela norma religiosa. Contudo, nas mesmas páginas em que são relatados os grandes feitos de

¹⁶⁴ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 904.

¹⁶⁵ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 904.

Vingren, chama atenção a forma pela qual ela é retratada a partir de depoimentos de seu filho mais velho, Ivar Vingren. No discurso, pode-se perceber a noção de oposição criada entre as identidades de Gunnar Vingren e Frida Vingren; leia-se trecho abaixo:

Ao contrário do meu pai, que tinha aquela maneira especial de louvor a Deus, sempre rindo e cantando hinos espirituais quando pregava, além de profetizar, minha mãe era o contrário. Chorava sempre, estando constantemente de joelhos, chorando e orando. [...] Eram duas personalidades completamente opostas. Ele, sempre alegre, louvando ao Senhor, e ela, sempre chorando pela Obra, pedindo a Deus pela evangelização no Brasil e pela salvação das almas¹⁶⁶.

A passagem revela, mais uma vez, a identidade de gênero pautada na diferenciação biológica sexual. Enquanto Gunnar era sempre alegre e louvava a Deus de maneira especial, Frida mantinha-se sempre triste, orando, chorando. As características descritas para Frida podem ser encontradas nas mulheres frequentadoras do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, tema que será abordado adiante. Importa salientar que, à sua maneira, Frida Vingren enfrentou os líderes de sua época e encontrou uma forma, ainda que sutil, de transpor a dominação masculina. Mas, estariam as mulheres assembleianas, frequentadoras da Assembleia de Deus – Missões, transpondo tais limites, na atualidade? Os papéis sociais e culturais que essas mulheres estão exercendo poderiam ser analisados a partir de uma teoria de gênero pós-estruturalista? Haveria uma hipótese de um discurso oficial, descolado da teoria e das práticas do dia a dia? As próximas páginas servirão para abrir caminhos para respostas não só a essas perguntas, mas a outras que surgirão ao longo dessa escrita.

4. Assembleia de Deus – Missões: história enquanto formadora de identidade?

Situada na Avenida dos Andradas, número 1.125, centro, Juiz de Fora – Minas Gerais, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Juiz de Fora (ADJUF),

¹⁶⁶ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 905.

nesse trabalho mencionada como Assembleia de Deus – Missões¹⁶⁷, teve sua fundação em 1960. De acordo com o Art. 1º do Estatuto da Igreja, o registro no Ministério da Fazenda, enquanto pessoa jurídica ocorreu em dois de setembro de mil novecentos e sessenta, e sua primeira Diretoria foi composta pelos membros listados na tabela a seguir¹⁶⁸:

Tabela 11. Diretoria da Assembleia de Deus – Missões – 1960¹⁶⁹

Cargo	Membro
Presidente	Evangelista Raimundo Geraldo da Silva
Vice-presidente	Diacono José dos Santos
1º Secretário	José Luiz Maia
2º Secretário	Roldco Severino Carlos
1º Tesoureiro	Antenor Sebastião da Silva
2º Tesoureiro	Francisco Albino

A tabela a seguir apresenta a composição da Diretoria da Igreja em 2016:

¹⁶⁷ De acordo com a secretária da Igreja, em conversa informal, o nome da Igreja teria sido modificado para diferenciar a Igreja em questão da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, também situada na cidade de Juiz de Fora. O nome Missões teria relação com o Departamento de Missões na Igreja, conseqüentemente com o trabalho missionário.

¹⁶⁸ As informações aqui encontradas foram obtidas a partir de entrevista com o pastor-presidente da Assembleia de Deus – Missões. Mas algumas informações também estão disponíveis no site da ADJUF. Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/igreja/historia/>>. Acesso em: 25 set. 2016.

¹⁶⁹ Tabela criada a partir das informações disponíveis no site da ADJUF. Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/igreja/historia/>>. Acesso em: 25 set. 2016.

Tabela 12. Diretoria Assembleia de Deus – Missões – 2016¹⁷⁰

Cargo	Membro
Presidente	Pr. Samuel Lopes da Silva
1º Vice-presidente	Pr. Sebastião Reginaldo de Almeida Filho
2º Vice-presidente	Pr. Nelson Tavares Júnior
3º Vice-presidente	Pr. Miguel Itamar Silva Rodrigues
1º Secretário	Pr. Arnaldo de Jesus Guedes
2º Secretário	Pb. João Paulo Luna do Amaral
3º Secretário	Pr. Daniel Hercílio do Nascimento Custódio
1º Tesoureiro	Pr. João Silva
2º Tesoureiro	Pr. Eliel Vieira Donato
3º Tesoureiro	Pr. Manoel Fernandes

Assim como visto em algumas páginas anteriores em relação à composição da Diretoria de Doutrina da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, a Assembleia de Deus – Missões também tem atualmente¹⁷¹ seu quadro de dirigentes composto exclusivamente por homens. Nesse caso, em cinquenta e seis anos de história da Assembleia de Deus – Missões, é provável que os discursos oficiais e normatizadores da Igreja não tenham sido alterados.

Em muitos casos, o trabalho feminino no interior da igreja e para a igreja tem sido subvalorizado, tanto no aspecto econômico, pois não é incomum que as mulheres recebam menos ou até mesmo nenhum salário para executar as mesmas tarefas que os homens, quanto no aspecto político. Bandini¹⁷², ao analisar três igrejas evangélicas pentecostais, trabalha com a lógica da desvalorização do trabalho voluntário na igreja. De acordo com a autora, muitas vezes o cuidado com a casa e com xs filhxs, funções exercidas majoritariamente pelas mulheres, é desvalorizado no interior da instituição religiosa enquanto político, social e econômico. Considerado como trabalho doméstico improdutivo, por não arrecadar fonte de renda, o trabalho doméstico se torna hierarquicamente inferior ao trabalho assalariado para além do espaço da casa. Pois o trabalho doméstico produtivo,

¹⁷⁰ Informações obtidas junto à secretária da Assembleia de Deus - Missões

¹⁷¹ 2016

¹⁷² BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom Ltda, 2014. p. 35.

aquele que gera fonte de renda, também é interpretado como ‘ajuda’, e não como complemento da renda do casal.

A subvalorização do trabalho feminino, na Assembleia de Deus – Missões, tem seu princípio na composição da Diretoria, tendo em vista que os membros que a compõem recebem um salário fixo da Igreja. Ao serem excluídas da Diretoria da Igreja, as mulheres são prejudicadas em alguns aspectos: financeiro, pois a mulher já estaria sendo prejudicada ao não ter a possibilidade de exercer a mesma função e por consequência obter o mesmo salário; outro aspecto seria relacionado ao poder, pois as mulheres estariam fora do espaço de tomada de decisão.

A hierarquização do trabalho feminino/masculino tem sua raiz em uma concepção universal e a-histórica de gênero/sexo. Asad¹⁷³, ao trabalhar a necessidade de problematizar a construção de conceitos e sistemas, ajuda a pensar a igreja enquanto uma instituição dotada de capital simbólico, econômico e político responsável juntamente com outras instituições por instituir nos sujeitos normas geradoras de comportamentos e práticas. A naturalização de normas, que agenciam homens e mulheres de acordo com identidades fixas e estanques que relacionam e impõem que gênero, sexo e orientação sexual sejam correspondentes, tem sua base fundante na diferenciação identitária baseada na biologia.

Consequentemente, a naturalização de um sistema patriarcal-heterossexual-hegemônico normatiza a vida de boa parte dxs fiéis assembleianxs. Leonor¹⁷⁴, membro da Assembleia de Deus – Missões, e que será destaque na pesquisa, por romper com certo estereótipo, serve como exemplo para trabalhar a noção de subvalorização do trabalho feminino na Igreja e a consequente naturalização de um modelo de hierarquia entre homens e mulheres. Ora, mas por quê? Missionária da Igreja, Leonor alcançou um lugar de autoridade e legitimidade no interior da hierarquia assembleiana. Entretanto, reforça, em alguns aspetos, o discurso oficial, sobretudo, em relação à importância do trabalho feminino para a manutenção da Igreja. Sua fala sugere que o trabalho feito pelas mulheres dentro da Igreja seria inferior ao trabalho realizado pelos homens, pois as mulheres seriam auxiliadoras dos homens. Parece que, para Leonor, somente as mulheres não teriam condições

¹⁷³ ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, n. 19, p. 263-284. 2010.

¹⁷⁴ Os nomes utilizados na tese serão fictícios na expectativa de manter o anonimato dxs informantes ou/e entrevistadxs.

de sustentar uma igreja, tendo em vista que a autoridade e a legitimidade estariam ligadas à identidade masculina.

No decorrer de cinquenta e seis anos, outros pastores assumiram a presidência da Igreja, e a sede inicial, anteriormente situada na Rua Halfeld, centro, Juiz de Fora – MG, em um pequeno salão alugado¹⁷⁵, foi alterada para o endereço atual no ano de 1974 após a compra do terreno no qual a Igreja foi construída. À época, o local, hoje central, da sede da Assembleia de Deus – Missões era tido como periferia tendo em vista que o centro urbano da cidade ficava distante dali.

O terreno no qual a Igreja foi construída não é plano, e, de acordo com o pastor-presidente, à época existia um barracão no alto do terreno, onde os cultos e reuniões ocorriam. No decorrer dos anos, a Igreja que atualmente conta com seis andares foi sendo construída. Pejorativamente, nos anos iniciais da construção, a Igreja era conhecida pelo apelido de ‘igrejinha do tijolo’ por não apresentar acabamentos. Assim como muitas igrejas, a obra da sede da Assembleia de Deus – Missões é constante, exemplo disso é o fato de que o sexto andar ainda está em processo de construção.

Em entrevista, o pastor-presidente relatou as dificuldades iniciais para a construção do templo. Construída aos poucos, a sede, que atualmente conta com aproximadamente quatro mil membros, na década de 1970 contava com uma membresia consideravelmente inferior. Assim, a expansão e o sucesso da Assembleia de Deus – Missões estiveram correlacionados a todo o processo de construção do edifício, levando em consideração a fala do pastor de que a obra foi inteiramente realizada a partir das ofertas e doações¹⁷⁶ oferecidas nos cultos e reuniões.

Acredita-se que a história da Assembleia de Deus – Missões venha sendo negligenciada em alguns aspectos. A Igreja possui um site oficial¹⁷⁷, sendo que o

¹⁷⁵ De acordo com o pastor-presidente, igrejas que funcionam em salões alugados não passariam credibilidade aos membros, pois não possuiriam patrimônio. Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

¹⁷⁶ As ofertas e doações são feitas em horários de culto ou festividades. Podem ser realizadas em todos os cultos em um momento específico para tal, nos quais os obreiros passam entre xs fiéis arrecadando o dinheiro. Ou são oferecidas dentro de um envelope próprio para contribuições monetárias. Os envelopes são inseridos em uma urna de madeira que fica posicionada no salão principal. As imagens se encontram em anexo.

¹⁷⁷ Disponível em < <http://www.adjuf.com.br/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

mesmo encontra-se desatualizado¹⁷⁸, e uma página no *facebook*¹⁷⁹, também desatualizada. Há, no site, apenas uma breve passagem sobre a história da Igreja. Obter as informações sobre a construção da sede na atual localização, assim como a história da Igreja, só foi possível em entrevista com o pastor-presidente. Quer dizer, a identidade assembleiana forjada ali não passa por um lastro histórico de longa duração. Em conversas informais, quando questionados sobre a história da Igreja, nenhum dos membros soube passar informações completas. Parece que a identidade ali é forjada a partir da figura central do pastor-presidente, relegando a segundo plano toda a história da Igreja. Tal impressão é confirmada na fala do pastor-presidente¹⁸⁰ ao afirmar que toda igreja é construída, constituída e experienciada de acordo com a imagem do seu líder.

Para melhor elucidação, no subtópico a seguir, serão trazidas no texto algumas fotos atuais da Igreja e certas considerações sobre o espaço físico, desde a fachada da Igreja ao salão no qual os cultos ocorrem, visando descrever o espaço físico do prédio.

4.1. Seis andares para fazer a obra de Deus

Construída em seis patamares, a Assembleia de Deus – Missões possui a fachada principal pintada em dois tons de amarelo com detalhes em branco, sendo que o primeiro patamar apresenta a coloração amarela em tons mais claros, e o segundo patamar apresenta uma coloração de amarelo mais vivo e fechado. Ao olhar a fachada principal do edifício, pode-se cometer equivocadamente o erro de acreditar que o mesmo tenha poucos metros quadrados de área construída, pois apresenta somente dois dos seis andares. Como o terreno no qual a Igreja foi construída não é plano, os andares superiores ao segundo foram construídos nos fundos da construção. A foto a seguir apresenta a fachada principal da Igreja:

¹⁷⁸ Em conversa informal, a atual secretária informou que a desatualização do site deve-se à mudança na secretaria da instituição. A responsável pela atualização e manutenção do site seria a antiga secretária, e, por consequência da alteração no quadro de funcionários da instituição, o site estaria desatualizado.

¹⁷⁹ Disponível em < <https://www.facebook.com/pages/Igreja-Assembleia-de-Deus-em-Juiz-de-Fora-Miss%C3%B5es/141758499343097>>. Acesso em: 26 set. 2016.

¹⁸⁰ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

Imagem 5. Fachada principal da Assembleia de Deus – Missões – 2016¹⁸¹



Com base na imagem acima, é possível verificar que a sede da Igreja-mãe da Assembleia de Deus – Missões possui uma fachada principal simples, sobretudo, se comparada aos megatemplos pentecostais encontrados em grandes centros urbanos. Não é preciso ir longe para encontrar tais construções; a menos de duzentos metros da Igreja, vê-se um edifício moderno, grande e imponente pertencente a outro Ministério assembleiano.

A fachada principal possui placas de identificação, com o nome da Igreja em destaque, os horários e os dias em que ocorrem os cultos e as atividades, tal como o culto do Círculo de Oração. A placa ao lado da entrada principal é feita de metal e pintada à mão, nela é possível verificar todos os dias, horários e finalidade dos cultos. Ainda pode ser vista uma última placa na lateral da fachada da Igreja. Também pintada à mão, tal placa pertence à livraria Nova Canaã, situada no interior da Igreja. A livraria, que aluga o espaço na Igreja, comercializa livros, Bíblias, CDs, DVDs. Na maior parte do tempo, a livraria, situada ao lado direito após a entrada principal, permanece fechada, abrindo em horário de cultos ou quando ocorrem

¹⁸¹ Foto feita pela pesquisadora em 01 out. 2016.

festividades. Grande parte dos produtos vendidos são adquiridos sob forma de encomenda junto a CPAD.

Se a fachada principal da Igreja permite que ocorram equívocos em relação à amplitude do espaço, a fachada lateral esquerda permite visualizar de forma mais realista a dimensão do imóvel. Situada ao lado de um 'escadão'¹⁸² que dá acesso à rua superior, a fachada lateral possui uma porta que permite acessar a galeria da Igreja onde os cultos são realizados. Em boa parte do tempo, a porta permanece fechada, sendo aberta apenas em horário de cultos e de reuniões da Escola Dominical e do Círculo de Oração. Visualizar a Igreja a partir da lateral esquerda permite compreender a estrutura física da edificação. É possível identificar dois edifícios construídos lado a lado, cada qual composto por três andares.

Imagem 6. Fachada lateral esquerda Assembleia de Deus – Missões - 2016¹⁸³



Nos três patamares situados à frente da Igreja, encontram-se no primeiro andar: a sala do pastor-presidente, a livraria Nova Canaã, banheiros, a sala da

¹⁸² Travessa Doná Maria Cândida – que dá acesso entre a Avenida dos Andradas e a rua Catulo Brevigiele.

¹⁸³ Foto feita pela pesquisadora em 01 out. 2016.

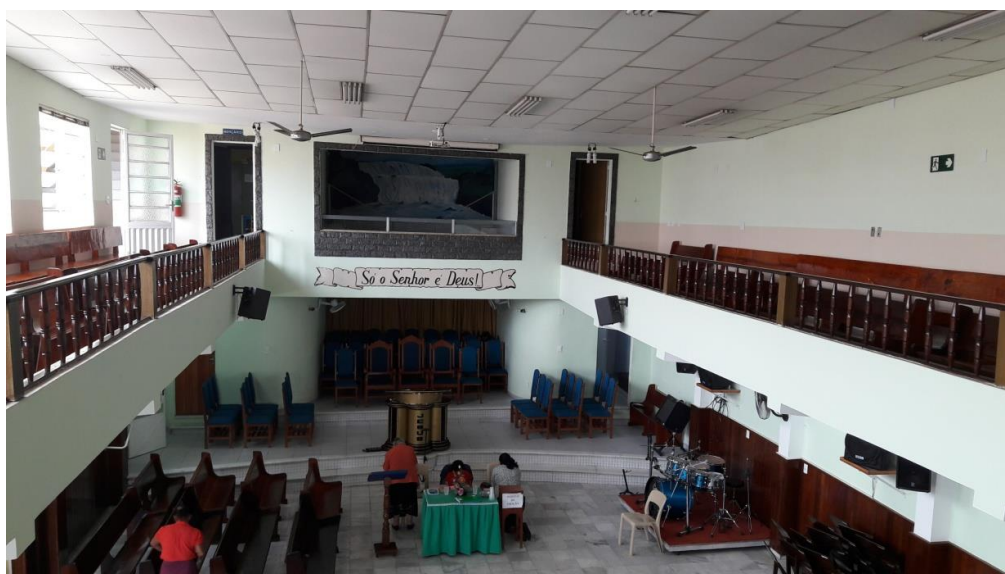
secretaria geral, a cantina e um espaço para armazenamento dos produtos de limpeza. Na escada de acesso entre o primeiro e segundo andar, encontra-se a secretaria do Departamento de Missões. Os segundo e terceiro andares formam o salão nos quais os cultos são realizados. Na parte inferior do salão, encontram-se o púlpito e a plataforma, na qual são dispostas cadeiras para os dirigentes das Congregações. Abaixo da plataforma, ao lado direito do salão, ficam montados os equipamentos musicais utilizados nos cultos pela banda e encontra-se a sala da tesouraria; ao lado esquerdo, existem alguns bancos em paralelo ao púlpito, a sala da orquestra da Igreja, banheiros e uma escada de acesso ao prédio ao lado; no espaço à frente do púlpito, são distribuídos os bancos separados em duas colunas – direita e esquerda.

No andar superior do salão, há a galeria, assim como as encontradas nos teatros, e a mesma dá acesso ao berçário. Com a capacidade máxima para oitocentas pessoas, a Igreja, em dias festivos, tem todos seus assentos ocupados, e, na falta de lugar, xs fiéis acomodam-se no chão dos corredores. Em dias quentes nos quais a Igreja atinge sua capacidade máxima de acomodação, os poucos ventiladores distribuídos não são suficientes para diminuir a temperatura do local. Em dias como esses, é comum que as mulheres levem leques na expectativa de se refrescarem. Seguem abaixo as fotos do salão:

Imagem 7. Parte inferior do salão da sede da Assembleia de Deus Missões - 2016¹⁸⁴



Imagem 8. Galeria do salão da sede da Assembleia de Deus Missões - 2016¹⁸⁵



Os três andares do segundo edifício são constituídos por salas de aula, copa, cozinha, banheiros. O que se pretendeu ao trabalhar o espaço físico da Assembleia de Deus – Missões foi traçar um paralelo não só com um perfil dos membros da Igreja, mas com o tipo de pentecostalismo encontrado lá. Através da observação

¹⁸⁴ Foto feita pela pesquisadora em 05 out. 2016.

¹⁸⁵ Foto feita pela pesquisadora em 05 out. 2016.

participante, das conversas e entrevistas realizadas com os membros da Igreja, pôde-se perceber certa heterogeneidade no que diz respeito às classes sociais e raças das quais a membresia assembleiana faz parte. Entretanto, um olhar mais apurado é capaz de identificar que a maioria dos fiéis é de cor parda e negra, advinda de uma classe social menos abastada.

É possível perceber nas reuniões e nos cultos uma sensação semelhante às encontradas nos meios rurais. A impressão é de uma atmosfera construída através de laços de amizade, acolhimento e coletividade. Apesar da consciência em relação à necessidade de capital econômico de uma instituição religiosa, o objetivo aqui é retratar o elemento 'simplicidade' encontrado na Assembleia de Deus – Missões, desde a fachada até as reuniões.

Com uma doutrina pautada na escatologia e em uma visão pré-milenarista, a Assembleia de Deus – Missões ainda guarda muita semelhança com aquela primeira onda pentecostal conceitualizada por Freston. No site oficial da Igreja, é possível encontrar o credo no qual se baseiam. Destacar-se-ão três pontos:

9. Cremos no batismo bíblico com o Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade. (Atos 1.5; 2.4; 10.44-46; 19. 1-7)¹⁸⁶

10. Cremos na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade. (1 Coríntios 12.1-12)¹⁸⁷

11. Cremos na segunda vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da grande tribulação; segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos. (1 Tessalonicenses 4.16,17; 1 Coríntios 15.51-54; Apocalipse 20.4; Zacarias 14.5; Judas 14)¹⁸⁸

As manifestações de glossolalia e cura divina podem ser identificadas nos cultos, no Círculo de Oração. Não obstante, a espera pela volta de Cristo é tema recorrente, não só nas reuniões do Círculo de Oração, mas também nos cultos em

¹⁸⁶ Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/igreja/historia/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

¹⁸⁷ Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/igreja/historia/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

¹⁸⁸ Disponível em: < <http://www.adjuf.com.br/igreja/historia/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

geral. Consequentemente, pensar na identidade dos membros da Assembleia de Deus – Missões implica pensar nas condições e nos mecanismos formadores da matriz de inteligibilidade daquele espaço.

As condições seriam os valores religiosos – na figura de valores simbólicos, tradição, doutrina e conceitos normativos – pautados na leitura e interpretação literal da Bíblia que agem sobre a formação e o reconhecimento das identidades femininas e masculinas reforçando papéis hierárquicos entre homens e mulheres.

Em um primeiro olhar, o discurso oficial, reproduzido de forma oral ou impressa, parece normatizar de maneira quase absoluta as condutas e as práticas das mulheres, sobretudo, as mais velhas. Basta um rápido olhar para identificar mulheres agindo de acordo com a regra.

Julgai entre vós mesmos; é decente que a mulher ore a Deus descoberta? [...] Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar do véu¹⁸⁹.

Sobretudo nas reuniões do Círculo de Oração, que serão abordadas mais à frente, um olhar desatento poderia julgar que as mulheres de cabelos longos que não usam maquiagem, nem brincos e se vestem com saias ou vestidos longos reforçariam a ordem tradicional de gênero/sexo. Contudo, algumas dessas mulheres estão encontrando formas, ainda que sutis, de romper, transpor, desequilibrar as normas responsáveis pela construção e naturalização da matriz de inteligibilidade no interior da Igreja. Há, portanto, uma tensão entre os discursos internos na Assembleia de Deus – Missões; pensar como essa tensão vem sendo construída e utilizada pelas mulheres é um dos pontos centrais desse trabalho. As fissuras às normas em alguns casos podem estar ligadas à ocupação dos cargos religiosos, e, por isso, julgou-se necessário apresentar o funcionamento da Igreja desde a formação do campo aos Departamentos religiosos.

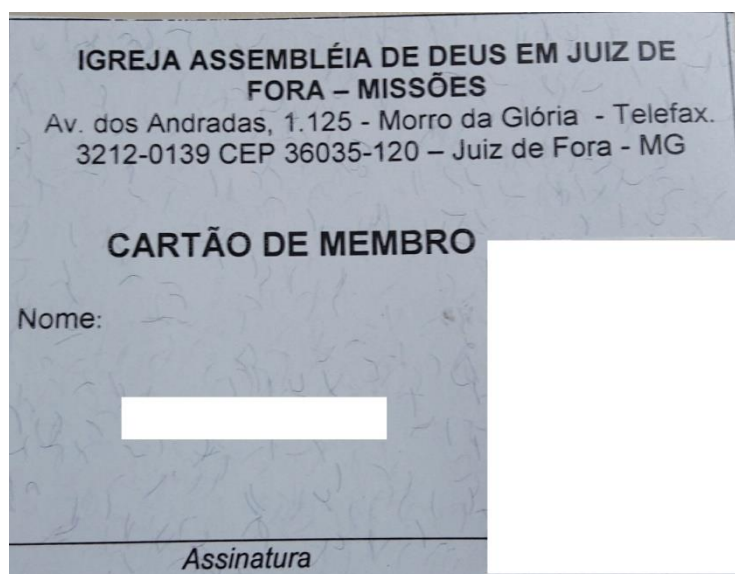
4.2. Mulheres alçadas ao poder

O campo da Assembleia de Deus – Missões é composto pela Igreja-mãe, no trabalho denominada de sede, e por mais cinquenta e duas Congregações¹⁹⁰, sendo

¹⁸⁹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. I Coríntios 11: 13-15. São Paulo: King's Cross Publicações.

trinta e oito situadas na cidade de Juiz de Fora e quatorze Congregações divididas entre os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. No total, o Ministério conta com aproximadamente 4000 membros cadastrados. Para ter seu cadastro efetivado, é necessário que o membro já tenha sido batizado e seja frequente nas atividades religiosas em suas Congregações. Cada membro recebe uma carteirinha de filiação da Igreja que contém: foto, nome, filiação, naturalidade, nascimento, batismo, identidade, Congregação a qual pertence, estado civil e validade.

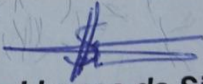
Imagem 9. Carteirinha de Membro¹⁹¹



¹⁹⁰ As congregações, seus respectivos endereços e dirigentes estarão ao fim do trabalho na seção Anexos.

¹⁹¹ Foto feita na Assembleia de Deus – Missões, em 24 out. 2016.

Imagem 10. Carteirinha de Membro - verso¹⁹²

Filiação:		Validade
[Redacted]		31 DEZ 17
Naturalidade	Identidade	
[Redacted]	x-x-x-x-x-x-x-x	
Nascimento	Congregação	
[Redacted]	Estrela da Manhã	
Batismo	Estado Civil	
[Redacted]	[Redacted]	
Emissão em: 13/10/2016		 Samuel Lopes da Silva Pastor Presidente

Nas igrejas filiadas a CGADB, as mulheres não podem ser ordenadas ao pastorado, conseqüentemente não teriam autoridade e legitimidade religiosa para ministrar cultos, realizar batizados. Mas a missionária Leonor é dirigente de sua própria Congregação, situada em Torreões, distrito de Juiz de Fora. A missionária dirige a Congregação com o auxílio de mais duas companheiras. Isso significa uma taxa de 1,85%¹⁹³ de mulheres ocupando um cargo de autoridade e legitimidade religiosa. Ter uma taxa diferente de zero no que diz respeito à ocupação feminina em espaços de autoridade no interior do sistema religioso supõe a existência de tensões entre os discursos normatizadores assembleianos tanto em micro como em larga escala.

As tensões em larga escala seriam advindas do descumprimento do estatuto da CGADB. Quer dizer, a partir do ponto em que os Ministérios se filiam à Convenção Geral, ainda que haja heterogeneidade, é preciso o mínimo de confluência para que a parceria funcione. Já as tensões em micro escala corresponderiam aos efeitos do desequilíbrio da norma responsável pelos padrões aceitáveis e não aceitáveis de comportamento no campo da Assembleia de Deus – Missões.

¹⁹² Foto feita na Assembleia de Deus – Missões, em 24 out. 2016.

¹⁹³ Taxa calculada pela pesquisadora a partir dos dados recolhidos.

Perceber a Assembleia de Deus – Missões a partir de um contexto histórico permite compreender de qual forma as mulheres estão ocupando espaços delegados aos homens de acordo com as normas da Igreja, pois qualquer definição de elemento é criada a partir de um contexto histórico particular. Pensar a partir de Butler e Bourdieu requer relacionar a construção de definições a processos discursivos históricos.

Entretanto as falas de Leonor¹⁹⁴ demonstram que é desgastante se fazer perceber por parte dos dirigentes das demais Congregações que compõem o campo da Assembleia de Deus – Missões. O discurso oficial patriarcal-heteronormativo parece prevalecer nas práticas e comportamentos dos dirigentes contrários à emancipação feminina. A partir dessa visão, Leonor não se adéqua à matriz de inteligibilidade daquele sistema resultando na abjeção de seu corpo e de sua prática.

Pode-se entender por abjeção, seguindo Butler¹⁹⁵, corpos considerados como abjetos, ao passo da inaceitabilidade destes, por regras de inteligibilidade. Embora tais sujeitos não possuam legitimidade, eles têm significados e são materializados. Por corpos abjetos entende-se:

A todo tipo de corpos cujas vidas não são importantes. Não é o que é impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real.¹⁹⁶

A abjeção dos corpos ocorre dentro de um processo discursivo no contexto social, em que operam relações sociais e poderes com possibilidades de construir significados de acordo com seus interesses. Os corpos, compostos por fronteiras fluidas e por discursos, são capazes de materializar identidades e manifestações de gênero. Ocorre que nem sempre a identidade materializada é aceitável na matriz de inteligibilidade. E é disso que se trata a abjeção, a sinalização de comportamentos e identidades que estão fora do esquema binário em que os sexos/gêneros estão inseridos.

¹⁹⁴ Entrevista realizada em 05 maio 2016, Juiz de Fora.

¹⁹⁵ BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. *ESTUDOS FEMINISTAS*, ano 10, p. 155-167, 2002.

¹⁹⁶ BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. *ESTUDOS FEMINISTAS*, ano 10, p. 161-162, 2002.

Os discursos apontados por Leonor reforçam uma normatização de ideal de gênero, e tal reforço à materialização de identidades e manifestações de gênero pode ser observado nas falas de convidadxs e pastores reproduzidos com base conservadora e tradicionalistas ancorados no texto sagrado – Bíblia. Mas como a normatização do ideal de gênero pode ser interpretada a partir da composição dos Departamentos existentes na Igreja?

4.3. Os imponderáveis da pesquisa

De acordo com a secretária da Assembleia de Deus – Missões, a instituição religiosa possui doze Departamentos¹⁹⁷: Círculo de Oração, Departamento Infantil, Berçários, Departamento de Jovens, Grupo Musical, Grupo de Adolescentes, Departamento de Casais, Escola Dominical, Departamento de Missões, Coral, Orquestra, Departamento de evangelização de Novos Convertidos. Cada Departamento da Igreja possui sua própria Diretoria que é eleita de forma independente.

Realizar uma pesquisa a partir da inserção dx investigante no campo apresenta determinadas situações as quais são incapazes de serem previstas, e muitas vezes os questionamentos iniciais sofrem alterações. Conseqüentemente, a escolha de um método de pesquisa prévio pronto e acabado torna-se insuficiente para as demandas que surgem no campo. Tais apontamentos são válidos para a pesquisa em questão, a qual tinha por objetivo inicial analisar as mulheres que frequentam o Círculo de Oração e pensar a partir daí os papéis femininos em consonância com uma perspectiva de gênero que possibilitaria interpretar as identidades generificadas de forma mais fluida. Na expectativa de sanar as inquietações geradas após a conclusão do trabalho de Mestrado, o mais indicado foi pesquisar, a partir do campo, grupos formados exclusivamente por mulheres. Por desconhecimento, por parte da pesquisadora, do campo em que se propôs trabalhar, a solução encontrada foi o acompanhamento das reuniões do Círculo de Oração da sede da Assembleia de Deus – Missões.

¹⁹⁷ Informação obtida em conversa informal em 14 abr. 2016, em Juiz de Fora

O acompanhamento das reuniões em um primeiro momento foi de fundamental importância, pois foi a partir da convivência com as mulheres presentes nas reuniões que a pesquisadora conseguiu estabelecer contato com mulheres tão diferentes de si. O contato possibilitou o agendamento de entrevistas, conversas informais na cozinha da Igreja e a compreensão de que só a observação participante do Círculo de Oração seria insuficiente para obtenção de resultados. Pois as mulheres, no Círculo de Oração, estavam ali apenas para orar, e os temas que a pesquisadora supunha que seriam abordados nas reuniões nunca ocorreram. Afinal, debater sobre política, questões relacionadas a gênero, economia não é objetivo daquela reunião, você acredita? Quando no caminhar da pesquisa houve a real concepção de que as mulheres somente oravam no Círculo de Oração, foi necessário tomar novos rumos. Assim sendo, uma nova metodologia seria adotada.

A Ciência da Religião, considerada jovem no Brasil, ainda vem buscando atingir legitimidade no meio acadêmico. Entretanto, é um espaço democrático no qual os pesquisadores preocupados com seus objetos se veem com a liberdade de utilizar métodos variados provenientes de áreas variadas. Tão logo o campo se revelou, os métodos foram repensados. A observação não ficaria mais restrita a uma área da Igreja, mas a todos os espaços em que fosse permitida a entrada da pesquisadora. Juntamente com a observação participante, surgiu a necessidade de realizar entrevistas com as mulheres frequentadoras da Igreja, assim como se julgou oportuno realizar a distribuição de um questionário para auxiliar na coleta de dados quantitativos.

Em uma primeira experiência com o campo, a preocupação, angústia e ansiedade em relação à receptividade do campo ao investigador parece assumir papel central momentos antes da entrada no campo. Da mesma forma, com a pesquisadora não foi diferente. Entretanto, a impressão que se obteve é: quem tem um(x) informante em campo, tem praticamente tudo! A secretária da Igreja desde o primeiro contato com a pesquisadora no ano de 2014 se mostrou solícita e pronta a ajudar. Assim, as portas se abriram, e a pesquisa tem sido feita com a colaboração das mulheres assembleianas que receberam o exótico e possibilitaram a troca de experiências. Pois, quando se compartilha sua subjetividade, vida, concepção com o outro, o aprendizado torna-se mútuo. Tais considerações foram utilizadas oportunamente para justificar o tópico a seguir.

4.4. Círculo de Oração e Escola Dominical: Departamentos que possibilitam problematizações

A intenção para o presente tópico é abordar as semelhanças entre o Círculo de Oração e a Escola Dominical. Apesar das evidentes diferenças entre os Departamentos, tais como finalidades, metodologias, composição, os mesmos guardam semelhanças no que diz respeito às possibilidades de pensar a mulher enquanto agente na Igreja. Os Departamentos serão apresentados de forma breve.

Cada Congregação pertencente ao campo da Assembleia de Deus – Missões possui em sua sede um Círculo de Oração. Cada Círculo apresenta um nome diferente, os dias e horários das reuniões ocorrem de acordo com o calendário da Congregação em questão. Vale salientar que o Círculo de Oração é um Departamento da Igreja exclusivamente feminino; isso significa que a Diretoria só pode ser composta por mulheres.

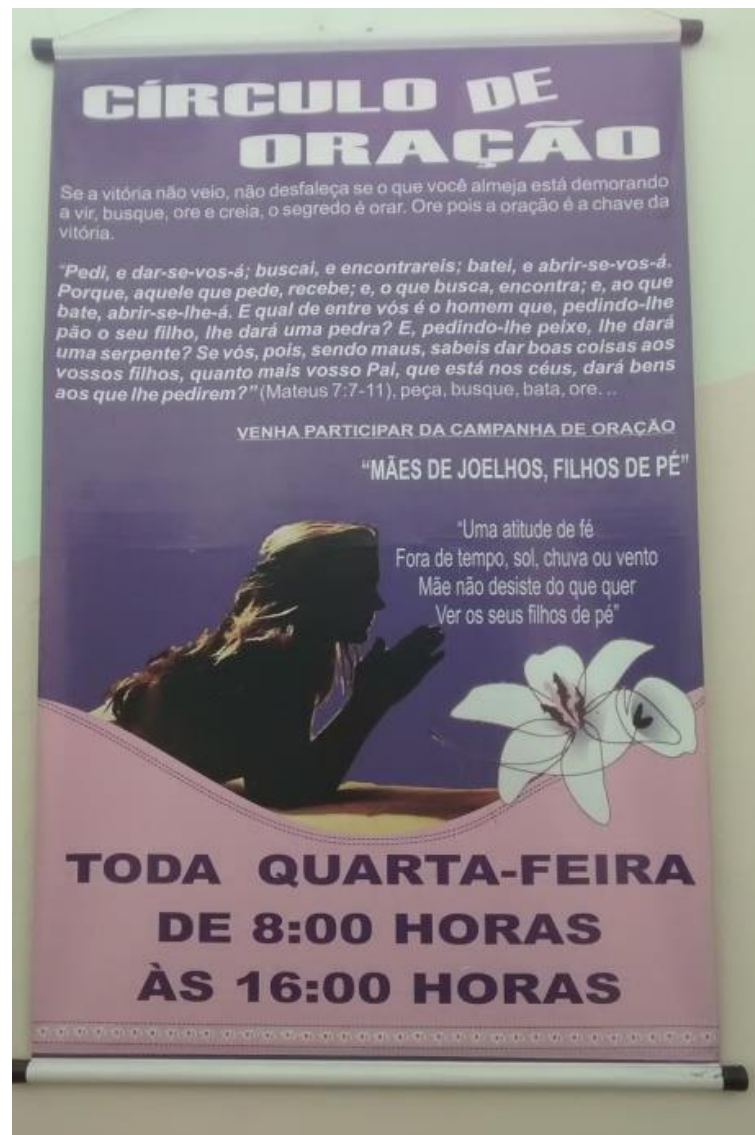
O Rosa de Saron, nome do Círculo de Oração da sede da Assembleia de Deus – Missões, reúne-se todas as quartas-feiras das 08h00 às 16h00. Dirigido por três mulheres, as reuniões funcionam da seguinte forma: das 8h00 às 13h00, há uma grande rotatividade no fluxo de pessoas que passam pela reunião. Nem sempre as dirigentes encontram-se na reunião durante o período da manhã; a ausência é possível, pois a cada hora – das 08h00 às 13h00 – uma ‘irmã’ é responsável pela coordenação da atividade. Das 08h00 às 09h00, o horário é reservado para a oração individual, assim sendo, quando x fiel chega à reunião, coloca-se de joelhos e faz sua oração. Por volta das 09h00, inicia-se a reunião de maneira formal, cuja abertura geralmente é feita por um pastor. Na falta desse, a responsável pelo horário abre a reunião, ou convida alguém que o faça. A partir de então, a reunião segue intercalada entre momentos de testemunhos, orações, louvores, pregação da palavra.

Entre 14h00 e 16h00, acontece o culto do Círculo de Oração, e, assim como no período da manhã, a primeira hora é reservada à oração individual. O culto acontece no salão da Igreja no qual é disposta uma mesa, para acomodar as três dirigentes, e um púlpito. O culto segue o mesmo padrão da reunião matutina; na falta de um pastor, alguma dirigente inicia a cerimônia, ou convida uma pessoa para fazê-lo, e

os louvores, pregações e testemunhos acontecem de forma mais ordenada, mas intercalada.

O público em geral é feminino, mas também pode ser verificada a participação de homens e crianças nas reuniões. No que diz respeito aos fiéis observados, a maioria aparenta um nível social e de escolarização baixos. Não obstante, tanto os homens quanto as mulheres têm a coloração da pele mais escura. A campanha atual chama-se: *mães de joelhos; filhos de pé*.

Imagem 11. Cartaz da campanha atual do Círculo de Oração Rosa de Saron¹⁹⁸



¹⁹⁸ Foto feita na sede da Assembleia de Missões, em 27 abr. 2016.

O cartaz traz os seguintes dizeres na primeira linha: “Se a vitória não veio, não desfaleça se o que você almeja está demorando a vir, busque, ore e creia, o segredo é orar. Ore, pois a oração é a chave da vitória”¹⁹⁹. A segunda mensagem encontra-se em Mateus 7: 7-11, seguida pelo convite para participação na campanha *Mães de joelhos, filhos de pé* e a seguinte frase: “Uma atitude de fé Fora de tempo, sol, chuva ou vento Mãe não desiste do que quer Ver os seus filhos de pé”.²⁰⁰

O cartaz da atual campanha do Círculo de Oração evidencia a finalidade do Departamento: orar. As mulheres que ali estão são empoderadas, pois, aproveitando a fala de uma pregadora, “o milagre é realizado através da oração”. A mulher na perspectiva religiosa tem sua identidade constituída a partir de concepções ideais que relacionam feminino à paciência, maternidade, docilidade, sentimentalidade, compreensão, intervenção. Seria através do poder da oração, dom concedido à mulher pelo Espírito Santo, que a mulher empregaria milagres na vida de sua família e das demais pessoas que viessem a necessitar de ajuda. Nas reuniões em que a pesquisadora esteve presente, muito se falou sobre a necessidade de se manter no caminho da salvação. E para a mulher, esse caminho seria alcançado através dos ensinamentos bíblicos, tais como: “[...] e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”²⁰¹

A mesma pregadora que disse que “o milagre é realizado através da oração” também proferiu a seguinte frase: “não preocupa com a tua casa porque a salvação é individual”. A noção que se pretende trabalhar para a compreensão da mulher assembleia é a da identidade constituída não só pelo *habitus* religioso, mas constituída através de uma matriz de inteligibilidade mais ampla, e essa noção também pode ser encontrada na Escola Dominical.

A Escola Dominical da Igreja-sede ocorre todos os domingos entre 09h00 e 11h00. A reunião é iniciada no salão da Igreja com a participação em conjunto de todas as classes para a leitura da palavra do dia; por volta das 09h15, as classes se dividem e vão para suas respectivas salas para a lição do dia. As classes juntas somam treze, divididas da seguinte forma:

¹⁹⁹ Retirado do cartaz do Círculo de Oração.

²⁰⁰ Retirado do cartaz do Círculo de Oração.

²⁰¹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Gêneses 3:16. São Paulo: King's Cross Publicações.

Tabela 13. Divisão das Classes da Escola Dominical²⁰²

Classe	Idade
1	Berçário
2	até 3- 4
3	5 - 6
4	7 - 8
5	9 - 10
6	11 - 12
7	13 -14
8	15 - 17
9	a partir dos 18
10	Solteiros
11	Casados
12	Irmãs
13	Irmãos

As classes são ministradas por um par ou trio de professorxs que se oferecem ou são chamadxs ao final de cada ano para lecionar na Escola Dominical. O material utilizado nas salas são as *Lições Bíblicas* publicadas pela CPAD. Em relação à Escola Dominical, duas situações podem ser destacadas: 1 – a divisão entre os cargos ocupados entre homens e mulheres de acordo com a idade da turma; 2 – a necessidade que algumas mulheres sentem em discutir de forma mais aprofundada temas ligados à sexualidade, por exemplo, a homossexualidade.

É curioso perceber que o discurso oficial assembleiano prega a mulher enquanto responsável pela educação dxs filhxs, ela seria uma educadora por excelência. Entretanto, a partir de um olhar mais atento, pois as mulheres são maioria no que diz respeito à ocupação dos cargos como professoras da Escola Dominical, é possível perceber que há um limite para a mulher ensinar na Igreja. Afirma-se isso, pois as mulheres lecionam nas classes com alunxs até dezoito anos. A partir dessa idade, as classes da Escola Dominical são dominadas por professores. Essa esquematização aponta para uma hierarquia também na ocupação do quadro dxs professorxs, na qual às mulheres caberiam os cuidados ‘maternais’, e aos homens, os ensinamentos práticos e doutrinários.

Os dois pontos mencionados anteriormente são intercambiáveis na medida em que os ensinamentos passados nas classes a partir dos dezoito anos estariam

²⁰² Tabela criada a partir das anotações de campo.

em sintonia com o discurso oficial da Igreja, no qual se verifica a abjeção dos corpos ininteligíveis. Apesar de não concordar em certa medida com o discurso passado através das lições da Escola Dominical, Cristina²⁰³ mantém-se quieta. Entretanto, procura outras formas de trabalhar questões não aprofundadas na sala de aula e que gerariam incômodo para sua posição enquanto mulher. Uma forma seria a leitura de bibliografia complementar a fim de refletir sobre a forma com a qual a Igreja lida com certas questões da modernidade. A fiel afirmou ter acabado de ler o livro *Eros e sexualidade*, de John White e, a partir dessa leitura, teria percebido a necessidade de se trabalhar de forma contundente a sexualidade no interior da Igreja.

De maneira geral, Butler²⁰⁴ e Bourdieu ajudam a refletir sobre como são constituídos os corpos, os gêneros e os sexos das mulheres assembleianas. A noção de performatividade dos gêneros ajuda a pensar as identidades das mulheres assembleianas, de que maneira elas são construídas, generificadas, naturalizadas. Quer dizer, a identidade generificada está em constante construção e mutação a partir da repetição dos atos, sempre com alteração. É possível considerar a partir desse pensamento as mulheres que se destacam no ambiente religioso e assumem espaços delegados aos homens, de acordo com uma hierarquia pautada na divisão biológica. Entretanto, como pensar na identidade fluida de algumas mulheres assembleianas? Os próximos Capítulos pretendem lançar apontamentos para esse novo horizonte.

²⁰⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAPÍTULO III

5. Moral e ética cristã: “enfrentando as questões morais de nosso tempo”²⁰⁵

Já foi dito anteriormente a forma pela qual se pretende trabalhar a partir da teoria as mulheres entrevistadas e acompanhadas frequentadoras do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões. Pretende-se trabalhar gênero enquanto uma categoria analítica fluida, ou seja, não fixa e estanque. Para tanto, empregar os conceitos de *habitus* e campos inseridos na obra de Pierre Bourdieu, bem como os conceitos de corpo, norma e performatividade encontrados no escritos de Judith Butler, tem se mostrado essencial ao permitirem trabalhar a constituição das identidades religiosas de forma dinâmica. Contudo, seria possível trabalhar a constituição da identidade feminina no interior da Assembleia de Deus – Missões sem ao menos esboçar os valores morais e éticos produzidos e reproduzidos no interior desse espaço religioso? A pesquisadora julga não ser possível, uma vez que os valores morais e a ética cristã compõem boa parte da constituição da identidade do sujeito assembleiano.

Em algumas situações, a realização das entrevistas com as mulheres assembleianas se mostraram mais produtivas do que a pesquisadora imaginava que seria. Em certa ocasião, a entrevistada, frequentadora do Círculo de Oração, também lecionava na Escola Dominical, e para a agradável surpresa da pesquisadora, as *Lições Bíblicas* do trimestre referiam-se aos valores cristãos. Resumindo para você, legente, tal revista se encontra em posse de quem vos escreve e é a partir da revista da Escola Dominical que os valores morais e éticos cristãos serão abordados nas próximas linhas.

A revista *Lições Bíblicas*²⁰⁶ é uma publicação trimensal, publicada pela CPAD, dividida em dois volumes: um para xs alunxs e outro volume para xs professorxs. Cada revista, dividida em treze lições, conta com recursos visuais e tecnológicos. O periódico em posse da pesquisadora trouxe as seguintes lições: o que é ética cristã,

²⁰⁵ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

²⁰⁶ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

ética cristã e ideologia de gênero, ética cristã e Direitos Humanos, ética cristã e aborto, ética cristã, pena de morte e eutanásia, ética cristã e suicídio, ética cristã e doação de órgãos, ética cristã e sexualidade, ética cristã e planejamento familiar, ética cristã e vida financeira, ética cristã, vícios e jogos, ética cristã e política e ética cristã e redes sociais. Como se pôde perceber, muitos dos temas trabalhados no periódico em questão são assuntos polêmicos e que têm trazido um caloroso debate na arena pública brasileira.

Assuntos tais como gênero, aborto e sexualidade ganham as manchetes periodicamente através de debates marcados por uma forte oposição. De um lado, encontra-se uma parcela da população menos conservadora, enquanto do outro lado, encontra-se uma parcela da população que carrega em sua identidade valores cristãos. Mas afinal, quais seriam esses valores? De qual forma a moral e a ética cristã se relacionam com temas modernos? Tais perguntas servem como pano de fundo para compreender de qual forma as mulheres assembleianas têm construído suas identidades.

Com base no pensamento de Karl Marx²⁰⁷, a moral pode ser entendida como valores que derivam de uma estrutura social. Tais valores, configurados a partir de instituições e agentes que possuem certo capital simbólico, seriam pensados e colocados em prática a fim de garantir que a estrutura vigente se mantenha. Refletir de acordo com Marx implica pensar que o espaço religioso busca normatizar seu rebanho a fim de perpetuar a estrutura hierárquica no campo, imprimindo um *habitus* em conformidade com a leitura literalista da Bíblia. Contudo, moral e ética, apesar de serem utilizadas enquanto sinônimos em muitos casos, não guardam o mesmo significado. A ética, portanto, estaria ligada ao exercício reflexivo acerca do agir do humano, quer dizer, estaria ligada aos critérios normativos na avaliação do comportamento do indivíduo. Ora, mas o que a Igreja Assembleia de Deus – Missões estaria entendendo por moral e ética, mas, sobretudo, por moral e ética cristãs?

Já na primeira página da revista, o texto traz como verdade prática: “As Escrituras Sagradas ensinam o que convêm à virtude do bem-viver cristão em

²⁰⁷ CUNHA, Leonam Lucas Nogueira; DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. O significado das questões ético-morais para Marx. *SABERES*, v. 1, n. 13, 2016.

sociedade”²⁰⁸. Ou seja, em primeiro momento, a revista busca marcar seu local de fala, a Bíblia. Não obstante, para leitura diária, traz a seguinte passagem para as terças-feiras: “A palavra de Deus é o fundamento da Ética Cristã”²⁰⁹. Desse modo, antes de entrar na lição, o articulista Douglas Baptista deixa claro o objetivo do texto: inculcar no legente a moral e a ética cristã a partir única e exclusivamente da palavra de Deus. Somente a leitura atenta à Bíblia seria capaz de fornecer as condutas, modos de agir e de ser do sujeito religioso.

Como objetivo geral, a lição traz: “Apresentar o conceito e os fundamentos da Ética Cristã”²¹⁰. A partir desse ponto, traz o conceito da ética cristã, os conceitos de ética e moral, os princípios da ética cristã. Mas, sobretudo, os fundamentos da ética cristã. De acordo com a revista, a ética cristã teria como objetivo a conduta ideal para o ser cristão. Quer dizer, o próprio texto carrega a palavra ideal. Mas pensar em um tipo ideal de sujeito, sobretudo, o sujeito mulher, acarretaria algumas problematizações. Entre elas, a unidade estável da identidade mulher, desconsiderando os vários espaços de sociabilidade pelos quais cada mulher frequentadora da Igreja transita.

Ainda com base na revista, a conduta ideal de cada ser cristão teria como fundamento as virtudes do reino de Deus, ou seja, seriam pautadas nas Escrituras Sagradas sendo indissociáveis das mesmas, na qual os princípios ético-cristãos seriam imutáveis e, obviamente, divinos. Chama atenção a seguinte passagem:

Esses princípios têm aplicação adequada para todas as épocas e culturas, pois são universais. Assim os padrões ético-cristãos não podem ser relativizados: ‘o céu e a terra passarão, as minhas palavras não hão de ficar’ (MT 24.35). (Grifo da autora)²¹¹.

Ora, a passagem acima evidencia a forma pela qual a Igreja Assembleia de Deus – Missões pretende normatizar e padronizar os sujeitos que transitam no interior de seu espaço religioso. Ao abordar os princípios ético-cristãos enquanto universais, a Igreja escamoteia toda historicidade, contextualidade e agência de cada sujeito na formação de sua própria identidade. A partir desse princípio, todo

²⁰⁸ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 03, 2018.

²⁰⁹ “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar”. *Bíblia*, Edição de Promessas. Mateus, 24:35, p. 44, 2006.

²¹⁰ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 4, 2018.

²¹¹ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 6, 2018.

sujeito cristão teria sua formação identitária de forma semelhante. Entretanto, as mulheres assembleianas guardam diferenças entre si, tais mulheres, portanto não seriam cristãs? Para além, se você leu atentamente o que foi escrito até aqui, estará se perguntando: a Igreja enquanto instituição produtora de capital simbólico estaria se valendo de seu *locus* de poder para engendrar nxs fiéis um *habitus* capaz de manter a hegemonia de classificação e organização pautada na diferenciação biológico-sexual? Sim e não.

Sim, pois sendo possuidora de poder, a Igreja, ao ser analisada através de um lastro histórico de longa duração, tem produzido e reproduzido esquemas de classificação a fim de perpetuar a ordem social vigente. A Bíblia – esquema regulatório – que vem sendo utilizada pela instituição religiosa enquanto instrumento de legitimação na distribuição desigual de poder entre os sexos – pautados no binarismo sexual, macho/fêmea – é a única fonte de verdade para a salvação. Desse modo, a instituição religiosa através de seus discursos – impressos, audiovisuais, visuais – tem reforçado um padrão conservador e normatizador, conseqüentemente, excludente em nxs fiéis. Mas, no frígido dos ovos, os discursos religiosos conservadores têm sido eficazes? Importa, para a tese, identificar os discursos normatizadores de um ‘feminino ideal’, como dito na revista, e a repercussão de tais discursos nas identidades femininas. Parece que na prática tais discursos vêm sendo rearranjados e reinterpretados pelas mulheres assembleianas.

Retomando a resposta negativa dada à pergunta feita em parágrafo anterior, pode-se dizer que a Igreja não constrói todos seus discursos de maneira maquiavélica a fim de sobrepujar a mulher em detrimento do homem. Apesar de reforçar certo comportamento patriarcal e heteronormativo, cabe à pesquisadora relativizar os estados da pesquisa. De acordo com Bourdieu²¹² a dominação masculina, construída por vias puramente simbólicas, e aqui indo adiante, discursivas também, insere-se nas coisas e corpos, tanto de ‘dominados’ como de ‘dominantes’. Isto é, a ordem masculina que vem sendo reproduzida de maneira contínua ao longo do tempo, ao assumir a característica de natural, produz não somente a hierarquia entre os sexos, mas uma hierarquia de poder, que no espaço religioso se reveste de uma moral cristã. Algumas questões podem ser subtraídas desse esquema de pensamento: em primeiro lugar, a reprodução das diferenças

²¹² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

com base na anatomia dos corpos masculino/feminino tem sido produzida e reproduzida ao longo de tanto tempo que a essência naturalista já se encontra fortemente demarcada; um segundo ponto a assumir, seria a Bíblia, livro sagrado para o ser cristão, que traria em suas páginas as verdades divinas; um terceiro ponto que chama atenção seria que a distribuição do poder no interior do espaço religioso não ocorre apenas no sentido homem-mulher, mas, também, no sentido homem-homem. O que se pretendeu, portanto, ao relativizar a resposta dada à pergunta foi demonstrar que tanto ‘dominantes’ quanto ‘dominados’ têm seus corpos e identidades atuando no interior de regimes de poder, os quais, de acordo com o campo, têm suas próprias normas e regras, gerando suas matrizes de inteligibilidade, leia-se, matriz moral quando se trata do espaço religioso.

Contudo, percebe-se, agora, que, ao introduzir os conceitos de moral e ética cristã, ainda não foi possível deixar claros os intentos para o objetivo do trabalho. Tendo em vista que o trabalho tem por base trabalhar as relações entre gênero – através das mulheres assembleianas – e, religião – através da Igreja Assembleia de Deus – Missões, julga-se oportuno utilizar a lição dois da revista *Lições Bíblicas* ao passo que a mesma trabalha “ética Cristã e a Ideologia de gênero”. A lição traz como verdade prática os seguintes dizeres: “A doutrina da criação do ser humano revelada nas Escrituras Sagradas, em que a distinção dos sexos é o padrão, não pode ser relativizada.”²¹³ Seguindo esse raciocínio, a revista traz a preocupação em relação à ‘ideologia de gênero’ na educação. De acordo com o periódico, a ‘ideologia de gênero’ seria:

A palavra “gênero” tem origem no grego *genos* e significa “raça”. Na concepção da lógica, o termo indica “espécie”. Usualmente deveria indicar o “masculino” e o “feminino”, como ocorre na Gramática. Nesse sentido, a expressão é inofensiva; porém, na sociedade pós-moderna, tal significado é relativizado e distorcido em “ideologia de gênero”. Essa ideologia também conhecida como “ausência de sexo”. Esse conceito ignora a natureza e os fatos biológicos, alegando que o ser humano nasce sexualmente neutro. Os ideólogos afirmam que os gêneros – masculino e feminino – são construções histórico-culturais impostas pela sociedade.²¹⁴

²¹³ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 10, 2018.

²¹⁴ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 12, 2018.

O trecho acima é sintomático da perspectiva do que a Igreja entende como gênero, sexo, sexualidade, orientação sexual. Com bases teóricas fundamentadas nas discussões que envolveram o PNE (Plano Nacional de Educação), em 2014, a Assembleia de Deus age em conformidade no que diz respeito ao conceito e à aplicação do conceito de 'gênero' de acordo com a parte religiosa que compõe o Congresso Nacional. Ao criar o termo 'ideologia de gênero'²¹⁵, o que se viu na arena política foi uma postura conservadora pautada no binarismo sexual para compreensão da identidade sexuada do sujeito. Seguindo tais premissas, a 'ideologia de gênero' seria responsável pela troca de papéis entre homens e mulheres, confusão de identidade para o ser humano, desvalorização do casamento e da família.

Obviamente, você, legente atentx, consegue perceber as disfunções entre o que uma perspectiva fluida acerca de gênero, que dê conta de explicar os corpos inteligíveis e ininteligíveis, no interior de uma matriz de inteligibilidade suportada por normas e regras, e desse ponto de vista excludente, e a concepção do que seria a 'ideologia de gênero'. Ora, torna-se complicado, nesse ponto, manter-se acadêmica. Entretanto, essa perspectiva disfuncional sobre gênero ajudará a compreender não somente os discursos reproduzidos no interior da Igreja sobre o que seria próprio ao homem e a mulher, como também colocar em reflexão as mulheres assembleianas que, ao transitarem entre vários campos reguladores, estão constituindo um *habitus* plural, capaz de inseri-las, muitas vezes, de maneira ininteligível no interior da matriz moral religiosa. Portanto, a análise dos questionários quantitativos somados à análise das entrevistas realizadas possibilitará perceber que, e aqui adiantando um pouco os resultados, existe tensão entre os discursos oficiais assembleianos e a autorrepresentação de mulher. Embora as respostas contidas nos questionários apontem para uma direção, as entrevistas auxiliarão na compreensão da autonomia feminina assembleiana. Se tal autonomia é total ou parcial, as próximas páginas se encarregarão de mostrar a resposta.

²¹⁵ SOUZA, Sandra Duarte de. "Não à ideologia de gênero!" A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 2, 2014.

5.1. A moral cristã se traduz em condutas ideais?

O Círculo de Oração Rosa de Saron, com ocorrência todas as quartas-feiras, com duração entre 08h00 às 16h00, é um espaço aberto. Nesse sentido, qualquer pessoa pode participar das reuniões, homens, mulheres, crianças, crentes, não crentes, etc. conseqüentemente, as reuniões se tornam dinâmicas, pois nem todas as pessoas que estiveram presentes no horário matutino na reunião estarão presentes no horário vespertino. Não obstante, as pessoas que frequentaram o Círculo de Oração em determinada quarta-feira nem sempre estarão presentes nos próximos encontros. Isso quer dizer que, fora as dirigentes do Departamento, todas as reuniões são compostas por pessoas diferentes. Tal característica das reuniões implicou algumas conseqüências, entre elas: 1. a observação da variação de pessoas que procuram a Igreja, particularmente, o Círculo de Oração, na expectativa de sanar algum problema pontual em sua vida; 2. a dificuldade que a pesquisadora teve para que as mulheres que frequentam o Círculo de Oração preenchessem o questionário proposto.

Dessa forma, foram impressos trinta formulários²¹⁶ contendo as seguintes perguntas: 1. Nome, 2. Estado Civil, 3. Profissão, 4. Grau de instrução, 5. Curso, 6. Já trabalhou em quais Departamentos da Igreja, 7. Já dirigiu Congregação, 8. Já encontrou alguma dificuldade para exercer alguma tarefa na Igreja pelo fato de ser mulher, 9. Gostaria de assumir algum cargo na Igreja, 10. Aprova o pastorado feminino. Entre as dez perguntas, nas de número oito, nove e dez, pediam-se justificativas das respostas dadas. Resta salientar alguns pontos: ao distribuir os questionários, foi informado que as mulheres poderiam preenchê-los de forma anônima, ou seja, sem colocar seus nomes e que, mesmo as que preenchessem seus nomes, teriam suas identidades mantidas anônimas na pesquisa.

Embora informadas que poderiam preencher o questionário de maneira anônima, somente dezoito mulheres se dispuseram a preenchê-lo, ou seja, 60% apenas. Mas, o que significaria esse número tão pequeno? Tais mulheres estariam envergonhadas de preencher o questionário, ainda com a possibilidade de anonimato? Ou estariam essas mulheres apreensivas acerca das perguntas contidas no questionário?

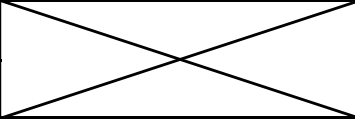
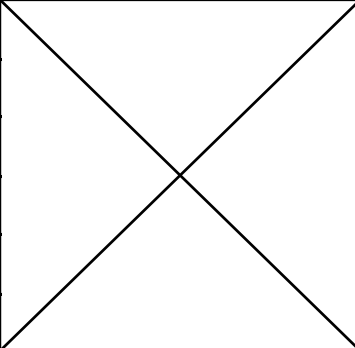
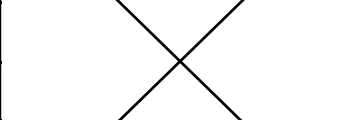

²¹⁶ O modelo do questionário encontra-se nos anexos do trabalho.

Foi pedido que as mulheres preenchessem o questionário, somente ao fim da pesquisa, ou seja, após quatro anos que a pesquisadora frequentava o Círculo de Oração Rosa de Saron. Conseqüentemente, tanto as dirigentes do Círculo quanto as mulheres mais assíduas já conheciam a pesquisadora e o tema da pesquisa realizada, ainda que de forma, superficial. Acredita-se, portanto, que o baixo número de adeptas que se dispuseram a preencher o formulário relaciona-se ao teor da pesquisa realizada, mas, também, ao dinamismo do grupo. Pois, ainda que de maneira sutil, o questionário trazia como marca a discussão sobre gênero. Melhor dizendo, de qual forma os papéis sexuais eram compreendidos por essas mulheres. Bom, com base nas *Lições Bíblicas*²¹⁷, bem como nos discursos oficiais da Igreja, esperava-se que as respostas dadas ao questionário apontassem para uma direção. Mas qual direção seria?

A direção seria óbvia, caso houvesse conformidade entre os discursos oficiais da Igreja e a autorrepresentação feminina. As respostas seriam baseadas em uma leitura literalista da Bíblia, pautada na diferenciação sexual biológica entre macho/fêmea. Dessa maneira, as respostas dadas às perguntas foram sistematizadas e serão apresentadas na tabela a seguir:

²¹⁷ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

Tabela 13. Respostas dadas ao questionário²¹⁸

Respostas ao questionário					
Nome	Preencheu			Não preencheu	
	11			7	
Estado Civil	Casada	Solteira	Viúva	Não preencheu	
	11	2	3	2	
Grau de Instrução	1º grau	2º grau	3º grau	Não preencheu	
	7	5	4	2	
Trabalhou Departamento	Sim	Não		Não preencheu	
	15	1		2	
Dirigiu Congregação	Sim	Não	Junto ao esposo	Não preencheu	
	2	15	1	0	
Dificuldade de exercer tarefa	Sim	Não		Não preencheu	
	2	16		0	
Gostaria de assumir cargo	Sim	Não			Não preencheu
	6	8			4
Aprova o pastorado Feminino	Sim	Não		Não preencheu	
	11	6		1	

²¹⁸ Tabela criada pela pesquisadora com base nos questionários respondidos por algumas mulheres frequentadoras do Círculo de Oração Rosa de Saron.

Como visto na tabela acima, entre as dezoito mulheres que preencheram o questionário, sete preferiram manter suas identidades em anonimato. Apenas quatro mulheres, o que representa 25% das respostas preenchidas, cursaram ensino superior. Verificou-se que a maior parte das mulheres trabalhou em algum Departamento da Igreja, ao longo de sua trajetória religiosa, e que apenas duas mulheres dirigiram Congregações, independente da figura masculina. Sobre as duas mulheres que dirigiram, ou dirigem Congregações, salientam-se alguns pontos: Leonor é uma delas, e suas respostas merecem destaques, que serão trabalhadas adiante; com relação à outra resposta positiva para dirigente de Congregação, a pesquisadora julga que tenha sido preenchida de maneira incorreta. Pois, através da resposta da fiel, percebe-se que a mesma entendeu como direção de Congregação a coordenação do Círculo de Oração. Entretanto, a resposta na tabela aparece tal como foi preenchida. Não obstante, ainda justificando a desconfiança da pesquisadora, nas conversas e entrevistas realizadas, apenas duas mulheres foram destacadas enquanto dirigentes de Congregações, Leonor e Darci. Darci, entretanto, não mais dirige Congregação e, por frequentar outra igreja, não fez parte da pesquisa quantitativa e qualitativa.

Ainda sobre os dados trazidos pela tabela, entre as dezoito mulheres, 100% preencheu sobre a dificuldade de exercer alguma tarefa na Igreja pelo fato de ser mulher, e não surpreendentemente, 88,88% responderam nunca ter encontrado dificuldade em exercer tarefa no interior do espaço religioso. Novamente acredita-se ter havido confusão no preenchimento do questionário: uma das afirmativas positivas foi justificada com a seguinte resposta “Nas igrejas não existe este tipo de problema” ²¹⁹. Ou seja, acredita-se que, na hora de preencher o questionário, a fiel tenha marcado a alternativa ‘sim’ enquanto queria marcar a alternativa ‘não’. Contudo, novamente, a resposta dada ao questionário foi inserida na tabela. Ao ler os questionários e perceber que apenas uma mulher disse, de fato, ter encontrado dificuldade em exercer cargo na Igreja por consequência de seu gênero, a pesquisadora foi atrás da fiel para tentar uma entrevista. Ora, entre dezoito mulheres, ser a única a afirmar algo significaria alguma coisa, foi o que a pesquisadora pensou. Desse modo, a entrevista realizada com a fiel ‘destoante’ será analisada em momento posterior.

²¹⁹ Questionário nº 13, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

Voltando às informações contidas na tabela, sobre assunção de cargos no interior do espaço religioso, oito mulheres entre quatorze respostas preenchidas, melhor dizendo, 57,14% afirmaram não ter interesse em preencher algum cargo na Igreja. As respostas vão ao encontro da pregação de uma 'irmã' em uma reunião ocorrida em 2018 do Círculo de Oração. Vai ao encontro de qual forma? Na pregação, a fiel afirmou que muitas vezes as mulheres "não dão as caras a tapa", ou seja, muitas mulheres, nessa perspectiva, não teriam coragem em assumir as lideranças de suas igrejas, ou mesmo assumir mais responsabilidade no espaço religioso. Desse modo, as mulheres, a partir dessa fala, estariam abrindo mão de um espaço permitido a elas. Contudo, as mulheres estariam de fato abrindo mão de espaços concedidos a elas? Ou estariam essas mulheres agindo de acordo com o *habitus* religioso? Ora, parece que parte das mulheres, maioria, nesse caso, estaria agindo conforme a lógica religiosa no interior do campo. De acordo com Bandini, "a autoridade religiosa feminina será fortalecida pela associação entre os papéis da maternidade e da cuidadora do lar"²²⁰. Quer dizer, a identidade feminina no interior do espaço religioso, regulado por sua própria matriz de inteligibilidade – moral e ética – não passaria a mulher enquanto líder religiosa, mas enquanto, mãe e auxiliadora. Ainda assim, seis mulheres responderam ter interesse na assunção de cargos no interior do espaço religioso. Tal afirmação representaria uma tensão entre o discurso oficial e a autorrepresentação feminina? A resposta para tal pergunta dependeria dos tipos de cargos aspirados por essas mulheres.

Entre as que especificaram suas respostas, aspiram cargos que trabalhem com crianças e com louvor. Não obstante, os cargos que apareceram enquanto já desempenhados por essas mulheres em algum momento de suas histórias religiosas são relacionados à oração, à missão, ao cuidado infantil, ao coral, a Escola Dominical e uma exceção: trabalho na tesouraria, exercido por Rita. Rita, contudo, mostrou-se distinta, e sua entrevista será analisada adiante. Tanto as respostas dadas aos cargos aspirados quanto aos já ocupados em algum momento, salvo o cargo de tesoureira exercido por Rita, simbolizam a normatização sofrida pelas mulheres no interior da Igreja. Mas o que significaria essa normatização?

Mais de 50% das mulheres não têm interesse em avocar para si um cargo religioso; entre as seis que gostariam de um cargo, os dois são relacionados ao que

²²⁰ BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom Ltda, 2014. p. 60.

se pretende e espera para a mulher cristã. O que se verifica, portanto, é o forte caráter regulador da Igreja na identidade feminina, trazendo consequências para o modo de agir e pensar. Empreende-se que, apesar das mulheres assembleianas apresentarem identidades plurais, uma vez que algumas pretendem cargos, enquanto outras não, o poder no interior do espaço religioso age de forma a naturalizar e essencializar²²¹ esse corpo feminino, consequentemente, sua identidade sexuada, ou melhor, o *habitus* sexuada. Consequentemente, o esquema hegemônico de classificação – binário sexual – parece operar com eficácia no interior da Assembleia de Deus – Missões. Embora tal esquema dite as regras e as normas inteligíveis e ininteligíveis, sua eficácia não é de 100%. Mas como se pode analisar a eficácia do sistema regulador assembleiano?

O questionário através de suas repostas traz pistas para a compreensão da eficácia do poder normatizador, regulador, consequentemente, excludente, no campo. Mas, sobretudo, as respostas dadas à última pergunta do questionário ilustram de forma significativa a resistência das mulheres a um discurso normatizador excludente, usualmente utilizado para sobrepujar o feminino em detrimento do masculino.

Entre as dezoito mulheres, apenas uma mulher não preencheu a pergunta final do questionário: “Aprova o pastorado feminino? Sim () Não (). Justifique sua resposta.”²²². Entre as dezessete que preencheram, 11 mulheres afirmaram aprovar o pastorado feminino, o que significa que 64,7% das mulheres aprovam o pastorado feminino, em contrapartida, as seis que desaprovam o pastorado feminino representam 35,29%. A diferença entre apoiadoras do pastorado feminino e as que desaprovam o pastorado feminino é praticamente o dobro. E aqui, insere-se o ponto nevrálgico da pesquisa, o qual seria o limiar para a aplicabilidade da teoria da performatividade de gênero à luz de Judith Butler.

De acordo com Butler²²³, o poder opera de maneira discursiva, o que significaria que o mesmo só poderia ocorrer e ser exercido no interior de relações sociais, nesse caso especificamente, no campo formado pela Assembleia de Deus –

²²¹ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre lós limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002. p. 64.

²²² Questionário feito pela pesquisadora para que as mulheres frequentadoras do Círculo de Oração Rosa de Saron preenchessem. 2018.

²²³ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 09.

Missões. Não obstante, a produção e reprodução de padrões de gênero estariam ligadas às relações de poder que trabalham no interior de espaços de sociabilidade com fim último de normatizar certas variações de sujeito em detrimento de outras. E, no espaço religioso, a Bíblia seria um esquema regulatório instrumentalizado a fim de tornar as mulheres inelegíveis a certos postos no interior da igreja²²⁴. Nesse sentido, o poder institucional, perpetrado nas coisas e nos corpos afetariam os sujeitos de maneira a modelar os discursos sobre gênero, sexo, sexualidade, etc. a fim de originar e propagar tipos ideais de gênero, sexo, sexualidade, caracterizando-os enquanto ontológicos, dotados de essências naturais, verdades interiores, universais e a-históricas.

Contudo, às vezes, a regulação, as normas – leia-se o poder – não agem em conformidade com o pretendido, ocasionando, de dentro da matriz de inteligibilidade, formas de resistência, de tensão e reorientação da regulação imposta no interior de determinado campo. Butler afirma que “os corpos em assembleia dizem: ‘nós não somos descartáveis’”²²⁵, mas como diriam os corpos não reunidos? Os corpos femininos assembleianos estariam resistindo à norma? Se sim, de qual maneira tais corpos estariam dizendo “também podemos liderar!”? Para além, o Círculo de Oração poderia ser compreendido enquanto um espaço no qual os corpos estão reunidos?

O *insight* para trabalhar a mulher assembleiana enquanto sujeito estaria centrado na construção da identidade de cada ser humano, de maneira a pensar a constituição da identidade feminina assembleiana perpassada por inúmeras especificidades: classe, raça, escolaridade, localidade, idade, etc. a fim de perceber que toda identidade é constituída a partir da pluralidade. Desse modo, o campo que compõe a Assembleia de Deus – Missões, com suas normas e regras, constitui, sim, uma matriz de inteligibilidade que age na formação de um *habitus* sexuado. Contudo, em consequência de uma contextualização, historização, é possível perceber compreensões de feminino distintas entre as mulheres que responderam o questionário. Pois, ao responderem que aprovam o pastorado feminino, as onze mulheres assembleianas estão rompendo as barreiras da norma religiosa, legitimada e fundamentada na palavra bíblica.

²²⁴ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 57.

²²⁵ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 32.

Bom, rompem-se as barreiras teológicas na teoria, mas na prática essas mulheres estariam reproduzindo a frase pega por empréstimo de Butler? - 'nós não somos descartáveis'²²⁶. Julga-se ser possível pincelar uma resposta para essa pergunta através das entrevistas realizadas com as frequentadoras do Círculo de Oração. No momento, propõe-se um retorno rápido às justificativas negativas ao pastorado feminino.

Entre as justificativas negativas em relação ao pastorado feminino encontram-se as seguintes respostas: “Pelo fato de se enfrentar certas situações que requer a atuação de um pastor (homem). Não que a mulher não tenha capacidade de exercer o ofício”²²⁷, “Não encontro base bíblica para tal”²²⁸, “Não porque na Bíblia encontramos base para pastora e sim auxiliar do trabalho”²²⁹, “A Palavra de Deus responde, na minha Bíblia não tem pastora”²³⁰. Entre as quatro justificativas para a desaprovação do pastorado feminino, três têm suas respostas baseadas na Bíblia. Trechos como: “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja diante dele”²³¹, “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros pastores e doutores”²³², que, através da observação dos eventos na Igreja, das entrevistas realizadas e das conversas tidas ao longos dos quatro anos de pesquisa, usualmente são proferidos por homens a fim de legitimar o homem enquanto pastor e a mulher enquanto adjutora. E embora, seja um discurso conservador para a manutenção do distanciamento da mulher a cargos de poder, verifica-se a reprodução desse discurso patriarcal, heteronormativo através de mulheres assembleianas.

Importa salientar dois pontos: o primeiro referente à justificativa dada presente no questionário de número dois: “Pelo fato de se enfrentar certas situações que requer a atuação de um pastor (homem)”²³³. Ora, quais seriam essas situações que necessitariam de um homem? Infelizmente não foi possível perguntar, pois o questionário foi respondido de maneira anônima. Infere-se, entretanto, da resposta, que o esquema de classificação hegemônico pautado no binarismo sexual vem

²²⁶ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 32.

²²⁷ Questionário nº 02, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

²²⁸ Questionário nº 03, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

²²⁹ Questionário nº 04, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

²³⁰ Questionário nº 01, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

²³¹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Gênesis, 2:18.

²³² *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Efésios, 4:11.

²³³ Questionário nº 02, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

operando de maneira eficaz na compreensão do ser mulher para essa fiel. A pesquisadora não consegue pensar, para além de uma função reprodutiva, qual seria a diferença entre situações que necessitassem de homens nas quais mulheres não pudessem atuar, pensando de maneira binária, ou seja – reducionista. Entretanto, para a mulher que respondeu tal pergunta, fica nítida a concepção que a mesma tem de constituição de sexo e gênero. Consequentemente, depreende-se através da resposta que, para essa mulher, homens e mulheres têm papéis sociais distintos que são marcados de forma clara.

O segundo ponto a ser destacado, e talvez, mais intrigante, refere-se à resposta dada ao questionário de número 01. Apesar de ter sido preenchido de maneira anônima, a partir da resposta dada à pergunta relativa à direção de alguma Congregação, pôde-se identificar a identidade da pessoa. Trata-se, portanto, de Leonor. Ora, sua resposta foi clara, e saltou aos olhos da pesquisadora como um grito: “A Palavra de Deus responde, na minha Bíblia não tem pastora”²³⁴. Leonor, afora dirigir uma Congregação que compõe o campo da Assembleia de Deus – Missões é fortemente contra o pastorado feminino. Como compreender a identidade sexuada de Leonor? Leonor, ao dirigir uma Congregação, estaria assumindo o mesmo *lôcus* de poder que um pastor. Desse modo, a concepção de Leonor estaria em conformidade com a afirmação encontrada no questionário de número 02, a qual se depreendeu que algumas funções seriam próprias a homens e outras a mulheres? Leonor forneceu uma das entrevistas que será trabalhada adiante. Será que a entrevista concedida por Leonor irá corroborar as respostas dadas às perguntas feitas no questionário?

O caso de Leonor é intrigante e simboliza o rasgo às normas contidas e reproduzidas no interior do campo religioso. Ao mesmo tempo, demonstra a efetividade das normas sociabilizadas no seio da Assembleia de Deus – Missões. Portanto, através, não somente, das respostas dadas por Leonor, mas por todas as mulheres que responderam o questionário, deduzem-se algumas conclusões: em primeiro lugar, a Igreja enquanto instituição tem transmitido suas normas e condutas com base em uma moral e uma ética cristã; em segundo lugar que a constituição das identidades femininas tem sido efetivada não em conformidade com o que a Igreja pretende – de maneira unitária, a-histórica e universal – pelo contrário, as

²³⁴ Questionário nº 01, respondido por uma frequentadora do Círculo de Oração Rosa de Saron.

respostas são plurais, distintas, ainda que algumas guardem semelhanças; em terceiro lugar, mas não menos importante, as respostas esclarecem que as normas internas a um campo constituem um *habitus*, nesse caso religioso, mas que a identidade de cada sujeito é formulada através de vários *habitus*. Sendo assim, pôde-se verificar as normas religiosas agindo com certa eficácia no espaço analisado, entretanto, a eficácia encontra um limite, justamente, na formação de uma identidade de gênero constituída de maneira plural.

6. Mulheres assembleianas: modelos ideais?

As próximas páginas trarão as análises de quatro entrevistas realizadas com quatro mulheres frequentadoras do Círculo de Oração, conseqüentemente, mulheres pertencentes à Assembleia de Deus – Missões. A proposta é dividir as entrevistas em dois blocos, cada qual contendo duas entrevistas. O primeiro bloco, portanto, trará as falas de Leonor e Mariana, assembleianas que já passaram dos sessenta anos de idade e guardam algumas aproximações entre si. Já no segundo bloco, as entrevistas pertencem a uma faixa etária inferior às do bloco I e guardam entre si algumas semelhanças que a pesquisadora julga que sejam importantes de se analisar, tais como: estado civil, escolaridade, moradia, etc. As posições que cada uma das mulheres entrevistadas ocupa dentro da Igreja são distintas, assim como suas interpretações sobre o pastorado feminino, a participação das mulheres no interior da Igreja, e, conseqüentemente, a autorrepresentação do ser assembleiana.

Tais mulheres foram escolhidas pela pesquisadora para serem trabalhadas ao longo da tese por se destacarem por motivos diversos. Ora por ter respondido ao questionário de maneira extremamente divergente das demais mulheres, ora por assumir papéis incumbidos ao sexo masculino. Ou seja, as mulheres trazidas para debate representam algumas das várias identidades femininas encontradas no interior da Assembleia de Deus – Missões. Por mais que guardem semelhanças entre si, as quatro mulheres são distintas, apresentam posturas e comportamentos distintos, o que significa dizer que aquele modelo 'ideal' de feminino pretendido não somente pelos articulistas das revistas analisadas durante o trabalho de Mestrado, mas, também, pelo articulista da revista *Lições Bíblicas* compartilhada

anteriormente, sem contar os discursos dos pastores, tem sofrido adaptações no que diz respeito à constituição identitária feminina assembleiana.

Nesse sentido, adiantando algumas conclusões, tais mulheres assembleianas que serão retratadas à frente demonstram e tipificam variadas formas e maneiras de performatizar o gênero, conseqüentemente de autorrepresentação – perpassada pela construção da identidade – no interior da Assembleia de Deus. Destaca-se, portanto, o paradoxo encontrado ao refletir sobre a ‘figura feminina’ no espaço religioso em questão: o modelo oficial, produzido e reproduzido pelo discurso oficial através das falas dos pastores, dos ensinamentos bíblicos, dxs articulistxs dos periódicos *versus* a experiência religiosa debutária da trajetória biográfica de cada individualidade.

Sem mais delongas, as próximas páginas trarão algumas partes, que se julgaram importantes, da entrevista realizada com Leonor.

BLOCO I

6.1. Leonor: a ‘pastora’ que desaprova o pastorado feminino

A entrevista com Leonor foi realizada em cinco de maio do ano de dois mil e dezesseis, com início às quatorze horas, na sede da Igreja Assembleia de Deus – Missões, situada na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais. A entrevista foi realizada no espaço da Igreja destinado aos cultos, entretanto, como no dia não havia reuniões ou mesmo cultos no horário marcado, a Igreja se encontrava vazia. Contudo, pastores responsáveis pela parte administrativa da Igreja se encontravam no local. Desse modo, Leonor optou pelo local, dia e horário para conceder a entrevista, e tendo essa sido feita na Igreja, a pesquisadora julga ter havido certa dificuldade em respostas mais claras e abertas, que, talvez, pudessem ter sido dadas em ambiente neutro, ou seja, um ambiente que não fosse ligado à instituição religiosa. Diz-se isso, pois, em muitos momentos a entrevista foi interrompida pelo aparecimento de algum pastor. Contudo, as respostas dadas por Leonor ao questionário podem ser mais bem trabalhadas a partir da entrevista concedida pela fiel.

Leonor, à época com sessenta e dois anos de idade, é uma mulher negra, de fala simples, alta, esguia, a qual não aparenta a idade que tem. Seus olhos são negros, seus cabelos são alisados e acima dos ombros. Ora Leonor os prende em um rabo de cavalo, ora os deixa soltos. Leonor se veste de forma esperada para uma mulher pertencente à Igreja Assembleia de Deus – Missões, que guarda, ainda nos dias atuais, várias semelhanças com a primeira onda pentecostal explicitada por Freston²³⁵. Quer dizer, Leonor se veste com saias abaixo dos joelhos, sapatos fechados, às vezes sem salto, às vezes com pequenos saltos, suas blusas são sem decotes, sem transparência. Ainda sobre a estética de Leonor, não utiliza maquiagem, nem brincos, cordões, anéis e pulseiras. Leonor, portanto, reproduz através de sua indumentária o estereótipo de crente. Nesse sentido, a fiel tem reproduzido as normas e condutas empregadas pela Igreja de forma exemplar. Não há desvio de comportamento no que diz respeito à forma com que Leonor se veste. Ora, o que significaria, desse modo, Leonor se vestir de acordo com as normas da Igreja?

Já foi mencionado que a igreja enquanto instituição carrega um forte poder capaz de operar de maneira direta e indireta na constituição da identidade dos fiéis. Nesse sentido, a igreja enquanto um campo, composto por relações sociais entre os sujeitos, estaria produzindo e reproduzindo disposições e regulações capazes de modelar os corpos e os agenciamentos dos fiéis em conformidade com suas normas regulatórias, ocasionalmente, fazendo operar em seu interior um poder simbólico responsável por parte da constituição da identidade do sujeito através de um *habitus* religioso. A imagem a seguir representa o tipo de vestimenta esperada para a mulher assembleiana:

²³⁵ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. p. 64. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.



A imagem de número onze representa o ‘ideal’ feminino no que diz respeito à forma de se vestir. Leonor, nesse caso, se veste em conformidade com o esperado. Por se vestir conforme as regras e normas da Igreja, Leonor estaria em plena conformidade com toda a matriz de inteligibilidade religiosa? Se a identidade de cada sujeito fosse construída de maneira singular, poder-se-ia responder a pergunta feita de forma positiva. Contudo, apesar do poder operar a fim de naturalizar seu objeto, a construção do ‘eu’ estaria em constante transformação e constituição, significando, portanto, uma constituição de um ‘eu’ plural, heterogêneo e, acima de

²³⁶ *Mulher, Lar & Família Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 14, p. 45, 2003.

tudo, contingente. Ora, se você leu atentamente o que foi escrito até aqui, sabe que Leonor deve ser compreendida a partir de uma teoria performativa de gênero. Pois, apesar de reproduzir normas e regras propagadas no interior do espaço religioso, Leonor provoca um rasgo nas normas ao assumir uma posição ‘masculina’ – ao dirigir uma Congregação religiosa.

Todavia é preciso conhecer um pouco da história de Leonor para vislumbrar de qual forma essa mulher se reconhece. Mãe de três filhos, em uma classificação binária, dois homens e uma mulher, Leonor desde criança frequenta a Assembleia de Deus. Conheceu seu esposo, já falecido, na Igreja Evangélica Catedral das Assembleias de Deus em Juiz de Fora, outra ramificação do bloco heterogêneo Assembleia de Deus. Depois de se casarem, migraram para Assembleia de Deus – Missões, em 1978. Ao longo de seus mais de quarenta anos de casada, Leonor sempre trabalhou fora, para ‘ajudar’ seu esposo na manutenção da casa. Trabalhou como auxiliar de enfermeira até o ano de 1998 e, na Igreja, juntamente a seu esposo, sempre atuou no Departamento de Missões. De acordo com a entrevistada, podem-se encontrar dois tipos de trabalho missionário no interior da Igreja: o missionário transcultural – ou seja, trabalho missionário para além das fronteiras brasileiras – e o missionário cultural – esse responsável pelo trabalho evangelístico em terras tupiniquins. Salienta-se nesse ponto um aspecto importante explanado por Leonor: as mulheres de pastores tornavam-se missionárias, justamente, pelo estado conjugal. Desse modo, para ser missionária na Assembleia de Deus – Missões, é preciso ser uma mulher casada, mas não só casada, casada com um pastor.

Infere-se, pois, a identidade feminina assembleiana ligada à identidade masculina do marido. Se para a mulher assembleiana assumir a função de missionária é necessário ser casada com pastor, existiria autonomia feminina? Ou a mulher seria somente a extensão de seu companheiro? A fala a seguir sugere a função da mulher:

[...] ser uma esposa de pastor, estar ao lado do meu marido para tudo que ele precisava [...] é muita responsabilidade, principalmente a minha que meu marido era um pastor evangelista, ele saía para abrir igrejas e é uma responsabilidade muito grande você tá ali e as pessoas que vem ver o pastor, mas ele te vê também como pastora

ao lado dele e em muitas ocasiões você enfrenta a dificuldade [...] uma esposa de pastor sofre junto com ele.²³⁷

Através do trecho acima retirado da fala de Leonor, parece que a mulher assembleiana casada com pastor tem sua identidade fundamentada na leitura literalista da Bíblia, a qual, ao servir como instrumento de legitimação para inferioridade do feminino em favor do masculino, introjeta no imaginário religioso a figura da mulher como 'indigna', por que não, de assumir cargos de autoridade. Nesse caso, a mulher não seria apta para pastorear, por exemplo, pois: "E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele."²³⁸ A mulher, com fundamentação bíblica, melhor dizendo, baseado na ética e na moral cristã, deveria se portar de acordo com: "Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão a cabeça da mulher; e deus a cabeça de Cristo"²³⁹. Ora, tanto as passagens bíblicas aqui expostas quanto a fala da própria Leonor, projetam a mulher, nesse caso, a mulher de pastor de forma universal, a-histórica, fora de contexto e acima de tudo como ajudante do homem, 'o varão da igreja'. Entretanto, cara Leonor, sua função não tem sido essa.

Embora o discurso de Leonor vá ao encontro da fala do pastor-presidente, dos intentos reguladores e normatizadores encontrados não somente nos periódicos analisados até o momento, mas, também, nos discursos escutados nos cultos e nos Congressos Femininos da Igreja, sua ação vai de encontro a tais regulações. A igreja enquanto uma estrutura tem suas normas e regulações abaladas, programadas e reprogramadas a todo o momento, através da ação dos sujeitos inseridos em seu campo de poder. Nesse sentido, Leonor, ainda que não enxergue, tem contribuído para a transformação, do campo, do *habitus* religioso, bem como da matriz de inteligibilidade pertencente àquele espaço de sociabilidade.

Assim sendo, quando Leonor respondeu no questionário ser contra o pastorado feminino, não compreendeu que sua própria identidade era perpassada pelo exercício de pastora, suas falas na entrevista corroboram esse entendimento:

Eu acho muito importante a mulher ter uma atividade na igreja, poder participar dos trabalhos, do Círculo de Oração e outros tipos de trabalho como eu que dirijo uma Congregação [...] acho muito especial [...] ainda tem muito homem que é muito machista, que acha

²³⁷ Entrevista realizada em 05 maio 2016, em Juiz de Fora.

²³⁸ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Gênesis, 2:18.

²³⁹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. I Coríntios, 11:3.

que a mulher tem que tá submissa [...] Acho maravilhoso uma mulher pastorear [...] Ah pastora! Eu preciso de ajuda, eu preciso de colo.²⁴⁰

Ora, para uma mulher que respondeu não haver fundamentação bíblica para o pastorado feminino se colocar como pastora é, no mínimo, curioso. Como, portanto, compreender esse distanciamento entre as respostas dadas por Leonor à mesma pergunta? Acredita-se que as respostas sejam tão distintas por alguns motivos, entre eles: pelo fato do questionário permitir apenas respostas curtas e objetivas – nesse caso, é desaprovado pela Assembleia de Deus – Missões e enquanto fiel em conformidade com as normas, dotada de um *habitus* religioso – Leonor reproduziu o discurso bíblico; um segundo motivo seria o reconhecimento de si enquanto pastora no decorrer da entrevista. Pois, ao afirmar dirigir uma Congregação, após a morte de seu marido, Leonor se vê recoberta pela legitimidade e autoridade, características essas, antes pertencentes a seu marido e que, com a morte do cônjuge, foram transferidas para ela. Não obstante, a fala de Leonor ainda expõe dois pontos intercambiantes importantes: o machismo no interior do espaço religioso e a submissão feminina.

Machismo e a submissão, nesse caso feminina, são dois conceitos que no interior do espaço religioso são construídos através da moral e da ética cristã no que diz respeito ao esquema de classificação e organização entre os sexos e gêneros. Já foi trazido à discussão o que a Igreja entende como ‘ideologia de gênero’ e como a mesma classifica homem e mulher a partir de uma estrutura binária de oposição entre os sexos. Em termos estruturalistas, tal esquema de classificação, extremamente reducionista, teria como uma das funções a organização dos corpos e das coisas a partir do sexo. Juntando-se um esquema hegemônico de classificação e organização e a moral e ética cristã, cria-se a receita para a sujeição feminina no espaço religioso. Apesar disso, a ação humana faz com que a receita às vezes não saia como esperado e é nesse ponto que as normas e as regras aceitáveis são abaladas.

Leonor, apesar de não perceber, vem tensionando as regras e normas daquela matriz de inteligibilidade. De acordo com sua fala, muitos homens, também dirigentes de Congregações, não gostam de sua participação nas reuniões da cúpula religiosa, pois não seria próprio para uma mulher pastorear uma

²⁴⁰ Entrevista realizada em 05 maio 2016, em Juiz de Fora.

Congregação desacompanhada de um homem. Vê-se, que Leonor, foi alçada ao poder, de mulher de pastor, missionária, para pastora de sua própria Congregação. Isso significa que sua identidade não é constituída somente pelo *habitus* religioso, conseqüentemente, não se encaixa perfeitamente naquela matriz de inteligibilidade. Em consequência da contingência de sua identidade, pôde-se captar o deslocamento entre o ato de fala de Leonor e de suas ações. Crucial, nesse ponto, é compreender Leonor enquanto uma mulher religiosa que tem sua identidade em constante construção a partir de vários campos de sociabilidade e, sobretudo, que sua autorrepresentação tem como pano de fundo as normas e as regras religiosas, mas que, apesar disso, age com certa autonomia no interior do espaço religioso ao pastorear sua própria Congregação, dirigir o Círculo de Oração da Igreja de Torreões e pregar em seus próprios cultos.

6.2. Mariana: a fiel que ‘destoa’ do rebanho

Mariana foi a última mulher selecionada pela pesquisadora para ser entrevistada. Seu caso destaca-se e difere-se das demais, pois foi a partir das respostas dadas ao questionário que a fiel chamou a atenção da pesquisadora. Especificamente para a pergunta “Já encontrou alguma dificuldade para exercer alguma tarefa na Igreja pelo fato de ser mulher? Sim () Não (). Justifique sua resposta:”²⁴¹, Mariana foi a única mulher a marcar que já havia encontrado dificuldades para exercer tarefas na Igreja com base em seu gênero. Ora, parecia, portanto, indispensável uma conversa com Mariana, e, por sorte, a fiel não preencheu seu questionário da maneira anônima. Identificada a fiel, a entrevista foi marcada em poucos dias, de acordo com o horário, local e dia que melhor atendesse à entrevistada. A expectativa em torno da entrevista com Mariana era enorme, pois parecia que ali estaria o diferencial da pesquisa, parecia que Mariana seria aquela mulher que rasga e tensiona as normas e regulações da Igreja de forma clara e explícita. Entretanto, será que tais expectativas foram frustradas? As linhas a seguir trarão de forma mais clara se Mariana age de acordo com os intentos da Igreja ou não.

²⁴¹ Questionário feito pela pesquisadora para que as mulheres frequentadoras do Círculo de Oração Rosa de Saron preenchessem. 2018.

Mariana foi entrevistada no dia vinte e sete de junho de dois mil e dezoito, como mencionado, após a distribuição do questionário para as mulheres frequentadoras do Círculo de Oração. Sua entrevista ocorreu na Igreja-sede da Assembleia de Deus – Missões, na secretaria da Igreja, em uma quarta-feira às quinze horas e vinte minutos. Apesar de ter sido realizada na sede da Igreja, assim como a entrevista realizada com Leonor, no caso de Mariana, por ter sido efetuada na secretaria da Igreja, o processo foi realizado de forma mais particular. No final do ano de dois mil e dezessete e início do ano de dois mil e dezoito, houve uma mudança estrutural na sede da Igreja Assembleia de Deus – Missões. Os Departamentos ‘burocráticos’, tais como: secretaria da Igreja, tesouraria da Igreja, escritório do pastor-presidente, foram transferidos de local. Se antes os mesmos estavam inseridos no primeiro andar do espaço religioso, atualmente situam-se em uma edificação distinta. O complexo administrativo, portanto, foi transferido para uma casa, essa alugada pela Igreja, que fica na lateral do templo situada na escada – Travessa Doná Maria Cândida – que dá acesso entre a Avenida dos Andradas e a rua Catulo Brevigliele. A imagem a seguir traz o complexo Assembleia de Deus – Missões.

Imagem 13. Complexo formado pela Assembleia de Deus - Missões²⁴²



Desse modo, ao ter sido realizada em uma quarta-feira à tarde, a secretaria da Igreja encontrava-se vazia, ainda que estivesse ocorrendo o Círculo de Oração no templo. De modo geral, Mariana teve mais liberdade do que Leonor para refletir e discorrer sobre assuntos mais ‘delicados’, e encontravam-se no espaço somente a pesquisadora, a entrevistada e a secretária da Igreja. Feitas tais considerações, abordar-se-á a entrevista feita com Mariana.

Mariana tem sessenta e três anos de idade, é casada com um católico “beato, fervoroso”²⁴³ – assunto que será problematizado adiante –, tem três filhos, duas mulheres e um homem – pensando a partir de um esquema binário de sexos e gênero. Assim como boa parte das fiéis assembleianas, Mariana é negra, tem estatura mediana, cabelos na altura do pescoço. Casou-se com vinte e cinco anos de idade e à época deixou de trabalhar como faxineira para cuidar dxs filhxs e da casa, comportamento tipicamente ligado a uma moral e ética cristã, - se afastar do trabalho para assumir o papel de dona de casa, mãe, cuidadora da família. Importa salientar que Mariana não pertencia a nenhuma religião. Oriunda de uma família que transitava entre a igreja católica e religiões espíritas, Mariana só se converteu ao

²⁴² Imagem obtida a partir do Google mapas. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-21.7485722,-43.3577279,3a,75y,180h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOI0zCptJdrLwQ51F_JR42g!2e0!7i13312!8i6656. Acesso em: 07 ago. 2018.

²⁴³ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

Evangelho após seu casamento e o nascimento dxs filhxs. O comportamento de Mariana, ao ser mãe e se casar, sinaliza uma característica importante encontrada na sociedade brasileira: o papel preponderante da matriz judaico-cristã na agência e conduta dos sujeitos.

De acordo com o censo do IBGE de 2010²⁴⁴, entre as 190.732.694 pessoas que habitavam o país, 166.700.373 pessoas eram pertencentes às religiões católica e evangélica (pentecostais, neopentecostais, missão, genéricos)²⁴⁵, o que representava 87,4% da população. Ou seja, a maioria esmagadora da população compartilhava a mesma matriz religiosa: a cristã. Isso implica que alguns valores ‘conservadores’ e certas posturas ‘ideias’ para os sexos e gêneros são perpassados por vários campos da sociedade, não sendo restritos ao espaço religioso. Dessa forma, Mariana agiu em conformidade com as normas e regras que governam a matriz de inteligibilidade brasileira. Contudo, seu comportamento ao se casar e ter filhxs teria sofrido modificações ao longo dos anos, ou teria permanecido o mesmo? De acordo com Butler²⁴⁶, compreender o gênero enquanto algo contingente significaria que, mesmo no interior das normas, essas responsáveis pelos processos regulatórios, a identidade de cada sujeito estaria em constante transformação. Melhor dizendo, a identidade generificada se mostraria performativa ao passo que precisaria ser reencenada durante toda a trajetória do indivíduo. Nesse sentido, como compreender as transformações ou continuidades na identidade de Mariana que a fazem tensionar ou não o discurso religioso?

Voltando à trajetória religiosa de Mariana, desde sua conversão que ocorreu na Igreja Congregação Cristã no Brasil, a fiel já passou por quatro instituições religiosas distintas. De acordo com sua fala, seu alto índice de trânsito religioso se deve a:

Eu acho que eu vim nesse mundo com a missão de missionária, sabe. Eu acho que eu tenho aquele tempo pra ficar nas igrejas e aquele tempo vence e eu, sem perceber, eu saio. Mas graças a Deus

244

Disponível

em:

https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em: 07 ago.2018.

²⁴⁵ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

²⁴⁶ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; BUTLER, Judith. Performatividad y políticas sexuales. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 4, n. 3, p. 321-336, 2015.

que eu saio e saio bem, faço boas amizades, tenho comunicação com as pessoas que passaram por mim.²⁴⁷

Com base em Almeida e Monteiro²⁴⁸, o comportamento de Mariana reflete as mudanças que vem ocorrendo no cenário religioso brasileiro desde a década de 1970. E que, apesar do universo feminino ser maior do que o masculino em relação à filiação religiosa, as mulheres são as que menos mantêm as religiões herdadas. Ou seja, o número feminino em relação ao trânsito religioso é maior do que o masculino mantendo-se as proporções. De acordo com xs autorxs, a transferência de religião estaria contribuindo para o aumento de pluralidade no país. Destarte o intenso trânsito religioso feito por Mariana estaria contribuindo para a construção de sua identidade? A pesquisadora julga que sim, pois, de acordo com a entrevistada, a conversão para a religião evangélica “foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida [...] eu era revoltada, briguenta, não tinha paz”.²⁴⁹ A identidade de Mariana foi transformada ao se converter e em cada igreja que passa, enquanto um campo composto por forças e por interações sociais, Mariana tem sua identidade transformada. Se a transformação de sua identidade tem ocorrido dentro das normas ou fora delas é a pergunta essencial a se fazer.

Ao investigar o questionário respondido por Mariana, a mesma respondeu ter interesse em ocupar cargos no interior do espaço religioso e, como já mencionado, respondeu ter tido problemas em executar tarefas por ser mulher. Contudo, assim como no caso de Leonor, pôde-se identificar um deslocamento entre as respostas dadas ao questionário e as falas em sua entrevista.

Um dos pontos críticos na fala de Mariana foi: “a mulher dentro da igreja tem que ser ativa”²⁵⁰. Apesar de exprimir tal sentimento, Mariana segue sua fala ao ser questionada sobre sua participação na Igreja:

Eu acho cargo na igreja muito sério, simplesmente para colocar um uniforme ou um crachá no peito, eu acho muito sério. E eu acho que eu vou criar um clima muito grande lá dentro de casa, eu acho porque vai ter dia que às vezes eu vou querer vim e ele (referindo-se ao marido) não vai querer deixar eu vim, às vezes tem um

²⁴⁷ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁴⁸ ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paula em perspectiva*, v. 15, n. 3, p. 96, 2001.

²⁴⁹ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵⁰ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

compromisso, eu acho que as coisas de Deus não podem ser feitas de qualquer maneira.²⁵¹

A fala de Mariana suscita algumas reflexões: em primeiro momento afirma que as mulheres deveriam ser ativas no interior do espaço religioso, mas, seguindo sua fala, Mariana se exime dessa responsabilidade, pois: 1. Acredita ser um compromisso de extrema importância; 2. Poderia se indispor com seu marido – católico. Com base nas falas de Mariana no decorrer da entrevista, a mesma acredita que a mulher não tenha a mesma capacidade de discernimento que o homem, em suas palavras “sou muito sentimental e espiritual ao mesmo tempo”²⁵². Não obstante, Mariana, evangélica, prefere se eximir de responsabilidades religiosas em favor de seu esposo, católico, pois, de acordo com sua fala, muitos atritos já ocorreram por pertencerem a religiões diferentes, sobretudo, quando de sua conversão.

O outro ponto crítico em relação à fala de Mariana refere-se ao pastorado feminino. Diz-se ser a favor de que as mulheres exerçam a função de pastora, contudo se contradiz ao mencionar que talvez as mulheres não conseguissem desempenhar de forma satisfatória o papel de pastora por uma característica que seria inerente ao feminino: ser ‘fofoqueira’. Mas se caso fossem desempenhar tal função deveria ser dialogando e pedindo opinião “[...] buscar em Deus primeiro, e depois buscar no homem”²⁵³. De fato, o que se pode depreender da fala de Mariana é a conformidade com o papel de auxiliadora conferido à mulher, “o homem deveria ser ajudado por uma mulher lá em cima”²⁵⁴. Suas falas ainda reforçam a divisão dos papéis sexuais baseado no esquema de classificação e organização hegemônico: “o que é da mulher é da mulher, o que é do homem é do homem”²⁵⁵. As mulheres, para Mariana, seriam mais sentimentais, teriam o dever de ser mãe, pois Deus teria dado esse dom a elas, tendo como responsabilidade cuidar do lar e dxs filhxs. Apesar de não desaprovar que uma mulher trabalhe e estude, a função primeira da mulher seria cuidar da casa, “pode estudar e trabalhar fora desde que não aborreça os trabalhos de casa”²⁵⁶.

²⁵¹ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵² Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵³ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵⁴ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵⁵ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵⁶ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

Questionada sobre a forma com a qual a mulher deveria se vestir Mariana, assim como Leonor, segue o estereótipo da mulher evangélica tradicional: “a igreja não é desfile de modas”²⁵⁷. Para a fiel, “o homem é aguçado para olhar a mulher”²⁵⁸, e quando a mulher se veste de forma ‘não vigilante’ estaria contribuindo para estimular o desejo masculino. Ora, a fala de Mariana vai ao encontro de pensamentos e modos de agir pautados por um esquema patriarcal, conseqüentemente, machista de pensamento. Já foi dito por pessoas públicas: “se a mulher se veste assim, está pedindo para ser estuprada”. Pensamentos como esse contribuem para distribuição desigual de poder, acarretando situações de vulnerabilidade para os indivíduos que se encontram na base da pirâmide de poder, entre eles, a mulher. Tal esquema serviria para a normatização não somente do corpo feminino, mas do modo de agir e ser de cada mulher.

Ainda que Mariana guarde semelhanças em relação à Leonor, pode-se dizer que as duas mulheres têm suas identidades constituídas, vivenciadas e interpretadas de maneiras distintas. Percebe-se que Mariana age em conformidade com as normas e regras compartilhadas no interior do espaço religioso, mas, de forma mais ampla, Mariana carrega em sua identidade pensamentos compartilhados por boa parte da população brasileira. Contudo, como mulher, dotada de especificidades, contextualidades, Mariana age conforme as regras, mas também as tensiona, ainda que de maneira extremamente sutil. Ter voltado a estudar aos sessenta e três anos de idade seria um exemplo, não obstante, a fiel tem certa autonomia em relação a seu esposo, uma vez que realiza viagens desacompanhadas do mesmo.

Nesse ponto, parece que tanto Pierre Bourdieu quanto Judith Butler estão ajudando a compreender não somente as identidades femininas no interior do espaço religioso, mas também a identificar fissuras, ainda que pequenas, entre os discursos oficiais da Assembleia de Deus – Missões e a autorrepresentação de feminino que têm as assembleianas.

²⁵⁷ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁵⁸ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

BLOCO II

6.3. Cristina: o papel da contextualização para a construção de identidade

Cristina, ao contrário das mulheres já retratadas até esse ponto, traz para a conversa um conceito caro para a construção das identidades. Mas qual conceito seria essencial para se pensar as identidades forjadas a partir de especificidades distintas? Não é surpresa que tal conceito seja o ‘contexto’. Em suas falas, a fiel deixa clara a importância de se contextualizar as normas e regras, mas, sobretudo, os escritos bíblicos que se referem à submissão feminina em relação ao homem; ela diz: “algumas páginas eu acho que a gente tem que arrancar, tem que arrancar, não. Tem que saber contextualizar”²⁵⁹. Ou seja, a fiel expressa a preocupação em contextualizar as regras e as normas produzidas e reproduzidas no interior do espaço religioso. Mas, quais motivos seriam os responsáveis pelo esquema de pensamento de Cristina ser tão diferente dos esquemas de pensamento de Leonor e Mariana?

Cristina é uma mulher negra, com trinta anos de idade, é solteira, reside ainda com xs familiares, não tem filhxs, nem namoradx. Trabalha como secretária da Assembleia de Deus – Missões e atualmente encontra-se em fase final de sua pós-graduação em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais. Formada em comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Cristina também faz trabalhos *freelancer* como fotógrafa de eventos. Juntamente com uma amiga, as duas têm uma empresa fotográfica.

Sua trajetória religiosa iniciou-se aos sete anos de idade, quando começou a frequentar igrejas evangélicas, ainda que sua herança religiosa fosse católica. Aos treze anos de idade, houve um culto da Igreja Assembleia de Deus – Missões em sua casa e foi a partir desse ponto que decidiu frequentar a Igreja. Com dezesseis anos, batizou-se nas águas, atitude que, a princípio, desagradou seu pai. Entretanto, ainda com as críticas paternas, Cristina permaneceu na Igreja ocupando alguns cargos ao longo dos anos: foi recepcionista, professora da Escola Dominical. Seu trabalho como secretária da Igreja é remunerado e celetista. Atualmente, por considerar que os cargos na Igreja exijam grande comprometimento, apenas auxilia

²⁵⁹ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

uma das professoras da Escola Dominical para crianças de dez a onze anos de idade em um dos cultos da Igreja, não obstante foi convidada pelos jovens da Igreja a redigir textos para o blog Embaixadores de Cristo²⁶⁰: “como é uma coisa que eu gosto de fazer, que é escrever, eu aceitei o convite [...] não tem uma periodicidade, mas esse semestre eu escrevi dois textos para o blog”²⁶¹.

Enquanto mulher cristã, frequentadora da Assembleia de Deus – Missões, Cristina se coloca como ativa e fundamental para o funcionamento da Igreja. Grande parte de seu discurso vai ao encontro da importância da participação feminina no interior do espaço religioso.

Hoje em dia a gente (mulher) está tomando um papel maior, porque mulher sempre [...] acho que é mais forte do que o homem no sentido assim: ela tem mais iniciativa, então acho que na igreja ela exerce um papel muito grande, dos trabalhos que são realizados aqui [...] eu acho que ela (mulher) acaba tendo uma visão maior da coisa assim [...] porque ela consegue dar conta de muitas coisas e eu acho que os homens hoje em dia [...] isso está se refletindo na igreja, eles estão perdendo um pouco de força porque talvez eles não saibam administrar tanto como a mulher administra [...] hoje em dia ela (mulher) não é só auxiliadora, ela (mulher) é líder também²⁶².

O trecho exposto acima marca questões sintomáticas na identidade e na autorrepresentação de Cristina. Diferente das fiéis retratadas anteriormente, Cristina acredita não somente que as mulheres têm conquistado espaços no interior da instituição religiosa, mas que um dos motivos para essa ampliação seria o

enfraquecimento da figura masculina enquanto administrador. Não obstante, Cristina afirma que a mulher também é líder, não somente auxiliar do homem. Assim sendo, pode-se perceber que seu discurso vai ao encontro da necessidade de contextualização que afirma em momento distinto. Cristina reconhece a capacidade administrativa feminina e solapa para escanteio, nesse sentido, um esquema de classificação hegemônico pautado no binarismo sexual. A tabela a seguir, retirada do trabalho desenvolvido durante o Mestrado, demonstra de forma ilustrativa as características que seriam inerentes a cada um dos dois sexos:

²⁶⁰ Disponível em: <https://embaixadoresdecristojf.wordpress.com/>. Acesso em: 15 ago. 2018. Blog fundado no ano de 2018.

²⁶¹ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁶² Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

Tabela 14. Oposição entre os sexos/gêneros²⁶³

Masculino (Dominante, Sagrado, Direito)	Feminino (Dominado, Natureza, Esquerda)
Seco	Úmido
Sobre (Em cima) (Viga Mestra)	Sob (Embaixo) (Deitado Pilastra Central)
Fora (Campos, Assembleia, Mercado)	Dentro (Casa, Jardim, Fonte, Bosque)
Aberto	Fechado (Difícil, Clausura)
Vazio	Cheio (Encher)

Ao analisar a tabela, em primeiro momento, percebe-se a distinção existente entre feminino e masculino, mas também a distinção não somente dos lugares de fala pertencentes a cada binário como também a divisão do trabalho amparada pela diferenciação sexual. Tal tabela retrata como podem ser percebidos os intentos normatizadores presentes nos discursos assembleianos, produzidos e reproduzidos a partir de uma matriz moral e da ética cristã. Contudo, Cristina transita por outros campos de poder, no quais socializa com sujeitos de diversos *habitus*. Desse modo, o trânsito de Cristina em campos diversos estaria contribuindo para a formulação de uma identidade com certos pontos de tensão em relação às normas religiosas. Cristina, ao afirmar a necessidade de contextualização para os fundamentos da Igreja, estaria rompendo, de fato, com a matriz religiosa? As próximas falas da fiel criam possibilidades para afirmar que, ainda que relativize as escrituras sagradas, Cristina carrega em sua constituição um *habitus* religioso em conformidade com as normas.

Sua resposta dada à última pergunta²⁶⁴ feita no questionário foi a seguinte:

Acredito que a mulher assumir papel de pastora não seria errado, até mesmo, porque há casos que seriam necessários – como no trabalho missionário, realizado em outros países ou lugares mais remotos do nosso país – tanto solteira quanto casada. No entanto, biblicamente, sabemos que o homem é chamado para assumir o papel de liderança tanto na família quanto na igreja.

²⁶³ GOUVÊA NETO, Ana Luíza Gouvêa. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. p. 75. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

²⁶⁴ “Aprova o pastorado feminino? Sim () Não (). Justifique sua resposta:” Questionário feito pela pesquisadora para que as mulheres frequentadoras do Círculo de Oração Rosa de Saron preenchessem. 2018.

Cristina demonstra em sua resposta que a mulher seria capaz de liderar assim como um homem uma instituição religiosa. Chega a dizer, inclusive, que as mulheres seriam exemplo para os homens no interior do espaço religioso. Contudo, mostra-se reticente no que diz respeito à titulação de pastora para as mulheres:

eu acho que o cargo em si, talvez, não precisaria, no caso [...] a gente vê que já exerce isso (as mulheres) [...] eu acho bacana elas poderem assumir trabalhos de liderança [...] mas eu não sei, eu fico um pouco na dúvida de ter pastora [...] pelo princípio bíblico eu acho que, eu entendo o papel da mulher que seria de auxiliar, de ser ali ajudadora do homem.²⁶⁵

Butler²⁶⁶ afirma que a Bíblia no interior do espaço religioso serviria como um esquema com fins de regulamentação instrumentalizada com propósito de tornar as mulheres inadequadas a assumir alguns cargos no espaço religioso. Assim sendo, a Bíblia, enquanto instrumento, contribuiria para qualificar quais sujeitos seriam aceitáveis para exercer postos de poder. Desse modo, apesar de contextualizar passagens da Bíblia, Cristina mantém o fundamento normatizador quando a norma regula os sujeitos viáveis a assumir o poder na igreja. Pois, ainda que concorde e assuma que algumas mulheres já exerçam essa função na própria Assembleia de Deus – Missões, tais mulheres seriam limitadas em seus exercícios por falta da titulação exigida, por exemplo, para a realização dos sacramentos. Ora, a mulher, portanto, pode assumir a liderança na Assembleia de Deus – Missões, desde que essa liderança seja limitada. Afinal, uma mulher celebrar casamentos e batizar novxs fiéis seria contrário aos ensinamentos bíblicos.

Cristina, apesar de afirmar ser necessário contextualizar certas passagens bíblicas, reproduz em alguns aspectos características representadas na tabela exposta anteriormente. De acordo com a fiel, “o homem é mais racional e a mulher é mais emocional”²⁶⁷ e tais atributos seriam, juntamente com a Bíblia, os fundamentos para a divisão sexual do trabalho. Pensar a partir da fala de Cristina sugere que as qualidades femininas e masculinas seriam inerentes a cada sexo, contudo, atributos pessoais são constituídos, construídos e performatizados ao longo da trajetória de vida de cada indivíduo. Consequentemente, homens, mulheres, etc. seriam

²⁶⁵ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁶⁶ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 57.

²⁶⁷ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

diferentes e não poderiam guardar características universais e a-histórias. Entretanto, para Cristina: “eu entendo homem e mulher como Deus criou”²⁶⁸.

A fiel, sem perceber, coloca homens e mulheres como seres únicos, portanto, constituídos de forma essencialista, sem especificidades capazes de individualizar cada sujeito. Entretanto, Cristina marca seu lugar de fala, conseqüentemente sua identidade ao afirmar: “Me considero uma pessoa independente, estou quebrando a regra”²⁶⁹, “Eu mesma que sou da comunicação”²⁷⁰. Aos olhos de algumas pessoas frequentadoras da Igreja, Cristina estaria em discordância com a matriz religiosa ao ser uma jovem-adulta solteira, dotada de autonomia. Não obstante, Cristina rompe com as regras do espaço religioso ao usar calças compridas, tanto para trabalhar quanto para se exercitar. Aqui, a fiel contextualiza as normas religiosas e diz ser importante pensar nos contextos e nas finalidades em que cada livro bíblico foi escrito. Afirma ainda que, quando confrontada por utilizar trajes que seriam inadequados, pois “não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher, porque qualquer que faz isto abominação é ao Senhor teu Deus”²⁷¹, rebate afirmando que “a Bíblia fala: a gente tem que se portar com ordem e decência”²⁷². Ou seja, Cristina rompe com certos discursos normatizadores reproduzidos no interior do espaço religioso e ainda respalda seu comportamento através da Bíblia.

Vê-se, portanto, a partir do comportamento de Cristina, que as mulheres também utilizam a Bíblia como instrumento de legitimação para suas condutas e comportamentos. Tanto Butler²⁷³ quanto Bourdieu²⁷⁴ afirmam ser possível tensionar, romper e transformar esquemas hegemônicos de poder perpetuados em estruturas duradouras, desde que tal movimento ocorra no interior da norma, leia-se, no interior da matriz de inteligibilidade. E é desse modo que Cristina vem constituindo sua identidade. Resta salientar que a fiel traz um novo entendimento para a palavra ‘submissão’. Para ela, a palavra seria sinônimo de respeito entre os sujeitos,

²⁶⁸ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁶⁹ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁷⁰ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁷¹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Deuteronômio, 22:05.

²⁷² Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁷³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 211.

²⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 106-107.

independente de sexo e gênero. “Não seria uma relação patrão-empregado”²⁷⁵, tanto a submissão feminina quanto masculina; para Cristina, seria o respeito que um teria pelo outro. Sua maneira de interpretar tal palavra, utilizada para não desqualificar a mulher, é refletida pela sua concepção de modelo de família, na qual: homens poderiam assumir a função ‘do lar’, enquanto as mulheres, além de não ter obrigação em ser mãe, poderiam trabalhar e sustentar a casa.

Campo, *habitus*, matriz de inteligibilidade e performatividade de gênero, de fato, são conceitos caros para pensar as mulheres no interior da Assembleia de Deus – Missões. Cada mulher retratada até o momento traz sua identidade constituída por inúmeras especificidades, conseqüentemente, suas identidades são históricas e contextuais. Dessa forma, cada mulher reconhece a si de forma distinta e age de acordo com sua identidade, tensionando de maneiras variadas os discursos reguladores no interior do campo religioso. Assim sendo, a próxima entrevista retratará outra identidade feminina, forjada através de contextos históricos distintos.

6.4. Rita: a fiel que tensiona a matriz de inteligibilidade cristã

Rita é uma mulher negra, solteira, sem filhxs, com quarenta e nove anos de idade e reside com familiares na zona norte da cidade de Juiz de Fora. Recentemente comprou um apartamento na esquina da rua da casa de seu pai e de sua mãe, porém, o mesmo ainda se encontra em fase de construção. Professora e pedagoga do ensino público de Juiz de Fora, possui Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento. Filha de pastor, tanto seu pai, quanto sua mãe se converteram ao Evangelho quando ela tinha quatro anos de idade e, desde então, frequenta a Igreja Assembleia de Deus – Missões. Foi batizada aos treze anos quando se sentiu preparada e à vontade para se tornar membro da Congregação. Sua entrevista foi a única realizada em ambiente neutro, ou seja, fora do espaço religioso. Realizada em uma terça-feira às 19h00, a entrevista aconteceu na sala da casa em que habita junto com familiares. Tal fator foi de extrema importância para a

²⁷⁵ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

liberdade sentida por Rita para responder as perguntas feitas pela pesquisadora, mas também para responder o questionário quantitativo.

Rita se destaca, aos olhos da pesquisadora, enquanto uma mulher cristã que reconhece a necessidade de adaptação das normas e regras produzidas e reproduzidas no interior do espaço religioso. Seu discurso, ainda pautado em valores e morais éticos cristãos, constantemente é relativizado, e, apesar de não ter utilizado a palavra ‘contexto’, tal como Cristina, é nítido que seus posicionamentos e, conseqüentemente, sua agência e autorrepresentação perpassam a noção de contextualização e historicidade. Atualmente exerce duas funções dentro da Igreja Assembleia de Deus – Missões: atua como professora para a classe de senhoras da Escola Dominical da Congregação de Benfica²⁷⁶, como também compõem o coral²⁷⁷ de louvores do Círculo de Oração; de acordo com Rita:

Eu acho bonito cantar e como eu já falei que eu não tenho o dom para cantar sozinha, então eu participo do conjunto que é um momento que a gente vai oferecer um hino diferente para Deus²⁷⁸.

O trecho retirado da fala de Rita e exposto acima abre espaço para a reflexão sobre as qualidades inerentes ao feminino e as qualidades inerentes ao masculino. Podem-se inferir dois aspectos intercambiantes da fala de Rita: em um primeiro momento, seu discurso vai contra um esquema de pensamento que julgue as mulheres dóceis, sentimentais, boas cantoras,²⁷⁹ pois afirma: “eu não tenho o dom para cantar sozinha”²⁸⁰; entretanto um olhar mais apurado pode demonstrar outro aspecto de sua fala. Mas qual seria? Você pode se perguntar. Nitidamente, por trás de sua fala, tem sua ação, e, nesse sentido, Rita estaria agindo conforme a matriz de inteligibilidade religiosa ou contra ela? A fiel estaria agindo em conformidade ao participar do ‘coral das irmãs’, uma vez que se espera que a mulher tenha uma voz dócil “como um passarinho”²⁸¹. Embora Rita aja em conformidade com o pretendido para seu gênero em certos momentos, sua identidade não é unicamente perpassada pelos valores fabricados e compartilhados no interior do espaço religioso. Pelo contrário, sua identidade é múltipla, contingente, resultado de inúmeras inter-

²⁷⁶ Bairro situado na zona norte da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

²⁷⁷ O coral de louvores do Círculo de Oração é composto apenas por mulheres.

²⁷⁸ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁷⁹ Tais associações apareceram em entrevista realizada com o pastor-presidente da Assembleia de Deus – Missões.

²⁸⁰ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁸¹ Entrevista realizada em 29 out. 2014, em Juiz de Fora.

relações ocorridas em diversos campos de sociabilidade. Assim sendo, torna-se preponderante destacar seu papel como professora da classe de senhoras da Escola Dominical.

Rita diz ter optado em trabalhar na Igreja com a classe de senhoras visto que em sua vida ‘secular’ seu trabalho já é ligado a crianças e adolescentes. Nesse caso, parece importante problematizar um ponto: a Escola Dominical da Congregação de Benfica conta com quatro turmas, distribuídas da seguinte forma: crianças, jovens, senhoras e senhores. Diante da preferência de Rita em não trabalhar com jovens, restaria a ela escolher entre duas turmas para lecionar: a de senhoras e a de senhores. Contudo, assim como na Igreja-sede, onde as mulheres só lecionam para ‘educação infantil e jovem’, na Igreja de Benfica não seria diferente. Desse modo, não caberia a uma mulher lecionar na classe dos ‘varões’. Seria impróprio para uma mulher? De acordo com a entrevistada: “as mulheres se sentem mais à vontade em ter classe separada dos homens”²⁸², dessa forma teriam mais liberdade para participar e se expressarem. Contudo, a separação vai além do aprendizado, pois o ensino na Escola Dominical também obedeceria à divisão do trabalho de acordo com os sexos/gêneros. Isso se deve à compreensão de sexo/gênero encontrada e compartilhada por boa parte das pessoas que frequentam o ambiente religioso.

Portanto, Rita divide com sua irmã mais velha a responsabilidade de lecionar para as senhoras que frequentam a Escola Dominical. De acordo com a fiel, as aulas são ministradas todos os domingos da semana, sendo que Rita e sua irmã revezam semanalmente o controle da turma. Contudo, em momentos que as duas se ausentam – por motivos de viagens, por exemplo –, o controle da turma é assumido por um homem. Questionada sobre o porquê de ser um homem a lecionar, Rita responde:

Porque as outras mulheres não se propõem a assumir. Não sei por quê? Elas não gostam, ou não sentem aquela liberdade para falar, às vezes não gosta muito de se expressar, e assim: estar na frente, vamos dizer. Porque às vezes elas participam como alunas, mas não gostam de assumir a classe como professora.²⁸³

²⁸² Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁸³ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

Ora, a fala de Rita é sintomática do papel identitário preterido para as mulheres no espaço religioso. Seu discurso corrobora a expressão utilizada anteriormente “dar a cara a tapa” proferida não somente por uma pregadora durante uma reunião do Círculo de Oração, mas que também apareceu na entrevista realizada com Cristina. Por que algumas mulheres assembleianas estariam abrindo mão de papéis de liderança ainda que haja espaço para elas? Não estariam essas mulheres performatizando seus gêneros em total conformidade com os valores cristãos? Percebe-se que as normas que compõem o campo religioso estão tão introjetadas nos sujeitos, que boa parte das mulheres não conseguiria agir de forma diferente do esperado para elas, leia-se: ajudadora do homem.

A partir de Bourdieu²⁸⁴, tem-se que a construção social é naturalizada através dos gêneros enquanto *habitus* sexuados. E que, nesse caso, balizado por um princípio androcêntrico, a divisão social dos trabalhos, feita por vias simbólicas – discursivas, indo além –, estaria em consonância com a oposição entre os binários. Tal esquema hegemônico de classificação e organização da sociedade permanece, ainda em dias atuais, extremamente relevante no interior do espaço religioso. A Igreja enquanto espaço de sociabilidade e produtora de sentido tem contribuído ao longo de anos na perpetuação da distribuição de maneira desigual do poder entre homens e mulheres. Associar qualidades masculinas e femininas à essência de identidade tem sido o discurso oficial propagado no interior da Assembleia de Deus – Missões. Mas quais consequências esse discurso traria para a identidade feminina? Rita traz uma dessas consequências: a esquivança de mulheres a cargos compostos por algum grau de liderança.

Rita, diferente de algumas mulheres, chama para si a responsabilidade de trocar experiências e ensinamentos com as mulheres assembleianas. À frente da classe de senhoras há aproximadamente nove anos, diz que nem todas as lições que compõem as *Lições Bíblicas* trazem ideias, conceitos adequados. Utiliza como exemplo a última edição da revista que trouxe “o que está dentro do padrão estabelecido por Deus e o que está fora”²⁸⁵. Rita refere-se ao exemplar já citado anteriormente que trouxe em suas páginas os ensinamentos para os valores morais e a ética cristã. Caso você, legente, não se lembre, o volume trouxe em suas

²⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

²⁸⁵ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

páginas temas que abordavam assuntos que têm gerado grande polêmica no debate público brasileiro, tais como: sexualidade, política, aborto, entre outros.

De acordo com Rita, alguns posicionamentos trazidos no periódico não são coerentes com a realidade das sociedades. Cita dois temas: aborto e o controle da natalidade. Suas posições vão de encontro aos ensinamentos trazidos na revista. Questionada sobre como trabalhou tais temas dentro de sala de aula, Rita responde que deixa claro que, apesar dos ensinamentos trazidos no periódico, ela tem seus próprios posicionamentos em relação aos assuntos abordados. Deixa claro, também, que tais posicionamentos são particulares e pertencem tão somente a ela. Questionada se as lideranças da Igreja estariam desaprovando suas falas nas aulas da Escola Dominical, a fiel responde: “Não! Até porque não ouviu eu falar, né!”²⁸⁶ A fala de Rita demonstra a forma com a qual a mulher assembleiana tem tensionado o discurso oficial propagado pela Igreja: ‘por baixo dos panos’, de maneira sutil, porém continuada.

Rita, ainda que de maneira dessemelhante de Leonor, Mariana e Cristina, aprova o pastorado feminino e traz a própria Bíblia, assim como Cristina, para legitimar sua posição. Se a Bíblia é utilizada enquanto instrumento de legitimação, verifica-se, nas falas das mulheres que compõem o segundo bloco de entrevistas, que tem sido utilizada para legitimar a tomada de poder e a ampliação da liderança feminina. Não custa salientar que cada mulher assembleiana tem seus posicionamentos, agências diante da sociedade, pois cada uma constitui sua identidade de forma distinta. Sendo assim, enquanto algumas mulheres reivindicam a tomada de poder, outras estão conformadas com os papéis sociais desempenhados, tanto dentro quanto fora do espaço religioso.

Ao trazer a Bíblia para legitimar a igualdade feminina no espaço religioso, Rita cita Ester²⁸⁷ e Débora, que exerceram funções políticas. E diz mais sobre o papel feminino:

Eu não acho que ela (mulher) tem que ser só adjuntora, eu acho que a mulher tem que ter uma participação ativa [...] o papel da mulher independente do homem. Existe casos que os homens nem são tão assim, a gente tem exemplo na Igreja, nem são tão atuantes, e a mulher já é.²⁸⁸

²⁸⁶ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁸⁷ Hadassah bat Avihail.

²⁸⁸ Hadassah bat Avihail

Rita marca em sua fala o ponto nevrálgico da presente pesquisa: a contingência do ser. Ou seja, ao afirmar que alguns homens na Igreja não são atuantes, a fiel traz uma concepção de construção de identidades múltiplas. Ao passo que nem todos os homens seriam iguais e nem todas as mulheres seriam iguais, nesse sentido, homens e mulheres teriam as mesmas capacidades para exercer qualquer tipo de função no interior do espaço religioso, como fora dele. Essencializar as identidades macho/fêmea não faz parte do discurso de Rita, sua identidade, constituída de forma múltipla, demonstra que as mulheres assembleianas são diferentes e se autorreconhecem de variadas formas. Chama atenção que, na família de Rita, não somente ela reproduz um discurso, às vezes destoante do discurso oficial, mas também sua irmã: “minha irmã costuma falar: o apóstolo Paulo era muito machista”²⁸⁹.

A fiel afirma que a estrutura hierárquica da Igreja, que sobrepuja o feminino em detrimento do masculino, muito reflete a figura do dirigente. Ora, tal modo de pensamento vai ao encontro do discurso do pastor-presidente da Assembleia de Deus – Missões. Para ele, toda igreja é construída, constituída e experienciada de acordo com a imagem do pastor-presidente. Contraponto ao pastor-presidente, e talvez um dos responsáveis pelo modo de pensamento mais flexível de Rita, é seu pai. Pastor Setorial²⁹⁰ da Assembleia de Deus – Missões, suas Congregações são dirigidas de maneira mais flexível de modo que mulheres ocupem cargos burocráticos. Rita, por exemplo, já exerceu a função de tesoureira de uma das Congregações dirigidas por seu pai.

O que mais salta aos olhos nas falas de Rita é a preocupação da fiel em fazer a leitura da Bíblia de acordo com sua interpretação. Para ela, é de extrema importância o estudo, tanto secular quanto bíblico para a construção da identidade do ser cristão. O aprendizado possibilitaria contextualizar passagens como: “e ele mesmo deu uns para apóstolos e outros para profetas e outros para evangelistas e outros para pastores e doutores”²⁹¹, “As mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a

²⁸⁹ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

²⁹⁰ Na hierarquia da Assembleia de Deus – Missões, o campo formado por todas as Congregações é dividido entre setores. O pai de Rita é responsável pelo setor 2, que compreende os bairros da zona Norte de Juiz de Fora, Minas Gerais.

²⁹¹ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. Efésios 4:11. São Paulo: King's Cross Publicações.

lei”²⁹², “E se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos [...]”²⁹³. Tal compreensão de Rita a teria ajudado, por exemplo, a perceber que utilizar calças não era pecado, muito menos que toda mulher teria a obrigatoriedade de ser mãe.

Fechar o bloco de entrevistas com Rita foi proposital. A intenção foi construir um paralelo de identidades femininas assembleianas. Enquanto algumas mulheres se adéquam de melhor forma às normas e regras inteligíveis no interior do campo religioso, outras agem de maneiras mais ‘desviantes’, ‘subversivas’, Rita seria uma dessas mulheres. Ao ter sua identidade constituída por múltiplas variáveis, Rita expressaria um diferente modo de ser assembleiano, revelando que cada mulher é única e carrega consigo suas próprias especificidades.

²⁹² *BÍBLIA*, Edição de Promessas. I Coríntios 14:34. São Paulo: King’s Cross Publicações.

²⁹³ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. I Coríntios 14:35. São Paulo: King’s Cross Publicações.

CAPÍTULO IV

7. Congresso do Círculo de Oração

Já foi mencionado que a sede da Igreja Assembleia de Deus – Missões mudou de endereço no ano de 1974, desde então, a Igreja-sede, incorporou em seu campo cinquenta e duas Congregações²⁹⁴. E, de acordo com Leonor²⁹⁵, foi no ano de 1978 que a Igreja realizou sua primeira reunião do Círculo de Oração. Tais informações tornam-se relevantes, pois cada igreja que compõe o campo da Assembleia de Deus – Missões tem o seu próprio Círculo de Oração, que funciona de maneira particular, ou seja, com horários e dias de funcionamento específicos para aquela igreja. Não obstante, no ano de 2018, o Congresso do Círculo de Oração realizou sua quadragésima edição. Importa salientar tais aspectos por alguns motivos, entre eles: para que você, legente, tenha dimensão do tamanho do Congresso do Círculo de Oração, mas, também, para demonstrar a importância não somente do Círculo de Oração, mas do Congresso em si para a Igreja.

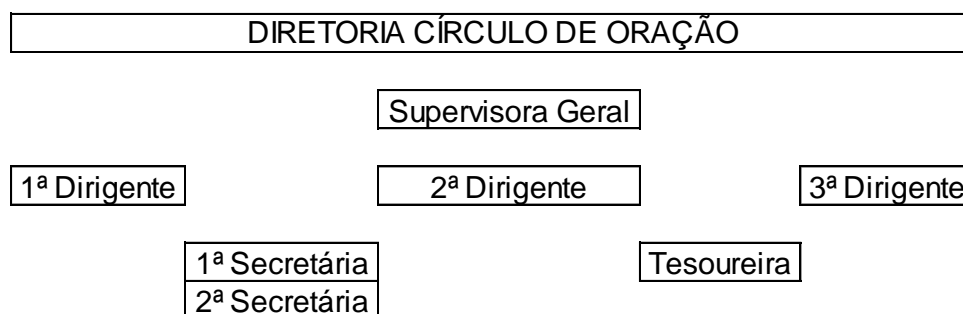
O Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, apesar de só ter surgido em 1978, trinta e seis anos após a primeira reunião de um Círculo de Oração no espaço institucional²⁹⁶, já nasce de maneira comprometida com a importância do Departamento para a Igreja, pois no ano de sua inauguração já promove um Congresso. Não se sabe a dimensão dos Congressos do Círculo de Oração nos anos iniciais, entretanto, presume-se que, com o crescimento da Igreja, o Congresso tenha se expandido, aumentando, dessa forma, sua representatividade e notoriedade. Enquanto Departamento exclusivamente feminino, o Círculo de Oração tem sua Diretoria composta unicamente por mulheres; a mesma pode ser verificada no organograma a seguir:

²⁹⁴ Número de Congregações pertencentes ao campo da Igreja Assembleia de Deus – Missões no ano de 2018.

²⁹⁵ Entrevista realizada em 05 maio 2016, em Juiz de Fora.

²⁹⁶ ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 189.

Imagem 14. Diretoria do Círculo de Oração – Rosa de Saron²⁹⁷



O organograma exposto acima representa a forma pela qual a Diretoria do Círculo de Oração da Igreja-sede da Assembleia de Deus – Missões é composta. Julgou-se importante apresentar os cargos e as hierarquias que compõem a Diretoria do Círculo, pois são as mulheres que ocupam tais cargos as principais responsáveis pela organização do Congresso do Círculo de Oração. A Supervisora Geral do Círculo de Oração assume também a função de Coordenadora Geral do Congresso Feminino. Salienta-se nesse ponto que o cargo de Supervisora Geral, tão logo, de Coordenadora Geral é ocupado pela esposa do pastor-presidente. Não obstante, à esposa do pastor-presidente é atribuído o título de Missionária. Novamente, poder-se-ia questionar a autoridade e legitimidade da Supervisora Geral? Assim como no caso de Geilza, seria reflexo de sua situação conjugal? Quais as consequências para a autonomia do funcionamento do Círculo de Oração e do Congresso Feminino? Estariam as normas, leia-se o poder normatizador, influenciando de forma incisiva no Congresso do Círculo de Oração?

A fim de esboçar um pensamento para responder as perguntas feitas acima, é importante dizer que, enquanto um Congresso de grande amplitude, vários Departamentos da Igreja são acionados. Concomitantemente, os demais Círculos de Oração do campo também elegem suas representatividades para pensar o evento. Desse modo, a organização do Congresso do Círculo de Oração que ocorre anualmente, durante um fim de semana, da primeira quinzena de abril, na Igreja-

²⁹⁷ Organograma montado a partir de conversas informais com a secretária da Igreja Assembleia de Deus – Missões.

sede, envolve não somente a Diretoria do Círculo de Oração, mas o Coral das Mulheres, a Orquestra da Igreja, as frequentadoras do Círculo de Oração. São inúmeras as pessoas acionadas para pensar e colocar em prática os intentos pretendidos para o Congresso. Isso significa dizer que os temas de cada Congresso, bem como os hinos, mas, sobretudo, xs palestrantes de cada Congresso precisam ser pensados com cuidado.

Espera-se, portanto, que as rédeas para a tomada de decisões importantes relativas ao Congresso sejam conduzidas pelas mulheres. Ora, em um Congresso Feminino, nada seria mais natural. Entretanto, as mulheres teriam total autonomia para a tomada de decisões referentes ao evento? Tanto Cristina quanto Rita sugerem que não. Rita, quando questionada sobre a organização e decisões tomadas para o Congresso do Círculo de Oração, afirma:

a irmã Clotilde (Coordenadora Geral) junto com as que trabalham ao lado dela. Embora, eu creio que exista bastante influência do pastor Rafael (pastor-presidente). Eu creio que de repente ele sugira alguém, de vez enquanto, ou sempre, né.²⁹⁸

Semelhante à fala de Rita, Cristina também afirma ‘desconfiar’ que o pastor-presidente tenha um papel fundamental para a tomada de decisões importantes relativas ao Congresso do Círculo de Oração. Cristina afirma que, mesmo quando a escolha de palestrantes é feita, acredita ela, exclusivamente, pelas mulheres responsáveis por pensar o Congresso, é preciso o aval do pastor-presidente. Ora, em um Congresso pensado por mulheres e dirigido, sobretudo, para o público feminino, parece que na Assembleia de Deus – Missões quem tem a palavra final é o homem. Pois, mesmo quando o pastor não interfere na decisão, ainda é preciso que ele aprove a escolha feita pelas mulheres. Obviamente, tal situação já gerou conflitos de compatibilidade, obrigando as mulheres a repensarem x convidadx.

Não obstante, pensar em um homem por trás das decisões de um Departamento exclusivamente feminino possibilita questionar sobre o papel de esposa de pastor no interior da Igreja. Ser esposa de pastor, nesse caso, e estar à frente do único Departamento feminino da Igreja, serviria aos intentos reguladores e normatizadores. Através da agência de Clotilde, Rafael conseguiria impor de maneira silenciosa, velada, a dominação masculina. Pensar no Círculo de Oração enquanto um espaço de sociabilidade no qual as mulheres exercem sua agência no

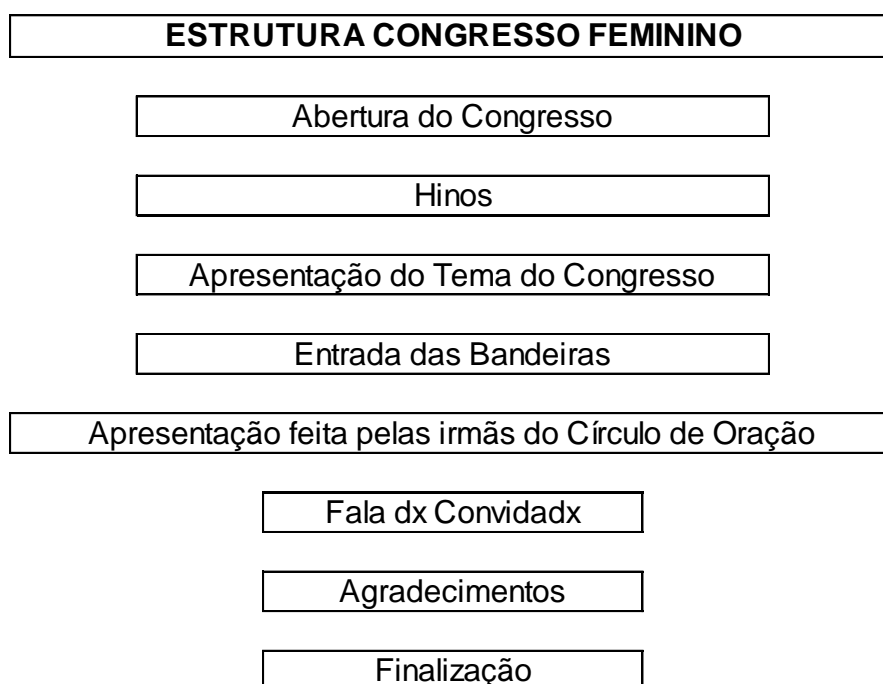
²⁹⁸ Entrevista realizada em 25 jun. 2018, em Juiz de Fora.

interior do espaço religioso requer pensar em resistência feminina. No entanto, quando se trata do Congresso Feminino, evento amplo, que engloba todo o campo da Assembleia de Deus – Missões, verifica-se a transferência do controle – leia-se poder – para os homens. Assim sendo, o sentido de resistência feminina é esvaziado quando se pensa no Congresso Feminino, embora nem sempre o discurso oficial opere sem tensões, como será mostrado adiante.

7.1. Estrutura do Congresso do Círculo de Oração

Apesar de cada ano o Congresso Feminino apresentar temas, hinos e palestrantes diferentes, a estrutura do Congresso permanece semelhante ano após ano. O Fluxograma a seguir expõe de qual forma o evento é estruturado:

Imagem 15. Fluxograma do Congresso Feminino da Assembleia de Deus - Missões²⁹⁹



O evento, que ocorre durante um final de semana, tem início as 19h00, tanto no sábado quanto no domingo. Com aproximadamente duas horas de duração, cada

²⁹⁹ Fluxograma montado a partir das observações feitas ao acompanhar os Congressos Femininos nos anos de 2016, 2017 e 2018, na Igreja Assembleia de Deus – Missões.

dia, a maior parte do tempo é ocupada pela fala dx convidadx, variando entre uma hora e uma hora e vinte minutos. Desse modo, as outras atividades que ocorrem durante a festividade são realizadas cronometradas. Acompanhando o fluxograma exposto anteriormente, o primeiro momento do evento se dá com a abertura oficial, realizada pela Coordenadora Geral do Congresso. A mesma dá boas vindas a quem ali está presente e agradece a participação de todas as pessoas presentes e envolvidas com a atividade. Em seguida, são cantadas de duas a três músicas, a depender do Congresso. Essas músicas podem ser hinos encontrados na Harpa Cristã ou músicas gospels. Em seguida, faz-se a apresentação do tema do Congresso, sempre uma passagem bíblica. A apresentação do tema do Congresso é feita por uma das dirigentes do Círculo de Oração, ou mesmo por alguma outra mulher que se destaque no interior do Departamento. A entrada das bandeiras é feita após a apresentação do tema do Congresso. Acompanhada pela orquestra, quatro mulheres entram na Igreja segurando as bandeiras do Brasil, de Minas Gerais, de Juiz de Fora e do Círculo de Oração Rosa de Saron. Quando as bandeiras são içadas, é cantado o hino nacional, impreterivelmente, com a letra sendo reproduzida em uma tela projetora. Ao microfone, um pastor, ou seja, um homem, ao cantar o hino, é acompanhado pelxs fiéis.

Nesse ponto, encontra-se a segunda interferência feita pelos homens no Congresso Feminino. A primeira, antes mesmo da realização do evento – nas tomadas de decisões – e a segunda, quando na representação do patriotismo e nacionalismo. Seriam os homens mais patriotas do que as mulheres? Por que seria necessário que um homem cantasse o hino nacional? As mulheres, consideradas, aptas ao canto, pelo próprio pastor-presidente da Igreja, não teriam capacidade para executar tal tarefa?

De acordo com Santiago, “É chamado de **patriostismo** a prática de lealdade, amor devotado, identificação, apoio ou defesa de um determinado país” (negrito do original)³⁰⁰, na mesma linha de identificação o dicionário informal traz como significado de patriotismo: “É o sentimento de amor e devoção à pátria, aos seus símbolos como a (bandeira, hino, brasão)”.³⁰¹ Nesse sentido, ser patriota e exercer o

³⁰⁰ Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/patriotismo/>. Acesso em: 15 set. 2018.

³⁰¹ Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/patriotismo/12001/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

patriotismo teria relação com a sensação de pertencimento, ou seja, de compartilhar costumes, línguas, modos de agir. E, todxs xs brasileirxs, que fazem parte do Estado, teriam assegurados seus direitos. No frigir dos ovos, patriotismo teria correspondência a se sentir igual perante seus pares em determinada comunidade. Apesar disso, sabe-se que boa parte da sociedade brasileira³⁰², mormente, na Igreja Assembleia de Deus – Missões, o machismo – enquanto senso de superioridade masculina em relação à feminina – ainda é amplamente disseminado, vide entrevista com o pastor-presidente.

Nessa sequência, a mulher, enquanto uma entre as várias minorias identificadas no Estado brasileiro, tem em seu gênero um alvo para características definidoras. Enquanto construção social, o gênero sofre uma injunção psicossocial, na qual as normas – que não são arbitrárias – vão fixando seus propósitos ao longo do tempo. Tal inculcação normatizadora insere-se de maior forma nos corpos femininos derivando a um ‘estado ideal’ de feminino aceito pelas normas culturais de gênero³⁰³. No caso da Assembleia de Deus – Missões, esse ‘ideal’ feminino relaciona-se com o entendimento binário do ser humano. Se o binarismo servisse apenas como definidor do sexo do sujeito, poder-se-ia dizer que seria menos facínora. Sem embargo, o que o sistema de classificação binário ocasiona é a distribuição desigual do poder entre homens e mulheres, mas vai além, classificando o sujeito mulher enquanto universal, dotado de uma essência única, a-histórica. A essência feminina, desse modo, estaria relacionada às características ontológicas ao ser feminino, e, julga-se, que ter a força para ser patriota não é uma delas, com base na observação participante feita na Assembleia de Deus – Missões.

Feitas tais ponderações sobre a ‘necessidade’ de um homem à frente para entoar o hino nacional, seguir-se-á o fluxograma exposto anteriormente. Após a entrada das bandeiras, segue-se o momento mais dinâmico do evento, pois é o momento que todos os Departamentos envolvidos no Congresso interagem de forma conjunta. Há, portanto, a apresentação de várias músicas e hinos da Harpa Cristã; para essas apresentações participam: o coral das irmãs, a orquestra da Igreja, os

³⁰² COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. *Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/937202/mod_resource/content/1/COUTO%20e%20SCHRAIBER%20Machismo%20hoje%20no%20Brasil%20.pdf>. Acesso em: 13 set. 2018.

³⁰³ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 09.

obreiros – pois é durante esse momento que as ofertas são recolhidas. De acordo com o Congresso e, sobretudo, com o tema do Congresso, é feita uma apresentação na nave da Igreja por algumas mulheres dos Círculos de Oração. No Congresso de 2016, por exemplo, foi apresentado o seguinte jogral³⁰⁴:

Segui a paz com todos, e a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor. Igreja, pare! Ouça! Seres santos porque o Senhor está voltando. Santifica na verdade, a tua palavra é a verdade. Conheceréis a verdade e a verdade vos libertará. Igreja! Viva em santificação e em união. A santificação é que faz o milagre da inteira comunhão com Deus. Hino Senhor, Estás Comigo. Esta é a mensagem para você nessa noite. Santidade ao Senhor. Música Santidade, da Shirley Kaiser. Santidade já! Hino Jesus Ressuscitado. Santidade no agir, santidade no falar, santidade já! Hino Em Jesus Tens a Palma da Vitória. Precisamos ter uma vida consagrada no Senhor. Uma vida isenta e pura, uma vida limpa e repreensível, uma vida santificada, uma vida cheia de amor. Hino Deus Nos Guarde No Seu Amor. O mandamento é este: Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis^{305, 306}.

Percebe-se que, a despeito do tema do Congresso, a mensagem passada para as pessoas presentes no evento é a preocupação com a santificação. Para a Assembleia de Deus – Missões, que carrega em sua doutrina uma visão pré-milenarista e escatológica, a preocupação com a santificação é tema recorrente. Tal assunto, que será abordado adiante, quando o tema do Congresso for trabalhado, abre margem para discutir de quais formas as mulheres assembleianas guardariam a salvação pessoal. As falas de Mariana refletem a postura ‘ideal’ para a mulher santificada assembleiana. Para a fiel,

Surgiram muitas igrejas, muita placas, a placa não vai te salvar. O que vai se salvar é você ter a palavra no teu coração, viver a palavra, ser lavada e remida no sangue de Jesus. Então, hoje em dia você tem que vigiar nisso. Você proteger a sua coroa [...] A mulher deve ser vigilante [...] a igreja tem que ter vigilância nos trajés [...] Até para varrer uma casa você tem que ter amor, você tem que pegar na

³⁰⁴ “1. Indivíduo, na Idade Média, tocava vários instrumentos e cantava versos seus ou alheios, sendo pago para tal.

2. TEATRO pessoa que interpreta textos literários, cantando e/ou recitando, em geral fazendo parte de um grupo.” Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jogral>>. Acesso em: 15 set. 2018.

³⁰⁵ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. João, 13:34.

³⁰⁶ Jogral apresentado pelas irmãs do Círculo de Oração em Congresso do Círculo de Oração, em 2016, na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais.

vassoura delicadamente [...] sair e deixar a lição pronta [...] dom que Deus deu (referindo-se à maternidade).³⁰⁷

No curto trecho exposto acima, é possível perceber a reprodução nas falas de Mariana do discurso oficial da Igreja para a normatização da identidade feminina. Aquele que mulher cristã, preferencialmente, responsabiliza-se pelos trabalhos domésticos – não remunerados – e, por isso, desvalorizados. Responsabiliza-se, também, pelos cuidados com xs filhxs, afinal, seria um dom concedido por Deus à mulher. Não obstante, a fala da fiel imprime a forma com a qual a mulher deve se vestir, de forma a ter ‘vigilância nos trajés’. Características básicas que usualmente se associam à mulher também podem ser encontradas no trecho acima, como: a delicadeza em pegar uma vassoura. Parece ser possível afirmar que os intentos reguladores da Igreja são reproduzidos de forma velada e sutil, pois se percebe no Congresso do Círculo de Oração, quer dizer, um Congresso voltado para o público feminino, a preocupação com a manutenção de se encaixar no ‘ideal’ feminino para atingir a santificação. Ainda que as mulheres assembleianas estejam se autorreconhecendo, logo, performatizando suas identidades generificadas de maneiras distintas, o discurso regulador opera até mesmo no seio do Departamento feminino.

Tal discurso pode ser mais bem percebido a partir da fala dx palestrante do Congresso. Ora, mas todx palestrante fala em consonância com o discurso da Igreja? A resposta é não. Adiante, xs três convidadx que tiveram espaço de fala nos Congresso dos anos de 2016, 2017 e 2018 serão apresentadx. Para além, quem fala, fala com algum objetivo. Quais seriam os objetivos das falas dxs convidadx? Julga-se que, em dois casos, além de falar sobre o tema do Congresso, xs palestrantes objetivavam falar às mulheres. Tais suposições serão trabalhadas à frente, importa salientar que, após a fala dx palestrante convidadx, a Coordenadora Geral encerra a festividade fazendo os agradecimentos a todas as pessoas envolvidas. Mas a finalização, de fato, do Congresso se dá com a Orquestra e o Coral das Mulheres apresentando uma música, sempre relacionada ao trabalho da mulher no Círculo de Oração e ao empoderamento da mulher que ora. Mas, um evento de tal magnitude tem um público almejado, e, nesse caso, algumas considerações serão feitas a seguir.

³⁰⁷ Entrevista realizada em 27 jun. 2018, em Juiz de Fora.

7.2. Congresso do Círculo de Oração: público, e algumas considerações

Em um primeiro momento, pretende-se chamar atenção para a lotação do espaço da Igreja. A Igreja, que comportaria até 800 pessoas, em dias de festividades, tal como o Congresso do Círculo de Oração, tem todo seu espaço ocupado. A nave da Igreja, ou seja, o andar no qual ocorrem as atividades, é ocupada da seguinte forma: no piso principal, encontram-se as mulheres pertencentes aos Círculos de Oração que compõem o campo da Assembleia de Deus – Missões; a Orquestra da Igreja também situa-se no piso principal, tal como o Coral das Mulheres. As cadeiras alocadas no púlpito da Igreja são reservadas aos pastores dirigentes das Congregações. Importa destacar, nesse ponto, três aspectos importantes e intercambiantes: 1. O Congresso do Círculo de Oração é o único acontecimento em que as mulheres ocupam o púlpito da Igreja, uma vez que, tanto nas reuniões do Círculo de Oração quanto no culto do Círculo de Oração, é colocada uma mesa e cadeiras, fora do púlpito, para as dirigentes. 2. Leonor, dirigente da Congregação de Torreões, não ocupa nenhuma das cadeiras no púlpito da Igreja, ainda que sejam reservadas a dirigentes. 3. A única mulher que se senta junto aos homens é Clotilde, a esposa do pastor-presidente e Coordenadora Geral do Congresso. Ora, até no Congresso Feminino nota-se a mulher ocupando lugares de menos prestígios se comparado aos homens, salvo Clotilde, que seria exceção. As fotos a seguir trazem a composição do espaço físico da Igreja – andar inferior – nos dias do Congresso do Círculo de Oração.

Imagem 16. Congresso do Círculo de Oração no ano de 2016³⁰⁸



³⁰⁸ Foto feita pela pesquisadora em 09 abr. 2016.

Imagem 17. Congresso do Círculo de Oração no ano de 2016³⁰⁹



As fotos permitem que você, legente, perceba a forma como é distribuída a ocupação da Igreja, bem como a lotação. Na imagem de número dezesseis, pode-se verificar cadeiras brancas de plástico colocadas no corredor da Igreja para comportar as irmãs dos Círculos de Oração. Não obstante, a ocupação do espaço físico da Igreja reflete a forma desigual com que o poder é distribuído no interior daquele espaço religioso. Aos homens, o palco, e às mulheres, a plateia. Se poderia dizer, portanto, que as mulheres ali presentes seriam coadjuvantes de suas próprias histórias, uma vez que o Congresso Feminino é um evento ‘feito’ por mulheres e para mulheres? Já foi sugerido que a representatividade feminina no Congresso encerra-se na participação e nas atividades artísticas do evento. Desse modo, não excluindo a importância de um evento ‘exclusivamente’ feminino no interior de uma Igreja moldada no patriarcalismo, mas o Congresso visto por essas lentes muito se assemelha às leis relativas ao tráfico brasileiro criadas no Período Regencial, possibilitando aquela famosa expressão popular: *para inglês ver*.

³⁰⁹ Foto feita pela pesquisadora em 09 abr. 2016.

Ou seja, não seria o Congresso Feminino da Assembleia de Deus – Missões mais uma forma de controle ao feminino? Explicando: seria possível que as mulheres assembleianas, ligadas aos Círculos de Oração, entendessem o Congresso como uma forma de emancipação feminina, quando, na realidade, um olhar mais atento, sugere a dominação masculina no princípio fundante do Congresso? Desse modo, as mulheres veriam não somente sua representatividade, mas sua autonomia e importância para e no interior da Igreja. Afinal, a oração seria a base para a fé e realização das dificuldades das pessoas cristãs, e enquanto mulheres seriam elas as portadoras desse dom! Nesse caso, as mulheres de oração seriam as responsáveis pelas graças concedidas à Igreja, mas, também, a todas aquelas pessoas presentes nos dias do Congresso. O que uma mulher poderia querer além de ser a intermediária entre o sobrenatural e o humano? Como se verificou a partir das entrevistas e das repostas dadas ao questionário, algumas mulheres gostariam de ser responsáveis por algo além da oração, por exemplo, assumir cargos de poder.

Contudo, deixando a discussão sobre assunção de cargos na Igreja, em um Congresso Feminino espera-se que a maior parte do público seja composta por mulheres e realmente é o que acontece. Em todos os Congressos do Círculo de Oração acompanhados³¹⁰, as mulheres foram maioria. Obviamente, não somente mulheres participam do evento, mas vale destacar que, mulheres casadas com homens assembleianos, muitas vezes vão sozinhas ao evento, ou acompanhadas apenas pelos filhxs. Como o primeiro andar da Igreja é ocupado pelas pessoas que participam de forma direta no funcionamento do Congresso, resta ao público, em geral, ocupar a parte superior da Igreja, a galeria. A mesma também atinge sua capacidade máxima nos dias do evento e não é incomum encontrar pessoas sentadas no chão da Igreja, ou mesmo pessoas em pé.

Importante também salientar que a pesquisadora, ao longo dos três anos de Congresso, percebeu um decréscimo do público, sobretudo no ano de 2018. No segundo dia do Congresso Feminino de 2018, a galeria da Igreja não chegou a ser totalmente ocupada. Nesse caso, o que estaria ocasionando a diminuição do público no evento? Questionadas sobre essa observação, as mulheres assembleianas disseram não ter notado a menor participação no Congresso de 2018. Desse modo,

³¹⁰ Congressos ocorridos nos anos de 2016, 2017 e 2018.

algumas hipóteses poderiam ser formuladas: 1. Estaria havendo uma diminuição entre o número de membros da Igreja Assembleia de Deus – Missões?; 2. Observou-se que alguns homens, ainda que assembleianos, não participam do evento feminino, estariam, também, as mulheres perdendo interesse no Congresso?; 3. As mulheres assembleianas estariam percebendo que o Congresso Feminino não seria tão feminino como se pensava?; 4. O Congresso do ano de 2018 teria sido divulgado com mesma intensidade e eficácias que os ocorridos nos anos anteriores? Tais respostas só poderiam ser obtidas junto a pessoas que participaram dos Congressos anteriores, mas não do ocorrido no ano de 2018. E infelizmente, não foi possível contato com nenhuma pessoa que se enquadrasse nesse perfil.

Contudo, a pesquisadora julga que o questionamento de número quatro pode ser pelo menos um dos fatores. Pois houve uma falha na comunicação em relação ao horário do evento no ano de 2017. Pode ser que as informações não estejam sendo difundidas de maneira eficaz, principalmente, porque no final do ano de 2016 e durante todo o ano de 2017 o site da Igreja encontrava-se fora do ar e a página do Facebook estava desatualizada. Tais confusões nas informações têm ocorrido com certa frequência na Assembleia de Deus – Missões, até mesmo o DVD comercializado por um dos pastores³¹¹da Igreja, responsável pela gravação do Congresso, no ano de 2016 veio com a data errada na capa da obra. Segue imagem abaixo:

³¹¹ Pastor Pedro Alves.

Imagem 18. Capa do DVD 38º Congresso do Círculo de Oração³¹²



Como se pode ver na parte inferior direita, a data é 10. 03. 2016 (dez de março de dois mil e dezesseis), mas o Congresso foi realizado nos dias 09. 04. 2016 e 10. 04. 2016 (nove e dez de abril de dois mil e dezesseis). Isto é, muitas poderiam ser as causas para a diminuição do público no Congresso. O próprio pastor-presidente e alguns outros pastores que podem ser observados em sua companhia, no púlpito, nos dias do Congresso, às vezes parecem não estar interessados na festividade, uma vez que suas expressões não são 'das melhores'. Tais pastores não participam de maneira ativa, melhor dizendo, não são vistos orando, ou mesmo

³¹² Foto feita pela pesquisadora da capa do DVD comercializado por um dos pastores da Assembleia de Deus – Missões.

cantando. No máximo, quando muito, acompanham a leitura dos versículos em suas Bíblias. Ora, se os próprios representantes da Igreja se demonstram insatisfeitos em estarem ali, e mais parecem que o fazem por obrigação, por que pessoas que são membros ou mesmo xs visitantes participariam da festividade? O desânimo em participar do Congresso estaria relacionado a uma questão de gênero? A pesquisadora considera que sim! Com base na observação, pode-se inferir que o 'ânimo' tanto do pastor-presidente quanto dos demais pastores que compartilham do comportamento mencionado anteriormente é alterado de acordo com quem esteja a palavra. Nesse caso, o mérito da palavra seria julgado de acordo com o sexo/gênero de quem fala.

7.3. Congresso do Círculo de Oração: temas abordados e hinos cantados

Cada Congresso do Círculo de Oração é organizado e pensado a partir do tema proposto para evento. Dessa maneira, a tabela a seguir trará os três temas dos Congressos nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Tabela 15. Temas dos Congressos do Círculo de Oração³¹³

TEMAS DOS CONGRESSOS DO CIRCULO DE ORACAO		
38º	Efésios 6:18	Orando em todo tempo, com toda oração e súplica
39º	Efésios 3: 14-21	Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai
40º	Pedro 1: 4-7	40 Anos do Círculo de Oração

³¹³ A tabela foi criada pela pesquisadora com base na observação participante.

Como se pôde perceber a partir dos temas dos três últimos Congressos do Círculo de Oração³¹⁴, as proposições abordadas nos dias de festividades relacionam-se, especialmente, com a doutrina assembleiana, e não com as relações de gênero. As passagens abaixo trazem os conteúdos que embalsamaram as pregações e falas nos Congressos observados:

Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos.³¹⁵

Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,

Do qual toda família nos céus e na terra toma o nome,

Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior;

Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor,

Poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura e a profundidade,

E conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda plenitude de Deus.

Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera,

A essa glória na igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.³¹⁶

Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós

Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo,

Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações.

Para que a prova de vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo;³¹⁷

³¹⁴ Anos de 2016, 2017 e 2018.

³¹⁵ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Efésios, 6:18.

³¹⁶ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Efésios, 3: 14-21.

Em todas as passagens acima, o que se verifica, ainda que escrito de forma distinta, é a preocupação da Igreja em relação à salvação de cada fiel. Ainda na atualidade, a Assembleia de Deus – Missões pauta-se em uma doutrina teológica-escatológica, na qual a salvação é para todos e para o paraíso, embora, ser salvo necessite de fé, oração, virtude.³¹⁸ Nesse sentido, a identidade do ser assembleiano é permeada por uma mentalidade escatológica de concepção milenarista a qual, permeada pelo poder, insere no corpo do fiel um *habitus* religioso. Não obstante, ao pregar uma visão pré-milenarista, na qual o Reino Celeste só acontecerá após o retorno de Cristo, o que se verifica nas falas do Congresso Feminino é uma preocupação com a evangelização. Objetivando angariar o maior número de fiéis para o Reino de Cristo, a máxima é disseminar a mensagem de proximidade do fim.

Ora, pensar em proximidade do fim requer pensar na necessidade de se manter enquanto fiel 'ideal', longe de pecados e das tentações do mundo secular. Nesse sentido, percebe-se a ideia de salvação normatizando os corpos e condutas femininas com maior ênfase se comparado aos corpos e condutas masculinas, buscam-se, portanto, os modos habituais de idealização do feminino. Por exemplo, no 5º Encontro dos Líderes das Assembleias de Deus (ELAD), realizado entre os dias 23 e 26 de agosto de 1999, na cidade de Cuiabá, fez-se uma revisão da Resolução de Santo André³¹⁹, reformulando os usos e costumes da Igreja, trazendo-os para uma linguagem mais atualizada.

1. Ter os homens cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias;
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos;
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica;
5. Mau uso dos meios de comunicação:

³¹⁷ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações. Pedro, 1: 4-7.

³¹⁸ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 29.

³¹⁹ A Resolução teve como objetivo normatizar o caráter conservador dos usos e costumes da Igreja; eram eles: 1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino; 2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino; 3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; 4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); 5. Sobrancelhas alteradas; 6. Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; 7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; 8. Uso de bebidas alcoólicas.

televisão, Internet, rádio, telefone; 6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes.³²⁰

Ao se comparar a Resolução de 1975 à Resolução de 1999, o que se percebe, de fato, é a reformulação da linguagem oficial assembleiana, uma vez que a normatização sobre os corpos e modos de agir feminino ainda podem ser verificadas em três para um, ao se comparar à normatização imposta ao corpo masculino. Sim! Destaca-se o singular quando se examina a Resolução voltada para o público masculino. Já foi mencionado que o corpo de cada sujeito é construído e experienciado através das relações sociais, ou seja, o agir e ser são fenômenos sociais e culturais. Na Assembleia de Deus – Missões, todavia, o corpo de cada sujeito é perpassado por discursos que assumem uma lógica biológica, ou mesmo genética. Nesse sentido, a construção de cada corpo e, conseqüentemente, de cada identidade se vê subordinada a uma visão naturalista. Cada sujeito, nesse contexto, se é que se pode falar em contexto em perspectivas universalizantes, teria sua fundamentação única e exclusivamente baseada em mecanismos a-históricos, universais e imutáveis.

Nevrágica para a organização e manutenção da hierarquia na Igreja, a padronização em ideais sociais e, sobretudo, a eterna busca e defesa do “eterno feminino”³²¹ encontra legitimação e respaldo na escritura sagrada. Desse modo, os temas abordados nos Congressos Femininos andam em consonância com o discurso oficial da Igreja: as mulheres de fé oram de joelhos e se mantêm em vigilância para a salvação. Embora os temas não abordem questões relacionadas a gênero, um olhar mais apurado é capaz de perceber os propósitos pretendidos: a manutenção da normatização dos comportamentos e corpos de cada fiel.

Ainda que possa ser questionada e problematizada até qual ponto verifica-se a autonomia feminina na organização e na realização do Congresso Feminino do Círculo de Oração, não se pode negar o empoderamento feminino principalmente quando se analisam as músicas cantadas pelas mulheres no encerramento de cada Congresso. A seguir serão trazidas para o texto as letras de duas músicas cantadas pelas mulheres nos Congressos observados.

³²⁰ FONSECA, André Dione; MARIN, Jérri Roberto. Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro história da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. *Anais... XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões: Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades*. Goiânia, 2009. p. 10.

³²¹ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 68.

CORAL DAS MULHERES

Estou muito feliz e agradeço a Deus pelas convidadas
E num lindo coral vamos nos alegrar
Juntas e de mãos dadas
Quero dar boas vindas a todas irmãs
Com muita alegria, em nome de Jesus
As guerreiras de Deus, aqui são bem vindas

Também estou alegre com sua presença irmã dirigente
Mulher de oração assim como você
Também que é regente
Essa festa é nossa, Deus nos prometeu
Derramar sua unção
Vai ser puro poder porque Deus vai falar
Também na pregação

Deus levantou mulheres

Pra impactar com poder a nação
Mulheres guerreiras, mulheres tementes e de oração
E em cada estado o fogo de Deus muitas já acendeu
O coral das mulheres está avivado
Para a glória de Deus

As mulheres dão glória, glória, glória
As mulheres adoram, adoram, adoram
Elas glorificam, Deus manda poder e entrega a vitória
As mulheres dão glória, glória, glória
As mulheres adoram, adoram, adoram
Elas glorificam, Deus manda poder e entrega a vitória

Nós estamos unidas todas pra adorar
Revestidas de glória pra Deus exaltar
O coral ungido, mulheres têm vindo de todo lugar
Deus já abriu o céu e derramou unção
Olha que maravilha, é nossa a vitória
Deus selou, aprovou com seu santo espírito
E nós vamos dando glória

Todas juntas em pé, vamos cantar assim
E num grande coral, vozes vão se unir
Juntas para adorar, e o céu vai se abrir
O coral das guerreiras, cantando e dizendo
Deus está aqui

Deus está aqui, aleluia
Tão certo como o ar que eu respiro
Tão certo como a manhã que se levanta
Tão certo como eu te falo e podes me ouvir
Deus está aqui, aleluia
Tão certo como o ar que eu respiro
Tão certo como a manhã que se levanta
Tão certo como eu te falo e podes me ouvir

As mulheres dão glória, glória, glória
As mulheres adoram, adoram, adoram
Elas glorificam, Deus manda poder e entrega a vitória
As mulheres dão glória, glória, glória
As mulheres adoram, adoram, adoram
Elas glorificam, Deus manda poder e entrega a vitória
Elas glorificam, Deus manda poder e entrega a vitória

Porque Deus está aqui!³²²

FALANGE DAS MULHERES

Reis e exércitos fogem e nós repartimos os despojos
Os inimigos hoje começaram a fugir
Grande é a falange das mulheres nessa terra
Todos os despojos nós iremos repartir
Somos o exército de Deus aqui na terra
Estamos revestidas de poder e autoridade
Com as armas forjadas no fogo e na verdade

Não temos mais temores, nada pode nos deter, não há inimigo para nos abater

Vai, mulher, se aliste nessa guerra
Marcha, prega a palavra nessa terra
Grita, canta, chora e não se entrega
Glorifica, dando seu grito de guerra

Glória, glória! *levanta a bandeira da vitória
A bandeira da vitória. Com glória, com glória!
Levanta a bandeira da vitória
A bandeira da vitória
Com glória, com glória!

Quem foi que te capacitou?
Foi Deus, poderoso, a vitória é do senhor
Quem é que pode te parar?
Nosso Deus vai na frente, nada vai nos derrotar
Quem foi que te deu autoridade?
Foi o senhor da guerra, poderoso na batalha
Quem foi que te encheu de glória?
É o senhor dos exércitos, é dele a vitória

Nós somos profetizas, atalaias e ungidas
Somos as mulheres por Deus escolhidas
Somos intercessoras, na guerra destemidas
Nós somos corajosas, mulheres vitoriosas

³²² A música Coral das Mulheres é cantada por Vanilda Bordieri. Foi cantada no encerramento do 38º Congresso do Círculo de Oração da Igreja Assembleia de Deus – Missões, no ano de 2016.

Somos as trombetas que tocam nessa terra
Somos vitoriosas com nosso grito de guerra. Glória!³²³

As músicas *Coral das mulheres* e *Falange das mulheres* foram trazidas para o corpo do texto, pois se acredita que as mesmas simbolizem a forma a qual as mulheres assembleianas estão projetando suas identidades. Através das músicas cantadas no Congresso e, sobretudo, as mencionadas anteriormente, as mulheres que compõem a organização do Congresso Feminino da Igreja estão encontrando uma brecha para expressar seu empoderamento, ainda que no aspecto religioso. Se para a tomada de decisões relativas aos temas e para a escolha dxs palestrantes convidadxs faz-se necessária a anuência do pastor-presidente da Igreja, o mesmo não ocorre em relação às decisões artísticas. Estariam essas mulheres aproveitando o espaço artístico do Congresso Feminino para deixar de terem suas vozes silenciadas? Poder-se-ia pensar que, em um espaço religioso pautado, ainda na atualidade, por uma visão patriarcal, quando as mulheres cantam que são “revestidas de glória” e “revestidas de poder e autoridade” estariam elas tensionando o discurso oficial da Igreja.

Ao pensar a partir de Asad³²⁴, é possível compreender que a construção dos discursos, sistemas reguladores e conceitos segue condições pré-determinadas e gera efeitos identificáveis no interior dos espaços de sociabilidade. O que o autor propõe vai ao encontro da noção de *habitus* em um campo verificada em Pierre Bourdieu³²⁵ e da noção de uma matriz de inteligibilidade explanada por Judith Butler³²⁶. Ou seja, o poder no interior de todo campo de forças que dita as normas e as regras a partir de uma ordem cultural, ‘natural’ e pré-estabelecida, é responsável pela construção da identidade de cada sujeito, mas não somente também pelo reconhecimento do outro. Consequentemente, o reconhecimento perpassa a noção de sexo e de gênero.

Desse modo, o que se verifica no discurso oficial da Assembleia de Deus – Missões é o poder regulando os corpos e os modos de agir dxs fiéis. O poder, no interior daquele espaço religioso, age em conformidade com uma perspectiva de

³²³ A música *Falange das mulheres* é cantada por *Vanilda Bordieri* e *Celia Sakamoto*. Foi cantada no encerramento do 39º Congresso do Círculo de Oração da Igreja Assembleia de Deus – Missões, no ano de 2017.

³²⁴ ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, n. 19, p. 263-284. 2010.

³²⁵ GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

³²⁶ BUTLER, Judith. Regulaciones de gênero. *LAVENTANA*, n. 23, p. 10, 2005.

gênero pautada no binarismo sexual, contrapondo, conseqüentemente, mulheres a homens – fêmea X macho. A utilização da Bíblia enquanto instrumento de legitimação de uma visão naturalista dos sexos e seus papéis sociais é empregada no intuito de reproduzir e consolidar a hierarquia entre os sexos. Entretanto, como a tensão, subversão e ruptura em um sistema de poder só podem ocorrer de dentro para fora. Nesse caso, as mulheres assembleianas estariam fazendo com que o sistema normatizador oscilasse? Caso a resposta para a pergunta seja positiva, de qual forma?

As entrevistas analisadas em Capítulo anterior sugerem que algumas mulheres no interior da Assembleia de Deus – Missões estão questionando, ou mesmo problematizando passagens Bíblicas utilizadas para reforçar a marginalização do feminino no seio do espaço religioso. Enquanto algumas mulheres passaram a exercer cargos tidos como masculinos, outras estão ‘desobedecendo’ aos usos e costumes defendidos para as mulheres assembleianas. Quando em momento anterior a pesquisadora utilizou a noção de corpos reunidos em assembleia, de Butler³²⁷ para questionar se os corpos das mulheres assembleias estariam resistindo à norma, foi levantada uma pergunta e que agora merece um acréscimo: o Círculo de Oração poderia ser compreendido enquanto um espaço no qual os corpos estão reunidos e resistindo? Acredita-se que sim! À sua maneira, as mulheres que frequentam o Círculo de Oração e o Congresso do Círculo de Oração estão, ainda que de maneira incipiente, subvertendo as normas e dizendo: “nós não somos descartáveis”³²⁸, e as músicas trazidas para debate simbolizam essa resistência.

Ainda que a autonomia da mulher na Assembleia de Deus – Missões ainda seja relativa, as mulheres ali presentes encontram no elemento artístico um meio para serem escutadas. Quando cantam que são guerreiras de Deus revestidas de poder forjado no fogo da verdade, elas são empoderadas pelo próprio Espírito Santo. Seu papel deixa de ser o de coadjuvante, melhor dizendo, o papel de adjutora é posto de lado em favor do papel como primeira barreira contra o inimigo na guerra – falange. Não obstante ao dizerem: “somo o exército de Deus aqui na terra”, “Somos intercessoras, na guerra destemidas” estão desempenhando um

³²⁷ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 32.

³²⁸ BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 32.

papel – binariamente constituído – masculino, uma vez o combate homem a homem, na guerra, tem sido desempenhado, no Ocidente, pelos homens. Não obstante ainda entoam: “Nós somos profetizas, atalaias e ungidas”, isto é, ao conseguirem enxergar o todo, teriam forças e autoridade para a salvação de toda e cada pessoa.

As músicas, apesar de religiosas, rompem com a ideia das mulheres enquanto auxiliaadoras dos maridos, escamoteiam o ideal do ‘eterno feminino’, desfazem a visão tradicionalista e patriarcal da mulher enquanto mãe e presa ao espaço doméstico. Uma vez que cada tomada de decisão feita por um grupo de pessoas, ou mesmo instituições com potencial de regulação, é tomada com intuito e propósitos definidos, não se poderia conjecturar que as escolhas das músicas feitas pelas mulheres fossem frutos do acaso. Não! Essas mulheres, que por vezes não têm autoridade para decidir os temas e palestrantes do Congresso e não se sentem representadas pelas deliberações tomadas, encontraram nas músicas seus lugares de fala.

7.4. Palestrantes: o que dizem e por que dizem?

7.4.1. Missionária Venícia Porto

Mais conhecida como Missionária, Venícia Porto foi a preletora convidada para pregar no 38^o Congresso do Círculo de Oração, ocorrido no ano de 2016, na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais. Mãe de Abraão e Ana Clara, a Missionária é casada com o pastor Moisés Santos. Ambos pregam no Culto da Bênção da Igreja Assembleia de Deus de Nova Iguaçu (ADNI)³²⁹, ressalta-se que, apesar de pregarem na ADNI, seus nomes não se encontram como integrantes da equipe no site da Igreja. A pregadora teve lugar de fala nos dois dias decorridos do Congresso, e entre xs três palestrantes, que aqui serão retratadxs, foi a que teve mais tempo de fala.

Em um Congresso no qual o tema foi “Orando em todo o tempo com toda oração e súplica no espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos”,³³⁰ sua fala foi em consonância não somente ao tema geral do

³²⁹ Disponível em: <http://assembleia.org.br/>. Acesso em: 22 set. 2018.

³³⁰ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. Efésios, 6:18.

Congresso, mas ao discurso oficial da Igreja em relação ao feminino, ainda que uma de suas frases possa ser problematizada. Em resumo, a pregadora foi bem sucedida ao falar como mulher e para as mulheres ali presentes, considerando a intencionalidade de sua fala.

Sua fala teve como fundamentação bíblica as passagens encontradas em 1 Pedro 3³³¹. Contudo, seu discurso se deteve aos versículos 1-6, curiosamente, o sétimo versículo foi deixado de fora, aquele que descreve o compromisso masculino em honrar sua esposa. Salienta-se que, entre os setes versículos do Capítulo três do primeiro livro de Pedro, seis são dirigidos às mulheres, enquanto apenas um, é dirigido aos homens. Em um ambiente em que a Bíblia é utilizada como ferramenta para a continuação da sujeição da parcela feminina, Venícia Porto, ao pregar em um Congresso Feminino trabalhou, com eficácia, a construção e a reprodução de uma imagem feminina de viés estruturalista.

De acordo com a pregadora, a ordem de Deus para as mulheres na atualidade nada mais é do que respeitar os seus maridos. Para uma mulher oriunda do “mundo do funk, das drogas e da perdição”³³², Venícia parece ter adquirido um *habitus* religioso capaz de transformar sua identidade generificada. Ao ter deixado de andar com “um palmo de saia”³³³, a Missionária, ao transitar por novos espaços de sociabilidade, mudou, não somente sua forma de agir, mas também, de vestir. Saias pretas abaixo dos joelhos, blusas pretas com mangas foram as roupas escolhidas pela Missionária para pregar sua palavra na Assembleia de Deus – Missões. Com cabelos longos pretos, sem brincos ou maquiagem, aparentemente, a Missionária se traja em conformidade com os ‘usos e costumes’ da Assembleia de Deus. Contudo, uma rápida olhada na página de uma das suas redes sociais³³⁴, é possível encontrar a pregadora, praticamente, irreconhecível. Em foto de um culto em celebração ao aniversário da Missionária, a mesma aparece com os cabelos, loiros e cacheados. Até qual ponto a pregadora estaria agindo de forma a

³³¹ “Os deveres das mulheres e maridos cristãos”. *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. 1 Pedro 3.

³³² Fala de Venícia Porto ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 10 abr. 2016.

³³³ Fala de Venícia Porto ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 10 abr. 2016.

³³⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bno7d1cBp7n/?taken-at=1030080636>. Acesso em: 22 set. 2018.

corresponder à normatização assembleiana? Estaria Venícia em conformidade com a resolução de número 3³³⁵ relativa aos usos e costumes?

Pensar que a Igreja se enquadra enquanto um entre vários espaços de sociabilidade é o esforço teórico que se tem buscado trabalhar ao longo de toda a escrita da tese. Em oportunidade anterior, a autora, que aqui escreve, convidou-xs para refletir sobre até qual ponto o trânsito entre diferentes espaços de sociabilidade influenciaria no autorreconhecimento feminino em relação ao discurso oficial da Igreja. Nesse sentido, a construção de identidade de toda e qualquer mulher assembleia não seria restrita apenas ao ambiente religioso, mas estaria em processo de construção e reconstrução a todo o momento. Ao passo que ao serem interpeladas em outros campos de poder, dotados de *habitus* distintos, e conseqüentemente de suas próprias matrizes de inteligibilidade, essas mulheres se veem, muitas vezes, questionando e subvertendo – algumas de maneiras conscientes, outras nem tanto – o sistema regulador reproduzido no ambiente religioso, as fala de Venícia, em um primeiro momento, reproduzem o discurso tradicional:

Toda mulher sábia: edifica sua casa. E toda tola destrói com suas próprias mãos [...] Edificar dá mais trabalho do que destruir. Uma boa construção tem que ter um bom alicerce, uma boa estrutura [...] A mulher tem um papel fundamental na sua família: a mulher como mãe, o papel de educadora, de influenciadora de uma nova geração. Uma mulher como esposa tem como responsabilidade de governar bem a sua casa, no sentido da organização da limpeza, da organização. Mas hoje as mulheres estão jogando as suas responsabilidades para seus esposos. O marido chega em casa e não tem comida pronta, as mulheres estão mandando os maridos cozinharem. As mulheres estão mandando os maridos passarem as suas roupas. Cadê minha comida? Ah, vai fazer você! Cadê o meu café? Ah, vai fazer você! Cadê a minha roupa? Ah, eu estou estudando, fazendo minha faculdade. Eu estou trabalhando, eu estou muito cansada. Essas crianças, eu não dou conta. MAS TEM QUE DAR CONTA! (Caixa alta inserida no texto para sinalizar a subida no tom de voz da pregadora).³³⁶

Ora, o que se identifica no discurso da pregadora é a velha máxima: da mulher circunscrita ao espaço doméstico. Bourdieu, ao trabalhar a tradição Cabila

³³⁵ 3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos.

³³⁶ Fala de Venícia Porto ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 10 abr. 2016.

através do princípio androcêntrico³³⁷, enquanto método de pesquisa sugere uma dominação simbólica – masculina – inscrita nas coisas e nos corpos que se deve a um sistema de estruturas duradouras³³⁸. Nesse sentido, tem-se uma construção social a naturalizar a diferença entre os sexos através da diferenciação puramente biológica. Tal diferenciação entre os órgãos genitais acarreta a diferenciação social de trabalho entre os gêneros – esses construídos socialmente. O problema de tal perspectiva de sexo e gênero é pôr em suspensão a construção da identidade de cada sujeito, sobrepujando a performatização de gênero.

Pois bem, ao se negar que tanto sexo, quanto gênero são construtos sociais³³⁹, resta o caráter universal, de essência universal assumido pelo sexo. Mas se sexo é imutável e universal, como explicar sociedades com princípios normatizadores distintos dos verificados em sociedades de matrizes judaico-cristãs? LeBreton, por exemplo, argumenta:

Os Chambuli, em compensação, nos deram uma imagem invertida do que se passa em nossa sociedade. A mulher é o parceiro dominante, ela tem a cabeça fria e conduz o barco; o homem, dos dois, é o menos capaz e mais emotivo.³⁴⁰

Caso sexo, gênero e seus papéis sociais fossem definidos pelo órgão genital não seria possível, independente da matriz religiosa de dada sociedade, encontrar funções distintas para homens e mulheres e, conseqüentemente, os Chambuli não poderiam ser compreendidos. Assim, a fala de Venícia Porto sobre a mulher e suas obrigações enquanto esposa precisa ser lida a partir da utilização de uma lente judaico-cristã. Ao falar a partir de uma perspectiva de sexo pautada no sistema hegemônico do 'binário oposicional hierarquizado', a Missionária define toda mulher como um ser de identidade fixa e imutável. Ademais, cumpre seu papel como

³³⁷ "Androcêntrismo: Trata-se de um termo cunhado pelo sociólogo americano Lester F. Ward em 1903. Está intimamente ligado à noção de patriarcado. Entretanto, não se refere apenas ao privilégio dos homens, mas também à forma com a qual as experiências masculinas são consideradas como as experiências de todos os seres humanos e tidas como uma norma universal, tanto para homens quanto para mulheres, sem dar o reconhecimento completo e igualitário à sabedoria e experiência feminina. A tendência quase universal de se reduzir a raça humana ao termo 'o homem' é um exemplo excludente que ilustra um comportamento androcêntrico. O seu oposto, relacionando-o com a mulher, designa-se por ginocentrismo." Disponível em: < <https://www.cursoderedacao.net/wp-content/uploads/2017/03/Androcêntrismo.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

³³⁸ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

³³⁹ Ver: BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadernos PAGU*, n. 11, 1998; FEMÍNIAS, Maria Luisa. Pós-Feminismo através de Judith Butler. *Estudos Feministas*, n. 14, v. 2, 2006.

³⁴⁰ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 66.

influenciadora, ao reforçar os comportamentos ideais para as mulheres cristãs. Embora possa ter passado despercebido para muitas pessoas que ouviam sua pregação, uma de suas falas chamou atenção da pesquisadora: “não preocupa com a tua casa porque a salvação é individual”.³⁴¹

Interessante notar que ora a Missionária prega para as mulheres por ser uma influenciadora capaz de reproduzir o discurso tradicional; ora, prega para as mulheres enquanto mulher. Salvação! Tema recorrente nos cultos e nos Congressos Femininos essa é a palavra primária para xs assembleianxs, uma vez que o momento do arrebatamento se aproxima. Se para ser salvx é preciso estar em vigilância, agindo de acordo com a palavra bíblica, como uma mulher seria salva sem cumprir seu papel social? O ‘eterno feminino’ relaciona-se ao papel social desempenhado pela parcela feminina cristã, isto é, o papel que a mulher assume na sociedade de mãe, ‘rainha do lar’ e auxiliadora do marido. Quando a Missionária fala que a salvação é individual e por consequência disso não haveria necessidade da mulher se preocupar com a sua casa, ela tensiona, para não dizer ROMPE, com todo o discurso normatizador difundido ao longo dos anos na instituição.

Nesse momento, as noções de *habitus*³⁴² e de performatividade de gênero tornam-se, mais uma vez, caras à reflexão sobre o autorreconhecimento feminino assembleiano. Ao resgatar a tomada de ação do sujeito, Bourdieu, com sua noção de *habitus*, permite problematizar as visões hegemônicas acerca dos sexos. Não obstante, ao trabalhar gênero de maneira fluida, Butler³⁴³ cria a possibilidade para se pensar os sexos e gêneros para além de dois, mas, sobretudo, para pensar os diferentes papéis sociais que cada indivíduo, enquanto cidadão, pode desempenhar no interior dos espaços de sociabilidade. O que se pretende, portanto, dizer é que, assim como as demais assembleianas entrevistadas para a pesquisa, como as que responderam o questionário, Venícia Porto é uma mulher que transitou, e ainda, transita por diversos campos sociais. E, em decorrência dessa circulação, sua identidade está em constante transformação, adaptação e reformulação, o que

³⁴¹ Fala de Venícia Porto ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 09 abr. 2016.

³⁴² GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 73 – 94.

³⁴³ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

permitiria suspeitar que algumas de suas falas pudessem guardar questionamentos internos.

Apropriado³⁴⁴ para esse momento seria fazer um pequeno parêntese e apontar, em tempos de eleições presidenciais brasileiras, o comportamento de Venícia Porto – até onde foi possível investigar³⁴⁵ – a respeito das eleições no país. Venícia que, em vários momentos de sua pregação, fez questão de dizer: “Tá pensando que tem bobinha pregando aqui? Também sou advogada!”³⁴⁶, assim como seu esposo, pastor Moisés Santos³⁴⁷, estampa em suas redes sociais apoio declarado ao candidato à presidência do PSL, Jair Messias Bolsonaro. Sua primeira postagem contra o candidato do PT, Fernando Haddad, ocorreu dois dias após³⁴⁸ o ex-presidente da CGADB declarar voto no candidato do PSL.³⁴⁹ Dois pontos chamam atenção a respeito do posicionamento da Missionária: 1. A defesa do candidato do PSL, enquanto único que fala a língua do ser cristão; 2. A forte oposição contra candidatos de centro-esquerda, tais como os do: PT, PSol e Partido Verde. Salienta-se que, na perspectiva política, o *habitus* religioso da Missionária sobressaiu a todos os aspectos seculares que sua identidade poderia guardar. Diz-se isso, pois seu discurso foi em consonância com o da alta cúpula da Igreja: a favor de um candidato com discurso de abjeção das minorias, inclusive das mulheres.

Destarte, apesar de ser a favor de políticas que marginalizam o feminino – ao se posicionar a favor do candidato do PSL –, seu posicionamento vai ao encontro de uma leitura literalista da Bíblia, a qual cabe à mulher: procriar e cuidar da casa. Mas, como bem enfatizou em vários momentos: não é boba e se graduou em Direito em uma universidade secular.³⁵⁰ Ou seja, assim como as demais mulheres assembleianas, sua identidade é perpassada por vários campos de poder e por isso encontra-se em constante transformação. É necessário, portanto, compreender que

³⁴⁴ O adendo, aqui feito, foi escrito após as eleições presidenciais brasileiras do ano de 2018. Ao reler o último capítulo da tese, ocorreu à pesquisadora olhar novamente as mídias sociais dxs assembleianxs relacionadxs à pesquisa em consequência do apoio do líder da CGADB ao candidato do PSL.

³⁴⁵ Em suas redes sociais: Twitter, Facebook e Instagram.

³⁴⁶ Fala de Venícia Porto ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 10 abr. 2016.

³⁴⁷ Disponível em: < <https://twitter.com/Prmoisessantos1>>. Acesso em: 29 out. 2018.

³⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/venicia.porto?lst=1808575981%3A100003731771952%3A1540844524>>. Acesso em: 29 out. 2018.

³⁴⁹ Disponível em: < <https://www.jmnoticia.com.br/2018/10/02/ex-presidente-da-cgadb-declara-apoio-a-jair-bolsonaro/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

³⁵⁰ Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/riodejaneiro/>. Acesso em: 22 set. 2018.

essa mulher, apesar de falar com propósitos institucionais, se autorreconhece de uma forma própria à mulher cristã, embora nem sempre.

7.4.2. Irmã Patricia Raibolt

Em seu site, Patricia se descreve como: “Pregadora do Evangelho, casada com Dc Cristiano da Conceição, servimos a Deus na Assembleia de Deus de Petrópolis”³⁵¹, em seguida insere seu telefone para contato. Entre xs três palestrantes convidadxs a falar nos Congressos acompanhados, a pregadora se destaca por dois motivos: 1. Sua pregação é mais dinâmica se comparada a outras, pois, entre falas acerca do tema abordado, a assembleiana entoava cantos religiosos; 2. Sua fala nos dois dias de Congresso se dirigiu, sobretudo, ao público feminino. Ao relacionar seu estilo de pregação a suas redes sociais³⁵², nota-se uma relativa aproximação da pregadora a uma verdadeira show-woman³⁵³. Suas redes estão abarrotadas de cartazes em que ela é uma entre xs convidadxs para pregar em diferentes eventos ocorridos nas Assembleias de Deus.

³⁵¹ Disponível em: < http://picdeer.com/patricia_raibolt>. Acesso em: 23 set. 2018.

³⁵² Disponível em: < http://picdeer.com/patricia_raibolt>; < https://www.facebook.com/pg/Patricia-Raibolt-882491175195871/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 23 set. 2018.

³⁵³ Apresentadora, no inglês.

Imagem 19. Cartaz promocional Congresso da Ufadep³⁵⁴



O cartaz acima traz a festividade da União das Mulheres da Assembleia de Deus de Paraty, nele, pode-se verificar que Patricia é uma das preletoras convidadas. Por esse ângulo, pode ser possível pensar que Patricia e Venícia, por pregarem em eventos assembleianos, tenham o mesmo prestígio no interior do espaço religioso. Contudo, uma rápida olhada na imagem anterior salienta a maior diferença entre as duas assembleianas: enquanto Venícia recebe o título de Missionária, à Patricia só é empregado o título de irmã. Estaria mais uma vez a titulação feminina ligada à função do esposo no interior da Assembleia de Deus? Se

³⁵⁴ Disponível em: < http://picdeer.com/patricia_raibolt>. Acesso em: 30 out. 2018.

Venícia é casada com um pastor da ADNI, Patricia tem como esposo um diácono da Assembleia de Deus de Petrópolis. Respectivamente, a função ocupada no interior do espaço religioso pelo segundo é hierarquicamente inferior à função do primeiro. Quando se faz uma busca a respeito do nome Dc Cristiano da Conceição, as pesquisas encontradas são relacionadas à sua esposa. Por essa ótica, infere-se dois argumentos: 1. É provável que Patricia seja a pessoa que se destaca entre o casal; 2. Ainda que se destaque no meio religioso em que se encontra, seu prestígio social torna-se inferior ao de Venícia por não ter um esposo que se destaque na hierarquia assembleiana.

Caso Patricia seja a pessoa de destaque entre o casal, como se argumenta, é provável que apenas por esse motivo a pregadora já tensione o discurso oficial. Mas de qual modo? Até aqui, acerca das mulheres que se destacaram na Assembleia de Deus – Geilza, Clotilde e Leonor³⁵⁵ – e foram alçadas ao poder, acredita-se que se deva ao prestígio social de seus esposos. Patricia, por outro lado, faz o caminho inverso: por ter se destacado dentro do espaço religioso traz para hierarquia da igreja seu esposo. Apenas um caso como esse pode ser identificado no interior da Assembleia de Deus – Missões, em que uma mulher – diferente de Leonor – dirigiu sua própria Congregação com o auxílio do esposo. Embora tenha sido mencionada como um grande exemplo – de mulher empoderada – pelas assembleianas entrevistadas, tal fiel não se encontra mais à frente de nenhuma Congregação. Após seu esposo ter se tornado pastor, os dois agora se encontram no trabalho missionário da Igreja. Por qual motivo essa mulher se afastou de seu Ministério, ninguém soube informar. Patricia, em sua pregação, mostrou-se uma mulher empoderada, tal autoridade e reconhecimento de si teria relação com seu reconhecimento pelo outro, sem a assistência masculina?

O 39º Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, teve como tema “A oração de Paulo pelos efésios”³⁵⁶ e, ao contar com Patricia Raibolt enquanto preletora, teve seu tema, praticamente, alterado para “O filho da viúva de Naim”³⁵⁷. Sua pregação, ainda que tenha tido como pano de fundo ‘os milagres de Deus’, teve sua fundamentação na figura da viúva de Naim. Ou seja, em

³⁵⁵ Mulheres que assumiram ou assumem cargos de prestígio.

³⁵⁶ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. Efésios, 3: 14-21.

³⁵⁷ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. Lucas, 7: 11-17.

um Congresso Feminino, fez-se ouvir a voz da mulher, falando sobre uma mulher e para várias mulheres. A preleitora diz:

[...] hoje uma mulher está aqui, na tribuna, hoje em dia, tem muito menos preconceito, e eu me sinto extremamente honrada de estar aqui. Olha quantos homens de Deus aqui, e eu me sinto extremamente honrada porque, ter sido como Débora, Deus ter me levantado nessa geração [...] Hoje uma mulher assume cargos públicos, hoje uma mulher ministra a palavra de Deus, coisa que era vetada, (só permitida) a homens. Hoje, as mulheres tem tido seus espaços na sociedade. Mas naquela época não era assim. Uma mulher que não tivesse o seu marido, ficasse viúva, se ela não tivesse filhos varões que assumissem a administração da casa, muita delas entravam pelo caminho da prostituição. ³⁵⁸

É preciso destacar dois momentos, intercambiantes, na fala da pregadora: 1. Refere-se à autorização da fala e da assunção de cargos de poder conquistados pelas mulheres; 2. Necessidade de contextualização do texto bíblico.

No primeiro momento de sua fala, Patricia utiliza o texto bíblico para justificar não somente o lugar de destaque que ocupava no Congresso, mas para validar a ascensão feminina a cargos de poder. Ao se comparar à Débora, figura bíblica que liderou o povo israelita contra o rei de Canaã, Patricia desautoriza todo um discurso patriarcal que impõe à mulher um papel de coadjuvante – adjutora – nas relações sociais. Propositamente personagens bíblicas, importantes como Débora, têm sido negligenciadas ao longo de uma história de longa duração pela alta cúpula da Igreja com o propósito de subalternizar a parcela feminina. Amparado por um discurso geneticista, o que se percebe é a utilização da medicina para corroborar a diferenciação entre os sexos, relacionando-os de maneira inerente à divisão sexual do trabalho, não bastasse a correlação entre sexo, gênero, orientação sexual.

Sintomático para o estudo reconhecer que, entre as mulheres assembleianas, algumas têm, sim, reivindicado lugares de destaque no espaço religioso, embora de maneira incipiente. Mas quando reivindicam para si espaços antes não permitidos, utilizam, assim como a parcela masculina tem feito ao longo dos anos, a Bíblia como instrumento de legitimação. Patricia utiliza Débora como exemplo, mas bem poderia ter utilizado Ester, mulher que, além de ocupar cargo burocrático, uma vez que era rainha de Israel, pode também ser considerada uma mulher racional e extremamente sábia. Agora, veja você, enquanto algumas

³⁵⁸ Fala de Patricia Raibolt ocorrida no Congresso do Círculo de Oração da Assembleia de Deus – Missões, Juiz de Fora – MG, em 09 abr. 2017.

mulheres, como Patricia utilizam exemplos bíblicos, não muito utilizados pela parcela masculina, contrariamente, estes preferem que o ideal feminino se pautem em figuras como as de Rute e Sara, mulheres reconhecidas por seus papéis sociais de: mãe, esposa.

A tabela de número quatorze apresentada em momento anterior representa bem o ideal de 'eterno feminino' produzido e reproduzido no interior do espaço religioso. Embora não seja consenso, algumas mulheres têm reivindicado para si significados de gênero correspondente ao lado masculino da tabela. Ao dizer que "hoje uma mulher assume cargos públicos", a pregadora coloca a si e outras mulheres em um campo social, antes outorgado apenas aos homens. Isso significa dizer que Patricia tem performatizado seu gênero de maneira às avessas e, mais, tem utilizado a Bíblia para respaldar esse comportamento. Desse modo, a pergunta crucial seria: Teria a alta cúpula da Igreja se incomodado com discurso de Patricia no Congresso?

Tal pergunta só pode ser feita, pois Patricia, em sua fala, subverte o discurso hegemônico patriarcal. Mas, por que algumas mulheres como Patricia têm agido em discordância com as normas da Igreja? Rita dá pistas para a formulação de uma hipótese: estariam essas mulheres contextualizando o texto bíblico? Ao que tudo indica, algumas mulheres têm questionado a leitura literalista do texto sagrado e, desse modo, problematizado questões anteriormente não levantadas. Algumas³⁵⁹, inclusive, chegaram a reconhecer a importância do movimento feminista para a conquista dos direitos das mulheres. Como se vê, os campos, apesar de se constituírem com certa autonomia em relação uns aos outros, ao ter os sujeitos enquanto agentes, veem-se transformados. Assim, a contingência de cada ser perpassada por diversos *habitus* tem sido responsável por contestar os discursos reguladores e transformar o autorreconhecimento feminino assembleiano.

7.4.3. Pastor Carlos José

Eis que em 2018 ocorre o 40º Congresso do Círculo de Oração, da Assembleia de Deus – Missões, em Juiz de Fora. E, para tal acontecimento, seria

³⁵⁹ Rita e Cristina.

necessária uma pessoa de extrema qualificação, afinal, quarenta edições de um evento feminino no interior de uma Igreja moldada em um arranjo patriarcal simbolizaria o empoderamento(?) das mulheres para o espaço religioso. Seguindo essa linha de raciocínio, o convidado para pregar nos dois dias de evento foi o pastor Carlos José. Após a pregação no 39º Congresso Feminino feita por uma mulher que foi capaz de subverter o discurso normatizador da Igreja, parece que tal 'incômodo' não seria aceitável novamente.

Com o propósito de dizer às mulheres sobre mulheres, o pastor Carlos José iniciou sua fala homenageando as mulheres do Círculo de Oração. Nada mais coerente, certo? A incoerência da fala insere-se, no entanto, na forma de elogio feita pelo pregador às mulheres: fundamentada na beleza estética feminina.

Estética

Boa forma após a gravidez

Com mudança de hábitos físicos e alimentares é possível voltar ao corpo de antes



minerais e outros nutrientes importantes, bem como prevenir o ganho excessivo de peso. Segundo a nutricionista, o ideal é que o ganho de peso durante a gravidez fique entre 10 e 12 quilos. "Porém, essa avaliação deve ser feita individualmente, de acordo com as necessidades calóricas de cada paciente", comenta.

Após o nascimento do bebê, a mãe deve ser encorajada a iniciar imediatamente a amamentação, que contribui para o aumento do gasto calórico. "A mulher que amamenta gasta 500 calorias a mais por dia, o que corresponde a 100 gramas de chocolate", afirma a médica, lembrando que, aliada à amamentação, deve haver uma dieta equilibrada. "O ideal é consumir frutas, cereais integrais, carnes magras, verduras, leguminosas e gorduras de boa qualidade, como a de peixes, óleos vegetais, sementes e castanhas", explica.

Outro ponto importante que não deve ser esquecido pela recém-mamãe é a ingestão de muita água. Já os alimentos como margarina, gordura vegetal hidrogenada, frituras, embutidos, alimentos com corantes e conservantes, devem ser retirados da lista de compras. "Partindo do princípio de que cada um possui a sua individualidade e suas particularidades orgânicas, a quantidade de proteínas e calorias é estimada de forma diferenciada para cada mãe. Só um nutricionista poderá avaliar a paciente e recomendar a dieta adequada para cada caso", afirma.

Outra possibilidade para tentar voltar à antiga forma é fazer alguma atividade física. Após a liberação e avaliação médica, o profissional de Educação Física vai montar uma série de exercícios de acordo com o condicionamento de cada aluna. "Se o objetivo é diminuir o percentual de gordura, o profissional vai montar um programa com exercícios aeróbicos e anaeróbicos", diz o personal trainer Max Costa. Segundo ele, para a série de aeróbicos, o ideal é quinze minutos de marcha lenta na esteira. Complementando com a parte anaeróbica, uma série alternada de musculação trabalhando membros superiores e inferiores.

Podem parecer puxado para quem acabou de sair do resguardo, mas o personal trainer garante que, tendo a avaliação médica sobre hipertensão, problemas cardíacos e condições físicas da paciente, todas as atividades terão respaldo profissional. "A pessoa pode começar com atividades leves e, com o passar do tempo ir aumentando. Quarenta minutos, três vezes por semana, são suficientes", conclui.

Durante nove meses, são inúmeros os preparativos para esperar aquele ser que vai transformar a sua vida. Enquanto espera, você exibe orgulhosa a sua enorme barriga, sua pele fica mais bonita e seus cabelos ganham um brilho especial. Porém, já na saída da maternidade, com aquele bebezinho fofo no colo, você deixa de ser a grávida mais linda e torna-se a mais nova gordinha do pedaço. É preciso emagrecer urgentemente!

Além do inchaço natural, a cintura não é mais a mesma, os seios ficam enormes e aparecem gorduras localizadas em todas as áreas do corpo. Apesar de tudo isso, com um pouco de esforço, você pode voltar a ser uma mãe bonita. Mesmo amamentando, não é difícil perder o peso adquirido durante a gestação, ainda que lentamente.

A primeira providência é mudar ou melhorar hábitos alimentares. Você não precisa encetar uma dieta radical, até porque, o bebê depende da sua alimentação para crescer saudável. De acordo com a nutricionista Ana Paula Santos, o correto é que a mulher tenha uma alimentação adequada mesmo antes de engravidar. Ela explica que isso deve ser feito para evitar possíveis deficiências de proteínas, vitaminas,

MULHER | 33

A matéria intitulada *Boa forma após a gravidez*, publicada em um periódico assembleiano voltado ao público feminino nos idos de 2006, na atualidade serve como exemplo para detectar a manutenção do ideal feminino no interior do espaço religioso. A matéria traz em suas linhas dicas para as mães recuperarem a “boa forma” perdida durante o período de gravidez. O discurso do pastor em 2018 reforça e reproduz o ponto de vista de feminino trazido na matéria, isto é, da mulher valorizada e respeitada a partir da beleza estética. Ao destacar os ‘encantos’ das

³⁶⁰ Mulher, lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 6, n. 27, 2006. p. 33.

mulheres, o pastor reforça dois pontos intercambiantes: 1. A objetificação do corpo feminino; 2. A reprodução do 'eterno feminino'.

Pensar em objetificação do corpo³⁶¹, sobretudo, do corpo feminino requer pensar em um sujeito desprovido de atributos emocionais ou mesmo psicológicos. A Assembleia de Deus, que em seus primórdios defendia uma vida para xs fiéis à parte do mundo, ao longo dos anos tem se inserido na espera pública secular. E, a partir dessa inserção, tem utilizado meios midiáticos para promover e propagar seu discurso normatizador. Ora, não seria o casamento perfeito: uma mídia que utiliza o feminino de forma a destacar as qualidades físicas e sexuais dos corpos e o discurso hierárquico entre os sexos verificado na Assembleia de Deus? Aparentemente, tal casamento tem funcionado para os propósitos normativos, ainda que não para todas as mulheres.

O discurso de objetificação do corpo feminino feito pelo pastor permite pensar a materialidade dos corpos e a relação dessa com a construção e a performatização dos gêneros. Se os corpos³⁶² são construídos e vivenciados dentro de sistemas reguladores, nos quais o poder opera, os mesmos são constituídos ao longo de uma história de longa duração. E é através da delimitação das fronteiras, pretendidas para os corpos, que em primeira instância os sexos são reconhecidos e normatizados a partir de então em favor de uma norma. Ou seja, a materialização dos corpos, dos sexos e dos gêneros ocorre dentro de sistemas reguladores, temporais, restritivo a fim de promover a diferenciação sexual macho/fêmea em perspectiva hierárquica.

Precisamente, a objetificação do corpo feminino relaciona-se de forma intrínseca com o ideal de feminino pretendido pela Assembleia de Deus – Missões. Já foram amplamente difundidas nesse texto as principais passagens bíblicas utilizadas para marcar o lugar da mulher no espaço sagrado, bem como seu papel social. As passagens de Gênesis, 2: 18-22, Gênesis, 3: 12-16, Deuteronômio 22: 5, Provérbios 14, I Coríntios 11: 3-15, I Coríntios 14: 34-35 e Efésios 5: 22-23 têm sido as passagens mais citadas para legitimar a hierarquia estrutural no espaço religioso. De tal forma que a materialização dos corpos se constrói no interior de uma matriz

³⁶¹ ARTEMENKO, Natália Pereira; et al. A "objetificação" feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. *Anais...* XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vila Velha, 2014. p. 5.

³⁶² BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. *ESTUDOS FEMINISTAS*, ano 10, p. 155-167, 2002.

de inteligibilidade, os gêneros em consequência, hão de se performatizar de maneira inteligível; e no caso da Assembleia de Deus – Missões em conformidade com as passagens bíblicas citadas acima.

Nessa perspectiva, o ‘eterno feminino’ projetado pelo discurso oficial assembleiano assemelha-se a uma teoria estrutural acerca dos sexos e dos gêneros, na qual os homens provedores do material seriam superiores às mulheres em decorrência de características intrínsecas ao masculino, tais como: a racionalidade, a frieza, a força. Contrariamente, as mulheres, por consequência de suas qualidades inerentes – a docilidade, paciência, sentimentalismo –, estariam desempenhando de maneira eficaz seu papel ao se permitirem auxiliar o homem e se restringirem ao espaço doméstico. No frígir dos ovos, ao objetificar as mulheres do Círculo de Oração, o pastor Carlos José reforça a ideia de que as mulheres seriam desprovidas de racionalidade, subtraindo das dirigentes do Círculo de Oração e da Coordenadora Geral do evento a responsabilidade pela organização do Congresso do Círculo de Oração.

Nessa sequência, o discurso do pastor convidado segue na representação da mulher enquanto submissa ao homem. Ao dissertar sobre o arrebatamento da igreja, a partir de Apocalipse 22, é possível traçar um paralelo entre a obediência da noiva de Cristo – nesse caso, a igreja – e a da mulher cristã. Tendo em vista o tema do Congresso, “E já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração”³⁶³, era essencial que o pastor dissesse às mulheres as maneiras ideais para se comportarem e agirem. Obviamente, o discurso passou pelas questões morais e éticas necessárias para a manutenção de uma família próspera e um casamento feliz. E como visto nas *Lições Bíblicas*³⁶⁴, o ponto nevrálgico para toda a família cristã é a concepção de gênero e sexualidade.

Desse modo, no aniversário do 40º evento do Círculo de Oração, o discurso normatizador, legitimador e excludente verificado no interior da Assembleia de Deus – Missões se fez presente. É possível teorizar, dessa forma, que: se caso houvesse dúvidas sobre de onde partem as deliberações tomadas para o Congresso Feminino, as mesmas foram sanadas. Ao convidar um pastor para impor o discurso opressor às mulheres, a alta cúpula da Igreja deixou claro quais os papéis sexuais

³⁶³ *BÍBLIA*, Edição de Promessas. São Paulo: King’s Cross Publicações. 1 Pedro 4:7.

³⁶⁴ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

inteligíveis para aquele espaço religioso. Ademais, fica uma reflexão: o baixo índice de público verificado no 40º Congresso do Círculo de Oração teria relação com o preleto convidado?

CONCLUSÃO GERAL

O objetivo do primeiro Capítulo da tese foi trabalhar a partir de Pierre Bourdieu e Judith Butler noções-chave para compreender a mulher assembleiana a partir de uma perspectiva de gênero que dê conta de explicar as continuidades e descontinuidades entre o discurso oficial produzido pela instituição religiosa e a autorrepresentação de feminino que possuem as assembleianas.

Para tanto, buscou-se explorar a categoria de gênero de forma analítica, ou seja, de maneira móvel, contingente, portanto, interseccional. Buscou-se, também, explorar a importância da contextualidade e historicidade para a formulação dos conceitos, conseqüentemente, a constituição das identidades dos sujeitos, tanto viáveis quanto abjetos.

Ao trabalhar a partir de perspectivas distintas, o que se pretendeu foi trazer as noções de *habitus*, campo, corpo, normatividade, sexo e gênero performativo de forma a se complementarem e a permitirem que a pesquisa seja feita de forma ampla e não reducionista. Perceber a Igreja Assembleia de Deus – Missões enquanto um espaço de sociabilidade implica pensar em um campo no qual há jogos de poder agindo a todo o momento trabalhando em favor da normatização e regulação dos sujeitos.

Dessa forma, as noções de *habitus* e matriz de inteligibilidade podem ser acionadas de maneira complementar para auxiliar a compreensão de como se dão as tensões entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação de mulher. Quer dizer, apesar da igreja ser um campo que contém suas próprias normas, regulações produzindo um *habitus* particular a partir de uma matriz de inteligibilidade específica, tanto Bourdieu quanto Butler sugerem que as identidades são formuladas a partir da multiplicidade. Ou seja, nenhuma identidade é fixa e universal, ao contrário, são forjadas a partir de esquemas hegemônicos de poder, no caso Ocidental, binário sexual, no qual há uma dominação masculina.

E é a partir das normas, por essas serem históricas e contextuais, que há a possibilidade de transformação dos quadros reguladores e normatizadores, uma vez que o poder, assim como as identidades, não é fixo e imutável. Portanto, o que se buscou foi trabalhar os conceitos de maneira móvel e fluida na expectativa de desessencializar as identidades sexuadas, conseqüentemente, o gênero.

No decorrer do Capítulo II foi trabalhada sua formação, doutrina e regras de uma das vertentes da Igreja Assembleia de Deus. Ou seja, a Assembleia de Deus – Missões faz parte de um grupo de igrejas com uma visão pré-milenarista escatológica. Isso implica dizer que os fiéis são regrados e normatizados em relação à iminente volta de Cristo. A Igreja que se situa na primeira onda de Freston, ‘pentecostalismo clássico’, ainda que tenha sofrido fortes transformações, ainda guarda uma postura conservadora em relação à normatização dos corpos e condutas tanto dos homens quanto das mulheres.

Sendo assim, verificou-se, tanto a partir da observação dos cultos quanto dos Congressos Femininos, e das entrevistas, sobretudo, a realizada com o pastor-presidente, que os intentos reguladores no interior da Igreja são baseados em uma distinção biológica sexual. Quer dizer, no campo analisado, a leitura da Bíblia de maneira literal ainda é utilizada para legitimar a divisão sexual entre machos e fêmeas – masculino e feminino – das coisas e do trabalho. Com base na teoria utilizada para base argumentativa, o que se pode dizer, portanto?

Com a sustentação fornecida por Pierre Bourdieu e Judith Butler o que se pode dizer sobre a Igreja Assembleia de Deus – Missões é que tal espaço, de sociabilidade, que constitui um campo, no qual há relações de poder agindo a todo o momento com objetivos específicos, é regrado a partir de um esquema hegemônico de poder: o do binarismo sexual. Pensar através da oposição macho/fêmea implica algumas conclusões: na hierarquia sexual, sobrepujando a fêmea em detrimento do macho, na correlação direta entre sexo biológico e gênero construído culturalmente, mas, sobretudo, no caráter único e estanque das identidades. Assim sendo, as mulheres na Igreja são normatizadas a adquirirem um *habitus* em conformidade com o esquema hegemônico de poder vigente. Entretanto, as mulheres assembleianas, enquanto mulheres constituídas a partir de vários espaços de sociabilidade não podem ser compreendidas enquanto unidade. Cada mulher que frequenta a Assembleia de Deus – Missões tem sua própria identidade forjada através de um conjunto de normas específicas aos contextos sociais nos quais essa mulher transita.

Dessa forma, Bourdieu e Butler ajudam a pensar, sobretudo, a forma com a qual o discurso religioso pretende normatizar e regular os corpos e as condutas femininas. Mas, e a autorrepresentação de mulher que têm essas assembleianas,

como analisá-las? Tal análise teve como apoio as entrevistas realizadas com as mulheres assembleianas e com o questionário respondido por algumas frequentadoras do Círculo de Oração.

Após a leitura atenta das linhas trazidas anteriormente, parece ser possível inferir algumas conclusões. Destaca-se em primeiro momento a intenção em regular, sobretudo, as mulheres de forma incisiva tentada pela Igreja Assembleia de Deus. Através das revistas analisadas durante a pesquisa de Mestrado, notou-se a preocupação da Igreja Assembleia de Deus em normatizar os corpos e as condutas das mulheres assembleianas. Mas tal normatização seria, na prática, imposta no interior dos espaços religiosos? Ao acompanhar os cultos, os Congressos realizados na Igreja Assembleia de Deus – Missões, situada na cidade de Juiz de Fora, o que se pôde perceber é a continuidade dos intentos pretendidos pelas revistas. As falas do pastor-presidente, em entrevista e em momentos de festividades, vão ao encontro dos ensinamentos trazidos na revista *Lições Bíblicas*³⁶⁵: “os princípios ético-cristãos que derivam das Escrituras são imutáveis e divinos. Esses princípios têm aplicação adequada para todas as épocas e culturas, pois são universais”³⁶⁶. Ora, a igreja enquanto campo de forças tem suas próprias regras, normas e conseqüentemente cria um *habitus* em conformidade com uma matriz de inteligibilidade.

Contudo, a partir das falas das mulheres assembleianas, sobretudo, a partir das entrevistas, tem-se que essas mulheres, ainda que de forma inconsciente, estão em desacordo com a citação trazida acima. Mas como ter certeza de tal afirmação? Parece óbvio: as mulheres assembleianas estão agindo e performatizando seus gêneros de maneiras ‘inadequadas’, não aceitáveis e esperadas para mulheres cristãs quando elas se vestem de maneira diferente do esperado, por exemplo, trajando calças, ou mesmo quando elas assumem a direção de uma Igreja, comportando-se como pastoras – função essa proibida para mulheres na Assembleia de Deus – Missões, ou mesmo quando elas discordam e expressam suas discordâncias com outras mulheres em classes da Escola Dominical.

³⁶⁵ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

³⁶⁶ *LIÇÕES BÍBLICAS*. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., p. 6, 2018.

Viu-se, pelos questionários, mas, sobretudo pelas entrevistas, que cada mulher tem um ponto de vista diferente da outra. E, embora cada uma aja conforme sua identidade, um aspecto permaneceu em todas as entrevistadas: a oração enquanto base e suporte para a vida do ser cristão. Entre as quatro mulheres entrevistadas, três entre elas concordam que a mulher teria um lado mais sentimental se comparado ao homem, somente Rita acredita que mulheres e homens têm qualidades adquiridas conforme seus esforços, que englobariam estudos. Ou seja, para Rita, as pessoas são diferentes não por base biológico-sexual, mas pelos campos onde transitam, pelas atividades que realizam.

Concluindo, Rita, Cristina, Mariana, Leonor são mulheres assembleianas, vindas de lugares distintos e, portanto, têm suas identidades distintas. Ainda que em cada uma delas possa ser encontrado o *habitus* religioso, a forma com que cada uma opera essas normas e regras é diferente. Consequentemente, essas mulheres se autorreconhecem de maneiras distintas, embora todas sejam mulheres assembleianas.

Finalmente, o quarto Capítulo da tese de doutoramento pretendeu demonstrar de quais formas o Congresso Feminino do Círculo de Oração, da Assembleia de Deus – Missões é organizado e produzido. Ao esboçar acerca da composição da Diretoria do Círculo de Oração da Igreja-sede, foi possível levantar questionamentos, sobre a ocupação do cargo de Supervisora Geral do Círculo de Oração e de Coordenadora Geral do Congresso Feminino pela esposa do pastor-presidente. Mas não somente a ocupação dos cargos por Clotilde suscita dúvidas sobre de onde partem as tomadas de decisões para o evento.

Não obstante, pôr em suspensão a certeza de que as mulheres têm o poder para organização do Congresso sozinhas possibilita pensar no grau de autonomia feminino no interior daquele espaço religioso. Ou seja, teriam as mulheres autonomia total para decidirem assuntos importantes relativos ao Congresso? Duas assembleianas entrevistadas sugeriram que não. Dessa forma, a autonomia feminina seria relativa, e propõe-se que seja válida apenas para atividades lúdicas que ocorrem no evento. Percebe-se que a pesquisa em campo, nem sempre, responde às perguntas dx investigante. Às vezes, porém, além de encaminhar reflexões para perguntas feitas ao início do trabalho, suscita inúmeras outras. Nesse caso, a autonomia feminina no interior do espaço religioso não era o cerne da

pesquisa, mas, sim, as continuidades e rupturas entre o discurso oficial assembleiano e a autorrepresentação de feminino. Muito embora não fosse uma das perguntas, após quatro anos de observação, conversas e entrevistas com as assembleianas, a pergunta que fica é: qual o grau de autonomia feminina no interior daquele espaço religioso? Espera-se que essa e outras tantas perguntas, pois o campo é um espaço de alta complexidade, possam ser respondidas em momento posterior.

Contudo, apesar das mulheres não terem o poder de decisão sobre os temas dos Congressos, bem como dxs convidadx, é através dos hinos e músicas cantadas que se fazem ouvir. Estariam as mulheres assembleianas passando um recado para a alta cúpula? Pois, apesar dos pesares, através das músicas cantadas, têm demonstrado o empoderamento feminino, como também certo descontentamento com a legitimação da hierarquia, embora não pôde ser comprovado até qual ponto as mulheres têm autonomia para pensar e cantar as músicas escolhidas. Seria, portanto, uma forma de fazer política?

Por fim, ficou claro que nem sempre a decisão tomada a partir de uma perspectiva masculina é eficaz na reprodução do discurso hegemônico. O exemplo claro foi a participação da irmã Patricia Raibolt como preleitora do 39º Congresso do Círculo de Oração. Seu discurso solapou a imagem ideal de mulher cristã, e, mais, utilizou a Bíblia como instrumento legitimador para modos de agir e ser avessos à tradição judaico-cristã. Parece, de fato, que as rupturas e tensões só podem ocorrer de dentro da norma, e constata-se que algumas mulheres já perceberam essa oportunidade.

REFERÊNCIAS E FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

LIÇÕES BÍBLICAS. Valores Cristãos: enfrentando as questões morais de nosso tempo. Rio de Janeiro: CPAD, abr. – jun., 2018.

MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, dez. 1930.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 1, 2000.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 1, n. 6, 2001.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 3, n. 13, 2003.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 4, n. 14, 2003.

MULHER, Lar & Família Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, ano 5, n. 22, 2005.

SOM ALEGRE. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, dez. 1929.

Fontes Secundárias

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. *São Paula em perspectiva*, v. 15, n. 3, 2001.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia -1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ARAUJO, Isael de. *Álbum comemorativo dos 70 anos da CPAD: história da casa publicadora das assembleias de deus - 1940 a 2010*. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ARAUJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAUJO, Isael de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ARAUJO, Lidiane Cordeiro Rafael de. *Religião, poder e conflitos de gênero: estudo sobre as missionárias da AIECB (Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil)*. 2013. 189 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

ARTEMENKO, Natália Pereira; et al. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. *Anais... XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Vila Velha, 2014.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, n. 19, 2010.

BANDINI, Claudirene. *Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais*. Salvador: Editora Pontocom Ltda, 2014.

BANDINI, Claudirene. Ministério feminino na igreja do evangelho quadrangular: autonomia feminina além do espaço religioso. Notas de uma pesquisa. *Anais... V Congresso Português de Sociologia*. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628d44b30f2c_1.pdf.

BANDINI, Claudirene. Transformações das identidades femininas no campo religioso pentecostal. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 1, n. 3, 2009.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. Um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano 2, n. 5, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Gênero e religião. *Revista Aulas*, n. 4, 2007.

BÍBLIA, Edição de Promessas. São Paulo: King's Cross Publicações.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, 1996. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Media%C3%A7%C3%A3o-Feminina-e-Identidades-Pentecostais/566077.html>.

BIRMAN, Patrícia. O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BURBAGE, Frank. Foucault das la psychanalyse. *Philosophiques*, n. 99, 2004.

BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo; SIQUEIRA, Carolina Bastos de. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma análise comparativa das contribuições

teóricas femininas de Simone de Beauvoir e Judith Butler. *Anais...* Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2017.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. *ESTUDOS FEMINISTAS*, ano 10, 2002.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. *Deshacer El género*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *CADERNOS PAGU*, n. 11, 1998.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto. Los usos de la igualdad. *TRNS*, v. 1, n. 1, 1995.

BUTLER, Judith. *Mecanismos psíquicos del poder: teorías sobre la sujeción*. Madrid, 2011.

BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona*. Florianópolis: Editora Ufsc, 2014.

BUTLER, Judith. Performatividade, precariedade e políticas sexuais. *AIBR*, v. 4, n. 3, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Regulaciones de género. *LAVENTANA*, n. 23, 2005.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BUTLER, Judith. The body politics of Julia Kristeva. *Hypatia*, v. 3, n. 3, 1989.

BUTLER, Judith; et. al. *The Power of religion in the public sphere*. New York: Columbia University Press, 2011.

BUTLER, Judith. Uma poética da não-chegada. *Revista Cult*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/11/uma-poetica-da-nao-chegada/>>.

BUTLER, Judith. *Vida precária: El poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. *Violência de estado, guerra, resistência: por uma nueva política de la izquierda*. Buenos Aires: Katz Editoras, 2010.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, 2008. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv42008/t_campos.pdf>.

CARVALHO, Maristela Moreira de. Teologia(s) feminista(s) e movimento(s) feminista(s) na América Latina e no Brasil: “origens” e memória. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Maristela_Moreira_de_Carvalho_40.pdf>.

CASTELLANO, Elienai de Oliveira Carvalho. *O peregrino e a Glória: um estudo sobre a Assembléia de Deus Brasileira*. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/419/503>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CASTRO, Susana. *Queerificando Antígona: Com a leitura das peças de Sófocles, Butler desmonta a tese psicanalítica acerca da origem da ordem simbólica a partir do complexo de Édipo*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/queerificando-antigona/>.

CGADB, Conselho de Doutrina da. *Manual de Doutrina das Assembleias de Deus*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

CHRYSOSTOMO, Elba Oliveira. A mulher negra evangélica e a rejeição do homem negro evangélico. Disponível em: < <http://cnnbca.blogspot.com.br/2007/09/mulher-negra-evangelica-e-rejeio-do.html>>.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da igreja Assembleia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. *Azusa*, 2011.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *A operação do carisma e o exercício do poder: a lógica dos Ministérios das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil*. 2012. 347f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

COUTO, Márcia Thereza. Gênero, família e pertencimento religioso na redefinição de ethos masculinos e femininos. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 6, v. 13 n. 1, 2002.

COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. *Machismo hoje no Brasil: uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres*. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/937202/mod_resource/content/1/COUTO%20e%20SCHRAIBER%20Machismo%20hoje%20no%20Brasil%20.pdf>.

COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: Pentecostalismo e CEBS. *Estudos Feministas*, ano 2, 2002.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira; DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. O significado das questões ético-morais para Marx. *SABERES*, v. 1, n 13, 2016.

DÍAZ, Elvira Burgos. Desconstrução e subversão: Judith Butler. *Sapare Aude*, v. 4, n. 7, 2013.

DINIZ, Débora; FROLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300026> >.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; et. al. (Orgs.) *Valores religiosos e a legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ESPINDOLA, Alexandra Filomena. Estruturalismo: o sujeito e o signo como estrutura sem referente. *Revista Científica Ciência em Curso*, v. 3, n. 2, 2014.

FARIA, Regina Lúcia de. A polêmica do Estruturalismo ou “Quem tem medo de teoria?”. *Anais... XI Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo: USP, 2008.

FEMENÍAS, Maria Luisa. Pós-feminismo através de Judith Butler. *Estudos Feministas*, v. 14, n. 2, 2006.

FERREIRA, Ismael Vasconcelos. *Neopentecostalização do pentecostalismo clássico: mudança na concepção escatológica das Assembleias de Deus*. 2014. 162f. p. 34. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FONSECA, André Dione; MARIN, Jérri Roberto. Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro história da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. *Anais... XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões: Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades*. Goiânia, 2009.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o poder. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. *Paralellus*, v. 6, n. 3, 2015.

FREIRE, Cloves Thiago Dias. Derrida e a crítica ao método estruturalista. *Prometeus Filosofia*, n. 24, 2017.

FRESTON, Paul. As duas transições futuras: católicos, protestantes e sociedade na América Latina. *Ciências Sociais e Religião*, ano 12, n. 12, 2010.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 67-99.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 303 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOUVÊA NETO, Ana Luíza. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. *NUMEN*, v. 18, n. 2, 2016.
- GOUVÊA NETO, Ana Luíza Gouvêa. *Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas*. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KIRBY, Vicki. *Judith Bulter: pensamento em acción*. Barcelona: Edicions Ballaterra, 2006.
- KLEIN, Joel Thiago. O que a ética aristotélica pode nos ensinar acerca das relações de consumo? *SABERES*, v. 1, n. 13, 2016.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação & Sociedade*, ano 23, n. 78, 2002.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LE MOS, Carolina Teles; SOUZA, Sandra Duarte de. *A casa, as mulheres e a igreja: gênero e religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, C., *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- LOPES, Marcelo. *Metanoia Pentecostal: sinais de uma primavera educacional na Assembleia de Deus no Brasil*. 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- LOPES, Noêmia de Fátima Silva et al. Religião, família e gênero entre lideranças comunitárias católicas de Soledade/MG. *Revista de Ciências Humanas*, v. 11, n. 2, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma Sequência de atos. *Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/uma-sequencia-de-atos/>.
- MAFRA, Clara. “Fluxos e fronteiras”: mapeando o pentecostalismo brasileiro em Portugal. *Civitas*, v. 14, n. 3, 2014.
- MAFRA, Clara. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa: ICS, 2002.
- MAFRA, Clara. O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul. *INTERSEÇÕES*, v. 13, n. 1, 2011.

MARI, Hugo. Estruturalismo e psicanálise. In: TEIXEIRA, A.; MASSARA, G. (Org.) *Dez encontros de psicanálise e filosofia*. Belo Horizonte: Ópera Prima, 2000. p. 83-94.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. *NOVOS ESTUDOS*, n. 44, 1996.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. *Perspectiva Teológica*, ano 43, n. 119, 2011.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista de Estudos Feministas*, v. 3, n. 13, 2005.

MORAES, Maria Lygia Quartim. Usos e limites da categoria gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, 1998.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MENDONÇA, Antônio. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, n. 67, 2005.

MENDONÇA, Antônio. Sinais de cansaço no protestantismo. *IHU ON-LINE*, 2005.

MIRANDA, Fernanda Honorato. *Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico*. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, 2010. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf.

MORAES, Ulisses Quadros de. Pierre Bourdieu: campo, *habitus* e capital simbólico: um método de análise para as políticas públicas para a música popular e a produção musical em Curitiba (1971-1983). *Anais... V Fórum de pesquisa científica em arte*. Curitiba, 2006 -2007.

OLIVEIRA, Adriana Vidal de. A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista. *Anais... GT – Teoria Feminista*. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/anais/anaisteoriafeminista.pdf>.

OLIVEIRA, Lisa Batista de. *Devassa e “mal-procedidas”*: prostituição, concubinato e vivência religiosa nas Minas Gerais do século XVIII. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Cabral Barroso de. O pós-estruturalismo e o lugar do “feminino”: o sexo, o jurídico e os “masculinos”. *Revista Vozes dos Vales*, ano 3, n. 06, 2014.

OLIVEIRA JUNIOR, Almir de. O problema do reducionismo científico: uma reflexão a partir da sociologia. *Revista Teologia Prática*, v. 5, n. 9-10, 2007.

ORTIZ Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*, v. 16, n. 32, 2015.

PERISSINOTO, Renato M. História, sociologia e análise do poder. *História Unisinos*, v. 11, n. 3, 2007.

PINTO, Ana Cândida Pena Vieira. *Presença Feminina na liderança neopentecostal brasileira: as profetisas do Espírito Santo e novas formas de adesão religiosa*. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade. *Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/11/o-percurso-da-performatividade/>.

PORTELLA, Rodrigo. Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. *Fragmentos de Cultura*, v. 16, n. 7 – 8, 2006.

ROCHA, Daniel. *Venha nós ao vosso reino: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro*. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescrição. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 2008.

RODRIGUES, Elisa. *A mão de Deus está aqui!:* estudo etnográfico da Igreja Mundial do Poder de Deus. 2014. 340f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre os estudos das religiões. *Cadernos Pagu*, n. 16, 2001.

SABSAY, Leticia Inés. Incertezas políticas e a relacionalidade. *Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/incertezas-politicas-e-a-relacionalidade/>.

SABSAY, Leticia Inés. La configuración de identidades como posiciones de sujeito: antiesencialismo y diferencia em Judith Butler. *Revista Internacional de Culturas & Literaturas*, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, v. 16, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 4, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero no Brasil Atual. *Estudos Feministas*, ano 2, 1994.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SALES, Léa Silveira. Estruturalismo: história, definições e problemas. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 13, 2003.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, 2002.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOUZA, Robson da Costa. Pós-estruturalismo, gênero e religião: breves considerações teóricas na interface com a temática da “religião pública”. *Anais... II Simpósio Pós-estruturalismo e Teoria social: Ernesto Laclau e seus interlocutores*, 2017.

SOUZA, Sandra Duarte de. Experiências editoriais feministas. *Revista Estudos Feministas*, v. 12, 2004.

SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 2, 2014.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, Ivan. Estruturalismo. *CULT*, 1998. Disponível em: http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/Estruturalismo_Ivan-Teixeira-1.pdf.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, v. 1, n. 40, 2006.

TIBURI, Marcia. Judith Butler: feminismo como provocação. *Cult*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/judith-butler-feminismo-como-provocacao/>.

TOLEDO-FRANCISCO, *Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*. 2002. 249 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Sites consultados

ADJUF, Assembleia de Deus – Missões – Juiz de Fora. Disponível em < <http://www.adjuf.com.br/>>.

ASSEMBLEIA. Disponível em: <http://assembleia.org.br/>.

CGADB, Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: < <https://www.cgadb.org.br/site2017/>>.

CURSO DE REDAÇÃO. Disponível em: < <https://www.cursoderedacao.net/wp-content/uploads/2017/03/Androcentrismo.pdf>>.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: < <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/patriotismo/12001/>>.

DW, Made for minds. Disponível em: < <http://www.dw.com/pt/a%C3%A7%C3%B5es-do-grupo-femen-provocam-recha%C3%A7o-de-feministas/a-16741110>>.

EMBAIXADORES DE CRISTO. Disponível em: <https://embaixadoresdecristojf.wordpress.com/>

EVANGELIZAÇÃO. Disponível em: <https://www.evangelizacao.blog.br/>

FACEBOOK, Igreja Assembleia de Deus em Juiz de Fora – Missões. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Igreja-Assembleia-de-Deus-em-Juiz-de-Fora-Miss%C3%B5es/141758499343097>.

FACEBOOK, Venícia Porto. Disponível em: <https://www.facebook.com/cultodabencaorj/>.

GOOGLE MAPS. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-21.7485722,-43.3577279,3a,75y,180h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOI0zCPtJdrLwQ51F_JR42g!2e0!7i13312!8i6656>.

MOLHO INGLÊS. Disponível em: < <http://molhoingles.com/como-surgiu-a-frase-elementar-meu-caro-watson/>>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/index.php>>.

INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/patriotismo/>.

INFOPEDIA. Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jogral>>.

INSTAGRAM, Pastor Moises Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bno7d1cBp7n/?taken-at=1030080636>.

JMNOTÍCIA. Disponível em: < <https://www.jmnoticia.com.br/2018/10/02/ex-presidente-da-cgadb-declara-apoio-a-jair-bolsonaro/>>.

PICDEER, Patricia Raibolt. Disponível em: < http://picdeer.com/patricia_raibolt>.

SEARA NEWS. Disponível em: <http://www.searanews.com.br/morre-em-sao-paulo-pastor-jose-antonio-dos-santos-presidente-da-assembleia-de-deus-em-alagoas/>.

STUNAN, Sindicato de Intituição. Disponível em: <http://www.stunam.org.mx/>.

TWITTER, Venícia Porto. Disponível em: < <https://twitter.com/veniciaporto>>.

TWITTER, Pastor Moises Santos. Disponível em: < <https://twitter.com/Prmoisessantos1>>.

UNIESP, Faculdade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/riodejaneiro/>.

ANEXO A – Envelope para contribuições

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JUIZ DE FORA-MISSÕES

SITE: www.adjuf.com.br BLOG: www.prsamuelopes.blogspot.com

TEMPLO CENTRAL AV. DOS ANDRADAS, 1125

TEL.: 3212-0139 – JUIZ DE FORA – MG

ENVELOPE PARA CONTRIBUIÇÕES

NOME _____

VALOR _____ DATA _____


DÍZIMO _____ OFERTA _____ VOTO _____

“Cada um contribua segundo o que propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama o que dá com alegria.” 2 Co 9.7.

ANEXO B – Urna para depósito de dízimos, ofertas e doações



ANEXO C – Congregações da Assembleia de Deus – Missões

		IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JUIZ DE FORA-MISSÕES Avenida dos Andradas, 1125 – Morro da Glória – Telefax (32) 3212 - 0139 Caixa Postal 66 - CEP 36035-120 – Juiz de Fora – Minas Gerais Sites: www.adjuf.com.br - www.prsamuellopes.com.br - www.brilhoinfantil.com.br	
EM JUIZ DE FORA - MG		ENDEREÇO DE CONGREGAÇÕES	
Nº	CONGREGAÇÕES	ENDEREÇO	DIRIGENTE
01	ALTO STO ANTONIO	Rua dos Vencedores nº 80	Pr. Sebastião Isalino Silva
02	ARCO-IRIS	Rua Sirene Alves da Silva nº 10	Pb. Cláudio José Graça
03	BAIRRO DE LOURDES VENCENDO COM JESUS	Rua João Araújo Braga nº 84	Pr. José Antonio Aguiar de Souza
04	BENFICA BETESDA	Rua Henrique Dias nº 650	Pr. José Maria Marques
05	BONSUCESSO DEUS PROVERÁ	Rua José de Souza Chagas nº 231	Pr. Luiz Antonio Corrêa
06	CIDADE DO SOL SOL DA JUSTIÇA	Rua José Teixeira da Silva nº 29	Pr. Sebastião Domingos
07	DIAS TAVARES	Rua Joaquim Murinho, 457	Pr. Elias de Souza Pires
08	ESPLANADA	Rua Pro ^o Walquírio Seixas de Farias, 584	Pr. Luiz Carlos de Lima
09	FILGUEIRAS VIDEIRA	Rua Vereador José Joaquim Sobreira nº 94	Pr. Ivan Barbosa de Carvalho
10	FURTADO DE MENEZES	Rua Abílio José Gomes, 180	Ev. Adão Ferreira da Silva
11	HUMAITÁ NOVA CANAÃ	Rua Augusto Pereira dos Reis nº 188	Ev. José Matias da Silva
12	IGREJINHA ESTRELA DA MANHÃ	Rua F nº 11 – Vila Rica	Pr. Geraldo Paulo de Oliveira
13	IPIRANGA	Avenida Darcy Vargas, 72	Pr. Sebastião Reginaldo de A. Filho
14	JARDIM ESPERANÇA	Rua Padre Acácio Duarte nº 41	Pr. Sebastião Stefane
15	JÓQUEI CLUBE	Rua Constança Vidal nº 340	Pr. Mauro José da Silva
16	LINHARES/ MAANAIM	Rua Ângelo Bigi nº 244	Pb. Luiz Antônio da Silva
17	MARILÂNDIA		Pr. Josias Martins Machado
18	MILHO BRANCO ÁGAPE	Rua Ivan Batista de Oliveira nº 612	Pr. Onélio Alves Roberto
19	NÁUTICO	Estrada Elias José Mockdeci nº 9180	Pr. José Maria Rodrigues
20	NOVA ERA FILADÉLFIA	Rua Guimarães Júnior nº 200	Pr. João Batista Gonçalves
21	PARQUE GUARANI	Rua Sophia Rafael Zacarias nº 703	Pb. José Antônio da Silva
22	PARQUE SERRA VERDE MONTE MORIÁ	Rua Prof ^a Conceição Pereira nº 66	Pr. Gilberto da Silva Geraldo
23	PENIDO	Distrito de Penido	
24	RETIRO		Pb. Gabriel Lanci Stefani
	ROSÁRIO DE MINAS	Rua Guarani nº 02	Pr. Aloysio Ferreira Lopes
25	SANTA CECÍLIA		Pr. Mauricio Venício Rodrigues
	SANTA CLARA NOVA JERUSALÉM	Rua Dr. Kalil Abraão Hallack nº 5	Pr. José Mauricio Moreira
27	SANTA CRUZ MONTE SIÃO	Rua Antonio Mourão Guimarães nº 360	Pr. Edson Carvalho de Jesus
28	SANTA EFIGÊNIA ÁGUA VIVA	Rua Arnaldo Stefani nº 15	Pb. Daniel Omar da Cruz
29	SANTA LUZIA SHALON	Rua José Nunes Leal nº 366	Pr. Mauricio Venício Rodrigues
30	SANTA RITA MORIÁ	Rua Mucio Vieira nº 285 - Bonfim	Pr. João Luiz Rodrigues
31	SANTO ANTONIO BRILHO CELESTE	Rua Domingos Dalamura nº 30	Pr. Glaucindo F. Evangelista
32	SÃO JUDAS TADEU LÍRIO DOS VALES	Rua Major Ivan da Veiga Figueiredo nº 405	Pr. Atamiro Henrique Bernardes
33	SÃO PEDRO - SHEKINÁH	Rua Euclides Pesarine nº 90	Pr. Josué Medeiros Fernandes
34	SARANDIRA	Rua E	Pr. Samuel Moisés da S. Santos



EM JUIZ DE FORA - MG

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM JUIZ DE FORA-MISSÕES

Avenida dos Andradas, 1125 – Morro da Glória – Telefax (32) 3212 - 0139

Caixa Postal 66 - CEP 36035-120 – Juiz de Fora – Minas Gerais

Sites: www.adjuf.com.br - www.prsamuellopes.com.br - www.brihoifanttil.com.br

ENDEREÇO DE CONGREGAÇÕES

Nº	CONGREGAÇÕES	ENDEREÇO	DIRIGENTE
35	TEIXEIRAS CASCATAS DE ÁGUAS VIVAS	Rua Jesus Raimundo nº 50	Pr. João Batista Moreira
36	TORREÕES MONTE HOREBE	Rua Principal nº 113	
37	VALADARES	Rua da Estação nº 05	Pr. Aloysio Ferreira Lopes
38	VILA IDEAL - EBENÉZER	Rua Vera Consuelo do Nascimento nº 77	Dc. Pedro Paulo Duprat
Outras Cidades			
01	APIACÁ - ES	Fazenda Batatal s/nº	Pr. Zenildo de Jesus Vilas Boas
02	ARANTINA - MG	Rua Pd. Francisco Nei nº	Pr. Ronaldo Luiz de Lima
03	BARBACENA - MG	Rua São Vicente de Paula nº 162 - Pinheiro Grosso	Pr. Marcio José de Machado
04	BIAS FORTES - MG	Rua Prefeito José Ovidio de Oliveira nº 17	Dc. Djalma Júnior Carias
05	BICAS - MG	Rua Arthur Bernardes nº 109 - Centro	Pr. Paulo Roberto D. Simões
06	BOM JARDIM DE MINAS - MG MONTE SINAI	Rua Ruth Marques de Paula nº 396 - Várzea	Pr. Ronaldo Luiz de Lima
07	CHÁCARÁ - MG	Rua Pedro Brum, nº 17	Pr. Paulo Roberto D. Simões
08	GOIANÁ - MG	Rua Dr. Loures nº 20 - Centro	Pr. Elias Gonçalves Reis
09	GUARANI - MG	Rua Abílio Vieira de Abreu nº 99	Pr. Antônio Alves Neto
10	LIMA DUARTE - MG	Rua Manoel Ribeiro Paiva nº 145 loja - Cruzeiro	Pr. Carlos Alberto N. Leite
11	MATIAS BARBOSA - MG	Rua do Rosário nº 73 loja 02	Pr. Toni Franklin Querino
12	OLIVEIRA FORTES - MG	Avenida Ibraim Ribeiro Fernandes nº 127	Pb. Tiago Paulo de Almeida
13	ORVALHO - MG		Pr. Aloysio Ferreira Lopes
14	QUEIMADOS - RJ	Rua Felipe Carlos nº 6, Bairro Nova Cidade	Pr. Edson José da Silva

Samuel Lopes da Silva
Pastor Presidente

ANEXO D – Questionário quantitativo

Questionário quantitativo

Pesquisadora: Ana Luíza Gouvêa Neto, doutoranda do Departamento de Ciência da Religião da UFJF. Bolsista Capes. Contato: e-mail: analu172@hotmail.com – Telefone: (82) 996520023.

Gostaria de agradecer às mulheres que se disponibilizaram em responder o questionário e lembrá-las que o questionário pode ser preenchido de forma anônima.

Nome: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Grau de instrução: _____

Curso: _____

Já trabalhou em quais departamentos da igreja? _____

Já dirigiu alguma Congregação? _____

Já encontrou alguma dificuldade para exercer alguma tarefa na igreja pelo fato de ser mulher? Sim () Não (). Justifique sua resposta: _____

Gostaria de assumir algum cargo na igreja? Sim () Não (). Qual? _____

Aprova o pastorado feminino? Sim () Não (). Justifique sua resposta: _____
